



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Vinicius Leite Reis

**Rasgando a fantasia: Processos de subjetivação, fabulação e  
audiovisualização de corpos nas redes educativas das ‘prácticasteorias’  
pornocurriculares**

Rio de Janeiro

2024

Vinicius Leite Reis

**Rasgando a fantasia: Processos de subjetivação, fabulação e audiovisualização de corpos nas redes educativas das ‘prácticasteorias’ pornocurriculares**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria da Conceição Silva Soares

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

R375 Reis , Vinicius Leite.  
Rasgando a fantasia: Processos de subjetivação, fabulação e audiovisualização de corpos nas redes educativas das ‘prácticasteorias’ pornocurriculares / Vinicius Leite Reis. – 2024.  
164 f.

Orientadora: Maria da Conceição Silva Soares.  
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Subjetividade – Teses. 3. Corpo – Teses. I. Soares, Maria da Conceição Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

br CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Vinicius Leite Reis

**Rasgando a fantasia: Processos de subjetivação, fabulação e audiovisualização de corpos nas redes educativas das ‘prácticasteorias’ pornocurriculares**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 30 de abril de 2024.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria da Conceição Silva Soares (Orientadora)  
Faculdade de Educação - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Nilda Guimarães Alves  
Faculdade de Educação - UERJ

---

Prof. Dr. Leonardo Nolasco-Silva  
Faculdade de Educação – UERJ

---

Prof. Dr. Marcio Rodrigo Vale Caetano  
Faculdade de Educação – UERJ

---

Prof. Dr. João Barreto da Fonseca  
Faculdade de Educação - UERJ

Rio de Janeiro

2024

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta tese a Você.

## AGRADECIMENTOS

Quando “saí do armário” para minha mãe, ela me disse: “Você nunca foi motivo de decepção para mim. Sempre foi motivo de orgulho”. Espero continuar sendo após esta tese. Obrigado, mãe, por estar sempre ao meu lado, me amparando em momentos difíceis, mesmo não sabendo bem o que ando aprontando. Te amo.

À Conceição Soares, nossa Ceíça, por me receber no CUNADI e permitir, sem censura, a realização deste sonho de pesquisa. Obrigado pela confiança, pelo carinho, pelo cuidado, pelos desafios propostos e pela amizade. Foi um longo caminho juntos, desde a minha graduação até aqui. Você fez toda a diferença na minha vida!

Aos colegas do grupo CUNADI, pelas trocas, dicas, apoio, risos e, claro, por aguentarem minhas ansiedades durante todo este processo de pesquisa.

Ao João Barreto, sempre me desorientando, desde a graduação. Hoje entendo com um pouco mais de clareza a importância daqueles movimentos praticados para me (des)educar. Afinal, o que pode um corpo educador?

À Vanessa Maia, pelas infinitas trocas e, principalmente, pela amizade. A vida é sempre mais palatável quando estou junto com você.

Ao Leonardo Nolasco-Silva, pelas imensuráveis parcerias, pelo acolhimento na vida, em salas de aula e no seu grupo de pesquisa, o CENA. Tem muito de você aqui.

Ao Fernando Pocahy, por ampliar minhas inquietações com suas provocações pertinentes e desafiadoras. Obrigado também pelo carinho e pelo acolhimento.

Ao Marcio Caetano pelas incontáveis histórias na banca de qualificação que, agora convertidas em texto, enriqueceram demais este trabalho.

Ao Aldo Victório, professor queridíssimo, mas ele nem sabe disso. Só não está na minha banca por falta de espaço. Além da história revelada aqui nesta tese, eu teria outras para contar, em especial, das vezes em que circulei pelo Instituto de Artes da Uerj.

À professora Nilda Alves, por suas criações, pois sem elas esta tese não existiria. Este seria o motivo principal, mas são muitos! A professora me fez gostar desta profissão pela forma acirrada com que defende esta categoria profissional. É muita força! É muita energia! É inspirador! No primeiro semestre de 2020, quando o mundo foi chacoalhado pela pandemia da covid-19, fiquei perdido. A professora me acolheu em sua sala de aula, junto com Nolasco-Silva. Este movimento foi fundamental para a criação desta pesquisa. Um golpe de sorte do destino! Nilda também foi responsável por inúmeros momentos de felicidade ‘*vividossentidospensados*’ em salas de aula, *on-line* e presencial, ao longo de uma trajetória que

se iniciou no mestrado. Ela me levou às lágrimas quando recebeu o título de professora emérita pela Uerj. Tão pequena, por sua baixa estatura, no meio daqueles homens todos, e tão grandiosa, por seu trabalho, por sua história de vida e dedicação a nós, professores. Esse mundo existe! Esse mundo é possível! Isso está acontecendo! É real!!! E eu estou aqui, “vivendo este momento lindo”. Terminada a cerimônia, ainda emocionado, fui parabenizá-la. Ela olhou para mim e disse: “É, mas levou 10 anos para sair este título”. Força, tenacidade, ternura e humor são as qualidades inspiradoras que eu destaco desta professora. Sou um admirador confesso, um fã. Por isso, com todo carinho e respeito, faço aqui uma adaptação do que os fãs de Xuxa sempre gritavam no encontro com a rainha dos baixinhos: Nilda, eu te amo.

À Faperj, pelo indispensável financiamento, em especial durante os primeiros anos da pandemia da covid-19. Foi uma camada extra de proteção e tranquilidade num momento extremamente difícil. Pena que acabou a bolsa de estudos, né?

À Maira Mello, que me fez circular por outros ‘*espaçotempos*’ acadêmicos.

À Ana Letícia Vieira, pela amizade, pelas trocas, pelo carinho, pela parceria, pelas broncas, pelo apoio e, principalmente, por alargar meu ‘*corpopensamento*’ através das experiências de *transpensar* e audiovisualizar nossos corpos, nossos sentimentos, nossos mundos, nossas “vidas que merecem ser vividas”.

À Simone Costa, pela amizade, cuidado, apoio técnico, jurídico e emocional.

Também quero agradecer aos familiares e às amigas que sofreram amargamente minha ausência neste período de 4 anos. Eu estava ocupadíssimo vivendo, sentindo e pensando minhas questões de pesquisa. São muitas as pessoas que merecem estar aqui e a página é curta.

Quem são vocês na fila do pão? Segue a lista:

Mírian Bacelo, Pedro Vaz, Fatima Cristina Figueiredo, Isabela Vique, Bruno Rossato, Sérgio Leandro Pinto, João Ximenes Braga, Kathleen Rey, Karina F. Brum, Cabbet Araújo, Glauber Souza, “Chris, The Red”, Bruno Novadvorski, César Alarcón, Jefferson Brunner, Rafael Guerra, Tatiana Lomba, Janete Clair, Dias Gomes, Fernanda Montenegro, Diomar Silva, Jessy Vix, Manu Gavassi, Michel Foucault, Pedro Almodóvar, Michel de Certeau, Tony Ramos, Quentin Tarantino, Judith Butler, Paul Preciado, Tieta, Visconde de Sabugosa, Gretchen, Maria Bethânia, Chacrinha, Rita Lee, Caetano e Gil, minhas primas, meus amores, amantes, a senhorinha do elevador, o moço da cantina, meus professores de uma vida inteira.

Por fim, quero agradecer à vida, por tudo aquilo que me ofereceu, de quente, de morno e de frio. *Non, je ne regrette rien.*

Dos 18 aos 30 anos, Raimunda morou num convento. Nunca teve certeza se era aquilo que ela queria. Chegou o momento em que perguntas do tipo “O que estou fazendo aqui?”, ou “Qual o sentido que tudo isso tem pra mim?”, ou “Não vejo Deus em nenhum lugar”, ou “Será que não quero ser dona da minha vida?”, etc., começaram a asfixiá-la. E embora não tivesse respostas para essas perguntas, sentia que não tinha sido feita para a vida religiosa. E divorciou-se do convento.

*Pedro Almodóvar, em Fogo nas Entranhas*

## RESUMO

REIS, Vinicius Leite. *Rasgando a fantasia: Processos de subjetivação, fabulação e audiovisualização de corpos nas redes educativas das 'prácticasteorias' pornocurriculares*. 2024. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O presente texto busca compreender os modos como são formados os sujeitos em processos de subjetivação, fabulação e audiovisualização de corpos nas redes educativas das 'prácticasteorias' pornocurriculares, trazendo para a educação um debate com e sobre a pornografia que é comumente percebida como um "problema" 'dentrofora' das escolas, seja pela forma criminosa como as atravessa, seja por um discurso moral que a criminaliza. Partimos da ideia de que os processos de formação se dão nas múltiplas e complexas redes educativas (Alves, 2019) que todos formamos e nas quais somos formados para pensar a pornografia como mais um 'espaçotempo' de reprodução, transmissão e criação de 'prácticasteorias'. Pensando a pornografia como redes educativas das 'prácticasteorias' pornocurriculares, criamos "personagens conceituais" para movimentar o pensamento e estabelecer conversas que são fundamentais nas pesquisas com os Cotidianos, assim como nossos movimentos de pesquisa. Entendemos que os "usos" (Certeau, 2014) de artefatos culturais fazem circular 'conhecimentossignificações' acerca das sexualidades, em especial o audiovisual, corroborando para a produção de corpos e sujeitos. Nas pesquisas desenvolvidas no GrPesq CUNADI "Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença" entendemos a fabulação (Deleuze, 2018) como processo intrínseco à criação de mundos, de um real que é compartilhado. Assim, para este estudo, são trazidos autoras e autores (Butler, Preciado), praticantes da pornografia - em especial no digital em rede -, documentários e músicas, para compreender os modos de 'aprenderensinar' as sexualidades em contextos de espetacularização (Sibilia, 2016) do sexo e da vida como obra de arte (Foucault, 2004), apostando sempre nas "potências do falso" (Deleuze, 2018) criadas "numa ilha de edição" (Nolasco-Silva; Reis) audiovisual.

Palavras-chave: Redes Educativas. Pornografia. Audiovisualização. Fabulação. Corpo. Subjetivação.

## ABSTRACT

REIS, Vinicius Leite. *Tearing apart the fantasy: Processes of subjectivation, fabulation, and audiovisualization of bodies in the educational networks of pornocurricular 'practicaltheories'*. 2024. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This text seeks to understand the ways in which subjects are formed in processes of subjectivation, fabulation, and audiovisualization of bodies in the educational networks of pornocurricular '*practicaltheories*', bringing to education a debate with and about pornography, which is commonly perceived as a "problem" '*insideoutside*' of schools, either through the criminal way in which it crosses them, or through a moral discourse that criminalizes it. We begin by introducing the idea that training processes take place in multiple and complex educational networks (Alves, 2019) which we all take part in and are trained to think of pornography as another '*spacetime*' of reproduction, transmission, and creation of '*practicaltheories*'. Thinking about pornography as educational networks of pornocurricular '*practicaltheories*', a "conceptual characters" is created to move thinking and establish conversations, which are fundamental in quotidian research, as well as our research movements. We understand that the "uses" (Certeau, 2014) of cultural artifacts circulate '*knowledgemeanings*' about sexualities, especially audiovisual, supporting the production of bodies and subjects. From research carried out with the research group CUNADI "Curriculums, Audiovisual Narratives, and Difference" we understand fabulation (Deleuze, 2018) as an intrinsic process to the creation of worlds, of what is real, that is shared. Thus, for this study, authors (Butler, Preçado), practitioners of pornography - especially in digital networks -, documentaries and music are brought together to understand the ways of '*learningteach*' sexualities in contexts of spectacularization (Sibilia, 2016) of sex and life as a work of art (Foucault, 2004), always focusing on the "powers of the false" (Deleuze, 2018) created "on an audiovisual editing station" (Nolasco-Silva; Reis).

Keywords: Educational Networks. Pornography. Audiovisualization. Fabulation. Body. Subjectivation.

## RESUMEN

REIS, Vinicius Leite. *Desgarrando la fantasía: Procesos de subjetivación, fabulación y audiovisualización de cuerpos en las redes educativas de 'prácticasteorías' pornocurriculares*. 2024. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Este texto busca comprender las formas en que los sujetos se forman en procesos de subjetivación, fabulación y audiovisualización de cuerpos en las redes educativas de las 'prácticasteorías' pornocurriculares, trayendo a la educación un debate con y sobre la pornografía, comúnmente entendida como un "problema" 'dentroafuera' de las escuelas, ya sea a través de la forma criminal por las que atraviesa, ya sea a través de un discurso moral que lo criminaliza. Partimos de la idea de que los procesos de formación se desarrollan en múltiples y complejas redes educativas (Alves, 2019) que todos formamos y en las que somos capacitados para pensar la pornografía como otro 'espaciotiempo' de reproducción, transmisión y creación de 'prácticasteorías'. Pensando en la pornografía como redes educativas de 'prácticasteorías' pornocurriculares, creamos "personajes conceptuales" para mover el pensamiento y establecer conversaciones que son fundamentales en las investigaciones con los Cotidianos, así como en nuestros movimientos de investigación. Entendemos que los "usos" (Certeau, 2014) de los artefactos culturales hacen circular 'conocimientossignificados' sobre las sexualidades, especialmente audiovisuales, apoyando la producción de cuerpos y sujetos. En la investigación realizada con el grupo de investigación CUNADI "Currículos, Narrativas Audiovisuales y Diferencia" entendemos la fabulación (Deleuze, 2018) como un proceso intrínseco a la creación de mundos, de un real que se comparte. Así, para este estudio se reúnen autores (Butler, Preçado), practicantes de la pornografía - especialmente en las redes digitales -, documentales y música para comprender las formas de 'aprenderenseñar' sexualidades en contextos de espectacularización (Sibilia, 2016) del sexo y la vida como obra de arte (Foucault, 2004), siempre centrándose en las "potencias de lo falso" (Deleuze, 2018) creadas "en una isla de edición audiovisual" (Nolasco-Silva; Reis).

Palabras clave: Redes Educativas. Pornografía. Audiovisualización. Fabulación. Cuerpo. Subjetivación.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da canção na plataforma de <i>streaming</i> SoundCloud e QR Code para visualização .....	23
Figura 2 – Primeira imagem gerada pelo Telescópio Espacial James Webb .....	25
Figura 3 – Da esquerda para a direita: 1) Meu nascimento, em 1974; 2) No pântano, em 1975 .....	33
Figura 4 – Da esquerda para a direita: 1) Foto que fiz de minha mãe no trabalho em 1988; 2) Eu, no portão da garagem de nossa primeira casa com o fusca amarelo de meu pai ao fundo, em 1975 .....	34
Figura 5 – Fotos em Paul. Da esquerda para a direita: 1) Com meus pais, Romilda e Guilherme, em 1974; 2) Brincando na minha “motoca”, em 1976; 3). No capô do fusca do meu pai, em 1975; 4) Lavando o Passat novo do papai, também amarelo, em 1976 .....	35
Figura 6 – Frente e verso de uma fotografia. Minha mãe tinha o hábito de escrever atrás (ou até mesmo na frente) das fotos para não esquecer a localidade ou o momento .....	36
Figura 7 – Patrícia América, plena e exuberante no carnaval de 1996 .....	42
Figura 8 – As diferentes versões de Patrícia América (ela tinha nome e sobrenome). Sempre acompanhada de Jessy, quem a produziu .....	45
Figura 9 – Capas da revista <b>Sui Generis</b> , projeto do Felipe Taborda, e a capa da revista <b>Homens</b> que eu criei, meu primeiro projeto gráfico .....	48
Figura 10 – Capa da revista <b>Homens</b> e o anúncio da linha “Bofe Line” .....	50
Figura 11 – Capa de um dos “catecismos” de Zéfiro .....	58
Figura 12 – Foto com meus amigos na porta da igreja do Colégio Salesiano que dava acesso ao pátio da escola .....	59
Figura 13 – “Adão e Eva”, história em quadrinhos de Zéfiro .....	60
Figura 14 – “Vingança”, de Zéfiro .....	61
Figura 15 – Mensagens recebidas pelo Victor no Grindr .....	72
Figura 16 – Registro do número de seguidores antes da queda do perfil .....	73
Figura 17 – Notificações de suspensão pelo X .....	76
Figura 18 – Resposta da contestação de Victor ao X .....	76
Figura 19 – Letra da canção e QR Code para visualização .....	79
Figura 20 – Postagem do Mr Danado no seu perfil do Twitter .....	83
Figura 21 – Conversa com Victor e ilustração de Max Woods .....	84
Figura 22 – Curvas de visualização .....	86
Figura 23 – Capa do episódio 01 no Instagram e QR Code para visualização .....	88
Figura 24 – Capa do episódio 02 no Instagram e QR Code para visualização .....	89
Figura 25 – Capa do episódio 03 no Instagram e QR Code para visualização .....	90

Figura 26 – Capa do episódio 04 no Instagram e QR Code para visualização.....	91
Figura 27 – Capa do episódio 05 no Instagram e QR Code para visualização.....	92
Figura 28 – Capa do episódio 06 no Instagram e QR Code para visualização.....	93
Figura 29 – Capa do episódio 07 no Instagram e QR Code para visualização.....	94
Figura 30 – Capa do episódio 08 no Instagram e QR Code para visualização.....	95
Figura 31 – Capa do episódio 01 no Instagram e QR Code para visualização.....	96
Figura 32 – Capa do episódio 02 no Instagram e QR Code para visualização.....	97
Figura 33 – Capa do episódio 03 no Instagram e QR Code para visualização.....	98
Figura 34 – Capa do episódio 04 no Instagram e QR Code para visualização.....	100
Figura 35 – Capa do episódio 05 no Instagram e QR Code para visualização.....	102
Figura 36 – Capa do episódio 06 no Instagram e QR Code para visualização.....	103
Figura 37 – Capa do episódio 07 no Instagram e QR Code para visualização.....	105
Figura 38 – Capa do episódio 08 no Instagram e QR Code para visualização.....	107
Figura 39 – Capa do episódio 09 no Instagram e QR Code para visualização.....	108
Figura 40 – Capa do episódio 10 no Instagram e QR Code para visualização.....	110
Figura 41 – Capa do episódio 11 no Instagram e QR Code para visualização.....	112
Figura 42 – Capa do episódio 12 no Instagram e QR Code para visualização.....	113
Figura 43 – Capa do episódio 01 no Instagram e QR Code para visualização.....	115
Figura 44 – Capa do episódio 02 no Instagram e QR Code para visualização.....	117
Figura 45 – Capa do episódio 03 no Instagram e QR Code para visualização.....	119
Figura 46 – Capa do episódio 04 no Instagram e QR Code para visualização.....	121
Figura 47 – Capa do episódio 05 no Instagram e QR Code para visualização.....	123
Figura 48 – Cena de “Celebridade da Internet”.....	128
Figura 49 – Cena de “Celebridade da Internet”.....	128
Figura 50 – Victor percebe que seu corpo modifica em cena de “Celebridade da Internet”..	129
Figura 51 – Victor diz que não tem paciência para seus espectadores em “Celebridade da Internet”.....	130
Figura 52 – Victor, no quarto do hospital, após procedimento cirúrgico em “Dor e Glória”	131
Figura 53 – Victor retira a máscara aliviado em “Dor e Glória”.....	133
Figura 54 – Victor vislumbra um futuro incerto em “Dor e Glória”.....	133
Figura 55 – Amigos que fiz nos ‘ <i>espaçostempos</i> ’ da UERJ.....	141
Figura 56 – Chris, The Red. Você não é artista #02. Série Você não é artista. Fotografia. 50 x 75 cm. Photo Matte. Rio de Janeiro/RJ, 2022 .....	144
Figura 57 – Mix de momentos da exposição. Da esquerda para a direita: 1) Falando da obra com um visitante; 2) Encontro com o professor Aldo Victório; 3) Artistas reunidos com a	

curadoria e com a proprietária do estabelecimento; 4) Com Maíra Melo e Chris, The Red. Ambos se conheceram em uma disciplina com Aldo Victório e Izabel Carneiro.....	145
Figura 58 – Victor Rios. Cu Doce. Fotografia. 40 x 60 cm. Photo Matte. Rio de Janeiro/RJ. 2023 .....	146
Figura 59 – “O corpo do pesquisador e a reflexão no espelho”. Arte digital executada por Matheus Delgado, assim como outras tantas que surgiram ao longo deste texto.....	150
Figura 60 – Imagens do teaser da terceira temporada de <b>Magnífica 70</b> .....	151
Figura 61 – O criador e suas criações.....	152
Figura 62 – “Tarzan”, de Zéfiro .....	153

## SUMÁRIO

0 EPISÓDIO-PILOTO: FOI UM FILME QUE PASSOU NA MINHA CABEÇA .....	15
0.1 Um caso de inteligência artificial .....	18
0.2 Manu Gavassi: serialidade musical e pornografia .....	22
0.3 Questões metodológicas.....	24
<b>PRIMEIRA TEMPORADA .....</b>	<b>27</b>
1 INTRODUZINDO A BEESHA DO PÂNTANO .....	27
1.1 “Aparelho excretor não reproduz” .....	39
1.1.1 <u>Sui Generis</u> .....	40
<b>SEGUNDA TEMPORADA .....</b>	<b>52</b>
2 SONHAR NÃO CUSTA NADA .....	52
2.1 Os anais da pornografia .....	56
2.1.1 <u>Hora do catecismo</u> .....	57
<b>TERCEIRA TEMPORADA .....</b>	<b>69</b>
3 “O ORAL É ANÁRQUICO” .....	69
3.1 As impressões sobre Victor Rios .....	82
3.2 Websérie: Victor’s Secrets .....	85
<b>Primeira Temporada: Memorabilia .....</b>	<b>88</b>
<b>Segunda Temporada: Crônicas Falosóficas.....</b>	<b>96</b>
<b>Terceira Temporada: Pandemia .....</b>	<b>115</b>
3.3 <i>Hot stuff</i> : algumas questões acerca do envelhecimento.....	125
<b>EPISÓDIO FINAL .....</b>	<b>136</b>
<b>4 PORNOBIOGRAFIA AUDIOVISUALIZADA .....</b>	<b>136</b>
4.1 <i>Cu Doce</i> : Artes da sedução .....	142
4.2 Casos do acaso.....	153
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>154</b>

<b>ANEXOS</b> .....	158
<b>ANEXO 1</b> – Entrevista de Victor rios para a Revista H.....	158
<b>ANEXO 2</b> – Certificado de participação do Victor rios na Exposição Ars Sexualis .....	162
<b>ANEXO 3</b> – KAFKA CANCELADO?.....	163
<b>ANEXO 4</b> – ENTREVISTA COM FERNANDA MONTENEGRO .....	164

Quando eu fizesse dezenove [anos], eu iria embora.  
 Eu só tinha que sobreviver até dezenove.  
 Esse é o dilema do gay assumido, pintosa.  
 É sobreviver.

Milton Cunha (em entrevista)



## 0 EPISÓDIO-PILOTO<sup>1</sup>: FOI UM FILME QUE PASSOU NA MINHA CABEÇA

É com muito prazer que eu convido você à leitura da minha tese. Este trabalho é o resultado das múltiplas redes educativas (Alves, 2019) que formei e que me formaram ao longo da vida até aqui. “A vida, senador, é assim: dura!”<sup>2</sup>, disse Dilma Rousseff. Caetano Veloso retrucou: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”<sup>3</sup>. Entretanto, vida é movimento. E, neste momento, eu estou pensando como a Rita Lee, que disse: “No ar que eu respiro, eu sinto prazer de ser quem eu sou, de estar onde estou. Agora só falta você”<sup>4</sup>. Por isso esse meu convite para você.

Este trabalho não se propõe a dizer como a vida é ou como deve ser. Ele é apenas uma abertura, uma fissura, uma possibilidade de existência. Ele também é o sonho realizado de uma pessoa que vendeu seu computador e foi morar em Boston, nos Estados Unidos, em busca de uma vida melhor. Mas, chegando lá, foi trabalhar em Cambridge, numa localidade chamada Havard Square, onde recolhia pratos, limpava e arrumava as mesas de um restaurante localizado ao lado da universidade mais antiga daquele país. O dia de trabalho era longo e pesado. Muitos jovens das universidades, pois há várias outras também importantes na região de Boston, trabalhavam como atendentes nos restaurantes da cidade. Conviver no trabalho com estudantes fez crescer em mim o desejo de ter pelo menos uma graduação. Na época, eu tinha 24 anos! Foram necessários mais 24 para eu escrever as linhas desta pesquisa. O curioso é que vivo há mais de 13 numa rua chamada Vinte e Quatro de Maio. Estamos no ano 2024. No jogo do bicho, qual animal corresponde ao número 24? Veado!

<sup>1</sup> Era muito comum, em especial nos anos 1970, as séries televisivas começarem com um filme para TV. Estes filmes eram chamados de episódios-pilotos (ou o filme que deu origem à série) por possuírem uma duração mais estendida que os futuros episódios semanais. Episódios-pilotos funcionam como um teste para o desenvolvimento das séries televisivas. A prática da criação de episódios pilotos em forma de filme ainda existe. Por se diferenciarem dos demais episódios, em termos de duração, o primeiro, ou seja, o piloto, acaba sendo o número zero. Por isso estou adotando esta numeração para minha tese.

<sup>2</sup> Fala da ex-presidente Dilma Rousseff, no documentário **O Processo**, de Maria Augusta Ramos.

<sup>3</sup> Referência à canção “Dom de Iludir”, de Caetano Veloso.

<sup>4</sup> Referência à canção “Agora só falta você”, de Rita Lee.

Sonhei “um sonho impossível”<sup>5</sup> que me trouxe até aqui, até você. Toda esta trajetória será narrada no primeiro capítulo da minha tese. E isso é importante para os Cotidianos, linha de pesquisa da qual faço parte, para mostrar que as ciências são produzidas, não por pessoas iluminadas, mas por sujeitos comuns, ordinários e, no meu caso, por um sujeito corpo-oralidade (Bocchetti, 2022), dissidente da hegemônica heterocisnormatividade<sup>6</sup>.

Qualquer corpo é, então, a materialidade (extensiva e intensiva) de uma posição definida no cruzamento de diversas forças, sejam elas sensíveis, políticas, históricas, etc. Por seu caráter instável, merece ser sempre pensado como corporeidade.

Ancorada em tais composições e afetos, a oralidade pode ser vista como elemento originado ou efetivador de corporeidade(s). Podemos chamar de corpo-oralidades, portanto, esses modos de imbricamento por meio dos quais se estabelecem relações de naturezas diversas entre a fala e a produção dos corpos.

A construção oral tem, por um lado, a capacidade de tomar corpo, ou seja, de assumir um papel ativo nas composições que de algum modo modificam o estatuto de uma corporeidade (Bocchetti, 2022, p. 107).

No primeiro capítulo, que eu chamo de primeira temporada, uma clara referência à forma como se organizam as séries televisivas (hoje também acessadas nas plataformas de *streaming*), já venho trazendo conceitos que me são caros para a tessitura (e compreensão) deste trabalho. São eles: a potência do falso (Deleuze, 2018), a criação de personagens conceituais (Alves, 2015), redes educativas (Alves, 2019) e a audiovisualização das ciências (Alves, 2022). Os conceitos serão apresentados à medida que vou relatando minha história de vida e meus desejos de pesquisa.

E, para falar de pornografia, no segundo capítulo, trago algumas referências históricas que encontrei em documentários para a TV, a história de Carlos Zéfiro e como seus “catecismos” circulavam pelas escolas, além da apresentação de Victor Rios, outra personagem importante para movimentar meus pensamentos nesta pesquisa.

O rascunho destes primeiro e segundo capítulos, pois agora já receberam um tratamento mais aprofundado, foi apresentado na minha banca de qualificação para a professora Nilda Alves (Uerj) e o professor Márcio Caetano (UFPel). Eu estava em pânico! Ainda estávamos vivendo a pandemia da covid-19. A banca foi *on-line*. Era para eu estar só em casa, mas a

---

<sup>5</sup> Referência à canção “Sonho Impossível” interpretada por Maria Bethânia.

<sup>6</sup> A heterocisnormatividade é um sistema que pressupõe como norma corpos cisgêneros e heterossexuais. A autora Viviane Vergueiro (2015) usa o termo “sistema”, mais precisamente “CISstema”, para evidenciar que o sistema heteronormativo é também CIS, ou seja, relativo à cisgeneridade. Corpos cisgêneros são assim definidos: pessoas que nascem com pênis correspondem ao gênero masculino e pessoas que nascem com vagina correspondem ao feminino. Opto pela inclusão do “cis” dentro da palavra heteronormatividade. Vira uma palavra grande, eu sei. Mas eu gosto de palavrão! Um palavrão pode ofender ou excitar alguém.

ciência também é feita de parcerias afetivas. Escondidinha no canto da minha sala estava Ana Letícia Vieira, companheira de muitas ‘*prácticasteorias*’<sup>7</sup> nesta minha jornada. Sua presença me dava força.

O professor Márcio Caetano, como convidado, foi o primeiro a falar. No seu discurso, acabou relatando uma situação com seu filho que foi o ponto de partida, de inquietação, para a elaboração desta tese. Ele disse:

Eu tinha colocado bloqueador no site pro meu guri não acessar. Tudo que era site que tinha pornografia ele não conseguia acessar. Bem, eu descobri... Olha como é a situação! Eu descobri que ele entrava no Meeting. O colega dele que não tinha bloqueador no computador dele, acessava e compartilhava a tela. Isso era colega de escola. Então, os colegas da escola, por meio do compartilhamento do Meeting, viam todos eles, em rede, filmes pornográficos. Então, você veja, que a indústria pornográfica está aí, nesses modos como estes guris vão se socializando (Caetano, 2022, s/p).

O relato do professor e pai nos revela que, apesar das tentativas de controle, algo escapa, sempre escapou e continuará escapando. Por ter trazido, neste primeiro capítulo, a história de Carlos Zéfiro, a professora Nilda Alves também nos relatou uma experiência pessoal. Ela disse:

Eu até diria como foi que o Zéfiro entrou na minha vida. Eu fui de uma família de classe média. Estive em escola pública desde o começo. E não conhecia o Zéfiro. Eu só fui conhecer o Zéfiro, já como professora, coordenadora de um grupo dentro de uma escola, quando um professor chegou pra mim, e eu na sala de coordenadora dizendo: temos que dar um jeito nisso. E era aquela montoeira de revistinhas que ele jogou em cima da mesa e disse: este menino está vendendo. E foi a primeira vez, eu já tinha filho neste momento, foi a primeira vez que eu vi o Zéfiro na minha vida. Ele não fazia parte do meu universo. É preciso dizer que na universidade a gente já não trabalhava mais com o Zéfiro. Eu acho. Não passava pela universidade que era quando, talvez, o momento que eu pudesse ver. Não sei. Mas é incrível como os desenhos dele são lindos. São desenhos muito bonitos. Muito mais do que pornográficos. É como ele faz uma tessitura imagética absolutamente linda. E isso é preciso ser dito. Porque eu acho que isso, além da sacanagem, digamos, envolvida, isso envolve o leitor. Eu acho. Ele não apresentava uma coisa ruim do ponto de vista estético. Ele apresentava uma coisa muito bonita. E os desenhos que você escolhe, o terceiro que você apresentou, [...] aquela da janela, aquele desenho é um desenho maravilhoso. Essa preciosidade de desenhista que ele tinha, e que tem uma importância, e que eu acho até que se reconhece muito pouco nele (Alves, 2022, s/p).

Nesta experiência pessoal, a professora reitera que as redes das ‘*prácticasteorias*’ pornocurriculares sempre burlaram os bloqueios e invadiram as escolas. Mas, para além disso, ela percebe os usos que a pornografia sempre fez das artes. Quando Alves fala do traço do

---

<sup>7</sup> Nas pesquisas com os cotidianos, juntamos palavras, em itálico e dentro de aspas simples, por duas razões: 1) para romper com as dicotomias (outrora necessárias para a criação) das ciências na Modernidade e produzir, a partir desta grafia, novos sentidos, borrando fronteiras; 2) para deixar explícito aos editores/revisores de texto que é assim mesmo que se escreve e deve permanecer (Alves, 2019).

desenho de Carlos Zéfiro – e é importante ressaltar –, é como se ela estivesse falando de tantas outras artes de fazer envolvidas neste processo de produção de pornografia ao longo do tempo. Esta historicidade, melhor dizendo, genealogia, será apresentada mais detalhadamente adiante, mas é importante ressaltar agora que pornografias são produzidas a partir de desenhos, literatura, músicas, pinturas, esculturas, fotografias, jogos, artefatos de usos domésticos e, por fim, o cinema, ou melhor, o audiovisual, que é onde nos debruçaremos nesta pesquisa. Pois, é através do audiovisual que todas as tecnologias de produção de pornografia anteriores se encontram. As artes de fazer pornografia dialogam com as tecnologias possíveis de cada momento histórico, do papiro à internet.

Pornografia não é crime. Mas, dependendo de seus usos, pode vir a ser. E quando o crime acontece dentro da escola? Estamos preparados para lidar com a situação? Vejamos mais um caso recente, pois outros dois serão apresentados no capítulo um.

### 0.1 Um caso de inteligência artificial

Programa **Fantástico**<sup>8</sup>, TV Globo, 05 de novembro de 2023. Título da matéria: “Alunos de uma escola do Rio de Janeiro criam e compartilham falsos nudes com a ajuda de inteligência artificial – A maioria das vítimas tem 14 anos”. Alguns meninos da escola pegaram fotos nas redes sociais das meninas, que eram da mesma escola e de mais outras duas escolas. Nestas fotos, elas estavam de vestido ou biquíni. Então, os meninos acessaram um aplicativo “supersimples”, segundo o relato de uma mãe, cuja imagem e voz foram preservadas, “E tiraram as roupas das meninas. Deixaram elas nuas”. A mãe, indignada, continua seu relato: “Uma das meninas estava no meio da aula de História, recebeu a foto dela por um amigo, mas para alertar ela. E o professor falou: ‘você não pode usar o celular’. Ela: ‘Professor, mas é muito sério’. Ele simplesmente falou: ‘mas você não vai resolver isso agora’”. E a reportagem seguiu contando que o fato ocorreu numa escola de classe média alta e que dois estudantes confessaram ter manipulado as fotos que foram compartilhadas em grupos de estudantes da escola. Os grupos eram formados por meninos e somente um deles não gostou daquilo e contou para a mãe que o orientou a falar para as meninas conversarem com seus pais sobre o que estava acontecendo. A mãe relatora destacou: “um único menino não achou aquilo legal”.

Os meninos acharem que podem dispor dos corpos das meninas da forma como quiserem é uma questão de gênero muito comum.

---

<sup>8</sup> Veja a matéria do **Fantástico** em: <https://globoplay.globo.com/v/12089018/>.

E a matéria continuou com o relato da mãe: “O meu primeiro impulso foi procurar a escola onde foi o foco da situação. Eu não fui bem-recebida nesta escola. Eu escutei de um coordenador: ‘Ah, mas seja o que for, é só uma fotomontagem’”.

Um coordenador, homem, não viu problema naquilo. E a matéria seguiu dizendo que o caso está sendo investigado pela Delegacia de Proteção da Criança e do Adolescente. O delegado Marcus Vinicius Braga, responsável pelo caso, disse que “Esse tipo de delito, que é novo, ele simplesmente não vai exaurir agora. Ele vai ficar para a vida inteira”. Maju Coutinho, apresentadora do programa, cuja voz narrou a reportagem, informou que “a manipulação e a distribuição de imagens sem consentimento são crimes previstos no Código Penal”. Os crimes cometidos pelos dois estudantes menores de idade só foram possíveis devido a uma tecnologia disponível na internet, um aplicativo. Tecnologia que não foi pensada para este fim, mas que, pelo uso dos meninos, neste caso, da manipulação das fotografias das meninas, converteu-se em crime. Até aqui, a matéria deixou evidente as violências que os corpos designados como femininos estão sujeitos na nossa sociedade. E é para nos perguntarmos: onde os meninos aprendem isso? Nas múltiplas redes das *‘prácticasteorias’* que formamos e onde somos formados. Vou repetir isso como um mantra.

Caminhando para o fim da reportagem, voltamos para a imagem da mãe, desfocada e com voz alterada para sua proteção, que desabafa: “Sim, a responsabilidade é dos pais, mas o colégio, ele tem que ser responsável por acolher, porque tudo estava acontecendo também dentro do colégio. Pra amparar, pra proteger. E educar esses meninos, isso é muito importante”. Apesar de distorcida, a voz desta mãe transmite muita angústia. Outra mãe, também distorcida, relata o quanto eles, os pais, ficaram perdidos, sem saber a quem recorrer ou o que fazer:

Porque enquanto sociedade a gente não está sabendo o que fazer com isso e como lidar com isso [crimes sexuais e de gênero praticados *‘dentrofora’* das escolas]. Que sociedade é essa que a gente está construindo, em que a gente permite que esse tipo de coisa se multiplique nessa velocidade? Em que a gente não regulamenta esse tipo de coisa, que expõe a vida de jovens adolescentes?

Os devires da inteligência artificial não são o foco da minha pesquisa, nem as possíveis regulações que surgirão a partir delas. Trago este exemplo para meu trabalho, pois é explícita a série de erros cometidos no tratamento da questão, pelo menos, inicialmente. Erros que se apresentaram, desde a docência, passando pela coordenação escolar, ambas masculinas, que acabaram por afetar a instituição como um todo. As notas enviadas à imprensa com as providências tomadas pelo Colégio Santo Agostinho delatam a lentidão inicial, ou seja, o despreparo para lidar com a situação por parte de docentes homens. Você pode estar pensando:

lá vem você culpar os professores? Não! Não busco culpados e nem é esta a minha intenção. O que eu quero é explicitar o quanto faz falta uma conversa sobre as questões de gênero e sexualidade na formação docente, seja para quem se identifica como homem ou mulher, independentemente de suas orientações sexuais. Por isso, precisamos falar de pornografia, pois ela está direta e indiretamente atrelada às questões de gênero e sexualidade. Ela faz parte destes processos de formação dos sujeitos. É a perspectiva de que as redes educativas das ‘*prácticasteorias*’ pornocurriculares fazem parte da nossa formação, pois é onde, também, e a partir delas, podemos aprender a ser homens, mulheres, gays, negros, lésbicas, submissos, dominadores, viris, ativos, trans, passivos, observadores, enfim, uma gama de subjetividades e práticas ofertadas *à la carte*<sup>9</sup>.

Ainda é difícil imaginar este debate num país onde parte da população acredita que discutir questões de gênero e sexualidade é praticar uma “ideologia de gênero”. Ideologia de gênero, para mim, é, tendo me subjetivado como um homem gay, ser obrigado a me conformar com a heterossexualidade. As forças políticas heterocisnormativas tentam nos calar, em vão!

A professora Nilda Alves, na minha banca de qualificação, começou assim a sua fala:

Primeiro lugar, eu falaria e acho absolutamente indispensável hoje, lembrar da potência da universidade pública que não se deixa dobrar. Nem no golpe empresarial militar de 1964, que hoje é o dia dele [31 de março], nem no pós-golpe [2016] da presidenta Dilma Rousseff, nem mesmo com as violentas tentativas de dobrá-la dentro daquele processo nojento que foi organizado no sul, especialmente no sul, pelo [Sérgio] Moro, como no caso que levou até ao suicídio do reitor [Luiz Carlos Cancellier] de Santa Catarina. Eu não sei se vocês sabem, por que não foi completamente exposto? Quando foi preso, ele foi submetido como um preso comum, ao ser preso como um traficante de drogas. Puseram ele nu, puseram ele de quatro, examinaram o ânus dele, fizeram tudo isso com ele e com todos que estavam com ele. Ou seja, a tentativa de dobrar a universidade brasileira. E no caso dele, infelizmente, acabou com o suicídio dele. Que foi uma coisa terrível! Mas a universidade não se dobrou e hoje nós estamos aqui, discutindo esta temática [a pornografia] que é uma temática que se tenta dobrar o tempo todo nessa sociedade moral em que a gente vive (Alves, 2022, s/p).

Se a orientanda da vez fosse a cantora Maria Bethânia, com certeza responderia: “Não mexe comigo. Eu não ando só”. Pois estas foram as únicas palavras que me vieram à mente naquele momento. E não se faz pesquisa com os cotidianos sozinho.

Entretanto, duas coisas me chamam a atenção na fala da professora. Como a nudez e o exame do ânus foram usados para humilhar o falecido reitor.

---

<sup>9</sup> Expressão francesa muito usada em restaurantes. É o mesmo que “menu”, ou seja, um cardápio de opções.

A moral social se modifica com o tempo. Fui nos Anais da Compós<sup>10</sup> resgatar um artigo a que tive acesso quando frequentei as aulas da professora Paula Sibilia. Nele, Sibilia defende a ideia de um certo alargamento moral, uma transição da hipocrisia burguesa para o cinismo neoliberal, promovido por um modelo de negócios que cresce junto com a expansão das plataformas digitais e que permite o compartilhamento da nudez e da pornografia.

Por isso, é fundamental observar os debates em torno da consistência moral destas novas práticas, já que os valores e crenças ligados às complexas relações entre sexo e dinheiro parecem estar mudando na sociedade contemporânea. Aqui procuraremos esboçar uma hipótese para esse deslocamento do solo moral e a consequente configuração de um novo regime, que implicaria o gradativo abandono à hipocrisia burguesa – hegemônica na era moderna – rumo a certo cinismo neoliberal que ainda pugna por se impor na atualidade.

Tais debates se concentram em dois eixos que se consideram opostos e mutuamente excludentes. Por um lado, estão as críticas relativas à exploração da maioria das mulheres que recorrem à venda de seus nudes em plataformas como OnlyFans, que estariam contribuindo para a “uberização da pornografia” já iniciada em outros processos (Declercq, 2020) e, de modo concomitante, à persistência do patriarcado que objetifica, sexualiza, submete e mercantiliza os corpos femininos. Por outro lado, destaca-se não apenas o glamour dos casos de sucesso também mencionados, com a possibilidade de obter ganhos milionários de modo autônomo e fazendo um trabalho considerado agradável. Nesse segundo eixo cabe incluir o “empoderamento” que várias usuárias deste tipo de serviços dizem experimentar com a novidade, ao usufruir da liberdade de ganhar dinheiro explorando a erotização de seus corpos; em alguns casos, inclusive, reivindicando formas físicas consideradas fora dos padrões estéticos antes onipresentes (Sibilia, 2021, s/p).

Pensar com Sibilia estas questões é contextualizar esta pesquisa, também inscrita neste modo de fazer contemporâneo, de fazer circular ‘*conhecimentossignificações*’ sobre o corpo, a sexualidade, o gênero, as práticas sexuais etc.

Sem pretensões de encerrar aqui uma discussão tão complexa, argumentamos que talvez se trate de um falso dilema. Mercantilização e empoderamento não são tendências opostas, mas confluentes. Ambas constituem os processos de subjetivação atualmente vigentes, configurados num solo moral diferente daquele que vigorou na era moderna, com sua dinâmica disciplinar (Foucault, 1987), sua ética protestante (Weber, 2002) e seu mal-estar civilizatório (Freud, 2010). Para a moralidade hipócrita dos tempos oitocentistas seria difícil fundir esses dois eixos sem que a contradição incomodasse de modo insustentável: ou se vende o corpo, ou se é livre. Já para a mentalidade cínica que vem se impondo nas últimas décadas, em sintonia com o ideário neoliberal e os modos de vida decorrentes da crise das instituições modernas, pode não haver dilema algum nessa suposta oposição. Eis uma manifestação, portanto, do deslocamento do solo moral aqui entrevisto (Sibilia, 2021, s/p).

---

<sup>10</sup> Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

No terceiro capítulo, quando eu apresentar as produções audiovisuais do Victor Rios, é importante entender que ele está inserido nestes modos de produção. A websérie<sup>11</sup> Victor's Secrets foi criada para divulgar a entrada do Victor neste novo modelo de negócios.

## 0.2 Manu Gavassi: serialidade musical e pornografia

Parece fabulação, mas não é. Eu estava escrevendo estas linhas quando Leonardo me enviou um vídeo no WhatsApp. Nele, um grupo de pessoas sentadas à mesa cantam uma canção de Natal falando de iPad, iPhone, WhatsApp, Instagram, Twitter e, um dos convidados à mesa, se desespera dizendo que a bateria do celular vai acabar. Então entra o *slogan*: Feliz Rede Social e que o Natal não te distraia. Pensei: o Leo está atrapalhando minha concentração! Então, respondi:

*Vinicius: Que o natal não nos distraia. Mas, no meu caso, é a tese. Tô aqui escrevendo. Que inferno! Kkk [sic]*

*Leonardo: Vc devia olhar o Instagram da Manu Gavassi pra [sic] relaxar um pouco.*

*Vinicius: Deus me livre!*

*Leonardo: Depois não sabe pq fica pra [sic] trás no bonde da história.*

*Vinicius: Eu nem sigo essa criatura. O que tem de relevante? Conta logo!*

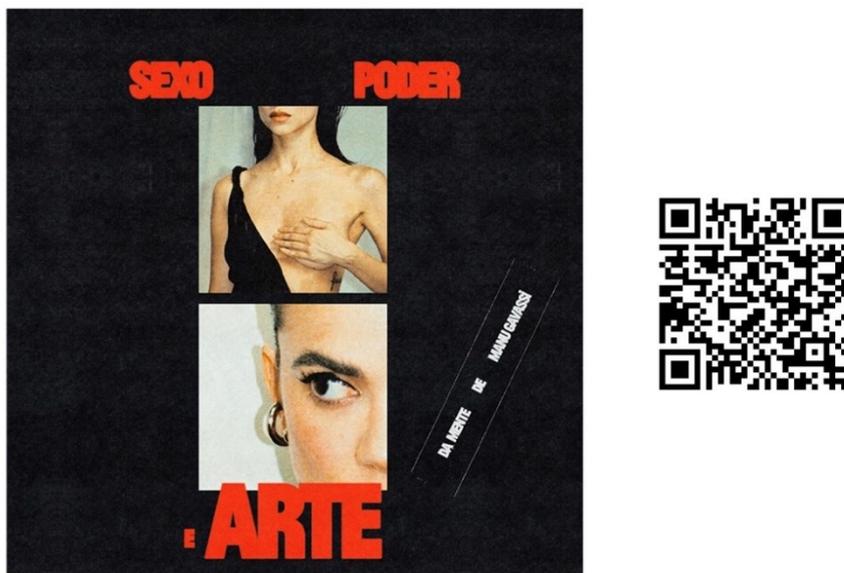
Definitivamente, Nolasco-Silva tem muita paciência comigo! Leonardo, então, me enviou pelo WhatsApp três links do YouTube. Cada link correspondia a um audiovisual da cantora Manu Gavassi. No primeiro, como num filme de ficção científica, a cantora está num escritório futurista que gerencia carreiras. Ali são traçadas várias formas de se chegar ao sucesso. A intenção da cantora era mostrar sua arte, falar das músicas novas que acabara de compor, mas a atendente, que era interpretada pela própria cantora, dizia que isso não seria possível. Seria necessária uma polêmica para alavancar sua carreira.

No segundo audiovisual, a cantora lança a música num videoclipe que não é exatamente um videoclipe. É um videoclipe narrativo, digamos assim, com diálogos e situações em que a canção é interrompida diversas vezes para contar a história de uma cantora que sofre tantas críticas ao ponto de dizer que está “Pronta para Desagradar”, nome da canção.

---

<sup>11</sup> Websérie: série criada para ser exibida na internet.

Figura 1 – Capa da canção na plataforma de *streaming* SoundCloud<sup>12</sup> e QR Code para visualização



Fonte: Google Imagens.

No terceiro, também acompanhamos uma história. Na verdade, são duas histórias: a da mulher negra feminista e a da própria cantora que é branca. Temas que se entrecruzam para narrar a canção “Sexo, Poder e Arte”. Neste episódio – prefiro chamar assim – a discussão em torno da pornografia é mais evidente. Uma vez que suas qualidades artísticas/ intelectuais são questionadas, a cantora, na letra da canção, diz: “E reforçam a mesma mentira todo dia. Suas ideias não te levam tão longe quanto seu corpo levaria”. Um corpo carrega consigo suas ideias e fala e vive e sente. Nesta tese, corpo e mente estão “corporalmente” integrados. A cisão entre corpo e mente propagada pelas religiões ou pelas ciências de outrora, aqui não tem vez. É nem na canção da cantora. O corpo é um território existencial que se expande com suas vivências, experiências, sentimentos e pensamentos, em constante processo de formação nas múltiplas redes educativas em que habita.

Gavassi também traz uma certa percepção da mudança proposta por Sibilia, ou seja, do deslocamento do solo moral, do abandono da mentalidade hipócrita para a adesão de uma mentalidade cínica. Mais adiante, o mesmo refrão citado acima volta ligeiramente modificado. Ela canta: “E reforçam a mesma mentira todo dia. Suas ideias não te levam tão longe quanto a pornografia”. Neste trecho, a palavra pornografia aparece de forma explícita. Citar a

<sup>12</sup> “SoundCloud é uma plataforma online de publicação de áudio utilizada por profissionais de música sediada em Berlim, Alemanha, fundada por Alexander Ljung e Eric Wahlforss em agosto de 2007. Nela os músicos podem colaborar, compartilhar, promover e distribuir suas composições”. Fonte: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/SoundCloud> Acesso em: 14 jan. 2024.

pornografia na letra de uma canção aponta, no meu entender, que a pornografia está normalizada, naturalizada, faz parte dos nossos cotidianos. A pornografia saiu do gueto faz tempo, desde o filme **Garganta Profunda**, em 1972. Atualmente, a pornografia é pauta de conversas, é estilo de vida, é possibilidade de negócios, é problema (quando vira crime) e é solução, quando se rompem silêncios acerca das sexualidades, em especial para corpos e desejos dissidentes da heterocisnormalidade. A pornografia, que deveria ser entendida como entretenimento, acaba operando como uma espécie de autoeducação, uma formação sexual.

Quanto vale seu corpo? Quanto vale você?

É necessário calcular o que se quer vender

Quanto vale seu corpo? Quanto vale você?

Quanto você vale quando ninguém vê?

As perguntas de Gavassi na canção são um reflexo das questões deste momento, em que cada dimensão da vida é capitalizada pelas plataformas digitais, incluindo as sexualidades.

Se a pornografia é discutida por outras áreas de conhecimento, como a Sociologia, a Filosofia, as Artes, a Comunicação, enfim, porque nós, profissionais da educação, ainda não estamos conversando sobre isso, uma vez que ela vem nos atravessando desde sempre?

### 0.3 Questões metodológicas

Soares me orientou a apresentar, aqui na introdução, a metodologia que será utilizada em minha pesquisa. Pensei muito a este respeito. Optei por responder a esta pergunta, ou melhor, revelar o método na conclusão deste trabalho. Qualquer antecipação, neste momento, revelaria “segredos de pesquisa” que precisam ser mantidos para o desenvolvimento desta tese.

Eu poderia até, num gesto de fabulação, levar você a acreditar num método e, depois, apresentar outro. Essa foi minha ideia inicial. Sei que estou descumprindo uma regra, mas, para não criar falsas expectativas, decidi responder a esta pergunta na conclusão deste trabalho.

Ouvi dizer que “a mão que faz a bomba, faz o samba. Deus faz gente bamba”<sup>13</sup>. E é da energia do carnaval, festa da carne, que me alimentei (e me alimento) para conseguir um pouco de alegria, inteligência, malícia e criatividade para esta tese. Não “acredito ser o mais valente nesta luta do rochedo com o mar”<sup>14</sup>, mas eu não estou sozinho.

---

<sup>13</sup> Referência ao samba-enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel de 1996: “Criador e Criatura”.

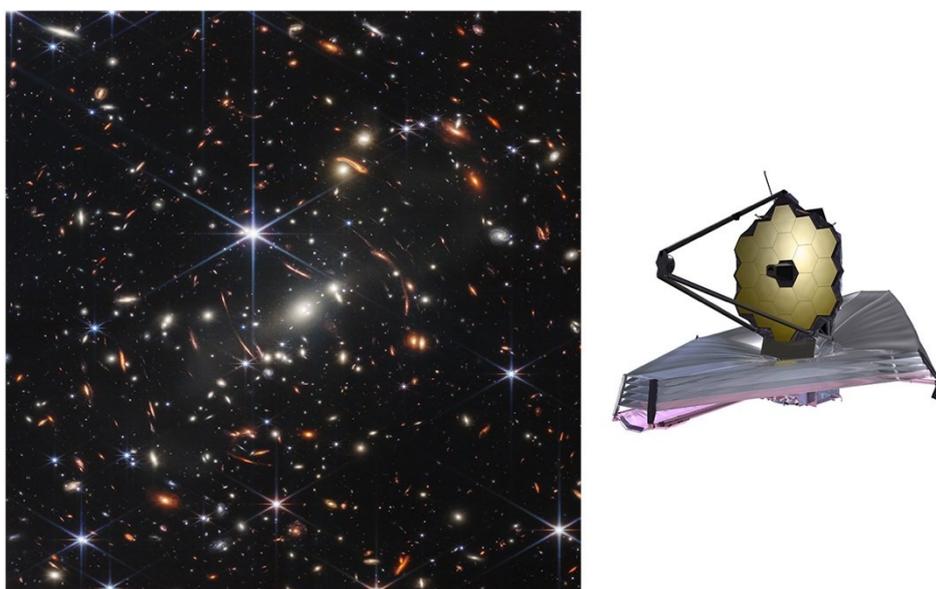
<sup>14</sup> Referência ao samba-enredo da União da Ilha do Governador de 1982: “É hoje”.

Fui orientado a fazer, nesta introdução, um resumo daquilo que seria apresentado, mas isso é dar *spoiler*<sup>15</sup>. E eu não quero isso! Quero levar você a um final apoteótico. Uma apoteose inacabada! Um delírio! Uma fantasia!

Eu aposto na magia que a ciência é capaz de produzir. Por exemplo, quando o Telescópio Espacial James Webb<sup>16</sup> aponta para um ponto escuro no espaço, ele revela segredos, em imagens, que só foram possíveis a partir de um aparato tecnológico complexo. Quando olhamos aquelas imagens, só enxergamos a beleza, esquecendo de todo o resto.

Minha missão é levar você a perceber a magia escondida na escuridão.

Figura 2 – Primeira imagem gerada pelo Telescópio Espacial James Webb



Fonte: Google Imagens.

Por isso, proponho uma nova definição para o termo “pornografia”. Uma atualização necessária para o que estamos vivendo agora.

Mas, então, o que seria “pornografia” para você, Vinicius?

Pornografia é a escrita de corpos que se dão ao consumo, de forma venal ou não, em performances que fabulam desejos possíveis.

É tudo dentro do possível mesmo!

<sup>15</sup> *Spoiler* é uma palavra inglesa cujo uso no Brasil, sem tradução, significa revelar antecipadamente informações sobre um conteúdo audiovisual: um filme, uma série, uma novela etc.

<sup>16</sup> James Webb Space Telescope: “A missão primária do JWST é a de examinar a radiação infravermelha resultante da grande expansão (Big Bang) e realizar observações sobre a infância do Universo. Para realizar tais estudos com uma sensibilidade sem precedentes, todo o Observatório é mantido frio, e as grandes fontes de interferência de infravermelho como o Sol, a Terra e a Lua são bloqueados”. Fonte: Wikipédia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Telesc%C3%B3pio\\_Espacial\\_James\\_Webb](https://pt.wikipedia.org/wiki/Telesc%C3%B3pio_Espacial_James_Webb) Acesso em: 14 jan. 2024.

Este trabalho foi escrito por alguém que sobreviveu à Guerra Fria, à epidemia da AIDS e, recentemente, à pandemia da covid-19. Estamos bem. Insanos e salvos! Quero, por fim, dizer que é um trabalho de criação, portanto, resistência. De quem sobreviveu, e feito para quem está vivo. E a quem sobrevive só resta seguir em frente. Viver, sentir, pensar...

Portanto, “abre alas que eu quero passar”<sup>17</sup>!

Ensaio do doc musical  
“80, a década do Vale Tudo”.



Não esquecer!  
Ninguém é o centro do universo.  
Assim é maior o prazer.

---

<sup>17</sup> Referência à marchinha de carnaval “Ó Abre Alas”, composta por Chiquinha Gonzaga em 1899.

Que real? [ri]  
 Eu não quero a realidade. Eu não quero a realidade.  
 Eu não quero a realidade...  
 Eu quero a magia.



Laurinha Figueiroa (video apresentado na defesa de mestrado)

## PRIMEIRA TEMPORADA

### 1 INTRODUZINDO A BEESHA<sup>18</sup> DO PÂNTANO

Anos atrás, eu nasci<sup>19</sup>. Anos atrás... Meio século de vida incompleto. Assim como será incompleta esta pesquisa, pois o ponto final será (ou não) apenas o ponto de partida para uma outra história, um novo ciclo, um novo capítulo, um outro desvio.

Para os dissidentes do sistema sexo-gênero hegemônico, ou seja, para os dissidentes da heterocisnormatividade, a existência será sempre a do imigrante ilegal, do clandestino, do exilado, do estrangeiro, do sem pátria. Entretanto, é importante ressaltar que estas sensações são ambíguas, pois as fronteiras do sistema sexo-gênero são imprecisas. Habitamos, convivemos e nos relacionamos ‘*dentrofora*’ destas fronteiras imaginárias, produzidas artificialmente por discursos (Foucault, 2014), gestos (Wulf, 2013; Preciado, 2014), conveniências (Certeau, 2013). E é importante também ressaltar que você não existe sem mim e “eu não existo sem você”<sup>20</sup>. Por isso, e apesar das nossas diferenças, do ponto de vista da

<sup>18</sup> O termo beesha, com esta grafia, foi criado para causar um certo deslocamento e ampliação do sentido de termos mais conhecidos, como bicha ou bixa. Sempre no feminino, a “bicha” nasceu como um insulto aos gays. Podemos afirmar que “no português brasileiro temos o veado (animal) e o viado (gay, homossexual masculino). É da pronúncia errada a partir do veado que produzimos a injúria, o insulto (viado). Só sabemos a diferença entre o bicho e a bicha (outro insulto) quando procuramos no contexto ou na escrita” (Vieira, 2020, p. 94). Sonoramente, a pronúncia de bicha, bixa ou beesha, não produz nenhuma diferença, entretanto, na grafia, pode produzir outros sentidos, assim como na questão do viado, pois “no viado há essa dupla filiação: o erro e o bicho. O bicho (como bicha) está na vontade de tornar animal – leia-se: menos humanas – essas pessoas des-viadas”. (Silva, 2014, p. 03). Se a “bicha” é insulto, a “bixa” não! Bixa com “X” é um termo empoderado. Uma mutação na grafia para produzir outros sentidos. O termo “beesha” já é uma variante desta última, pois se pretende ainda mais deslocada da grafia original e com aspecto mais “divino”, quase uma entidade espiritual.

<sup>19</sup> A expressão “eu nasci” tem como referência a série **Veneno**, da HBO Max, que conta a história de Cristina Veneno, uma mulher trans que fez imenso sucesso na TV espanhola nos anos 1990. Na trama, Valeria Vegas, jornalista e autora da biografia de **La Veneno**, começa assim o livro: “eu nasci...”. O “eu nasci”, para uma pessoa trans, é o princípio e a origem de tudo, pois se trata de uma contestação ao que é considerado “natural” no sistema sexo-gênero. Pessoas cisgênero já nascem com identidade, CPF, carteira de trabalho. Pessoas trans necessitam criar uma nova existência que vai muito além da sua própria imagem ou identidade de gênero, mas que passa também pela troca de documentos (certidão de nascimento, carteira de identidade, de trabalho etc.). Pessoas trans renascem. Inventam uma nova vida. O meu “eu nasci” nesta tese representa a possibilidade de (re)criação da minha própria história.

<sup>20</sup> Referência à canção de Vinicius de Moraes e Antônio Carlos Jobim. O nome da canção também foi o título da minha primeira criação audiovisual, o curta “Eu não existo sem você”, em 2002.

“carne”<sup>21</sup>, somos iguais. A precariedade é artificialmente produzida pelos enquadramentos que são dados às vidas que merecem ser vividas, enquanto outras não são passíveis de luto (Butler, 2018). Entretanto, diante da fome, da ausência de água, de uma arma de fogo ou de uma bomba, toda vida fica vulnerável. “Uma hora tão por cima, outra hora tão por baixo”, dizia a canção da abertura da telenovela **Cambalacho**<sup>22</sup>. Somos crentes praticantes (Certeau, 2014) de uma existência que julgamos única, mas que, na prática, é apenas singular e esquecemos das nossas semelhanças. Vidas precárias na luta constante pela sobrevivência.

Segundo Butler (2018, p. 40), “afirmar que a vida é precária é afirmar que a possibilidade de sua manutenção depende, fundamentalmente, das condições sociais e políticas, e não somente de um impulso interno para viver”. É na precariedade da vida que somos iguais, pois

A precariedade tem de ser compreendida não apenas como um aspecto *desta* ou *daquela* vida, mas como uma condição generalizada cuja generalidade só pode ser negada negando-se a precariedade como tal. E a obrigação de pensar a precariedade em termos de igualdade surge precisamente da irrefutável capacidade de generalização dessa condição (Butler, 2018, p. 42).

Portanto, toda vida é vulnerável! Somos produtos do mesmo barro, saídos da mesma lama. A diferença está no preparo da farinha, se é farofa ou pirão; no preparo da banana, se é crua, frita ou cozida; no preparo do barro, se é para fazer uma escultura, um filtro de água ou um tijolo. A matéria prima pode ser a mesma, mas os processos de produção e os usos do mesmo material se diferem e alcançam variados resultados e distintas funções, algumas mais valorizadas que outras. Diferenciamo-nos por processos de subjetivação nas múltiplas redes educativas das *‘prácticasteorias’* que formamos e onde somos formados.

O conceito de “vidas precárias” se refere às vidas consideradas socialmente descartáveis ou dispensáveis. Certas formas de violência e opressão são perpetradas contra determinados grupos de pessoas, tornando suas vidas mais vulneráveis e menos valorizadas. As vidas precárias são frequentemente associadas a grupos marginalizados, como minorias étnicas, imigrantes, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência e pessoas em situação de pobreza. Essa valoração desigual das vidas é resultado de relações de poder que reforçam hierarquias

---

<sup>21</sup> O uso do termo “carne” tem duplo sentido: 1) Para indicar o sentido de matéria, daquilo que nos constituímos, do que somos feitos; 2) Porque o termo “carne” também é muito usado para indicar práticas sexuais. Os “pecados da carne”, os “desejos carnis”, e “onde se ganha o pão não se come a carne” são alguns exemplos de expressões populares que circulam para indicar práticas sexuais, mas com sentido religioso, em que se pressupõe uma distinção entre o sagrado (espiritual) e o profano (carnal).

<sup>22</sup> Novela **Cambalacho**, de Silvio de Abreu, 1986. Na trama das 19 horas, a maioria dos personagens (alguns mais evidentes que outros) praticava pequenos golpes, trambiques e tramoias para sobreviver. Uma grande confusão! Trago esta referência audiovisual, pois a telenovela cômica me faz pensar, com seu humor, nas táticas dos praticantes de Certeau.

sociais. Butler critica a ideia de que todas as vidas têm o mesmo valor intrínseco e questiona as estruturas sociais que perpetuam a precariedade de certos grupos.

O meu desejo nesta pesquisa, cá entre nós, não é a produção de uma tese, mas sim, de uma “anti-tese”, uma antítese, quiçá, pelo menos, um antídoto para toda caretice conservadora que nos rodeia e que habita em nós mesmos. Delírio, eu sei! Mas a ascensão da extrema direita ao poder no Brasil, suas inúmeras tentativas de sufocamento das universidades públicas e a imposição de pautas ideológicas medíocres, de pautas morais arcaicas, de tanto retrocesso, não me deixam outra alternativa a não ser investir na potência do falso, no poder da fabulação.

O que é a potência do falso? A potência do falso está associada à capacidade criativa da mente humana de produzir ideias, conceitos e percepções que não se baseiam em uma correspondência direta com a realidade ou em uma representação precisa do mundo. A potência do falso se refere à capacidade de produzir e sustentar ideias que podem ser consideradas “falsas” em relação a um critério de verdade tradicional. É um aspecto positivo e produtivo do pensamento, que desafia a ideia de que o verdadeiro é o único valor importante. Deleuze argumenta que a potência do falso é fundamental para a criação de novos conceitos e para a abertura de novas possibilidades de pensamento e ação. Ao escapar das limitações da verdade e do realismo representacional, a potência do falso permite explorar diferentes perspectivas, experimentar ideias e desafiar as estruturas de poder estabelecidas.

E o que é fabulação? A fabulação é considerada uma prática criativa e revolucionária, pois desafia as estruturas dominantes de significado e oferece novas possibilidades de pensamento e ação. Ela permite romper com os modelos preexistentes e inventar novas formas de ser e de se relacionar com o mundo. Ao contar histórias e criar narrativas que desafiam as normas estabelecidas, é possível abrir caminho para a transformação social e política. A fabulação é uma maneira de desestabilizar as estruturas de poder e de promover uma ruptura com o *status quo*.

Só o artista criador leva a potência do falso a um grau que se efetua, não mais na forma, mas na transformação. Já não há verdade nem aparência. Já não há forma invariável nem ponto de vista variável sobre uma forma. Há um ponto de vista que pertence tão bem à coisa que a coisa não para de se transformar em um devir idêntico ao ponto de vista. Metamorfose do verdadeiro. O artista é *criador de verdade*, pois a verdade não tem de ser alcançada, encontrada nem reproduzida, ela deve ser criada (Deleuze, 2018, p. 213).

Por isso, me fiz a seguinte pergunta: quem produz conteúdo pornográfico para, na e com a internet cria verdades ou tenta representar uma verdade criada por discursos hegemônicos? Para dar início à minha pesquisa e entender tais processos de criação preciso voltar no tempo, acessar minhas memórias e criar minha própria história. Nas pesquisas com os Cotidianos, é

preciso *narrar a vida, audiovisualizar e literaturizar as ciências*. Nilda Alves contou que se inspirou no movimento feminista, na “imensa movimentação feminina, que hoje é chamada de ‘primeira onda’, em manifestações nas ruas” (Alves; Chagas, 2022, p. 328) para criar os movimentos necessários para as nossas pesquisas. A autora fala em “movimentos de pesquisa”, pois assim como são os movimentos sociais, os movimentos de pesquisa, criados por ela e Regina Leite Garcia, são atualizados com o tempo, movimentam-se. Nilda Alves não é Rígida Alves<sup>23</sup>, “tudo muda o tempo todo no mundo”<sup>24</sup>. Como pesquisador dos Cotidianos, penso nos movimentos que fiz. Será que meu passado me condena? Já dizia uma antiga canção: “se meu passado foi lama/ hoje quem me difama/ viveu na lama também”<sup>25</sup>. *Drama queen!*<sup>26</sup> Paco Vidarte (2019, p. 56) me aconselhou:

A procura da origem sempre supôs uma aplicação útil, manipuladora, controladora, de dominação, de deslocamento. Achar a receita de como fazer bixas ou heterossexuais só pode nos prejudicar. Além de ser uma tarefa impossível, o mistério de como surgem as bixas é uma das armas mais brutais que temos contra eles. Nós surgimos e pronto. De repente, no mundo, de todas as crianças que nascem, dez por cento são bixitransapas ninguém sabe o porquê. Vivemos em seu seio e não somos extirpáveis. Bom, sim, podem nos humilhar, exterminar, encarcerar, enforcar. Mas voltamos a nascer. As piores de nós nasceram em famílias modelo, higienicamente heterossexuais e católicas. A bixa quando nasce, apaga todo o rastro de sua origem. Para começar, sai correndo de casa. Uma bixa, por definição, só tem futuro. E presente. Sempre houve bixas, sempre haverá bixas.

Com espanto e deleite, considerei suas palavras. Parei. Pensei. Respirei. Eu queria contar uma história como a da Veneno, mas eu não tenho o corpo trans da Cristina. Eu queria fazer uma ciência encarnada, como fez minha amiga Letícia<sup>27</sup>. A vida como obra de arte, diria

<sup>23</sup> Rígida Alves foi um personagem conceitual que apareceu na minha dissertação de mestrado a partir da crítica de Bruno Rossato, colega do Cunadi, quanto à minha atuação em sala de aula, dizendo que eu era “uma professora muito rígida”, pois a todo momento eu falava com a turma: “vamos voltar para o texto”.

<sup>24</sup> “Como uma onda” é uma canção composta por Lulu Santos e Nelson Motta, lançada em 1983. Segundo o blog **Versos e Prosas**, o autor Marcos Aurélio nos conta que Lulu Santos apostou nesta canção para o álbum lançado naquele ano após ter outra (que ele não indica) censurada. De acordo com o blogueiro, para Lulu Santos, a canção “Como uma onda” tem dois sentidos: “Em primeira instância, quando se fala de uma onda no mar, a ideia é do quão curta é a vida. Afinal, as ondas representam um ciclo contínuo de nascimentos, crescimentos e mortes, que se enquadram perfeitamente em analogia com a nossa vida na Terra. Da mesma forma, as ondas nunca são iguais e não são as mesmas. Assim como não é possível que um surfista, por exemplo, pegue a mesma onda por duas vezes”. Disponível em: <https://versoseprosas.com.br/historia-da-musica/como-uma-onda-lulu-santos/>. Acesso em: 18 nov. 2023. Quer ouvir a música? Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=JGEi1hxV-zA&ab\\_channel=LuluSantos-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=JGEi1hxV-zA&ab_channel=LuluSantos-Topic) Acesso em: 18 nov. 2023.

<sup>25</sup> “Lama” foi composta por Paulo Marques e Aylce Chaves em 1952. Quer ouvir? Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=aeXU811XJu0&ab\\_channel=BrunoLima](https://www.youtube.com/watch?v=aeXU811XJu0&ab_channel=BrunoLima). Acesso em: 30 out. 2021.

<sup>26</sup> Expressão ou gíria para designar uma “pessoa que é dramática, que adora se fazer de vítima ou de coitada, pode ser homem ou mulher, o termo serve para os dois sexos”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/drama%20queen/14625/>. Acesso em: 30 out. 2021.

<sup>27</sup> Conheci Letícia quando ela ainda fazia Mestrado, em 2014. Passamos juntos no processo de seleção da pós-graduação em 2016: eu no mestrado e ela no doutorado. Em 2020, defendeu a tese **A produção de**

Foucault. O corpo como o princípio e o fim. Qual seria a tese da minha tese? – Uma tese em educação! Em tese, a tese se faz no caminhar da pesquisa. Penso que a minha tese é um unguento fervido no caldeirão da Cuca, misturando a produção dos corpos – educados e deseducados em rede – que vão performando gêneros e sexualidades atravessados por imagens e sons que vemos a damos a ver na Internet, numa trama que gosto de chamar de *redes das 'prácticasteorias' pornocurriculares*.

Neste caldeirão de fabulações encarnadas, pretendo juntar minhas memórias atualizadas com narrativas cocriadas junto aos interlocutores da pesquisa – sujeitos comuns que produzem e consomem pornografia na internet, tecendo '*conhecimentossignificações*' acerca dos corpos e dos discursos que singularizam esses corpos. Como escapamos – ao menos parcialmente – das tecnologias de controle e de vigilância que tentam disciplinar nossos corpos e nossas existências? Como operamos e exibimos nossas dissidências? Como produzimos redes de antidisciplina, borrando o sistema sexo-gênero, criando outras existências possíveis?

Ao falar de pornografia, pretendo focar naquelas produções que não seguem a cartilha da *cishéteronorma*, seja em suas versões hétero ou homo. Quero olhar e conversar com as produções amadoras que encenam outras possibilidades de corpos, de toques, de formatos, de subjetividades. *Pornocurriculos* praticados no miudinho do ciberespaço, nos cotidianos dos sites, das redes sociais e dos aplicativos – gestos que produzem outros modos de educar nossos corpos, subjetivando-nos a partir de outras lógicas. Quanta responsabilidade! Por um momento, o receio e o medo tomaram conta dessa minha ideia de pesquisa. Senti-me vulnerável. Saberia eu o que estava fazendo? Onde fui me meter? Fantasmas homofóbicos em miniatura giravam em torno da minha cabeça. Olha os modos! Toma jeito! Você agora é professor, disseram. Pensei: um professor gay. Insisti: um professor e gay. Acredito que Vidarte percebeu minha confusão mental naquele momento. Minhas fracassadas tentativas de empoderamento. Logo, impaciente, vociferou:

Sou médico e sou bixa. O caramba! Você é uma bixona que acabou sendo médico. Sou empresário gay. Não, é uma puta bixona que herdou uma empresa, ou que honradamente roubou mais-valia o bastante para fundar uma. Sou uma professora lésbica, sou desportista mas gay, sempre o mesmo discurso, colocando na frente o acidental e convertendo em mais um predicado o ser bixona. [...] Somos bixas com práticas de advogado, de médico, de sem-teto, de vida precária. Esta inversão é importante (Vidarte, 2019, p. 68).

Eu fiquei perplexo. Senti potência naquelas palavras e pensei no que dissera Deleuze (2018, p. 213): “a verdade não tem de ser alcançada, encontrada nem reproduzida, ela deve ser criada”. Enquanto isso, Vidarte (2019, p. 68) continuava:

Pelo caminho fizemos papel de bobos talvez por pressão social, por nos acomodar ao que há, por preguiça, pelo que for, mas *somos bixas antes de qualquer coisa*, sujeitos LGBTQ que se dedicam a isso ou àquilo para viver. Não se pode esquecer isso, e essa é nossa essência, nossa potência, nosso poder, nosso patrimônio e daí sai tudo o que fomos, somos e seremos. Nosso porvir exige que nos identificarmos como trans, lésbicas ou bixas e que o resto sejam acessórios: a profissão, a classe, o status, andar de bicicleta, viver em tal bairro ou em uma casa ocupada. Lógico, todos esses são lugares de socialização, de identificação com os outros sujeitos não homofóbicos, não bixissapas, não somos marcianos, falamos com a galera, compartilhamos seus espaços, estamos socializados, mas que a socialização não nos tire o que somos, não a qualquer preço, não à custa de um apagamento de gênero para poder dizer: “sou médico” do mesmo modo que qualquer hétero diz: “sou médico”.

Discordei dele no quesito “essência”. Não acredito na sua existência. A nossa subjetividade é produzida nas múltiplas redes educativas (Alves, 2019, p. 116) que frequentamos, que podemos ter acesso. Formamo-nos sujeitos nestas múltiplas redes e nas múltiplas relações de uma com todas as outras, “pois estas marcam, de um ou de outro modo, a complexa formação que cada um de nós tem”.

Confessei que achei graça quando comparou a bixa a um tipo de gênero. Mas que entendia a proposta. A minha beeha não era tão diferente da bixa dele. Somos potência! E Paco (Vidarte, 2019, p. 123) ainda me alertou:

As bixas temos uma inteligência peculiar cultivada desde muito pequenos para sobreviver, que nos permite agir guiados por outros parâmetros, que transpõem as regras do pensamento heterossexista, engambela-o, nós admitimos a incongruência, a contradição, a esquizofrenia, a mentira, qualquer coisa para evitar a queda. Temos que lançar mão desses recursos de infância e adolescência que nos permitiram, a algumas de nós, seguir vivas, maravilhosas, sorridentes até a idade adulta. A honradez, a coerência, a racionalidade, a virtude são coisas que nos ensinavam quando nos criavam e educavam como se fôssemos um deles, héteros. E nós não temos jeito. Além disso víamos como também nos ensinavam a passar por cima desses valores quando convinha, quando a ocasião requeria, quando tinha que oprimir alguém. Pois passemos por cima dos valores de controle deles também.

Paco Vidarte arejou minhas ideias. Que delícia! Ele, em vários momentos, me lembrava Paul Preciado, o apreciado, a preciosidade. Mas deste Paul eu vou falar mais tarde. Agora é a hora, a vez, o momento dela, da singular, única, ímpar, daquela que deu origem ao título deste

capítulo, da que tem autoestima delirante e corpo espetáculo<sup>28</sup>, passiva fundamentalista<sup>29</sup>, pornoterrorista<sup>30</sup>, a Beesha do Pântano! Silêncio! Vai começar.

Figura 3 – Da esquerda para a direita: 1) Meu nascimento, em 1974; 2) No pântano, em 1975<sup>31</sup>



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Eu nasci no dia 17 de outubro no ano da graça de 1974 na cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. A maternidade Pró-Matre da Santa Casa de Misericórdia se situa, até hoje, próximo ao Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, onde estudei da quinta à oitava série, na época, o primeiro grau. Entretanto, ao nascer, fui levado da maternidade na capital para a casa de meus pais, no município de Vila Velha. A casa era pequena: dois quartos, uma sala pequena, cozinha, banheiro e uma garagem. Meu falecido pai, metalúrgico, tinha um fusca amarelo. Minha mãe, funcionária pública, era “chefe de salário família”<sup>32</sup>. Lembro-me bem disso, porque nos anos iniciais da minha formação, antes de ir para a escola, eu ia para a repartição onde ela trabalhava e lá ficava brincando entre arquivos, processos de papel e carimbos.

<sup>28</sup> Termos extraídos da canção “Maiô da Mulher Maravilha” da dupla No Porn. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=IzAz2aK3SE&ab\\_channel=Noporn](https://www.youtube.com/watch?v=IzAz2aK3SE&ab_channel=Noporn). Acesso em: 30 out. 2021.

<sup>29</sup> Termo criado por Paco Vidarte em seu livro **Ética Bixa**.

<sup>30</sup> Referência à Diana J. Torres, autora do livro **Pornoterrorismo**.

<sup>31</sup> Legendas fabuladas.

<sup>32</sup> Apesar do título pomposo, minha mãe não chefiava ninguém. Ela era a única responsável por todos os processos referentes às famílias que tinham direito a receber o “salário família” do governo do estado. Um benefício similar ao “bolsa família” atual, mas de menor valor. O benefício era cancelado quando o dependente completava 18 anos, mas se estivesse na universidade, ele era ampliado até o dependente completar 24 anos.

Figura 4 – Da esquerda para a direita: 1) Foto que fiz de minha mãe no trabalho em 1988; 2) Eu, no portão da garagem de nossa primeira casa com o fusca amarelo de meu pai ao fundo, em 1975



Fonte: Acervo pessoal do autor.

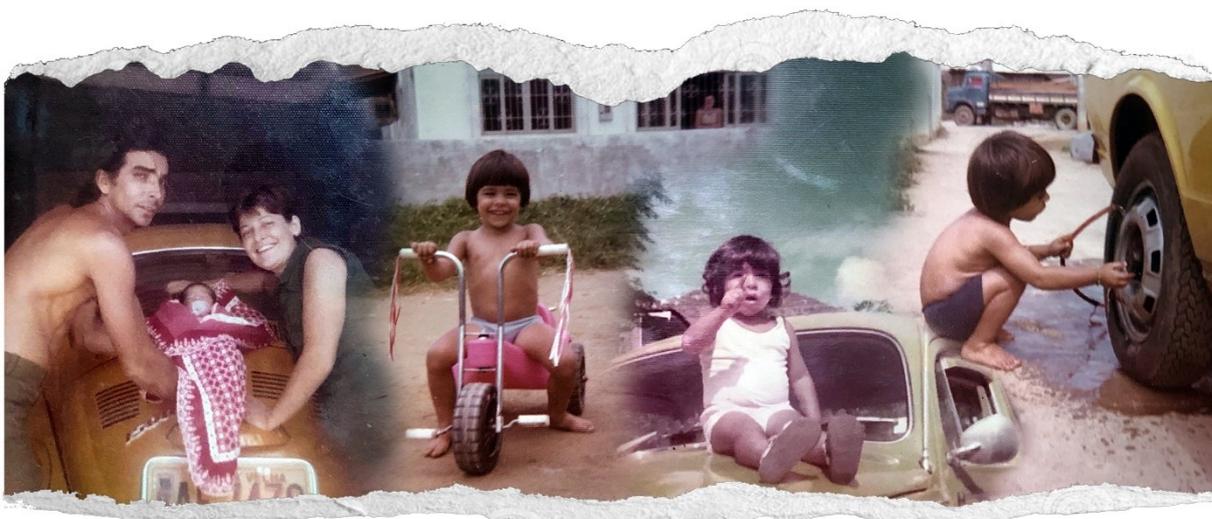
Nossa casa foi construída numa parte do terreno onde ficava a casa dos meus avós maternos. E beirando todo este terreno havia um valão onde eram depositados todos os dejetos das casas que existiam à sua margem. Em outras palavras, o valão era um esgoto a céu aberto. Nesta casa, no bairro Paul, vivi com meus pais e meu irmão mais velho até atingir os meus quatro anos, pois nos mudamos para um apartamento de dois quartos no bairro Itapoã, também em Vila Velha. Foi um momento de ascensão na família.

Naquele tempo, Itapoã era longe do centro da capital, mas era um bairro com praia. Para ir de Itapoã ao centro de Vitória, onde minha mãe trabalhava, precisávamos pegar um ônibus que nos oferecia duas opções de trajeto até a capital: ou era via Rodovia Carlos Lindemberg (mais rápido), ou era via Paul, nosso antigo bairro e onde minha avó materna permaneceu ainda por muitos anos. Apesar da nossa mudança de casa, o bairro Paul permaneceu muito presente em nossas vidas. Além de minha avó, eu tinha tios, tias, primos e primas que viviam lá. Passei boa parte de minha infância entre Itapoã e Paul.

À medida que o tempo foi passando, fui me afastando de Paul, mas os laços com o antigo bairro nunca foram totalmente rompidos. Paul de boas e más recordações. Em Paul, fui batizado na igreja católica que ficava próxima ao porto onde meu pai trabalhava. Em Paul, ainda bebê, fui menino Jesus na peça de teatro da igreja onde tia Regina, irmã de minha mãe, fazia parte do grupo de jovens. Paul sempre esteve no meu caminho, nas fotografias em família e nas minhas memórias.

Eu nunca soube o real significado de Paul. Quando comecei a aprender inglês, descobri que *Paul*<sup>33</sup> era nome próprio e significava Paulo. Apesar da grafia semelhante, a sonoridade era bem diferente. Seria *Paul* um marinheiro que aportou naquelas bandas em tempos remotos? Paul era um bairro antigo de Vila Velha, mas não fazia sentido nenhum um nome tão inglês para aquela região. Afinal, Paul não ficava em Greenville<sup>34</sup>.

Figura 5 – Fotos em Paul. Da esquerda para a direita: 1) Com meus pais, Romilda e Guilherme, em 1974; 2) Brincando na minha “motoca”, em 1976; 3). No capô do fusca do meu pai, em 1975; 4) Lavando o Passat novo do papai, também amarelo, em 1976



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Para satisfazer minha curiosidade, dei um Google<sup>35</sup>, afinal, quem ainda consulta dicionários de papel? Só se faltar luz ou acabar a bateria do celular, não é mesmo? Então escrevi no site de buscas: “Paul significado”. Teria algum? Eis que o oráculo da cibercultura, aquele que tudo sabe e vê, me trouxe uma resposta: “Paul, substantivo masculino; pântano. Similar: lodaçal; aguçal; alagadiço; alagado; etc.”. Pausa dramática!

Eu acabara de descobrir naquele momento, ainda olhando estarecido para a tela do computador, que eu era, literalmente, uma beesha do pântano. A *Swamp Thing*<sup>36</sup> brasileira.

<sup>33</sup> Em inglês, sonoramente, pronuncia-se “Poul” (algo assim).

<sup>34</sup> Cidade fictícia da telenovela **A Indomada** de Agnaldo Silva e Ricardo Linhares em 1997. Segundo o site da Memória Globo, Greenville era uma “cidade do litoral do Nordeste ocupada pelos ingleses no século XIX para a construção da ferrovia Great Western Railway, e onde costumes britânicos e nordestinos se misturam”. E o que chama a atenção na novela era o sotaque dos atores que misturavam o inglês com o português, mas com sotaque nordestino. Exemplos: “Oxente, *my God!*”; “Você me *understende?*”; “Já falei com *daddy*”; “Tudo *all right*”. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-indomada/>. Acesso em: 30 out. 2021.

<sup>35</sup> Site de buscas na internet.

<sup>36</sup> Série americana da DC Comics que mistura super-herói com terror. Em português, o Monstro do Pântano é uma criatura que luta contra as forças do mal que rodeiam um pântano no estado da Louisiana.

Entretanto, agora devidamente vacinado contra a covid-19, virei jacaré<sup>37</sup>. Portanto, identifique-me mais com a nossa velha e conhecida Cuca<sup>38</sup>, a feiticeira lindona<sup>39</sup> mais terrível do folclore brasileiro. “Cuidado com a Cuca que a Cuca te pega. E pega daqui e pega de lá”<sup>40</sup>.

Figura 6 – Frente e verso de uma fotografia. Minha mãe tinha o hábito de escrever atrás (ou até mesmo na frente) das fotos para não esquecer a localidade ou o momento



Fonte: Acervo pessoal do autor.

<sup>37</sup> Em 17 de dezembro de 2020, Jair Bolsonaro, enquanto Presidente da República, disse em evento na Bahia sobre a vacina da Pfizer: “Se você virar um jacaré, é problema seu”. Tal despautério gerou memes incríveis na internet com pessoas indo se vacinar para combater a Covid-19 vestidas de jacaré, com orgulho, no SUS.

<sup>38</sup> Quando criança, eu assistia encantado ao “Sítio do Picapau Amarelo”. Foi o primeiro audiovisual que tive contato e lembro de memória algumas passagens. O programa estreou na TV em 1977. Eu tinha 3 anos de idade e ainda morava com meus pais em Paul. O “Sítio” faz parte das minhas primeiras lembranças. Lembro que a TV não era 24 horas como hoje. Havia encerramento e abertura da programação. O “Sítio” era o primeiro programa da grade de programação. O aparelho de televisão ligado exibia barras coloridas antes da TV Globo iniciar sua transmissão. Eram momentos de expectativa. As histórias de Monteiro Lobato adaptadas para a televisão, naquele momento, devia ser uma febre, pois eram poucas as opções. A trilha sonora era impecável e original. E entre tantos personagens, existia a Cuca. Todos tinham medo dela. Inclusive nós, as crianças.

<sup>39</sup> Na série de TV, a Cuca vivia se olhando no espelho e sempre se achando muito linda. O adjetivo “lindona” foi retirado da canção da Cuca no especial “Pirlimpimpim”, palavra mágica da história. O musical, de 1982, era sobre o “sítio” e para comemorar os 100 anos de Monteiro Lobato, autor da obra literária. Nos últimos anos, a obra vem sendo acusada de ser racista. Por isso, a bisneta de Lobato, Cleo Monteiro Lobato, está atualizando a obra que já caiu em domínio público: “As obras infantis de Lobato contêm expressões, frases e descrições que não podem passar, mas que servem para a abrir a discussão sobre o preconceito, entre outros temas. Não há mais espaço para piadas racistas, homofóbicas ou misoginistas. Para mim, não adiantava mais dizer apenas que eu não era racista, eu precisava me posicionar como antirracista. Por isso decidi manter o legado de Lobato vivo, e atualizá-lo para as próximas gerações”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/obras-de-monteiro-lobato-passam-por-atualizacao-apos-acusacoes-de-racismo/>. Acesso em: 30 out. 2021.

<sup>40</sup> Referência à canção original da Cuca na série de TV **O Sítio do Pica-pau Amarelo**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=TqYM4n3I6l8&ab\\_channel=tvtrubetube](https://www.youtube.com/watch?v=TqYM4n3I6l8&ab_channel=tvtrubetube). Acesso em: 30 out. 2021.

Esse arquivo confidencial<sup>41</sup> foi produzido para dizer que a vida transborda e que a memória é uma ilha de edição, assim como nossas pesquisas com os Cotidianos<sup>42</sup>. “A vida não cabe no Lattes”, como dizem. Portanto, tenho buscado outros modos de fazer ciência, de confeccionar e brincar epistemologias. Falo de uma ciência encarnada e tão artificial e prostética (Preciado, 2014) quanto aos gestos que produzem e diferenciam gêneros. Radicalizando: uma ciência visceral, com fogo nas entranhas<sup>43</sup>. Ciência ou morte!

Aprendi com Deleuze (2018, p. 195) que “a potência do falso só existe sob o aspecto de uma série de potências, que estão sempre se remetendo umas às outras e penetrando umas nas outras”. Relação de forças. Relações de poder, diria Foucault (2014). E, ao analisar a figura do falsário nas narrativas dos filmes de Welles<sup>44</sup>, “elevando o falso à potência, a vida se libertava tanto das aparências quanto da verdade: nem verdadeiro nem falso, alternativa indecível, mas potência do falso, vontade decisória” (Deleuze, 2018, p. 210). “Desejo”. “Necessidade”. “Vontade”<sup>45</sup>.

Portanto, minha autoestima delirante apresenta uma ciência fabulada, desrostificada, criadora de verdade (nem pior, nem melhor que as outras). “Eu é outro” (Deleuze, 2018, p. 195). E esse outro é produzido, fabulado, encenado cotidianamente por meio de performances hipertextuais. O outro eu que ganha vida quando o eu das sociabilidades caretas<sup>46</sup> não basta, é composto por @, *usernames*, retratos alterados por filtros, efeitos de algoritmos atentos à geolocalização. Um eu tornado nós, pois faz parte de um movimento maior simulado na cibercultura. Eu que moro numa ilha de edição, bem como a minha pesquisa, que já se chamou dissertação e que hoje batizo de tese. Assim, com essas premissas em vista, percorro meu caminho na intenção de sublinhar um termo que apareceu timidamente na minha dissertação de mestrado, a “audiovisualização da ciência”<sup>47</sup>, revelando as redes educativas (Alves, 2019) nas

---

<sup>41</sup> Arquivo Confidencial é um nome de um quadro do extinto programa dominical da TV Globo, Domingão do Faustão. O quadro, apresentado por Faustão, pegava de surpresa artistas convidados para o programa com uma série de depoimentos de amigos, familiares, colegas de trabalho falando sobre a carreira, a vida daquele artista.

<sup>42</sup> Mais adiante falarei deste conceito.

<sup>43</sup> O livro **Fogo nas Entranhas** é de autoria do cineasta espanhol Pedro Almodóvar. No Brasil, o prefácio é da atriz Regina Casé que o intitulou de “Calor na Bacurinha”.

<sup>44</sup> Orson Welles foi “um dos artistas mais versáteis do século XX no campo do teatro, do rádio e do cinema, em que obteve excelentes resultados”. Escreveu, produziu, dirigiu e estrelou o filme **Cidadão Kane**, o mais bem-sucedido de sua carreira. Também dirigiu **A Dama de Shanghai**, filme *noir* de grande sucesso. Fonte: Wikipédia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Orson\\_Welles](https://pt.wikipedia.org/wiki/Orson_Welles). Acesso em: 30 out. 2021.

<sup>45</sup> Referência à canção “Comida” dos Titãs. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hD36s-LiKlg&ab\\_channel=PlanetaTitas](https://www.youtube.com/watch?v=hD36s-LiKlg&ab_channel=PlanetaTitas). Acesso em: 30 out. 2021.

<sup>46</sup> Gíria para denominar antiquado.

<sup>47</sup> O termo foi criado por Leonardo Nolasco-Silva para nomear um movimento realizado por mim, junto com Ana Letícia, Bruno Rossato e pelo próprio Leo, de forma independente da nossa. Eu estava para concluir minha pesquisa do mestrado e estava indignado pelo fato de um texto ter mais pontuação que um vídeo nos processos seletivos de bolsa e até mesmo no Lattes. E eu explicitava isso no texto da minha dissertação. Foi numa dessas conversas de cantina que Nolasco-Silva sugeriu que eu brincasse com o nome do movimento “narrar a vida e

quais fui e sou formado e a partir das quais formo outras pessoas e outras redes, trazendo para o campo da educação a ideia de uma pedagogia do erótico, um pornocurrículo que age como uma tecnologia visual (Preciado, 2014) e integra a formação dos sujeitos. Redes educativas das ‘*prácticasteorias*’ pornocurriculares<sup>48</sup>, enredadas em tantas outras como a escola, a família, a religião, o trabalho, as mídias etc. É no encontro da educação com os corpos que essa tese acontece – ou espera acontecer. Em tempos em que as escolas são ameaçadas de interdição nos debates de gêneros e sexualidades, é fundamental pensar o erótico em termos de ‘*ensinosaprendizagens*’ que se dão “na rua, na chuva, na fazenda ou numa casinha de sapê”<sup>49</sup>, mas também no recreio, no pátio, no banheiro da escola, na sala de aula etc.

Os professores raramente falam sobre o lugar de Eros ou do Erótico em nossas salas de aula. Formados no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental, muitos de nós aceitamos a noção de que existe uma cisão entre o corpo e a mente. Crendo nisso, as pessoas entram na sala para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo. Chamar a atenção para o corpo é traír o legado de repressão e negação que nos foi transmitido pelos professores que nos antecederam, em geral brancos e do sexo masculino. Mas os nossos antecessores não brancos eram igualmente ávidos por negar o corpo. A faculdade predominantemente negra sempre foi um bastião da repressão. O mundo público do ensino institucional era um local onde o corpo tinha de ser apagado, tinha de passar despercebido (hooks, 2013, p. 253).

O relato de bell hooks (sempre com letra minúscula, pois assim ela pediu), professora universitária nos Estados Unidos da América, nos revela o quão sensível e negligenciado é o tema desta tese e nos dá pistas acerca da relevância do corpo nos gestos da pesquisa. Precisamos resistir à repressão e à negação dos nossos próprios corpos – tramas de múltiplas costuras que vamos cerzindo e descosturando enquanto ‘*sentimosvivemos*’ a dor e a delícia de sermos quem estamos. Os corpos estranhos<sup>50</sup> aos padrões hegemônicos de gênero, sexualidade, raça, classe social, comportamento, beleza, altura, peso, entre outros, serão capazes de delatar e, quem sabe, propor alternativas de combate às irregularidades, às violências, às segregações, às inferiorizações, ao extermínio.

---

literaturizar a ciência” de Nilda (Alves, 2015) por “narrar a vida e audiovisualizar a ciência” (“com vontade”, salientei no meu texto). Esta história teve desdobramentos que eu vou contar mais adiante no decorrer desta tese.

<sup>48</sup> Aqui, Nolasco-Silva me socorreu mais uma vez. Em conversa por telefone, ele me sugeriu diversos nomes mais suaves para a rede. Insisti que eu queria incluir o “pornô” no nome da rede pelo estigma que a palavra carrega. Foi assim que, junto com ele, surgiu o termo “redes pornocurriculares”.

<sup>49</sup> Referência à canção “Na Rua, na Chuva, na Fazenda (Casinha de Sapê)” do cantor e compositor Hyldon (1975). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5Y7PQxtmJ5k&ab\\_channel=iencarella](https://www.youtube.com/watch?v=5Y7PQxtmJ5k&ab_channel=iencarella). Acesso em: 05 dez. 2021.

<sup>50</sup> Roubei o termo “corpos estranhos” da bell hooks.

Esta é, pois, uma pesquisa realizada por um corpo estranho. Desde criança me sinto assim: estranho, uma criança viada<sup>51</sup>, um corpo beesha. Melhor dizendo, esta é uma pesquisa de uma beesha professora. “Abre cena, rasga a cortina, veste cinema”<sup>52</sup>. A beesha que como a Cuca encara o espelho com sua “autoestima delirante”<sup>53</sup>. Um “corpo espetáculo”<sup>54</sup> em plena expansão, dilatação, coprodução. Atenção! Depois não venha me dizer que eu não avisei: agora, “a Cuca vai brincar e vai ser de arrepiar”<sup>55</sup>.

### 1.1 “Aparelho excretor não reproduz”<sup>56</sup>

A Teoria Queer trouxe o ânus, que faz parte do aparelho excretor, para o centro do debate das questões de gênero e sexualidade, deslocando-se do pênis e da vagina (órgãos essencializados, normalizados e normatizados), para pensarmos o mundo, as coisas, a vida numa outra perspectiva, uma outra lógica, para a produção de outros ‘*conhecimentossignificações*’. Por isso, posso afirmar que: aparelho excretor não reproduz, produz a diferença! Uma “diferença que não quer ser domesticada, naturalizada pelo centro por processos de assimilação que se concretizam mediante a patologização das identidades” (Vieira, 2020, p. 45).

Assim sendo, a beesha pesquisadora vai anunciar os objetivos gerais e específicos desta pesquisa de forma mais protocolar, porque é preciso evitar a queda (Vidarte, 2019). Que a luz de Tieta<sup>57</sup> me ilumine, pois é o meu que está na reta!

---

<sup>51</sup> O termo “criança viada” era o título de uma página no Tumblr, criada por Iran Giusti, que reunia imagens enviadas por seguidores de quando eram crianças e apresentavam traços e trejeitos não heteronormativos. A página saiu do ar após denúncias infundadas de apologia à pedofilia na plataforma. Toda confusão começou na exposição **Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira**, que foi suspensa de forma precoce pelo Santander Cultural, local da exibição, após grande pressão da “onda conservadora” que se instaurou no país. A obra da artista Bia Leite foi inspirada nas fotografias contidas na página, o que deu visibilidade e promoveu o ataque à mesma. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2017/09/pagina-crianca-viada-e-reativada-no-tumblr-9900761.html>. Acesso em: 30 out. 2021.

<sup>52</sup> Frase extraída da canção “Maiô da Mulher Maravilha” da dupla No Porn.

<sup>53</sup> Termo extraído da canção “Maiô da Mulher Maravilha” da dupla No Porn.

<sup>54</sup> Termo extraído da referida canção acima.

<sup>55</sup> A canção da “Cuca” no musical **Pirlimpimpim** foi interpretada por Angela Ro Ro. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9TJy8dWPKug&ab\\_channel=AngelaRoRo](https://www.youtube.com/watch?v=9TJy8dWPKug&ab_channel=AngelaRoRo). Acesso em: 30 out. 2021.

<sup>56</sup> Resposta homofóbica de Levy Fidelis (PRTB) à Luciana Genro (PSOL) em debate na TV para as eleições presidenciais de 2014. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/videos/aparelho-excretor-nao-reproduz-responde-levy-fidelix-em-debate-24112016>. Acesso em: 30 out. 2021.

<sup>57</sup> Referência à obra literária de Jorge Amado, **Tieta do Agreste**, que já foi adaptada para a TV no formato de novela por Agnaldo Silva, e para o cinema por Carlos Diegues. Caetano Veloso, compositor da música do filme, exaltou em seus versos: “Êta. Êta, êta, êta. É a lua é o sol. É a luz de Tieta”. Na história de Jorge Amado, Tieta leva a luz elétrica para sua cidade natal, a pequena Santana do Agreste.

Podemos dizer que o objetivo geral desta pesquisa é pensar a dimensão do erótico na produção dos corpos, compreendendo tal produção a partir de redes educativas das ‘*prácticasteorias*’ pornocurriculares, atuantes no ‘*dentrofora*’ das escolas e nas vivências tecidas com a cibercultura e instituintes de redes de ‘*prácticasteorias*’ cibercorporais (Nolasco-Silva, 2024).

Mas o que é que essa beesha quer?

Especificamente, podemos dizer que meu desejo é abordar a produção dos gêneros e das sexualidades nas redes educativas que se enredam com o/no ciberespaço, compondo redes educativas cibercorporais. Depois, problematizar a atuação do corpo nas pesquisas em educação, propondo práticas de pesquisas encarnadas cuja circulação pode se dar em gestos de audiovisualização da ciência. E pesquisar, por meio de conversas e cartografias digitais, os cotidianos de corpos dissidentes que produzem processos de subjetivação insurgentes e criam redes de indisciplina audiovisualizadas. E, também, audiovisualizar a pesquisa resultante da tese, de modo a ampliar as artes de fazer (que são artes de pensar) ciência com os cotidianos.

### 1.1.1 Sui Generis

Meu primeiro estágio, ainda graduando em Comunicação Social, foi na extinta revista **Sui Generis**. Eu até diagramava algumas poucas páginas da revista, respeitando o projeto gráfico do *designer* Felipe Taborda<sup>58</sup>, entretanto, logo de cara, recebi a tarefa de criar o projeto gráfico de uma outra revista, a **Homens**. A **Sui Generis** já era de circulação nacional e a **Homens** também viria a ser. Para uma beesha jovem de 21 anos, o desafio era imenso. Por outro lado, eu também não entendia ou tinha a dimensão do que isso significava, então, simplesmente fiz.

Em 1996, a SG-Press Editora ficava localizada em uma casa na rua Siqueira Campos, em Copacabana. Eu morava no mesmo bairro e ia a pé para o estágio. A redação era ocupada por jornalistas de ambas as publicações. Na época, estava em voga a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) e a redação era um microcosmo deste conceito. Juntos, homossexuais e heterossexuais, fazíamos a coisa acontecer e a revista chegar nas bancas para os ávidos leitores e leitoras do Brasil. No período em que lá trabalhei, ou seja, de 1996 à 1997 (com a renovação do meu estágio), a revista Sui Generis estava consolidada no mercado editorial e ampliando seu

---

<sup>58</sup> O *designer* gráfico Felipe Taborda era muito conhecido por fazer trabalhos para o jornal **O Globo**. Algumas capas e páginas internas da **Sui Generis** podem ser vistas em seu acervo no site: <http://www.felipetaborda.com.br/ptbr/>. Acesso em: 27 nov. 2021.

prestígio ‘*dentrofora*’ da comunidade LGBTQIAPN+ pela forma como eram tratados os mais diversos assuntos em cada publicação. Mas, por outro lado, os grandes anunciantes tinham receio de vincular seus produtos na revista. Boa parte dos anúncios da revista vinha de empresários do segmento, ou seja, bares, boates, locadoras de vídeo, saunas, entre outros. O custo de cada edição em cores era alto e os anúncios destes pequenos empresários não eram suficientes para a manutenção de toda a estrutura para viabilizar a produção e distribuição dos exemplares.

A revista **Sui Generis** não incluía ensaios de nu masculino em suas edições, o que era muito comum nas publicações “gays”. Isso refletia nas vendas diretas nas bancas e o público-alvo daquela época, acostumado com a nudez em tais publicações, reclamava.

O desejo de parte de seus leitores e a opção estratégica da revista pela assepsia das imagens, descartando o nu frontal (sobretudo o masculino), estavam em conflito. Essa opção da editora é também, muitas vezes, a opção da Academia, das docências, da ciência. O corpo nu, desnudado, sem capa, é interdito – seja o corpo do pesquisador, seja o corpo do interlocutor. Nesse sentido, esta tese é uma tentativa de romper com essa interdição, desnudando a ilusão da pesquisa sem corpo, contando histórias dos cotidianos numa ilha de edição<sup>59</sup>.

Voltando ao que contava acerca da editora, para resolver o conflito, a SG-Press resolveu criar a revista **Homens**. Tal iniciativa resolveria duas questões, pois além de atender a demanda de uma parcela de seu público (que exigia a nudez de bofes escândalo<sup>60</sup> – ou, simplesmente, *bofescândalo*), por outro lado, caso emplacasse (e emplacou), a nova publicação poderia suprir

---

<sup>59</sup> A ideia de que pesquisar com os cotidianos é fazer documentário surgiu na minha dissertação. E após tantas conversas com Leonardo, a frase foi ampliada: “Pesquisar com os cotidianos é fazer documentário (ou seja, é fazer ficção)”. Percebemos que “como editores de vídeo (que somos), usamos a ideia de *ilha de edição* como metáfora para o modo como comunicamos as nossas pesquisas: em nossos textos (escritos, falados, encenados, filmados etc.), cortamos, mixamos, damos *zoom*, colorizamos, sonorizamos, sublinhamos cenas com maior ou menor velocidade, isto é, criamos narrativas não só a partir do que foi produzido no campo, em termos de ‘*conhecimentosignificações*’, mas também bricolamos as formas por meio das quais costumamos nossos entendimentos e marcamos nossas assinaturas. Fazemos ficção não por acreditar que a pesquisa seja um processo que produz mentiras – ou um ciclo eterno de relativizações –, mas por entendermos que o estabelecimento de verdades (por meio da ciência) será sempre uma aposta arbitrária e temporária. Ficcionalizar a ciência – ou “literaturizar, narrando a vida” (Alves, 2015) – nos serve como tática para a circulação dos *saberesfazeres* científicos, para além das salas de aula e da Academia. Investe-nos, enquanto pesquisadores, de voz autoral que pode ser expressa artisticamente, potencializando nossos corpos, autorizando-os aos atravessamentos, à comunhão com os nossos interlocutores e à consideração de nossas biografias como fios condutores legítimos de nossa escrita científica, reconhecendo que toda a expressão cultural é sempre ética, estética e política. Ao *literaturizar a ciência* precisamos reconhecer que todas as redes que formamos e nos formam, se articulam em nós e nos transformam em ilhas de edição do que vai ser dito, produzido, criado (Nolasco-Silva; Reis, 2021, p. 05).

<sup>60</sup> A expressão “bofe escândalo” era muito usada na época para dizer “homem demasiadamente bonito e desejável”. Hoje, o correto é dizer “boy magia” para não revelar sua idade e parecer desatualizada. Se já houve uma outra atualização do termo, esta beesha pesquisadora desconhece.

os custos adicionais da primeira. Em outras palavras, o número de vendas da **Homens** poderia ajudar na manutenção da **Sui Generis**, o orgulho da editora. E é neste momento da história da SG-Press Editora que a beesha do pântano entra em cena. Beesha, mas como você chegou ali? Quem era você na fila do pão?<sup>61</sup> Esta é uma outra historinha que preciso narrar, pois é tão *sui generis* quanto o nome da revista.

Figura 7 – Patrícia América, plena e exuberante no carnaval de 1996



Fonte: Acervo pessoal do autor.

<sup>61</sup> “Quem é você na fila do pão?”, “Quem sou eu na fila do pão?” são expressões comumente utilizadas para questionar (ou se questionar) o grau de importância dos sujeitos em determinadas situações.

Foi uma imagem fabulada de mim que me levou até a SG-Press Editora. A foto do carnaval de 1996, em que fui produzido pela minha amiga Jessica para a Banda de Ipanema, rodou o Brasil numa exposição da própria revista. O fotógrafo de eventos da publicação, Cabbet Araújo (amigo pessoal e com quem eu dividia um apartamento em Copacabana), incluiu a tal fotografia na exposição. Eu mesmo não fui em nenhuma delas, pois elas aconteceram fora do Rio de Janeiro. Nem lembrava mais que a minha personagem Patrícia (a patricinha do carnaval) estava circulando. Eu não tinha nenhum contato, além do Cabbet, com a revista **Sui Generis**. E foi num evento, dentro da minha própria casa, que conheci o José Viterbo (diagramador) e o Nelson Feitosa (editor-chefe). Assim que fomos apresentados, o Viterbo me disse: “Ah, você que é o Vinny da foto na Vieira Souto? Eu amei aquela foto”. Lembro que fiquei envergonhado. Quanta bobagem! É que na minha cabeça da época, a Patrícia pertencia ao carnaval. Ela, que estava esquecida (por mim), se fez presente na narrativa de um interlocutor casual. Algumas fabulações não terminam quando matamos a personagem. O meu corpo produzido como corpo e vida de Patrícia voltava à cena, sinalizando que corpos são também registros de histórias que, ao contarmos, deixam de ser nossas e passam a ser do mundo. O corpo masculino, ao mimetizar uma versão do feminino imaginado, produziu afetações não previstas por mim – o *performer* – numa dobra do tempo que eu já julgava findada. O corpo educado deseduca a gente quando assanhado por outros corpos.

Uma semana depois, em casa, Cabbet me chama ao telefone: “Vinicius, o Viterbo da **Sui Generis** quer falar com você”. Eu não acreditei. Achei que era piada. E perguntei ao Cabbet quem estava ao telefone. Devo ressaltar que nos anos 1990, celular era coisa rara. Então, era um telefone fixo para todos. Em pé, segurando o fone, Cabbet me respondeu: “É o José Viterbo da **Sui Generis**”. Continuei não acreditando, afinal, eu não tinha nada a conversar com o Zé, a gente mal se conhecia. Insisti em saber quem “realmente” estava ao telefone. Irritado, com o braço esticado na minha direção, Cabbet gritou: “Atende logo a porra desse telefone”. Alô! Do outro lado da linha estava Viterbo que, ao saber que eu fazia Produção Editorial na UFRJ, me convidava para conversar com o Nelson Feitosa, o editor-chefe da revista, para uma possível vaga de estágio.

E foi assim que a beesha do pântano, transformada em Patrícia no carnaval, depois de estar na carroceria certa, do caminhão certo, do clique certo, da exposição certa, foi parar na redação da revista mais descolada para a comunidade LGBTQIAPN+ dos anos 1990. Um golpe de sorte, certamente! Uma trajetória, no mínimo, singular. Em outras palavras, uma performance profissional *sui generis*.

E o que tem a ver toda essa pavulagem<sup>62</sup> com a Educação, beesha?

Tem tudo a ver com Educação quando pensamos nas múltiplas “redes educativas que nos formam como docentes e a todos como cidadãos, trabalhadores, seres políticos, sociais e históricos” (Alves, 2019, p. 115). Por isso, é importante narrar essas histórias.

Em primeiro lugar, chamo a atenção para que entendo que todas essas redes são ‘*espaçostempos*’ de reprodução, transmissão e criação de ‘*prácticasteorias*’ que se articulam, permanentemente, embora com intensidades e sentidos diversos, dependendo da ocasião, do lugar, dos ‘*praticantespensantes*’ envolvidos e das ações que desenvolvem, do acaso... Todos nós, nesses diferentes ‘*espaçostempos*’, somos ‘marcados’ pelas relações que mantemos com muitos outros ‘*praticantespensantes*’ em múltiplos e complexos ‘mundos culturais’ (Augé, 1997; Alves, 2014) que nessas redes são criados e recriados. Todas essas redes são, assim, entendidas como de ‘*prácticasteorias*’, pois percebemos que nelas são criadas, permanentemente, práticas necessárias e possíveis ao viver cotidiano e intimamente relacionadas à criação de formas de pensamento a que podemos chamar ‘teorias’.

Em seguida, é preciso compreender que elas mantêm entre si – cada uma com todas as outras – múltiplas relações que, em situações diferentes, atuam com modos diversos sobre nós e conosco. Assim, entendendo que cada uma dessas redes entra em nossa formação, precisamos entender também as relações que mantêm entre si, pois estas marcam, de um ou de outro modo, a complexa formação que cada um de nós tem (Alves, 2019, p. 115).

Veja bem, a beesha sai do pântano e entra na universidade, se transforma fugazmente em borboleta e pousa lindamente na SG-Press Editora. Em outras palavras, a beesha sai de um centro regional (Vitória) e vai para a metrópole (Rio de Janeiro) que é uma das “redes das ‘*prácticasteorias*’ de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas” (Alves, 2019, p. 131) para continuar seus estudos, ou seja, para continuar seu processo de formação “oficial” nas “redes educativas das ‘*prácticasteorias*’ da formação acadêmico-escolar” (Alves, 2019, p. 116). Artificialmente modificada, me jogo no carnaval de rua do Rio de Janeiro transformada, completamente fabulada, a reflexão de minha própria imagem, pois o carnaval é a “fabulação do real no real. Pura fantasia!” (Reis *et al.*, 2020, p. 19). Eu jamais poderia imaginar que tais movimentos de expansão do/com o meu corpo – expansão que me permitiu ‘*viversentir*’, guardadas as devidas proporções, aproximações com o corpo feminino (o modo como ele é tratado/percebido nos ritos de aproximação de cunho sexual no carnaval, por exemplo) – antes impensáveis por mim, me levariam, por conta do acaso, à SG-Press Editora. Entendo este meu movimento com o meu corpo como pertencente às “redes das ‘*prácticasteorias*’ de criação e

---

<sup>62</sup> Expressão popular para designar pessoas que têm excesso de confiança em si mesmas; presunçosas. Comportamento de quem gosta de contar vantagens, que exalta seus próprios feitos e qualidades. Eu conhecia a expressão, mas nunca havia procurado o seu significado no dicionário. Ri muito. Consulta feita ao **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pavulagem/>. Acesso em: 22 nov. 2021.

‘uso’ das artes” (Alves, 2019, p. 120), pois me vali dos cursos de teatro que fiz anteriormente, entre eles o Tablado, para compor Patrícia, minha personagem. E o curioso desta criação é que Patrícia, que ganhou o sobrenome de América logo depois, também teve outras versões dela mesma: felina, recatada, norte-americanizada. Patrícia América existiu nos carnavais de 1996 e 1997, depois virou lenda.

Figura 8 – As diferentes versões de Patrícia América (ela tinha nome e sobrenome). Sempre acompanhada de Jessy, quem a produziu



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Todas as aproximações que faço aqui, seja com o corpo feminino ou com as redes educativas identificadas por Alves (2019), são fabulações. Tentativas de apropriação com as redes educativas que formei e que me formaram, pois com elas e a partir delas vivencio e percebo o mundo. Explicitar este processo, desta forma, com alguns de seus sentidos deslocados, uns com mais aderência que outros, é para mostrar como nos subjetivamos. As normas, as diretrizes, os conceitos, as lógicas existem, mas apesar das tentativas de controle e normalização, negociamos, subvertemos, alteramos os dispositivos de controle para produzirmos sentidos em nós mesmos.

Voltando às redes educativas, a redação da revista **Sui Generis** foi, para mim, uma espécie de “chão da escola” da vida. Como a nossa formação acontece em rede,

rizomaticamente, foi lá que a beesha do pântano entrou em contato com os mais diversos profissionais LGBTQIAPN+, entre eles: beeshas jornalistas, escritoras, produtoras de moda, fotógrafas, colunistas, empresárias, modelos, militantes, artistas, formadoras de opinião etc. Entrar em contato com essas pessoas foi também conhecer as suas pautas, as suas bandeiras, as suas dores e delícias que, em alguma medida, também eram as minhas. Aproximo, então, os ‘*espaçostempos*’ do estágio aos ‘*espaçostempos*’ das “redes das ‘*prácticasteorias*’ pedagógicas cotidianas” (Alves, 2019, p. 118), pois, de alguma forma, pela minha condição de estagiário, aquelas pessoas me viam ali como um aprendiz – o que, de fato, eu era – a inspirar nos demais profissionais o hábito de me ensinar as artes de fazer daquele trabalho e também as tantas outras questões “da vida”, como se a redação fosse um tipo de escola – pelo menos é assim que me recordo dela, atualizando as minhas memórias já tão contaminadas pelas ideias de redes educativas. Assim, “os múltiplos ‘*espaçostempos*’ escolares são entendidos como os que dão o chão ‘real’ para que se ‘*aprendaensine*’ o que é necessário” (Alves, 2019, p. 119). Foi na redação da **Sui Generis** que eu aprendi a “voar num limite improvável [e a] tocar o inacessível chão”<sup>63</sup>.

A redação de uma revista – no caso, duas: a **Sui Generis** e a **Homens** – é marcada pela circulação de muitas pessoas, desejos, inquietações, ideias, ‘*conhecimentossignificações*’ da/com a comunidade LGBTQIAPN+ (naquele tempo, GLS<sup>64</sup>). Mas o que torna essas pessoas parte de algo que modificou o modo como eu habito e interfiro no mundo? O que era produzido ali, naquele ‘*espaçotempo*’ de trabalho, com aqueles interlocutores e que agora volta – numa atualização da memória – como parte relevante dessa minha pesquisa de doutorado? Qual é o babado por trás dessa conversa para *boy* não dormir? Por mais que existam bares, boates, mostras de cinema, saunas, festas, pontos de encontro (públicos ou não), jornais, revistas, blogs etc., somente uma força é capaz de juntar todas as letras da sopa<sup>65</sup> num mesmo caldeirão. A homofobia<sup>66</sup> que, segundo me disse Paco, é como a força da gravidade e

<sup>63</sup> Referência aos versos da canção “Sonho Impossível”, traduzida por Chico Buarque.

<sup>64</sup> Jovanna Baby, militante da causa trans, disse em entrevista: “A gente ainda pegou uma tal de GLS que foi feito para segregar ainda mais as trans. Mas no meu ponto de vista, hoje LGBT, anteriormente GLB, sempre foi e continuará transfóbico pro [sic] resto da sua vida se as pessoas não se policiarem. Que todos os sujeitos que estão ali são importantes”, ou seja, todos os sujeitos que estão representados na sigla LGBTQIAPN+. Segundo Jovanna, o “T” só foi incluído, com dificuldade, em 1995. Trago este relato para contextualizar um pouco de como estávamos em 1996, ano em que fiz estágio na revista. O documentário do Centro de Memória João Antônio Mascarenhas que contou com a participação de Márcio Caetano, nosso parceiro do CUNADI, está no YouTube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=HxH\\_oizrT18&ab\\_channel=Centrodemem%C3%B3riaJo%C3%A3oAnt%C3%B4nioMascarenhas](https://www.youtube.com/watch?v=HxH_oizrT18&ab_channel=Centrodemem%C3%B3riaJo%C3%A3oAnt%C3%B4nioMascarenhas). Acesso em: 27 nov. 2021.

<sup>65</sup> Referência à sigla LGBTQIAPN+, muitas vezes chamada de “sopa de letrinhas” por outras beeshas.

<sup>66</sup> O termo “homofobia” aqui nesta tese, assim como foi na minha dissertação, é usado como um guarda-chuva para todas as outras violências que sofrem as pessoas LGBTQIAPN+ pela compreensão mais abrangente deste problema na sociedade. A homofobia já foi equiparada ao crime de racismo no Brasil pelo Superior Tribunal

[...] a força da gravidade é uma merda para as bixas e corta muito nossa liberdade. [...] Comparo a força da gravidade com o heterossexismo, a transfobia e a homofobia. Estão sempre atuando, com a mesma força e intensidade, limitando nossos movimentos, fazendo-nos cair, dificultando-nos o ato de levantar e ficar em pé, causando-nos tombos, obrigando-nos a nos arrastar. A gravidade homofóbica é uma força silenciosa onipresente (Vidarte, 2019, p. 109).

A percepção desta força maldita nos une e nos movimenta (ou deveria nos unir e nos movimentar) a lutar por coisas simples, como: “por onde circular em segurança”, até coisas mais complexas como a luta por direitos civis. E, embora a redação de uma “revista comercial” não fosse um “movimento social organizado”, havia um certo engajamento em favor das pessoas LGBTQIAPN+ nas nossas publicações. Por isso, identifico meus *‘espaçostempos’* do estágio como sendo, também, o das “redes das *‘prácticasteorias’* coletivas dos movimentos sociais” (Alves, 2019, p. 123), porque o diálogo constante com os movimentos sociais “oficiais”, e os *‘conhecimentossignificações’* com eles produzidos, reverberavam nas páginas da revista através dos olhares dos fotógrafos e das palavras dos jornalistas, colunistas, colaboradores e entrevistados. Segundo Alves (2019, p. 123),

As redes de atuação dos movimentos sociais precisam ser compreendidas tanto nos modos como se desenvolvem, bem como naquilo que têm indicado – e conseguido – quanto a necessidade e possibilidades de mudanças, quer no que se refere às normas existentes, quer com proposta que fazem aos currículos e aos processos didáticos.

Nelson Feitosa<sup>67</sup>, criador da **Sui Generis**, e todos os demais profissionais que passaram pela publicação, queriam alguma mudança, tanto no modo como éramos percebidos pelos sujeitos heterocisnormativos, quanto por nós mesmos.

Por último, e, talvez, a mais óbvia conclusão, considero que estes *‘espaçostempos’* do estágio remetem às “redes das *‘prácticasteorias’* de produção e ‘usos’ de mídias” (Alves, 2019, p. 129), pois os *‘conhecimentossignificações’* produzidos nos movimentos sociais, no cinema, na televisão, na música, nos *‘espaçostempos’* de socialização, enfim, nestas outras tantas redes eram conversados, debatidos, questionados para, por fim, serem publicados em forma de

---

Federal em 13 de junho de 2019. Entretanto, reconhecemos outros crimes mais específicos, como a lesbofobia e a transfobia *‘dentrofora’* do próprio movimento, como narrou Jovanna Baby na citação anterior.

<sup>67</sup> Em busca de uma nova possibilidade dentro do mercado editorial do mundo gay, no qual se encontravam apenas publicações com ênfase no erotismo, sobretudo pela via do nu masculino e dos contos eróticos, a nova revista investia numa possibilidade de afirmação gay a partir de temas como cultura, comportamento, moda e entrevistas com grandes nomes do meio artístico/político nacional. A **Sui Generis** apostava numa postura militante sem o ranço do ativismo dos anos 1970. Ela manteve uma atitude do “assumir-se”, mas também promoveu o desejo homoerótico e a autoestima. Tudo isso regado com textos analíticos, grandes doses de cor, fotografias muito bem-produzidas e um projeto gráfico inovador, compatível com sua proposta. A revista procurou, desde o início, encontrar um caminho para a expressão de uma identidade gay, que de certa forma refletisse o comportamento daquela comunidade nos anos 1990 (Rodrigues, 2011, p. 136).

matérias, entrevistas, colunas etc. Os textos eram por mim “usados” (Certeau, 2014), tanto no exercício da diagramação da revista, quanto no exercício da leitura em momentos de lazer. Nunca encontrei pessoalmente a cantora Vange Leonel<sup>68</sup>, que escrevia a coluna “Grrrls”, mas conversava com ela pelas páginas da revista, assim como com outros colunistas e colaboradores.

Figura 9 – Capas da revista **Sui Generis**, projeto do Felipe Taborda, e a capa da revista **Homens** que eu criei, meu primeiro projeto gráfico



Fonte: Google Imagens.

Naquele universo **Sui Generis**, como o Walter Mercado<sup>69</sup>, a beesha do pântano tinha “orgasmos cósmicos”. Tudo era novidade. Um novo mundo. A beesha estagiária ainda tinha a

<sup>68</sup> Vange Leonel “foi uma cantora-compositora, guitarrista rítmica, jornalista, blogueira, cronista, romancista, dramaturga, sommelier de cervejas, e ativista feminista e LGBT brasileira. [...] Sua canção mais famosa, ‘Noite Preta’, foi usada como o tema de abertura da popular telenovela **Vamp**”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vange\\_Leonel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vange_Leonel). Acesso em: 05 fev. 2024.

<sup>69</sup> Nos anos 1990, Walter Mercado ficou conhecido pela famosa frase “Ligue Djá” no Brasil. O astrólogo porto-riquenho divulgava serviços astrais de sua equipe na TV por um número de telefone, por isso, pronunciava, com sotaque, a referida frase que, no Brasil, virou título do documentário **Mucho Mucho Amor**, que conta a história de seu meteórico sucesso em toda América, de norte a sul. Lembro que o jornalista Gilberto de Abreu, então editor da revista, para fazer a entrevista, precisou fazer um ritual de purificação. Antes da data marcada, chegou na editora uma caixa cuja embalagem mais parecia uma caixa de brinquedos, um jogo infantil, que estampava uma foto do Walter e sua exuberante indumentária. Dentro havia um kit com pedras coloridas (rosa, azul, verde), um cristal (se não me engano) e um manual com instruções para a realização do tal ritual. Tudo no Walter era espetacular, excessivo e mágico. Por medo de não seguir o ritual antes da entrevista e ser desmascarado pelo mago, Gilberto não arriscou e seguiu à risca o passo a passo da purificação. Na data marcada, a entrevista aconteceu sem problemas. A entrevista foi publicada no Ano III – número 27 da **Sui Generis** com o título: “Profeta Camp: Com um visual híbrido de Roberto Leal e Hebe Camargo, o astrólogo Walter Mercado faz sucesso acrescentando androginia, exagero fashion e nonsense pop ao universo místico”. Dentre as várias perguntas formuladas pelo Gilberto, uma foi sobre a sexualidade humana. Para Walter, os seres humanos eram divididos em dois tipos: os sexuados e os assexuados. Então, Gilberto perguntou em qual categoria o astrólogo se enquadrava. A resposta teve destaque na publicação e juntava duas respostas do entrevistado de forma

tarefa de criar o *design* gráfico da nova publicação, a revista **Homens**. E, para realizar a tarefa a mim destinada, eu tinha que ter acesso em primeira mão a todos os textos, imagens e ilustrações, incluindo os ensaios de nu masculino dos nossos modelos. Eu não fazia a menor ideia, na época, de que ocupava um dos cargos mais desejados da nação! E, confesso, o meu primeiro projeto gráfico ficou horrível!

Delírios à parte, o que quero ressaltar com este relato é que, desde muito jovem, trabalhei com Eros<sup>70</sup>, com conteúdo erótico, mais precisamente, o homoerotismo. Entretanto, por uma decisão ético-estético-político-poética<sup>71</sup>, nomearei tais artes de fazer/ criar/ produzir os desejos (sexuais ou românticos) de pornográficas, entendendo a pornografia como uma tecnologia (visual, segundo Preciado, mas para esta beesha pesquisadora, audiovisual) de produção de corpos e subjetividades. E, por conseguinte, entendendo a pornografia como mais uma das redes educativas, de *‘prácticas teorías’* que atuam na produção dos corpos e subjetividades sexuadas, ou simplesmente, redes pornocurriculares.

Gostaria de contar outras histórias. Foram tantas naquele estágio. Como quando fazia silêncio na redação (coisa rara) e eu falava em voz alta: “Eu vou te contar que você não me conhece”. E todos riam. Uma clara referência à cantora Maria Bethânia de quem sou fã desde o colégio. O texto de Fauzi Arap<sup>72</sup> proferido por Bethânia serviu de base para a criação do curta

---

simplificada: “Fui à Índia e lá fiz voto de celibato. Desde então não tenho sexo com nada. Tenho orgasmos cósmicos”. Mais para o fim da entrevista, depois de várias perguntas sobre o Brasil, AIDS, música brasileira, filmes, livros etc., Gilberto questionou: “Você ficou chocado com os temas que abordamos?”. Walter respondeu: “Não. Já me perguntaram se eu era de outro planeta”. Walter Mercado nos deixou recentemente, aos 87 anos, em 02 de novembro de 2019.

<sup>70</sup> “O deus Eros, na mitologia grega, também chamado de Cupido na mitologia romana, era uma divindade mitológica relacionada ao amor e ao desejo. Eros é comumente representado como um jovem alado, portando um arco e flechas, as quais têm o poder de incitar sentimentos nos corações dos deuses e mortais. Sua importância dentro da mitologia reside na influência que exerce sobre as relações humanas, inspirando sentimentos de amor e desejo (flechas de ouro) ou ódio e repulsa (flechas de chumbo), desempenhando um papel fundamental nas narrativas mitológicas e na compreensão da natureza humana”. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/grega/deus-eros.htm#:~:text=O%20deus%20Eros%2C%20na%20mitologia,cora%20dos%20deuses%20e%20mortais>. Acesso em: 05 fev. 2024.

<sup>71</sup> “Guattari propõe a expressão paradigma ético-estético-político para se contrapor ao paradigma científico. Estético porque criação permanente, subvertendo a pretensa unidade do mundo capitalista; ético porque potência ativa que surge na imanência das práticas para coordenar a vida e escolher a forma de vivê-la, e político porque implica a escolha de modos de mundo que se quer viver” (Barros, 2000. p. 41). “Dessa forma, para compreender a potência das artes de fazer e das artes de narrar dos homens ordinários, faz-se necessário interrogar o que eles fabricam com os usos que fazem dos artefatos culturais que recebem”. A essa fabricação, Certeau chamou de *“poética, uma produção silenciosa que não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante”* (Certeau, 1994, p. 39, grifos do original). Tais maneiras de empregar implicam uma produção secundária que se realiza nos processos de uso de uma produção imposta” (Soares, 2022, p. 220).

<sup>72</sup> Fauzi Arap foi um diretor, autor e ator de teatro. Dirigiu o espetáculo **Pássaro da Manhã**, de Maria Bethânia, que depois virou disco e fita cassete. Nas apresentações, Bethânia misturava poesias (Fernando Pessoa, Ferreira Goulart, José Vicente, Lya Luft, Sophia de Mello Breyner e Natália Correia), textos de Fauzi Arap (criados para o espetáculo) e canções. O texto a que me refiro (disponível em: <https://www.letras.mus.br/maria-bethania/texto-de-fauzi-arap/>. Acesso em: 06 dez. 2021) escuto desde criança na voz de Bethânia no LP homônimo, **Pássaro da**

**Inconveniente**<sup>73</sup> que realizei, muito tempo depois, junto com Ana Letícia Vieira e Bruno Rossato no meu mestrado. Histórias que vêm e vão. Certa vez, atolado de trabalho, respondi a um anunciante que queria inúmeras modificações nos 12 anúncios que eu criei para ele: “Você não está entendendo, eu tenho uma revista para fechar”. A frase virou bordão, mas também operava como uma tática de praticante (Certeau, 2014) compartilhada para escapar do que nos oprimia e constrangia nossa vida, nossos modos de fazer e de trabalhar. Quem estava muito ocupado já sabia o que falar. Pelo menos, o anunciante, que era de uma rede de telesexo, ou seja, vários números telefônicos temáticos (exército, executivo etc.), não pediu modificação em um dos números: o Bofe Line. Criação minha o título da linha e foi, de todos os anúncios, o que mais recebia chamadas.

Figura 10 – Capa da revista **Homens** e o anúncio da linha “Bofe Line”



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Vou repetir o que já expliquei em nota de rodapé: pesquisar com os cotidianos é fazer documentário (ou seja, é fazer ficção), pois nestes nossos modos de fazer pesquisa, a metáfora

---

**Manhã**, de 1977. Meus pais, meus tios e tias, todos ouviam Bethânia! Meu gosto pessoal e de admiração pelo trabalho de Bethânia é herança de família. Lembro-me que, por volta dos meus 15 anos, na minha fase “lambada”, numa viagem em família de cinco horas de Vitória-ES para Nova Viçosa-BA, paramos na estrada. Eram dois carros. Eu estava no carro dos meus pais e minha avó no carro da minha tia Regina. Aproveitando a parada, espertamente, minha avó me chama para perto dela e, discretamente, me pede baixinho: “Vi, não tem uma outra fita cassete lá com você para emprestar? Pode ser lambada. Não aguento mais ouvir Maria Bethânia”. Nunca encontrei uma versão impressa original desse texto, nem no programa original do espetáculo (disponível em: <http://viledesm.blogspot.com/2013/12/eu-fui-obrigada-conhecer-o-avesso-do.html?m=1>. Acesso em: 06 dez. 2021) e nem no encarte do disco (que se limita a dizer: “Texto de Fauzi Arap”), nenhum rastro na internet. Foi a voz de Bethânia que o imprimiu.

<sup>73</sup> **Inconveniente** (2015). Disponível em: [https://youtu.be/kSH2JiNM-K8?si=T15HlzNKnhwQJ\\_iq](https://youtu.be/kSH2JiNM-K8?si=T15HlzNKnhwQJ_iq). Acesso em: 05 fev. 2024.

da ilha de edição enquanto processo de escrita nos coloca, como pesquisadores, em processos de escolha de imagens, seleção de textos, citações, conversas, músicas, sons e memórias, como acontece na montagem de um filme.

Com este breve relato (editado, mixado, destacado etc.), que também pode ser pensado como uma (auto)biografia reflexiva e problematizadora, justifico a minha escolha pelo tema de pesquisa, entendendo que não há mais como fugir do debate acerca do pornográfico como rede educativa central na produção dos gêneros e das sexualidades. Somos formados cotidianamente *por/com* imagens e sons que (des)educam os nossos sentidos, produzindo desejos e gramáticas por meio das quais lemos, sentimos, escrevemos e habitamos o mundo. A pornografia é produzida e consumida há milênios, saltou das narrativas orais para as paredes de uma caverna de um antigo sítio arqueológico de trabalhadores egípcios<sup>74</sup>, depois para os papiros, enfeitou as casas de Pompeia em afrescos belíssimos, encharcou a literatura, virou cartão-postal em ilustrações coloridas, depois tornou-se fotografia, dali para as revistas, das revistas para os filmes e dos filmes para o ciberespaço, alargando as experiências de imersão nas redes educativas cibercorporais. Compreender os modos como os cibercorpos produzem subjetividades por meio de redes *pornocurriculares* é algo que as pesquisas com os cotidianos, na ampliação da ideia de redes educativas, precisam investir. Nesse sentido, esta pesquisa é uma primeira contribuição para o campo.

---

<sup>74</sup> Neste momento, não acho propício fazer um histórico textual detalhado do termo “pornografia” e nem suas origens. Entretanto, os registros históricos mais antigos de pornografia foram encontrados no Egito. Mais adiante, farei meus apontamentos. Mas a história do “papiro erótico de Turim”, como ficou conhecido, eu vi no documentário **Sexo no Mundo Antigo: Erotismo no Egito**, produzido pelo canal History Channel e postado no canal do professor Julio Borbo no YouTube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2wUatA9iTwo&ab\\_channel=ProfessorJulioBorbo](https://www.youtube.com/watch?v=2wUatA9iTwo&ab_channel=ProfessorJulioBorbo). Acesso em: 27 nov. 2021.

## SEGUNDA TEMPORADA

### 2 SONHAR NÃO CUSTA NADA<sup>75</sup>

*Eu sou a noite mais bela  
Que encanta o teu sonho  
Te alucina por te amar  
Vem nas estrelas do céu  
Vem na lua de mel  
Vem me querer  
Delírio sensual  
Arco-íris de prazer  
Amor, eu vou te anoitecer  
(Samba-enredo da Mocidade, 1992)*

Em 09 de janeiro de 2022, domingo, foi ao ar mais um programa **Fantástico**<sup>76</sup>. Nele, o programa apresentou uma reportagem especial sobre “A disseminação de pornografia infantil na internet” e ressaltou ser este um “alerta para as famílias”, pois “jovens e menores de idade estão produzindo e vendendo material pornográfico nas redes sociais. São os chamados *packs*, pacotes com fotos”<sup>77</sup>, disse Poliana Abritta, apresentadora do programa.

A reportagem especial levou sete meses para ser concluída e desvendar o esquema. Duas delegadas participaram da matéria. A primeira delas, Simone Moutinho, da Bahia, disse: “Não dá mais para varrer a poeira para debaixo do tapete. Quando a gente fala de crimes envolvendo crianças e adolescentes, o que é que a gente faz? Ai, que coisa horrível! Não quero nem falar disso. E varre a poeira para debaixo do tapete”.

A delegada de São Paulo, Ana Lúcia Miranda, por sua vez, afirmou que a pandemia do coronavírus acentuou o problema, pois “esse isolamento social e num ambiente fechado, a

---

<sup>75</sup> Samba-enredo da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel (1992). Composição de Dico da Viola, Moleque Silveira e Paulinho Mocidade. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/paulinho-mocidade/sonhar-nao-custa-nada/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

<sup>76</sup> Na sua estreia, em 05 de agosto de 1973, o programa da Rede Globo apresentou ao público brasileiro a primeira versão de sua música de abertura. Hoje, a música apresenta sua melodia e os vocais não passam de sons guturais. Somente ao fim, vozes dizem claramente: é fantástico! Na estreia, a música era cantada e o título do programa era “Fantástico: o show da vida”. Por isso, o refrão da música composta por Guto Graça Melo afirmava: “É fantástico! Da idade da pedra ao homem de plástico. O show da vida é fantástico!”. A letra da canção contém outras duas afirmações que gostaria de destacar. A primeira fala dos sonhos: “Milhares de sonhos/ são para sonhar. Milhares que não se pode tocar”. E a segunda chama a atenção para a sexualidade humana: “Sexo/ sem ele o mundo não cresce”. A primeira versão da abertura do programa (1973) com a música cantada (interpretada pela cantora Vanusa e coro de vozes) está disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Fnp6wMmmuvs&ab\\_channel=AsVinhetasdoFant%C3%A1stico](https://www.youtube.com/watch?v=Fnp6wMmmuvs&ab_channel=AsVinhetasdoFant%C3%A1stico). Acesso em: 10 jan. 2022.

<sup>77</sup> As partes entre aspas referentes à matéria do Fantástico são transcrições extraídas do programa que foi ao ar em 09 de janeiro de 2022 direto do Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10196226/>. Acesso em: 05 fev. 2024.

internet o tempo inteiro, em período integral, [os jovens] acabam tendo mais contato com estes aliciadores e acabam fornecendo material”. A delegada também afirmou que não era comum a participação de adolescentes em esquemas de produção e venda de pornografia infantil. Esse aumento se deu nos últimos dois, três anos.

Já o psicólogo e pesquisador da USP, Jan Billand, disse que o tema de pesquisa<sup>78</sup> surgiu por meio de pesquisadoras juniores, que também aparecem na reportagem, pois o fenômeno se dava nas redes sociais delas. Questionado sobre como discutir pornografia com adolescentes, Billand responde: “A gente parte do princípio que eles vão acessar. Por exemplo, a escola é um lugar onde se poderia trabalhar essa questão. Ajudar as pessoas a ter uma relação mais pensada. Que pode ser um risco e como reduzir estes riscos”.

Ao fim da reportagem, apresentados os diferentes casos, o impacto nas famílias, a visão dos pesquisadores e a ação prática da polícia, a delegada Simone Moutinho, da Bahia, conclui: “Este problema existe. Estamos aqui mostrando. Precisamos conversar sobre isso. E quebrar esses paradigmas dentro da nossa sociedade”.

É indiscutível que o fenômeno do aumento do envolvimento de jovens e adolescentes com a pornografia infantil seja um problema. Assim como a própria pornografia infantil seja um problema social. Mas é curioso que a pornografia só apareça nas manchetes ou na TV quando há um problema, como os apresentados na reportagem, ou como uma ameaça à ordem moral social. ‘*Dentrofora*’ das escolas, a pornografia é um tabu. Dificilmente você encontrará em um livro sobre o cinema, entre os diferentes gêneros (drama, comédia, suspense etc.), a pornografia como mais um gênero audiovisual. Apesar dos apagamentos, a pornografia também é cinema. Assim como o drama, a comédia ou o terror, a pornografia tem lá seus cânones, ou seja, formas reconhecíveis de linguagem, estilo e estética.

Entender que a pornografia é mais uma forma de expressão humana e nos acompanha, enquanto civilização, há milênios, é a chave para a compreensão e o desenvolvimento deste trabalho. Negá-la, também, já não é mais uma opção. Hierarquizá-la com rótulos de “arte erótica” ou “cinema erótico” em detrimento das produções “amadoras” (rabiscos nas portas de um banheiro público ou vídeos íntimos vazados na internet) também já não é mais uma opção. Aqui, neste trabalho, e por força das circunstâncias, preciso delimitar meu campo, neste caso, o audiovisual, mas reconheço a pornografia como forma de expressão humana usada (Certeau,

---

<sup>78</sup> “Mulheres que produzem e vendem seus próprios conteúdos sexuais na internet: relatos e debates em mídias *on-line* acessíveis para adolescentes e jovens”. O estudo foi apresentado no 29º Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP (SIICUSP). Matéria do jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/de-rede-sociais-a-sexualidade-estudantes-do-ensino-medio-desenvolvem-projetos-de-pesquisa/>. Acesso em: 05 fev. 2024.

2013) para os mais variados fins, derramada nas canções, nas conversas, na literatura, nos filmes, nas paqueras, nas pinturas, na propaganda, nos desenhos, nas paredes, nos cadernos, nos aparelhos de celular, nos nossos cotidianos. A pornografia está no ar, como ondas sonoras invisíveis, mas que só são ‘*sentidas vividas*’ quando dispomos dos dispositivos apropriados para captar suas ondas.

A pornografia é um dispositivo virtual (literário, audiovisual, cibernético) masturbatório, é a sexualidade transformada em espetáculo, em representação pública, onde “pública” implica direta ou indiretamente comercializável, ou seja, um dispositivo de publicização do privado, apresentando comportamento genital e sexual explícito (Pátaro, 2015, p. 107).

Para entendermos o fenômeno que abre este capítulo e, posteriormente, os sujeitos do meu campo de pesquisa, preciso destacar que, segundo Sibilia (2008, p. 23),

Já neste século XXI que está ainda começando, as “personalidades” são convocadas a *se mostrarem*. A privatização dos espaços públicos é a outra face de uma crescente publicização do privado, um solavanco capaz de fazer tremer aquela diferenciação outrora fundamental. Em meio aos vertiginosos processos de globalização dos mercados em uma sociedade altamente mediatizada, fascinada pela incitação à visibilidade e pelo império das celebridades, percebe-se um deslocamento daquela subjetividade “interiorizada” em direção a novas formas de autoconstrução.

Sibilia (2008, p. 48) aponta que vivemos em uma cultura cada vez mais ancorada em imagens e que essa “lógica da visibilidade e mercado das aparências desempenham papéis primordiais na construção de si e da própria vida como um relato”. Não que isso seja uma novidade, pois personagens históricos sempre se utilizaram das artes para sua projeção social (os faraós do Egito, Napoleão Bonaparte, reis e rainhas ao redor do mundo).

A grande novidade é o deslocamento dos sujeitos que tinham meios de bancar esta produção (contando com o aparato estatal ou patrimônio privado de famílias abastadas) para a autoprodução de si pelos praticantes dos cotidianos em rede, principalmente após o advento da internet, das redes sociais digitais e do barateamento e facilidade operacional dos dispositivos para a produção e distribuição de audiovisuais.

Nossos relatos autobiográficos não copiam mais aqueles romances que se liam com fruição desvelada durante horas a fio. Em vez disso, e cada vez mais, nossas narrativas vitais ganham contornos audiovisuais. Episódios triviais ou demoníacos são adestrados dessa forma; assim, os gestos cotidianos mais insignificantes revelam certo parentesco com as cenas dos videocliques e das publicidades. [...] Valorizamos a própria vida em função da sua capacidade de se tornar, de fato, um verdadeiro filme (Sibilia, 2008, p. 49).

Em outras palavras, quando criamos um perfil social na internet (Instagram, Facebook, Twitter etc.) estamos, fundamentalmente, audiovisualizando nossa existência, pois, a partir das

postagens de nossos relatos, fotos, áudios e vídeos, também estamos nos (des)subjetivando. É um processo de (des)subjetivação cujos códigos são naturalizados, assimilados e (re)produzidos, pois

[...] essa subjetividade deverá se estilizar como um personagem da mídia audiovisual: deverá cuidar e cultivar sua imagem mediante uma bateria de habilidades e recursos. Esse personagem tende a atuar como se estivesse sempre diante de uma câmera, disposto a se exibir em qualquer tela – mesmo que seja nos palcos mais banais da “vida real” (Sibilia, 2008, p. 50).

Quando adentramos o ciberespaço, acessamos, de imediato, as redes cibercorporais. Somos convocados a produzir uma presença, seja no ato de entrada na rede com *login* e senha, seja na criação de um perfil em qualquer plataforma. Mas o que é um ciber corpo?

El cibercuerpo es el cuerpo expandido en y con el ciberespacio. Es el cuerpo que transita sin salir del lugar. Que hace amigos sin, necesariamente, conocerlos personalmente. Que produce otros modos de trabajar, de vivir en familia, de alimentarse, de dividirse en el contexto de la pandemia (y también, antes de la misma). Que siente placer con o sin compañeros sexuales, interactuando con sistemas de geolocalización o mecanismos de búsqueda. Es el cuerpo sin rostro (forjado en la sensación del anonimato) o con rostros fabulados a partir de filtros y/o bancos de imágenes. Un cuerpo des-subjetivado. Un “devir-cuerpo” en red. Las redes educativas cibercorporales son aquellas constituidas por *prácticasteorías* que agrandan los procesos de subjetivación a partir del cuerpo ciborg y sus prótesis de conexión con el ciberespacio (Maddalena; Nolasco-Silva, 2021, p. 216).

O ciber corpo é, por definição, um corpo expandido, alargado, portanto, fabulado. Podemos abrir mão dos filtros, dos efeitos sobre uma fotografia, mas isso não nos torna mais autênticos, pois selecionamos as imagens e as narrativas; o ciber corpo é um corpo editado, como são editados os filmes e nossas pesquisas científicas. O ciber corpo é montado a partir de escolhas do que se quer “dar a ver”. É tão artificial quanto o corpo físico e suas próteses encarnadas de gênero e sexualidade, mas, ao quebrar as barreiras do corpo físico, o ciber corpo pode ir além, tornar-se pura abstração. E nestes gestos tecnológicos<sup>79</sup> (Netto, 2016) de criação de um ciber corpo, nossos processos de subjetivação são ampliados e acabam por afetar o nosso corpo físico. A potência do falso ampliada no digital em rede produz corpos físicos fabulados,

<sup>79</sup> Segundo Netto, “Na intensidade de um gesto, o tempo possui o espaço. É o tempo que faz existir o gesto enquanto linguagem a ser decifrada. Não há, em um gesto, a estabilidade do espaço, um gesto não é, ele está sendo. O gesto só pode ser interpretado na dinâmica das relações que estabelece, no movimento de seu acontecer. [...] Por isso, pensar os gestos é pensar a partir dessa reconciliação entre tempo e espaço. É pensar dinâmico, instável, inconcluso, ambíguo. É um pensar-cinema, um pensar-vídeo, posto que nessas artes o pensar é tempo. Um gesto é tempo. Em um gesto, ser é tempo. [...] Um gesto é sempre, de algum modo, criação. [...] O gesto é sempre uma tomada de posição, criação, uma forma de arte. Arte de fazer, arte de expressar, arte de fazer dialogar, arte de alterar os sentidos e os sentires, arte das linguagens do corpo” (Netto, 2016, p. 29).

tão “verdadeiros e originais” quanto os de outrora. O cibercorpo é um corpo audiovisualizado (por imagens, sons e textos).

Vale destacar que cada plataforma digital, cada aplicativo de celular, exige dos usuários um determinado comportamento a partir dos recursos disponibilizados para o seu uso. O Conect SUS, por exemplo, não oferece a mesma gama de recursos que o Instagram, mas é na hora da escolha da foto de perfil do aplicativo que o dispositivo perde o controle sobre o usuário. Mesmo que possam existir restrições, não dá para prever que tipo de foto o usuário vai colocar: sério (como nas fotos 3x4 de documentos), sorrindo, tomando uma cerveja no bar, fantasiado para o carnaval, uma foto com filtro de palhaço no rosto, a imagem de uma flor ou de um carro, enfim, são infinitas as possibilidades. Portanto, nestes momentos, somos convocados para uma produção de presença *on-line* que surge da possibilidade da criação de um cibercorpo e, assim, são criadas também outras possibilidades de (des)subjetivação. Pensando com Maddalena e Nolasco-Silva (2021), as **redes educativas cibercorporais** são aquelas cujos praticantes não somente criam um cibercorpo, ou um devir corpo em rede, mas também permitem – com suas tecnologias e modos de fazer - a produção e circulação de ‘*conhecimentossignificações*’ acerca de si e do mundo a partir da própria criação daquele corpo.

As redes educativas pornocurriculares, objeto desta pesquisa, existem há milênios, mas é no ciberespaço, enquanto subproduto das redes educativas cibercorporais, que ela se expande e escapa dos meios tradicionais de produção e consumo de pornografia, assim como aconteceu com a indústria da música ou do cinema.

## 2.1 Os anais da pornografia

As redes educativas pornocurriculares são aquelas que a maioria finge que não vê, que não percebe, mas sempre se conhece um pouco. É como novela que alguns dizem não assistir por considerarem uma obra de arte menor, insignificante, mas sabem de tudo o que acontece na história. O mesmo ocorre com a pornografia<sup>80</sup>, ou com as redes educativas das ‘*prácticasteorias*’

---

<sup>80</sup> Em seu artigo intitulado “Os homens atuam e as mulheres aparecem”, Pátano traz três marcos históricos da pornografia *mainstream*. Dentre eles, está o filme **Garganta Profunda**, do diretor Gerard Damiano, de 1972. Segundo a autora (Pátano, 2015, p. 107), “o filme, por diversas razões que apontaremos a seguir, mudou o cenário da pornografia até então conhecida e colocou novas formas de se filmar o sexo e também um novo estilo de se fazer sexo: o tipo garganta profunda. Hoje, pelos diversos sites de compartilhamentos de filmes pornográficos pela internet, como *Red Tube* ou *X Videos*, dentre outros, há uma seção de vídeos dedicados ao estilo garganta profunda e, também, ao estilo lançado no filme **Garganta Profunda**: o *cumshot* ou *moneyshot*, onde o homem ejacula diretamente para a câmera [...]”

Encontramos, também, uma nova forma de retratar o sexo e uma nova era de atrizes e atores pornô, os atualmente conhecidos como *pornstars* ou estrelas do pornô. **Garganta Profunda** é o primeiro filme que traz a ideia de que é preciso contar histórias para se ter bons filmes, não necessariamente ter um enredo, mas é preciso

pornocurriculares. Entretanto, se somos (des)subjetivados por uma personagem ou atriz de novelas, por que não seríamos por um personagem de um filme ou pelo próprio ator pornô? Você pode até não se lembrar ou conhecer um famoso ator de telenovelas da Globo dos anos 1970, Jece Valadão, o machão do Brasil, conhecido por interpretar papéis de homens machistas, mas muitos de sua geração, com certeza, se identificavam com aquele ator cujos personagens e sua imagem pública se misturavam.

### 2.1.1 Hora do catecismo

Dos “catecismos” de Carlos Zéfiro<sup>81</sup> (que eram vendidos em bancas de jornais) às redes sociais na internet, imagens pornográficas são consumidas e circulam ‘*dentrofora*’ dos ‘*espaçotempos*’ convencionais de aprendizagem, normatizam práticas sexuais, ora desviam delas, porém, por fim, são parte de um conjunto de práticas pedagógicas com um discurso sobre o sistema sexo-gênero de nosso tempo. Um tempo que Preciado (2018) chama de “era farmacopornográfica”, pois nossos corpos são produzidos artificialmente por um conjunto de ações, tanto da indústria farmacêutica (medicação, hormônios e próteses) quanto da pornografia<sup>82</sup> (tecnologia visual). Para ele, nossos corpos são o resultado de uma tecnologia que visa a conformar os corpos para o trabalho e, mais especificamente, para a reprodução da espécie.

Se por anos a pornografia era a tecnologia visual dominante dirigida ao corpo masculino de forma a controlar sua reação sexual, durante os anos 1950 a indústria farmacêutica procurou formas de desencadear ereção e resposta sexual usando próteses cirúrgicas e químicas (Preciado, 2018, p. 31).

Se em tempos de paz a pornografia já era amplamente consumida, em tempos de guerra contra a covid-19 e a promoção do distanciamento social como medida de prevenção ao contágio pelo novo coronavírus, o consumo desta tecnologia visual (Preciado, 2018) aumentou. Antes da pandemia, 22 milhões de brasileiros e brasileiras assumiam consumir pornografia.

---

que se siga uma sequência lógica, o que raramente acontecia em filmes pornôs anteriores. **Garganta Profunda** aponta também que é preciso ter belos atores e atrizes, e é preciso saber filmar, não necessariamente saber as técnicas, mas Damiano preocupa-se com o que vai comunicar ao seu público”.

<sup>81</sup> Carlos Zéfiro era o pseudônimo de Alcides Caminha, um funcionário público carioca que produzia, secretamente, revistinhas pornográficas em quadrinhos conhecidas como “catecismos” desde os anos 1950. Sua identidade só foi publicamente revelada nos anos 1990.

<sup>82</sup> Vale ressaltar que embora a pornografia seja majoritariamente entendida e descrita por Preciado como uma tecnologia visual, o que nos remete ao sentido da visão, seu sentido é mais amplo. Muito além das imagens (fotografias, desenhos) ou imagens animadas (filmes, vídeos, imagens geradas por computador), também consideramos como pornográficos textos escritos ou falados (registro sonoro) e até mesmo sons (gemidos, o som de um beijo etc.).

Deste total, 76% eram homens e 24% mulheres, segundo pesquisa<sup>83</sup> realizada para o canal a cabo Sexy Hot. Durante a pandemia, o Pornhub, plataforma digital do gênero, registou um aumento de 18% no tráfego de dados. Trago estas informações recolhidas e divulgadas numa imprensa tradicional<sup>84</sup> para problematizar o consumo e a produção de uma pornografia que também é (ironicamente) tradicional e com objetivos mercadológicos bem explícitos. A matéria sobre a pesquisa realizada pelo canal Sexy Hot deixa claro que o objetivo é orientar produtoras de vídeo para a produção de um conteúdo que atenda às necessidades de um mercado heterocisnormativo<sup>85</sup> cujo desejo também é hegemonicamente produzido.

Figura 11 – Capa de um dos “catecismos” de Zéfiro



Fonte: [www.carloszefiro.com](http://www.carloszefiro.com).

Antes da internet, na porta da igreja do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, em Vitória, no Espírito Santo, eu me reunia com meus colegas, outros meninos, para conversar

<sup>83</sup> Matéria do G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assuem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2024.

<sup>84</sup> Movimentos conservadores adoram usar o termo “tradicional” para determinar aquilo que é normal, tolerável, aceitável. Desta forma, o “tradicional” funciona como uma espécie de adjetivo para práticas e ações consideradas “normais”. Exemplos: família tradicional, educação tradicional etc. O uso do termo “tradicional” funciona como uma espécie de selo para as boas práticas, determinando o que é considerado válido para estes grupos. Neste texto, o uso do termo é jocoso e tem o objetivo de problematizar o que é autenticado como “normal”.

<sup>85</sup> Os conceitos de heteronormatividade (relativo à sexualidade) e cisgeneridade (relativo ao gênero) foram aqui aglutinados para enfatizar que as questões de gênero e sexualidade estão imbricadas, embora sejam campos específicos de conhecimento.

antes ou depois das aulas e na hora do recreio desta instituição católica. A porta da igreja era nosso ponto de encontro. Neste local, além das brincadeiras, também circulavam outros saberes que não estavam previstos na grade curricular da instituição. À margem, correndo por fora, pelas bordas, havia um verdadeiro tráfico de revistas pornográficas. Era tipo um clube do livro: “me empresta a sua revista que eu lhe empresto a minha”. E desta forma íamos compartilhando as histórias, geralmente fotonovelas (digamos assim), que depois eram discutidas com afinco entre risos, grandes descobertas e surpresas orgásticas.

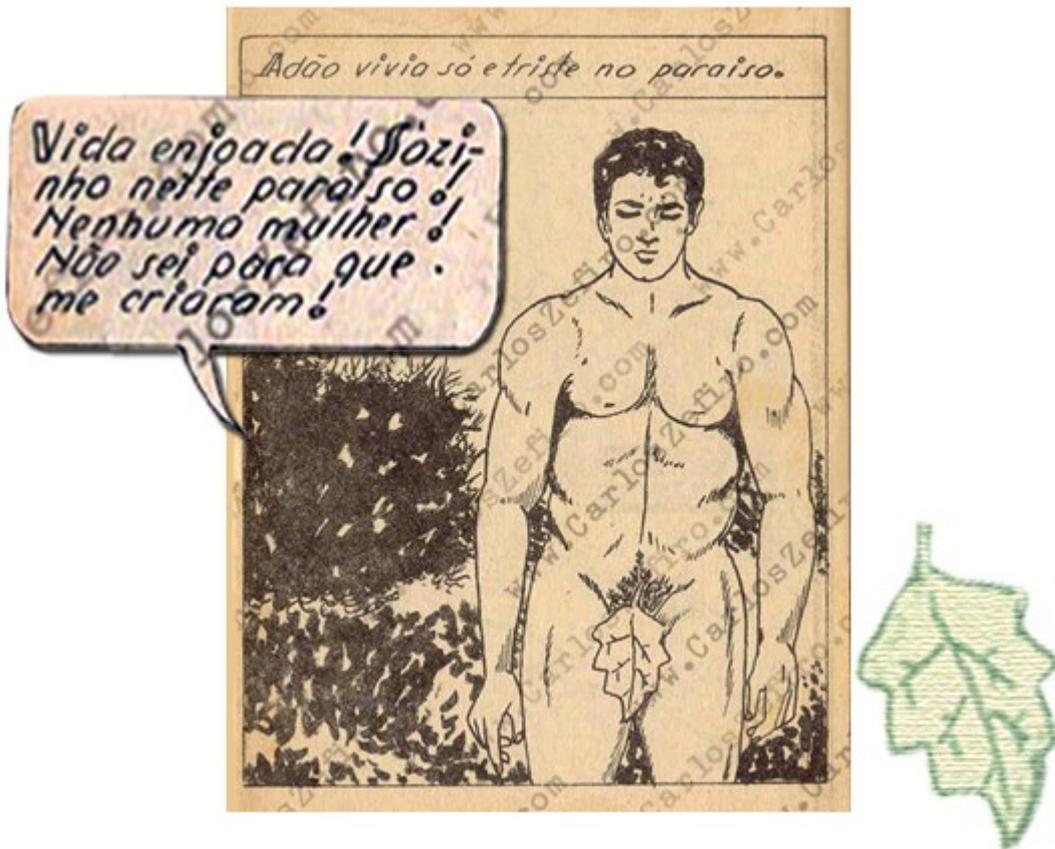
Figura 12 – Foto com meus amigos na porta da igreja do Colégio Salesiano que dava acesso ao pátio da escola



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Formávamos um grupo de aproximadamente cinco meninos que, como detetives secretos, vasculhávamos nossas casas, em busca deste material escondido pelos nossos pais ou irmãos mais velhos. Quem procura acha! E dentro dos armários, no fundo de uma gaveta ou dentro de uma bolsa “suspeita”, estava escondido o tesouro que posteriormente seria compartilhado no pátio da escola, na entrada da imaculada igreja da instituição de ensino.

Figura 13 – “Adão e Eva”, história em quadrinhos de Zéfiro



Fonte: [www.carloszefiro.com](http://www.carloszefiro.com).

Havia neste movimento de investigação um ato de pesquisa e debate informal, além da alegria pela descoberta de práticas que ainda não tínhamos acessado, fosse por conta da nossa idade<sup>86</sup> ou porque tais questões jamais seriam discutidas em sala de aula. Se naquela época achávamos ser os mais descolados e sabidos da escola, não fazíamos ideia de que, desde os anos 1950, circulavam nestes mesmos ambientes, nas mais tradicionais escolas e famílias, os

<sup>86</sup> A pornografia é interdita aos menores de idade. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), principal marco legal e regulatório dos direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil, estão tipificados os crimes relacionados à pornografia infantil, ou até mesmo à exposição da pornografia a menores de idade. Entretanto, meu relato acima é para destacar que, apesar das restrições (e são muitas), o bloqueio é permanentemente rompido (e não é de hoje). Não estou aqui defendendo nenhuma exposição de menores à pornografia, muito menos fazendo apologia a práticas sexuais na adolescência. O objetivo aqui é trazer o tema à tona e “não jogar a poeira para debaixo do tapete”, como disse a delegada Simone Moutinho. A série **Euphoria**, da plataforma HBO Max, trata de diversas questões relativas à sexualidade, ao uso de drogas e a violências a que estão submetidos os personagens da trama. Os dramas vividos pelos personagens são importantes disparadores de conversas para nós, professores. Sem muitos filtros açucarados, ou seja, de forma bem crua, a série traz uma juventude (todos composta de menores de idade) que habita nossas escolas hoje. Uma das personagens, como na matéria jornalística, também produz pornografia para a internet. **Euphoria** é potente para pensarmos e discutirmos o agora.

“catecismos” de Zéfiro, cartunista erótico cuja obra e história de vida mereciam um capítulo à parte.

Figura 14 – “Vingança”, de Zéfiro



Fonte: [www.carloszefiro.com](http://www.carloszefiro.com).

Apesar da “ousadia” de suas publicações à época, o autor dos “catecismos” escondeu sua “real” identidade por décadas. Zéfiro produzia suas histórias em quadrinhos às escondidas por medo da polícia, porque foi perseguido, ameaçado de perder o emprego, porque era funcionário público, por medo da família, porque era casado e tinha filhos, por medo dos vizinhos, porque afinal, vivemos em uma sociedade que tenta controlar os corpos e as mentes, de modo que não escapemos muito dos roteiros tidos como adequados pela norma estabelecida. Os fãs da pornografia de Carlos Zéfiro não imaginavam que o cidadão Alcides Caminha era um homem tradicional, vivendo um casamento tradicional, com um trabalho tradicional. Aparências<sup>87</sup>, nada mais!

<sup>87</sup> Referência à canção “Aparências” gravada por Márcio Greyck em 1981. A composição de Cury e Ed Wilson, no refrão, afirmava: “aparências, nada mais/ sustentaram nossas vidas”. Disponível em:

Entretanto, neste momento, e apesar das tentativas de cerceamento das discussões sobre os estudos de gênero e sexualidade nas escolas, pejorativamente chamados de “ideologia de gênero”, tais saberes, engendrados na conformação dos corpos para uma mesma direção, ou seja, de uma heterocisnormatividade compulsória, seguem seu curso, não mais por ilustrações impressas ou fotonovelas escondidas dentro dos cadernos e livros, mas sim (e também por imagens em movimento e sons) nas redes tecnológicas mediadas pelo digital.

Os dias que antecedem ou sucedem a sua morte estão marcados pelos meus rituais de aplicação de testosterona. O protocolo é doméstico; mais ainda, seria secreto, privado, a não ser pelo fato de que cada uma dessas aplicações são filmadas e enviadas, de forma anônima, a uma página da internet em que centenas de corpos transgêneros, corpos em mutação de todo o planeta, trocam técnicas e saberes. Nessa rede audiovisual, meu rosto é indiferente, meu nome, insignificante. Apenas a estrita relação entre meu corpo e a substância é objeto de culto e vigilância (Preciado, 2018, p. 22).

Pensando com Certeau (2014), em meio às estratégias de dominação e controle é que surgem as táticas de sobrevivência e os golpes “de sorte” que possibilitam nossas resistências, entendidas como criações. A internet que propicia o Ensino Remoto Emergencial em tempos de pandemia e distanciamento social físico é a mesma que possibilita a circulação de saberes (Andrade *et al.*, 2019) outros, marginais, segundo o próprio relato de Preciado citado acima. Se no passado, o acesso que tive àquelas imagens pornográficas “proibidas” me direcionavam para uma sexualidade hegemonicamente desejada, ou seja, a heterossexualidade, em meu corpo não surtiram efeito. E assim como eu, outros corpos se desviam das normas e adotam uma outra postura ético-estético-político-poética, buscando transformar (muitas vezes sem sucesso) nossa existência, nossa própria vida ‘*individualcoletiva*’ em obra de arte, fazendo uso do nosso corpo como um meio para romper com as normas e os preconceitos (de gênero, sexualidade, raça, idade etc.).

Nessa medida, falar da estética hoje é falar de suas possibilidades para trazer à tona nossa imaginação, num agenciamento dos sentidos que produz novas modelagens, compreensões e percepções. Isso indica que o estético atua sobre os diversos domínios da vida cotidiana, desde a política até à mídia (Hermann, 2010, p. 09).

As redes pornocurriculares ‘*dentrofora*’ da internet contribuem para a formação de corpos e de sujeitos, movimentam saberes por meio de uma estética pornô, sejam estes corpos e sujeitos conformes ou dissidentes, desejados ou não.

A pós-pornografia não será senão o nome das diferentes estratégias de crítica e intervenção na representação, e que surgirão da reação das revoluções

feministas, homossexuais e queer frente a estes três regimes pornográficos (o museístico, o urbano e o cinematográfico) e frente também às técnicas sexopolíticas modernas de controle do corpo e da produção de prazer, da divisão dos espaços privados e públicos e do acesso à visibilidade que desses se desdobra. Jean Genet, Andy Warhol, Kenneth Anger, Veronica Vera, Annie Sprinkle... A noção de pós-pornografia marca uma ruptura epistemológica e política: um outro modo de conhecer e de produzir prazer através do olhar, mas também uma nova definição de espaço público e novos modelos de habitar a cidade (Preciado, 2018, p. 32).

O audiovisual, amplamente difundido nas redes sociotécnicas, já era, digamos assim, um meio pelo qual nos comunicamos. Em uma cultura audiovisual como a nossa, entendemos audiovisuaisidades como uma prática que vai além da realização de um audiovisual em si, um produto acabado.

Praticar audiovisuaisidades, conforme entendemos, implica os gestos de, ao mesmo tempo ou alternadamente, criar, produzir, subir e baixar vídeos em sites, divulgar, compartilhar, assistir, interpretar, recortar, remixar, anexar, salvar, colecionar, deletar e comentar narrativas *imagéticassonoras* do ordinário e do extraordinário, do vivido, do imaginado e do até então impensado (Nolasco-Silva *et al.*, 2018, p. 79).

Kilpp (2010) afirma que a cultura contemporânea é audiovisual, nem tanto pelo volume do que é produzido, mas sim pela inclusão de sujeitos nesta experiência por meio das “máquinas de vídeo” (câmeras fotográficas digitais, *smartphones*, webcâmeras). O advento da pandemia ampliou ainda mais nossa percepção deste cenário. O distanciamento físico (Henrique, 2020) como medida de prevenção ao contágio pelo novo coronavírus acentuou nossas práticas audiovisuais. A vida humana, por necessidade, foi ainda mais audiovisualizada nas videoconferências, nas videochamadas, no exercício das profissões e das relações pessoais. Videoafeto. Videossobrevivência! Estamos aqui pensando nos usos, nas relações que estabelecemos e nas diferentes sensações que são produzidas no/com o audiovisual.

Consumimos e produzimos audiovisual para nos comunicarmos, produzir presença e fazer circular saberes. Nestes gestos tecnológicos (Netto, 2016), de forma individual ou coletiva, conscientes ou não, fazemos escolhas. Como neste texto, editamos as falas, o cenário, o figurino, os movimentos. São escolhas ético-estético-político-poéticas para a produção de algum sentido: corroborar, contradizer, reafirmar, combater etc. Destacar tais processos de seleção e produção de cultura neste texto e para o nosso contexto, especialmente em um momento em que uma onda conservadora ganha força, pois vem do Planalto a ideia de discutir pautas de “costumes”<sup>88</sup>, acreditamos ser propício um movimento radicalmente contrário.

---

<sup>88</sup> As pautas de costumes foram uma marca do governo conservador de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

Enquanto não enfrentarmos esta espécie de pornofobia, seja na educação, na produção de artigos científicos, na história da ciência, do cinema, das artes ou da humanidade, estaremos fechando os olhos para as redes educativas das ‘*prácticasteorias*’ pornocurriculares de formação dos sujeitos e, se por um lado combatemos as mais diversas violências (machismo, sexismo, homofobia, transfobia, racismo etc.), por outro, ao não nos abirmos para este debate, estaremos perpetuando, silenciosamente, tais processos. Corroborar com este silêncio sobre o tema é, para este autor, o mesmo que concordar com a máxima machista que diz que “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. E, assim, assistimos nos telejornais o aumento dos casos de feminicídio no país.

Segundo Certeau (2013, p. 49), “a conveniência mantém relações muito estreitas com os processos de educação implícitos a todo grupo social”. Talvez seja o momento de explicitar as redes pornocurriculares, extraoficiais, assim como são explícitas as imagens pornográficas. Sem romance, nem véu, nem disfarce ou omissão.

Desde os anos 1970, estamos assistindo ao que poderíamos chamar de assalto à sala de montagem por parte das minorias político-visuais, cujas práticas, corpos e desejos tinham sido construídos cinematograficamente, até então, como patológicos. Mais uma vez, quando falo de minorias, não me refiro a um número, mas a um índice de subalternidade. As mulheres, por exemplo, eram e continuam a ser uma minoria político-visual, uma vez que a feminilidade como imagem se construiu como efeito do olhar heteronormativo. Os cinemas feministas (Trinh T. Minh-ha), experimental lésbico (Barbara Hammer) ou experimental queer (*Freak Orlando*, de Ulrike Ottinger, ou *Dandy Dust*, de Ashley Hans Scheirl) não pretendem representar a *autêntica* sexualidade das mulheres, das lésbicas ou dos gays, mas produzir contraficções visuais capazes de questionar os modos dominantes de ver a norma e o desvio. Da mesma forma, a Nouvelle Vague pós-pornô, feita sobretudo com vídeo (Virginie Despentes, Gaspar Noé, Shu Lea Cheang, Post-Op...), não busca representar toda a verdade do sexo, mas questionar os limites culturais que separam a representação pornográfica e a não pornográfica, assim como os códigos visuais que determinam a normalidade ou a patologia de um corpo ou de uma prática. Trata-se, finalmente, de inventar outras ficções visuais que modifiquem nosso imaginário coletivo, e deixo a vocês a tarefa de decidir se Kechiche e Von Trier conseguiram (Preciado, 2019, p. 107).

Gostaria de ressaltar que na pornografia é muito comum a representação da relação entre professores e estudantes como sendo uma relação hierarquizada, um jogo de poder, um fetiche pelo assédio. Por quê? Na ausência ou interdição do debate sobre as questões de gênero e sexualidade nas escolas, estaria a pornografia sendo usada (Certeau, 2018) como um referencial de “educação sexual” há décadas? Desconfio que sim.

Penso que as redes educativas da ‘*prácticasteorias*’ pornocurriculares contribuem para a formação de sujeitos que naturalizam o assédio. Fetichizado, o assédio sexual passa a ser desejado e naturalizado. As redes pornocurriculares extrapolam a questão da prática sexual em

si, ou seja, o sexo (penetração, orgasmo, masturbação etc.) e acabam por produzir ‘conhecimentossignificações’ sobre comportamentos, seja por repetição, preguiça ou mercado, que são hoje combatidos na nossa sociedade. O assédio é só um destes exemplos.

Entretanto, nestas mesmas redes, como forma de enfrentamento ou por uma simples questão de possibilidade, ou seja, de se realizar aquilo que é possível, corpos dissidentes produzem práticas também dissidentes. Negociando com as normas, seja por adesão ou contraponto, tais conteúdos praticados e produzidos circulam. Neste movimento, circulando pelas redes, os ‘conhecimentossignificações’ indisciplinares produzidos acabam por fazer parte da formação de outros sujeitos que habitam a mesma rede. Neste sentido, ao fazer circular corpos, conteúdos e comportamentos que fogem ao que é produzido hegemonicamente por uma indústria pornográfica sólida, os conteúdos amadores podem ser (trans)formadores.

É no vislumbre de que outras práticas sexuais, outras formas de existência, outros corpos, outros desejos são praticados que a magia acontece. É a vontade de saber (Foucault, 2014) que nos movimenta, nos afeta e nos (trans)forma. É um saber-poder (trans)formador!

*Nerd BR (150K) @NerdPBSD · 6 de maio de 2023*

*Oi, eu sou Douglas Gonçalves Tomaz da Silva, pelas redes sou conhecido apenas como Tomaz e por aqui vocês me conhecem como o Nerd. Eu tenho 29 anos e sou autista...*

*Durante toda a minha vida eu me senti diferente das outras pessoas. Na infância eu não me encaixava com as outras crianças, era tido com uma criança “tímida”, inteligente e com muita mania de organização. Me lembro bem de sempre organizar os meus brinquedos ordenando pela cor...*

*Quando fui crescendo e entendendo que sentia atração sexual por meninos e não por meninas, achei que essa sensação de deslocamento vinha daí, até que eu me tornei adulto, passei a conviver com outras pessoas LGBTQIAP+ e mesmo assim a sensação de deslocamento continuava lá...*

*Durante todos esses anos socializar sempre foi uma questão pra [sic] mim. Era como se alguma coisa me segurasse e eu tinha dificuldade até pra [sic] pedir uma informação pra [sic] um desconhecido na rua...*

*Na infância, sempre que alguém vinha me cumprimentar eu só abaixava a cabeça e fingia que nem havia visto a pessoa. Usar banheiro público? Eu tinha pavor! Terminei a escola sem nunca ter entrado no banheiro...*

*Cheguei a fazer xixi nas calças inúmeras vezes pra [sic] não ter que entrar naquele banheiro. O que é até cômico, já que hoje em dia vocês me veem me acabando num bom banheiro kkkkkkkkkk [sic] mas isso levou tempo, muito tempo; assim como todo o meu processo de socialização...*

*Depois dos 20 anos, já trabalhando, um grande problema nos lugares onde eu trabalhava sempre foi a minha falta de expressão, a minha “cara de nada”. Sempre reclamavam que eu não sorria para os clientes e isso chegou a ser motivo até de ameaça de demissão...*

*Isso começou a me incomodar tanto que eu passei a treinar na frente do espelho as minhas expressões faciais, minha gesticulação... Eu tive que aprender na marra a como socializar...*

*Nos últimos anos a minha grande dificuldade ainda era o convívio com o outro. Mesmo desenvolvendo algumas habilidades para me inserir na sociedade, as pessoas sempre me taxavam como ríspido, direto e algumas começaram a perceber até que eu estava sempre com as mesmas roupas...*

*Cheguei a ser criticado por usar as mesmas roupas, mas o fato é que eu tenho um monte de roupa igual e isso faz sentido na minha cabeça. kkkkkkk [sic]. Assim como a minha seletividade alimentar. Eu sempre vou querer comer a mesma coisa todos os dias. Nunca gostei de variar...*

*Em todo lugar que eu trabalhava a pergunta na hora do almoço sempre foi: “Por que você só trás [sic] frango na sua marmita todo dia?” Kkkkkkkkkk [sic]. Na minha cabeça sempre fez sentido eu comer isso todo dia, porque é o que eu gosto. Eu mal sabia...*

*Frequentar festas, bares, eventos ou qualquer lugar lotado, com som alto e muita luz sempre foi MUITO DIFÍCIL. A única vez que eu cheguei a ir a uma festa de putaria passei mal horrores com o som, as luzes e o lugar cheio de gente. Não consegui ficar nem 20min lá dentro...*

*Ter pulado Carnaval esse ano foi uma quebra de barreiras gigantesca pra [sic] mim. Nem minha melhor amiga que estava ali comigo acreditava que eu finalmente tinha saído pra [sic] folia... Nem eu mesmo acreditava... E ali, naquele momento, eu me senti invensível [sic]!*

*E mesmo assim eu ainda ia de vez em quando puxar um ar longe da multidão e longe do som alto...*

*Quem me vê hoje em dia conversando, fazendo amizades, criando conteúdo adulto, nem imagina o quão duro foi pra [sic] chegar até aqui.*

*Eu sempre me senti deslocado e nunca entendi o porquê e isso me trouxe ansiedade e uma depressão que eu tive que lidar desde os 12 anos. Eu passei longos anos da minha vida sem ter interesse em estar vivo e planejando meu \$ü1çjd10 assim que eu chegasse aos 30 anos de idade...*

*Hoje, com 29, eu posso dizer que tudo isso mudou. O meu trabalho como o Nerd me trouxe reconhecimento e me deu um propósito na vida. Eu passei a ter interesse em estar vivo! E é por isso que eu estou contando tudo isso aqui pra [sic] vocês...*

*Eu sei que vocês não esperavam um post assim, mas acho que nem tudo é só putaria. Eu queria que vocês soubessem disso tudo porque eu não seria nem metade do homem que eu sou sem vocês e sem ter passado por tudo que eu passei...*

*Não estou aqui para romantizar o sofrimento. Sei que eu deveria ter sido diagnosticado na infância, que meus professores deixaram passar batido todos esses traços. Minha mãe, que lutava com unhas e dentes pela nossa sobrevivência, não teve como correr atrás de um auxílio...*

*E eu nunca a culparia por isso. Ela fez tudo que estava ao seu alcance para que, mesmo na pobreza, passando por mil e uma dificuldades, nada me faltasse e para que eu me tornasse uma boa pessoa. E eu a amo com todo meu ser.*

*Meu pai, que é alcoólatra, usuário e agredia física, verbalmente e psicologicamente minha mãe e eu, saiu de casa há 7 anos e desde então não tenho contato com ele. Mas ao que tudo indica, ele também era autista. Já que ele sempre apresentou os mesmos traços autísticos que eu.*

*O meu diagnóstico se deu porque um amigo resolveu contar em uma rede vizinha que havia sido diagnosticado. Ele detalhou todos os traços que teve durante sua vida e eu só ia me identificando mais e mais. E foi isso que me impulsionou a correr atrás do meu diagnóstico...*

*Recebendo hoje esse diagnóstico, sendo o cara bem resolvido que eu sou com a minha sexualidade, minha família, minhas amigas e meu trabalho como criador de conteúdo, eu sinto que é só uma resposta. Uma resposta de porque a vida foi tão difícil pra [sic] mim...*

*E mesmo sendo tão difícil, eu dei conta. E tenho dado conta cada dia mais. Hoje consigo ver o quanto eu cresci, amadureci e sou o adulto que eu queria ser e eu amo ser eu e amo cada um de vocês. Muito obrigado por me apoiarem e me ajudarem a tornar os meus sonhos realidade. ♥*

*Desde que comecei a buscar meu diagnóstico eu sinto que estou fazendo as pazes comigo mesmo e me entendendo melhor a cada dia. Lógico que a terapia que tenho feito desde antes do diagnóstico tem ajudado muito, mas entender que eu faço parte do Espectro Autista ajudou mais ainda.*

*Sinto que tirei um peso das costas. Kkkkkkkk [sic] e sem esse peso eu posso voar mais alto ainda!*

*Sei que alguns vão estranhar o fato de alguém do Espectro Autista ser criador de conteúdo adulto, mas pessoas com TEA também trepam, viu. Kkkkkkkk [sic] e nós estamos em todos os lugares. Somos professores, funcionários públicos, jornalistas etc., etc., etc...*

*Até mesmo porque o lugar de um autista é onde ele quiser! ✨*

*E mais uma vez, muito obrigado pelo apoio e pelo carinho de vocês. Eu amo muito cada um de vocês! ♥<sup>89</sup>*

O relato do Nerd, como é conhecido no Twitter, está publicado na íntegra. Os espaçamentos deste texto se devem a um recurso que no Twitter se chama *thread*, ou seja, por ser longo, o texto precisa ser dividido e postado em sequência. É um texto seriado, construído por uma sequência de comentários do próprio autor, ligados por um fio, ou seja, o tema.

Neste discurso, a produção de conteúdo adulto para a internet foi, para o autor, (trans)formadora. Ele não fala das falsas promessas de altos ganhos tão disseminadas que falarei mais adiante. O Nerd atribui sua experiência de produtor a uma espécie de alargamento da percepção que ele tinha de si próprio: “o meu trabalho como o Nerd me trouxe reconhecimento e me deu um propósito na vida. Eu passei a ter interesse em estar vivo!”. Acho importante destacar esta parte, pois a ideia conservadora de que a pornografia seria da ordem daquilo a ser escondido, combatido, interdito, descartável e impróprio, se desfaz.

<sup>89</sup> Disponível em: <https://twitter.com/NerdPBSB/status/1655000091088809986>. Acesso em: 15 jan. 2024.

Eu afirmei na introdução desta tese que minha missão era mostrar a magia escondida na escuridão, por isso, e diante de tudo o que foi apresentado aqui, gostaria de apresentar o trabalho audiovisual do meu sujeito de pesquisa, Victor Rios.

Mas o problema não é o vírus em si.  
É todo o preconceito que gira em torno dele.

Cena da novela “Todas as Flores”.



## TERCEIRA TEMPORADA

### 3 “O ORAL É ANÁRQUICO”<sup>90</sup>

Conheci Victor Rios através da revista **H Magazine – Homem de verdade**. Dentro da revista havia uma entrevista com ele intitulada “Sem vergonha nenhuma: carioca Victor Rios faz os vídeos mais quentes do mundo (m)amador do pornô na web”. A partir dali, passei a segui-lo em suas redes pornocurriculares. Em 2019, Victor lançou no Twitter a websérie **Victor’s Secrets**. Segundo ele, o título já era em si uma paródia/referência a uma grande marca de lingerie feminina que conheceu nos Estados Unidos, a Victoria’s Secrets.

A websérie foi criada para divulgar seu perfil pago na internet, entretanto, durante o processo de realização, Victor passou a trabalhar temas que extrapolavam o gênero pornografia, ou o que esperavam dele: cibercultura, homofobia, questões de gênero e sexualidade, entre outros. Daí meu interesse específico por ele e este trabalho cuja narrativa muito se aproxima do cinema. O próprio Victor confessa isso logo no primeiro episódio da segunda temporada da websérie.

O que me atraiu no Victor, antes mesmo da série, foi um trecho de sua entrevista na referida matéria, quando questionado pelo repórter sobre sua exposição e os riscos de contrair alguma das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), especialmente o HIV, devido à prática do sexo oral sem camisinha:

“Eu acho o seguinte: se eu dou a bunda, isso não afeta meu lado profissional. Se eu sou um bom ou mal profissional, isso não é determinado pela minha sexualidade”. Para os que criticam Victor por fazer sexo oral sem camisinha e, ainda por cima, topar que o cara ejacule em sua boca, ele tem uma resposta consciente para o fato: “eu não sou uma pessoa que gosta de ditar regras. O corpo é de cada um, logo, cada um faz dele o que quiser. As escolhas são individuais. Você pode fazer boas ou más escolhas. Para qualquer atividade que você faça, é importante ter consciência. Se você quer fazer uma atividade que possa te gerar um risco, faça isso consciente. O problema é a inconsciência. As campanhas feitas são muito mais impositivas do que

<sup>90</sup> Título extraído de uma frase da professora Nilda Alves no *podcast Narrativas ‘docentesdiscentes’ na/com a pandemia: currículos praticados via tecnologias de encontro*. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CVloz4iN8OI/?igsh=MjZhd2RvZnJlN2oy&wa\\_logging\\_event=video\\_play\\_open](https://www.instagram.com/tv/CVloz4iN8OI/?igsh=MjZhd2RvZnJlN2oy&wa_logging_event=video_play_open). Acesso em: 14 fev. 2024.

esclarecedoras. Eu não estou aqui para ser um modelo a ser seguido. Só quero ter o direito de existir, mais nada” (Dias, 2013, p. 70).

A saúde sexual, digamos assim, sempre foi uma questão para a comunidade LGBTQIAPN+ desde o advento da epidemia de AIDS. Por terem sido, inicialmente, as vítimas preferenciais do vírus HIV, especialmente para os homens gays, a comunidade também foi a primeira a se organizar para combater a transmissão do vírus. Chamado de “câncer gay”, levou um tempo para que a sociedade entendesse que a AIDS não era uma doença que só atingia homens gays.

O vírus HIV chegou ao Brasil, oficialmente, em 1983, com a morte do estilista Markito<sup>91</sup>. Ele foi a primeira figura pública diagnosticada com a AIDS. A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida chegou trazendo medo e preconceito. Passados 40 anos, o estigma permanece para quem vive com HIV; vida que hoje é possível devido a uma série de tratamentos disponíveis, os chamados antirretrovirais (ARV)<sup>92</sup> que surgiram ainda na década de 1980.

Por lei, no Brasil, pessoas que vivem com HIV não são obrigadas a declarar seu estado sorológico, ou seja, positivo ou negativo para HIV. O estado sorológico dos indivíduos já foi explorado pela indústria pornográfica, em especial, a Treasure Island Media<sup>93</sup>. O medo de pessoas que vivem com HIV é chamado de sorofobia. Por que estou falando disso? Porque a sorofobia existe! E nós, claro, vamos combatê-la com informação.

Não que eu tenha me disposto a transformações radicais no meu corpo como Preciado, mas que eu tenha percebido que era preciso me servir dele para o andamento e entendimento desse campo das festas de orgia. Era isso que aquelas pessoas me indicavam. E o que às vezes aconteceu até contra minha vontade. Como, por exemplo, quando numa interação observada em um dos *dark rooms* numa festa onde se reuniam cerca de cinquenta homens num mesmo espaço, alguém subiu numa cama na qual eu estava próximo e gozou no meu rosto atingindo esperma em minha boca e dentro do meu olho. Para os padrões da festa, o que esta pessoa fez está totalmente contra as “regras locais” de consentimento, uma gafe arbitrária e inconsequente que me obrigou a fazer um tratamento de seis meses com a profilaxia pós-exposição aos HIV, a PEP. A decisão de tomar o coquetel veio de uma sensação de pânico

<sup>91</sup> “Uma das explicações para Markito não ser hoje tão lembrado está no fato de sua carreira ter sido curta demais. Ele morreu tendo apenas 31 anos de idade, em 4 de junho de 1983, em decorrência da AIDS — na época chamada pelos jornais de ‘câncer gay’”. Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/aids-chegou-ao-brasil-ha-40-anos-e-trouxe-terror-preconceito-e-desinformacao>. Acesso em: 15 jan. 2024.

<sup>92</sup> Segundo o Ministério da Saúde, “Atualmente, existem 22 medicamentos, em 38 apresentações farmacêuticas”. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/hiv-aids/tratamento>. Acesso em: 15 jan. 2024.

<sup>93</sup> A Treasure Island Media, ou simplesmente TIM, foi fundada em 1998 por Paul Morris. Foi a primeira produtora a produzir filmes de sexo *bareback*, ou seja, sem o uso de camisinha (única prevenção disponível, naquele tempo, para combater a transmissão do HIV). A preocupação de seu fundador era manter a liberdade de experiência sexual e, obviamente, a produtora sofreu várias críticas e sanções ao longo do tempo. Seus atores foram banidos por outras produtoras, entre outras coisas. Ironicamente, segundo o website da produtora e o seu LinkedIn, é a mais assistida, imitada e comercialmente bem-sucedida de todos os tempos. Fonte: Wikipédia. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Treasure\\_Island\\_Media](https://en.wikipedia.org/wiki/Treasure_Island_Media). Acesso em: 15 jan. 2024.

imediatamente, de não saber as reais chances de uma contaminação com esse ato e de saber que ali era um local também frequentado por soropositivos, alguns conhecidos. Além da preocupação angustiante de alguma contaminação por uma pessoa da qual sequer cheguei a ver o rosto, quanto mais saber a sorologia, passei semanas sob os efeitos colaterais agressivos da medicação como estafa, enjoo, dores de cabeça e diarreia que me fizeram perder oito quilos nesse processo (Barreto, 2017, p. 45).

O relato do colega pesquisador delata que ele, pelo menos à época de sua pesquisa, acreditava que pessoas que vivem com HIV são transmissoras do vírus. Afinal, as festas de orgia para homens, seu campo de pesquisa, eram “frequentada[s] por soropositivos, alguns conhecidos”, disse o autor.

Pessoas que vivem com HIV e estão em tratamento, ou seja, fazendo uso da medicação antirretroviral, não transmitem o vírus. Esta informação está no site do Ministério da Saúde<sup>94</sup>: “a importância de reforçar a mensagem que carga viral indetectável é igual a risco zero de transmissão do HIV”. E, aqui, estamos fazendo a nossa parte.

O colega pesquisador também faz referência à profilaxia pós-exposição (PEP), medicação preventiva de urgência para pessoas em situação de risco à infecção pelo HIV. A medicação deve ser ministrada quando o paciente, a princípio, já se expôs ao vírus.

Para mim, a experiência com o coquetel funcionou como uma espécie de fronteira durante o trabalho de campo. Serviu para que eu saísse da fase da “sedução” e encantamento que todo e qualquer campo de trabalho nos proporciona inicialmente (ainda mais num campo que lida com excitação o tempo todo), e que começasse a perceber, afinal, os riscos e os perigos que ele envolve também. Riscos e perigos de várias ordens, não só morais como também físicos. Não que eu não tivesse conhecimentos sobre eles anteriormente, mas eles não haviam passado pelo meu corpo (Barreto, 2017, p. 46).

A experiência com a PEP não foi das melhores, segundo o relato do Victor, o pesquisador. Entretanto, para quem cresceu com a sombra do HIV como eu, esta tecnologia é um verdadeiro milagre. Assim como foi o surgimento das vacinas contra a covid-19. E as notícias boas também não param por aqui. Tem mais!

Hoje, além da PEP, existe a profilaxia pré-exposição (PrEP). A PrEP é indicada para qualquer pessoa vulnerável à infecção pelo HIV e é distribuída gratuitamente pelo SUS,

Ela consiste na tomada de comprimidos antes da relação sexual, que permitem ao organismo estar preparado para enfrentar um possível contato com o HIV. A pessoa em PrEP realiza acompanhamento regular de saúde, com testagem

---

<sup>94</sup> O objetivo do Ministério é “disseminar o emprego das evidências que o conceito indetectável é igual a intransmissível e representa risco zero de transmissão do HIV”. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/noticias/2023/dezembro/risco-zero-da-transmissao-sexual-do-hiv-e-tema-de-webinar-do-ministerio-da-saude>. Acesso em: 15 jan. 2024.

para o HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) (Ministério da Saúde, 2022, s/p).

Portanto, com as tecnologias de combate à transmissão do HIV hoje disponíveis, ou seja, a PrEP, a PEP e os ARV, é anacrônico pensar que são os soropositivos em tratamento os responsáveis pela transmissão do HIV. A transmissão ocorre quando a pessoa não sabe que está com o vírus, não faz a testagem de seu estado sorológico e nem adere às medidas de prevenção, entre elas, o preservativo, única opção disponível no início da epidemia. Da testagem à medicação, tudo está disponível gratuitamente pelo SUS. O preservativo, também conhecido como camisinha, deixou de ser a única opção para interromper o ciclo de transmissão do HIV, mas continua sendo recomendado para combater a transmissão de outras ISTs.

A sorofobia precisa ser combatida com informação. Por isso, vou repetir um esqueminha que também encontrei no site do Ministério da Saúde:

*indetectável = intransmissível = liberdade*

Suponho que Victor, o pesquisador, não tinha todas estas informações quando da escrita de sua dissertação que depois virou livro, mas aproveito para atualizar você sobre este assunto.

Figura 15 – Mensagens recebidas pelo Victor no Grindr



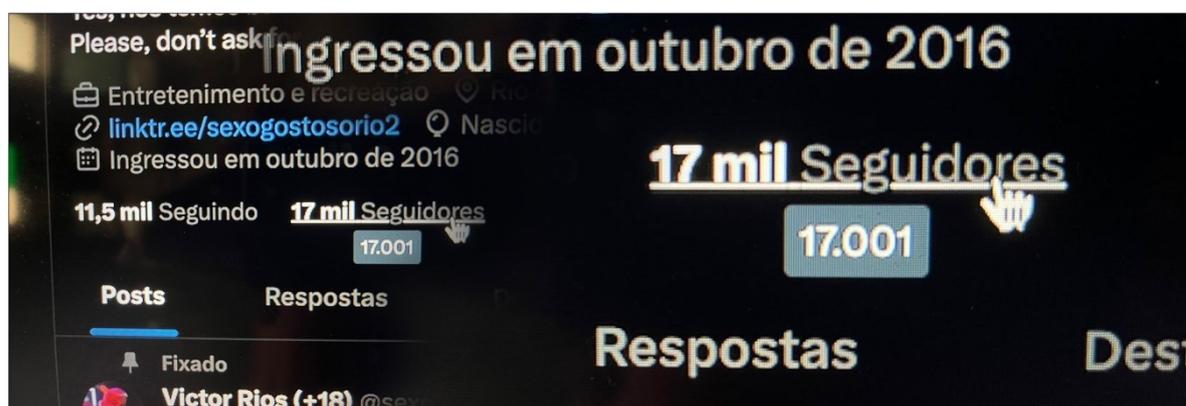
Fonte: Acervo Victor Rios.

O Victor, que não é o pesquisador citado acima, mas sim o sujeito da minha pesquisa, me enviou alguns *prints*<sup>95</sup> de mensagens que recebe de seus fãs, porque ele não tem seguidores, mas sim, fãs. São mensagens que ele recebeu por aplicativos de encontros por geolocalização, tais como Grindr, Hornet<sup>96</sup> e até mesmo pelo Twitter ou WhatsApp.

Segundo ele, a maioria destas mensagens é de desconhecidos. São mensagens adjetivadas com paixão: “mito”, “referência”, “só vídeo foda”, entre outras. Além destas mensagens compartilhadas pelo Victor, pensei em coletar outras nas suas redes educativas das ‘*prácticasteorias*’ pornocurriculares, em especial, na página da websérie que ele criou. Porém, isso não foi mais possível. O Twitter, onde originalmente foi publicada a websérie, derrubou o perfil do Victor alegando que ele havia violado várias regras da comunidade e sem a menor chance de recuperação de seu perfil, que contava com exatos 17.000 seguidores.

*Foi no dia 03 de dezembro de 2023. Eu sei disso, pois fiquei tão feliz que fiz uma foto e enviei para uma amiga. Então, a data ficou registrada no meu WhatsApp. Eu estava numa fase ótima! Tinha acabado de participar de uma exposição de arte com a minha obra “cu doce”. Aquela experiência foi novidade pra [sic] mim. Também estava esperando essa mudança no número de seguidores há um tempinho. Parecia que eu nunca mais ia sair do dezesseis mil vírgula setecentos, oitocentos seguidores. De repente, 17 mil! Eu era pura alegria. Enfim, mal sabia eu que seria tudo derrubado uns dois dias depois.*

Figura 16 – Registro do número de seguidores antes da queda do perfil



Fonte: Acervo Victor Rios.

Ele me disse também que esta não foi a primeira vez que a plataforma cancelou seu perfil. O primeiro perfil criado na plataforma foi em 2013. Vigorou até 2016, quando foi

<sup>95</sup> O *print* é um recurso tecnológico de captura de imagens de uma tela, seja do computador, do celular ou de um tablet. Segundo alguns, “o *print* é eterno”, pois torna-se rastro, documento.

<sup>96</sup> Grindr e Hornet são exemplos de “aplicativos de pegação”, ou seja, aplicativos que funcionam com geolocalização e apresentam perfis de pessoas que estão próximas do usuário, “facilitando” o encontro pessoal.

derrubado pela primeira vez pelo Twitter. Por isso, o @ dele ganhou o número 2, uma segunda versão do perfil anterior. Sete anos depois, foi cancelado novamente.

Desde que Elon Musk comprou o Twitter em 2022 e, ironicamente mudou o nome da plataforma para X (o X é comumente usado para definir conteúdo adulto), muitas coisas mudaram na plataforma. E o peso das mudanças sempre recaem sobre os produtores de conteúdo adulto na internet.

O documentário **Pornhub: Sexo Bilionário** da Netflix conta a história do segundo maior site de conteúdo adulto mais acessado do planeta. Em 2020, o site removeu todos os *uploads* de usuários não verificados. Hoje, para postar conteúdo na plataforma, o usuário passa por um processo de verificação que consiste na feitura de um vídeo em que o usuário apresenta um documento com foto. Existe também um reconhecimento facial, como aqueles que se fazem em celulares para contas em banco. Eu mesmo passei por todo o processo de verificação da plataforma para ser um usuário verificado.

As mudanças ocorreram após acusações, contra a plataforma, de monetização de material de abuso sexual infantil, estupro, vídeos não consensuais e até de tráfico sexual. Em sua análise sobre o documentário, o jornalista e crítico de cinema Rafael Braz diz que “o filme traz os responsáveis pelo site reconhecendo a dificuldade de se combater o *upload* ilegal de conteúdo e mostra os esforços deles na tarefa enquanto uma narrativa maior se desenvolve”. E qual seria esta narrativa? A de que existe um “plano maior” de combate à pornografia comandado por conservadores americanos que estão mais preocupados com o sexo do que com os supostos crimes. Braz não curtiu muito o filme e encerra sua análise afirmando que o documentário mais lhe parece uma propaganda do site, pois parece que “lava as mãos” em vez de enfrentar os problemas que acontecem dentro da plataforma.

Este “lavar as mãos” das plataformas, ou seja, eximir-se de responsabilidades e jogar todo o ônus para o usuário, é o grande debate do momento. A regulamentação das redes está em pauta no Congresso Nacional e na sociedade, especialmente após as democracias estremecerem com o poder nefasto das *fake news* e da desinformação.

Para combater os perfis falsos, o Twitter, agora X, também criou seu próprio modelo de verificação. E, diferentemente do Pornhub, para se ter um perfil verificado no X, o usuário precisa pagar. E, pagando, o usuário tem mais recursos disponíveis dentro da plataforma.

*Para estar de volta ao Twitter, tive que fazer um longo processo. Fui informado via e-mail que eu não poderia criar nenhuma conta com o meu @ antigo ou com o meu número de celular registrado. Eu fui banido mesmo da rede. Como um criminoso! É assustador. E o pior é que eu não fui informado por quais motivos eu estava sendo eliminado. Nunca apagaram uma postagem*

*minha. Nenhuma notificação. Nada! Eu nem poderia imaginar que aquilo ia acontecer. Foi então que recebi do MrDanado, um outro produtor de conteúdo adulto amador, algumas dicas de sobrevivência, pois ele havia passado pelo mesmo problema antes. Fiz exatamente o que ele me contou que fez para voltar à cena. Está preparado? Peguei um celular velho e coloquei um chip com outro número. O meu número de celular pessoal estava impedido de criar nova conta, lembra? Então, a partir deste novo número criei nova conta, um outro arroba. Deixei de lado o apelido que me acompanhou por 15 anos, o sexogostosorio, e adotei meu nome, victorios, tudo junto. Segundo o MrDanado, eu tinha que eliminar qualquer vínculo com o arroba anterior. Criada a nova conta com este novo número de telefone, passei para a fase da verificação, que é feita pelo número de celular, mediante uma assinatura mensal de oitenta e quatro reais. Oitenta e quatro! Isso é mais do que o dobro que eu pago pela Netflix. Antes da queda, a verificação custava metade disso, ou seja, quarenta e dois reais. E isso me faz pensar que minha derrubada vem mais do fato de que eles queriam que eu pagasse para estar ali, pois dezessete mil seguidores não é muita coisa, mas também não passa despercebido.*

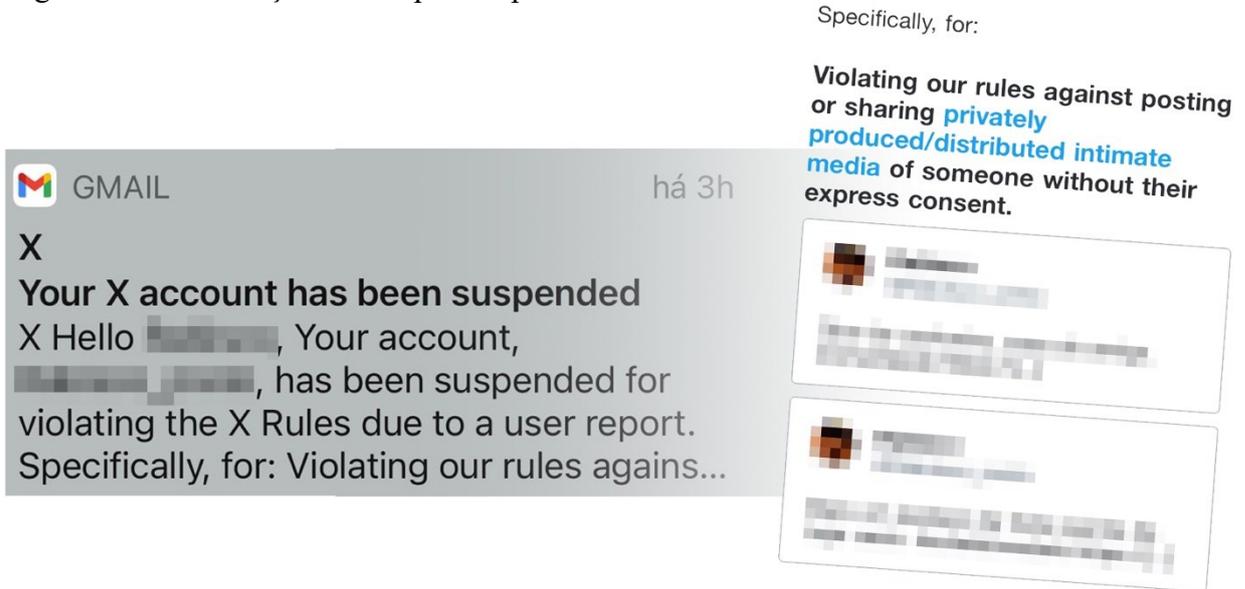
O relato do Victor acima reforça uma passagem do documentário sobre o **Pornhub**. Quando acusado de permitir postagens ilícitas, ou seja, fazer vistas grossas sobre certos conteúdos postados pelos usuários, as bandeiras de cartão de crédito se retiraram, pois não queriam suas marcas associadas a conteúdos ilícitos. E em vez de investir em moderação, o site apagou uma enorme quantidade de conteúdo de usuários não verificados. A questão é que nem todo usuário não verificado era um criminoso e muitos profissionais de conteúdo adulto foram afetados com a medida. A saída das bandeiras de crédito também atingiu em cheio os produtores de conteúdo legais. Mike Stabile, advogado da indústria pornográfica, diz em entrevista:

*Mas eles erraram o alvo. O Pornhub não vende muito conteúdo diretamente no site. A maioria dos lucros do Pornhub vem de anunciantes ou de marketing de afiliados. E nenhum deles exige pagamentos em cartão de crédito. Quem foi realmente atingido por isso foram os artistas individuais. Aqueles que vendiam os conteúdos direto para os consumidores, porque era lá que os consumidores estavam.*

O X não proíbe pornografia, mas algumas medidas precisam ser tomadas pelo usuário. É proibido postar partes íntimas na capa ou na foto de perfil. E todo conteúdo adulto, seja foto ou vídeo, precisa ser marcado, na postagem, como conteúdo sensível. Uma vez marcado como sensível, este conteúdo só pode ser visto para quem tem perfil na plataforma. E se você tiver um perfil lá, também só verá o conteúdo mediante permissão, seja clicando sobre o conteúdo ou permitindo, nas configurações individuais, a visualização deste tipo de conteúdo. Todo conteúdo postado pelo Victor era automaticamente marcado como sensível, pois existe esta opção na plataforma. Daí, mais uma vez, ele reforça não compreender quais foram as violações cometidas por ele.

Um usuário do X teve a sua conta recentemente derrubada, no dia 20 de janeiro deste ano. Ele foi notificado por e-mail e, na própria plataforma, foi informado, detalhadamente, sobre os motivos da suspensão.

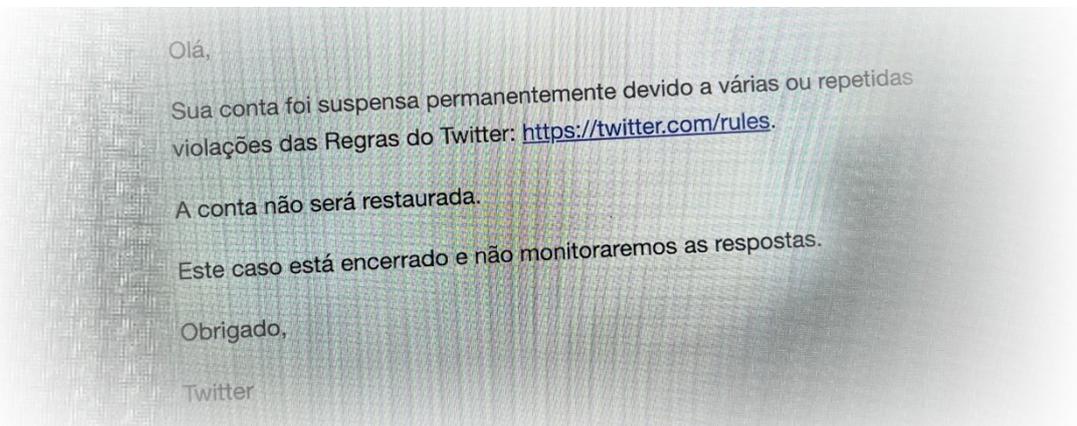
Figura 17 – Notificações de suspensão pelo X



Fonte: Envios de um colaborador ao autor por WhatsApp.

Victor afirma que não teve o mesmo tratamento. Sua conta foi suspensa e a única coisa que pôde fazer foi, via e-mail, contestar a decisão da madame X. Segundo ela, a madame, uma minuciosa avaliação do perfil foi realizada, por isso, decidiu suspendê-lo definitivamente. Quando recebeu este aviso pela plataforma, Victor resolveu insistir e fez a contestação por e-mail, pois “eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo depois de tantos anos ali”. Mas a resposta que teve foi ainda mais desoladora. Veja na figura abaixo.

Figura 18 – Resposta da contestação de Victor ao X



Fonte: Acervo Victor Rios.

Os “termos de uso das plataformas” são arbitrários e se modificam com o tempo, ou seja, são atualizados. O que aconteceu com Victor no X mostra que também são arbitrárias algumas decisões e, em última análise, o usuário estará sempre vulnerável. Importante ressaltar que os “termos” são raramente traduzidos. Eles ficam disponíveis nas plataformas, mas sempre em inglês. Este é um fator que pode induzir ao erro. Entretanto, é curioso perceber o cerco que fazem aos perfis adultos, pois parece que outras práticas, as que promovem violência, em especial as não consideradas sexuais, seriam, em tese, defendidas.

Uma onda de ataques violentos<sup>97</sup>, com vítimas fatais nas escolas, vinha crescendo no Brasil, em especial nos anos de 2022 e 2023. Para combater a escalada de violência, o então ministro da Justiça, Flávio Dino, fez uma reunião com representantes das redes sociais (que são transnacionais) no país. O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva solicitava aos representantes das *big tech* no Brasil que derrubassem<sup>98</sup> perfis, postagens ou *hashtags* que promoviam autores de atentados nas escolas. Na ocasião, a plataforma mais resistente ao pedido do governo foi ela, a madame X. O Twitter alegava que “frear perfis e hashtags vai contra os termos de uso da plataforma e, na avaliação do Twitter, fere a liberdade de expressão”<sup>99</sup>. O argumento cínico (Sibilia, 2021) provocou uma reação no ministro. Então, em meio à reunião, “Dino afirmou que os termos de uso das redes sociais não estão acima da lei”<sup>100</sup>.

O caso brevemente relatado é para explicitar a arbitrariedade na criação dos termos de uso, assim como são arbitrários os posicionamentos ou as medidas tomadas pela plataforma.

Voltando ao documentário sobre o **Pornhub**, Noelle Perdue, ex-funcionária da empresa que atuou em diversas posições, diz:

*A opinião pública geral sobre pornografia, em última instância, não atinge o bolso dos executivos do Pornhub. Não atinge! Quem sai prejudicado com essa medida cada vez mais negativa em relação à pornografia são os artistas pornôis que estão publicamente envolvidos nessa indústria. Não dá para eles saírem do trabalho e voltarem para casa. Eles não podem largar esse emprego e arrumar outro. Eles já estão publicamente muito envolvidos nisso. De um jeito que, se você já estiver no ramo por um tempo, é muito difícil conseguir apagar completamente.*

<sup>97</sup> Leia na matéria da revista **Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/a-onda-de-barbaridade-dos-massacres-em-escolas-no-brasil>. Acesso em: 23 jan. 2024.

<sup>98</sup> Matéria da revista **Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/em-meio-a-ataques-em-escolas-dino-endurece-exigencias-as-redes-sociais-termos-de-uso-nao-se-sobrepoem-a-constituicao/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

<sup>99</sup> Matéria do **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/04/11/governo-vai-notificar-nesta-quarta-plataformas-sobre-licitacao-a-violencia-nas-escolas-diz-dino.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2024.

<sup>100</sup> Trecho retirado da mesma matéria citada acima.

A fala de Perdue delata que, de forma geral, os executivos raramente são afetados quando a pornografia é atacada e, em geral, associada a crimes. As sanções só afetam quem está na vitrine, quem é a cara da indústria, ou seja, os artistas.

As restrições aos produtores individuais de conteúdo adulto só aumentam. O escândalo do **Pornhub** em 2020 afetou outras plataformas de *streaming* adulto. As bandeiras de cartão de crédito não queriam aceitar pagamentos oriundos de sites “suspeitos”.

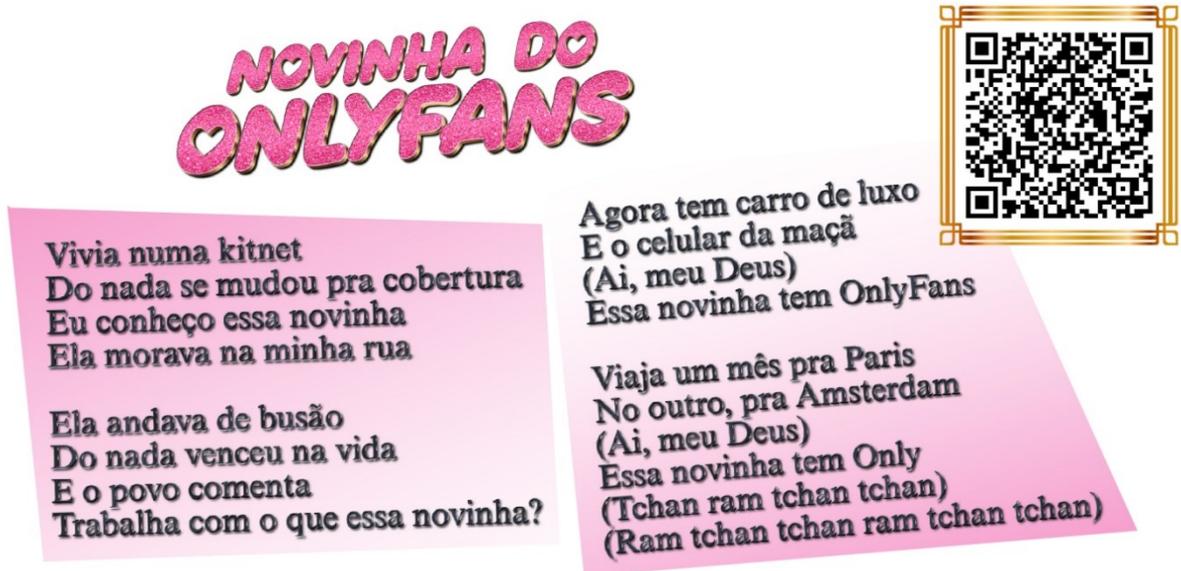
Em dezembro passado, Discover, Mastercard e Visa anunciaram que suspenderiam os pagamentos ao Pornhub, um dos maiores sites pornô da web, após alegações de que o site hospedava material de abuso sexual infantil. Em resposta, o site limpou seu site de todos os vídeos que não foram produzidos por parceiros verificados e implementou um programa de verificação que todos os usuários teriam que passar se quisessem postar conteúdo adulto (Fung, 2021, s/p).

Em 2021, a plataforma *OnlyFans* chegou a pensar em banir os conteúdos de sexo explícito. Embora não tenha sido criada originalmente com este fim, o site *OnlyFans* é hoje sinônimo de pornografia.

A decisão também é resultado de uma repressão muito mais ampla e coordenada nos últimos anos em partes explícitas da Internet, impulsionada em grande parte por um grupo de empresas poderosas e cada vez mais assertivas: as processadoras de pagamento. Nos bastidores, elas lidam com todas as transações feitas por cartão de crédito, quer você esteja pagando por gasolina, comprando mantimentos ou, sim, dando uma gorjeta a um artista no *OnlyFans* (Fung, 2021, s/p).

Para reforçar esta ideia da popularidade e consequente associação do site *OnlyFans* à pornografia, trago a canção “Novinha do *OnlyFans*”. Fica explícito na música o tipo de trabalho exercido pela novinha e os ganhos que ela está tendo. Pode até não ter sido intencional, mas a canção faz circular ‘*conhecimentossignificações*’ sobre a plataforma e os possíveis ganhos que se pode ter a partir da adesão dos usuários ao seu modelo de negócios, em especial, as mulheres.

Figura 19 – Letra da canção e QR Code para visualização



Fonte: Criação do autor com letra retirada do site <https://www.letras.mus.br/kadu-martins/novinha-do-onlyfans-tchan-ram-tchan-tchan/>.

O jogo é claro! As plataformas existem. Tem gente que produz e tem gente que paga para ver. A pornografia foi naturalizada. Você pode ser contra ou a favor, produtor ou consumidor, a pornografia está aí. Pensando com Sibilía (2021), na transição “da hipocrisia moderna para o cinismo contemporâneo”, o que se deseja, de preferência, é que os usuários das plataformas sejam praticantes (Certeau, 2014) da pornografia, ou seja, sejamos todos ‘*produtoresconsumidores*’.

Essas transformações têm se expandido nas últimas décadas, em sintonia com a nossa crescente “compatibilidade” com as tecnologias digitais de comunicação e informação. Contudo, os lineamentos da nova configuração histórica já pareciam esboçados na segunda metade do século XX. O próprio Michel Foucault detectou alguns traços bastante eloquentes dessa crise, conforme afirmara numa entrevista concedida em 1975. “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzado!”, resumia o filósofo naqueles depoimentos. Após as revoltas simbolizadas por maio de 1968, desativaram-se algumas das amarras que amordaçavam os corpos disciplinados da era moderna, embora não tenha se tratado de uma liberação total. Houve um rápido e muito eficaz reajuste das redes de poder, que levaria a “uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos” (Sibilía, 2021, p. 09).

E se todos somos incitados a participar deste jogo, ou seja, da produção e consumo, do ver e do dar-se a ver, agora é preciso seguir as novas regras impostas pelas empresas de processamentos de pagamentos. Segundo a reportagem do Fung, “o setor financeiro tem se inclinado cada vez mais contra sites que compartilham conteúdo adulto. Mas a questão, dizem eles, não é mero pudor, mas exposição legal”. Por isso, os mais variados sites de pornografia

estão se adequando às exigências destas empresas e, de certa forma, acabam limitando a capacidade de produção dos chamados “produtores de conteúdo adulto”. O tráfico sexual, a pornografia infantil ou a exposição não consentida, enfim, todos estes crimes precisam e devem ser combatidos. O que se questiona com as novas medidas – e isso aparece tanto no documentário sobre o Pornhub, como na matéria do Fung – é a percepção de que o sexo é o grande alvo, pois a cruzada atinge em cheio a liberdade de criação dos produtores de conteúdo.

Venho usando o termo “pornografia infantil” a contragosto. Percebo que a junção destas palavras só serve para criminalizar a pornografia e, em última instância, o sexo, ou seja, as práticas sexuais. A exploração sexual de crianças e jovens, seja presencial ou a distância, *online* ou *offline*, já é um crime tipificado. A venda de conteúdo adulto em que há abuso de crianças e jovens, vítimas de exploração sexual, deveria ter outro nome. “Pedofilia Comercial” talvez fosse um termo mais adequado, pois quem produz pornografia não produz este tipo de conteúdo criminoso. Associar pornografia a crimes não é um gesto arbitrário. É intencional.

Perguntei ao Victor, meu interlocutor, se, ao navegar nas diferentes plataformas de venda de conteúdo adulto, ele havia percebido alguma mudança. Também mencionei o “caso Pornhub”. Ele me respondeu:

*Agora tudo faz sentido! Eu não estava entendendo uma série de coisas pelas quais passei. Tive problemas para receber uns dólares no banco no meio da pandemia. O banco não queria aceitar a transferência e me perguntou a origem do dinheiro. Demorou, mas o caso foi resolvido. Hoje já não tenho mais problemas de transferência. Está tudo muito mais simples para receber a grana. Eu trabalhava com duas plataformas, o JustForFans, onde se vende em dólar, e o OnNowPlay, que é nacional e aceita pix como forma de pagamento. Criei o OnlyFans há pouco tempo, pois todo mundo me perguntava: qual é o seu OnlyFans? E eu tinha sempre que responder que não trabalhava com eles. Foram tantas as vezes que um dia me aborreci e resolvi criar o meu perfil lá. Só pra [sic] eu dizer que tinha um OnlyFans também, sabe? Mas lá, pra [sic] mim, não funciona. Tenho pouca coisa lá só uns nudes.*

Perguntei: Por que apenas nudes?

*É muita restrição! Para eu ter um vídeo ou foto meu lá com alguém, eu preciso que esta pessoa também esteja na plataforma produzindo conteúdo. Eu sou verificado pela plataforma com identidade, conta bancária, essas coisas. Então, se eu posto uma foto com alguém e não marco esta pessoa que está na foto comigo, a foto fica suspensa pelo sistema. Outro dia postei um álbum lá. Juntei umas trinta fotos. Entre elas, escapou uma única foto com um outro “membro” na foto. Tive que apagar o álbum todo e refazer. O lance agora é o seguinte: eu só posso postar conteúdo com uma pessoa se esta pessoa também foi verificada pela plataforma. Posso estar com um senhor de oitenta anos. Não importa! Se ele não foi verificado, a foto ou o vídeo fica suspenso. E é tudo muito rápido. Eles suspendem o conteúdo e me informam que preciso marcar, ou seja, identificar aquela pessoa. O conteúdo não será publicado para visualização dos meus assinantes enquanto eu não for lá e identificar o*

*sujeito. Como eu não costumo produzir conteúdo com pessoas que estão lá se vendendo também, fica impossível identificá-las. Nem todo mundo que grava comigo quer ser um produtor de conteúdo no OnlyFans. Então, é quase impossível, pra [sic] mim, postar qualquer coisa lá. E esse lance de posar de estrela não é muito minha praia. Eu gosto é da interação. Eu gosto de divar com alguém. Tem que ser muito fã pra [sic] só querer me ver pelado lá, né?*

O relato do Victor reverbera o coro dos artistas que reclamam das novas restrições impostas pelas plataformas. Em nome de uma segurança jurídica, as medidas de proteção e combate recaem sobre a liberdade de criação dos produtores. Mas isso também me parece um caminho sem volta. Em virtude de outros crimes praticados na internet, tais como a desinformação ou discurso de ódio, e que são impulsionados pelo anonimato ou criação de perfis falsos, a verificação vem para ficar. Os grandes sites pornográficos de compartilhamento, como o **XHamster**, **XVÍdeos** e o próprio **Pornhub**, agora exigem uma verificação mais “leve” do usuário. Ao acessar estes sites, logo após clicar na tela de aviso de que aquele conteúdo é para maiores de 18 anos, o usuário é convidado a se *logar* com sua conta Google. A nova onda de verificação que se apresenta reforça a percepção de Sibilía (2021, s/p):

“A economia colaborativa conduz finalmente à comercialização total da vida”, afirma Byung-Chul Han num artigo recente. Essa “capitalização total da existência” se torna evidente quando até a amizade é convertida em mercadoria, “tornando impossível ser amigável sem um propósito”, visto que a própria dinâmica das plataformas online impõe tal comportamento para obter melhores avaliações – e, não raro, ganhar mais dinheiro.

No *OnlyFans*, com certeza, a colaboração é uma máxima, pois, para ter êxito ali, Victor terá que se relacionar com pessoas também verificadas pela plataforma.

Essa capitalização total da existência não parece apenas vinculada diretamente à economia colaborativa da internet; mas, numa perspectiva mais ampla, vislumbra-se como uma característica própria do regime de saber e poder que vem se consolidando na contemporaneidade. Não por acaso, o solo moral requerido para o seu funcionamento é marcadamente cínico (Sibilía, 2021, p. 14).

Nesse novo regime, ou seja, da mentalidade cínica, relacionar-se sexualmente por interesse com alguém verificado (e que tem muitos seguidores) para a sua própria produção de conteúdo adulto, não é um gesto condenável, mas sim, estimulado. Relacione-se com quem te dá *likes*! E, por consequência, lucro.

Desolador, né?

Porém, o fim do artigo me trouxe um pouco de esperança quando Sibilía diz que “vale pensar se é possível imaginar outros deslocamentos do solo moral em que tais vivências germinam, rumo a invenções que sejam capazes de fugir tanto das velhas ciladas da hipocrisia

como das falsas certezas dos cinismos”. E é por isso que escolhi o Victor e a websérie produzida por ele para fazerem parte da minha pesquisa.

Neste novo cenário de restrições das plataformas de conteúdo adulto, surgem também as novas táticas de resistência. Um outro produtor de conteúdo e parceiro de Victor enviou um áudio para ele contando as “novidades” que estavam acontecendo no *OnlyFans*.

*Os sistemas de análise deles não são tão bem planejados pra [sic] poder fazer esses cruzamentos e impedir que essas coisas [postagens fora das regras] aconteçam. O sistema não quer saber se a pessoa que você está marcando no arroba, ali embaixo nas citações, é a pessoa que está no vídeo. Eles querem que tenha uma marcação para vias de comprovação. Eu canso de postar vídeo com pessoas que não têm OnlyFans. Pessoas que são da putaria, que não têm perfil lá, mas que me autorizaram a postar com o arroba de outras pessoas. E nunca aconteceu nada. Nunca, nunca aconteceu nada! É um sistema que é muito falho. Todo mundo faz.*

As estratégias (Certeau, 2014) estão colocadas, mas as táticas dos praticantes sempre encontram um meio para burlar aquilo que é imposto. Seja na produção, publicação ou na visualização de conteúdos adultos, nenhum dispositivo (Foucault, 2014) de controle é totalmente eficaz. A circulação de ‘conhecimentossignificações’ sobre os “temas proibidos”, para não dizer “silenciados”, nas redes educativas das ‘prácticasteorias’ pornocurriculares, foi formando, também, ao longo do tempo, sujeitos astutos, resilientes, criativos e resistentes. Estes mesmos sujeitos acabam, por fim, formando outras, e cada vez mais complexas, redes de indisciplina. E como são múltiplas as redes que nos formam e que nós formamos, as redes das ‘prácticasteorias’ pornocurriculares atravessam, afetam, modificam, transformam todas as demais. Este movimento dos sujeitos das/nas/com as redes é constante.

### 3.1 As impressões sobre Victor Rios

Antes de seguirmos para a websérie, quero apresentar como o Victor é percebido por seus seguidores. O primeiro deles é MrDanado que, além de seguidor, é também produtor de conteúdo adulto. Eles se conheceram em 2009 ao gravarem um vídeo juntos.

Figura 20 – Postagem do Mr Danado<sup>101</sup> no seu perfil do Twitter



Fonte: Twitter.

O perfil Danadão Versátil já não existe mais, também foi suspenso pelo Twitter. E nas tentativas de se manter na rede social, a cada suspensão, MrDanado criava um novo arroba. Não importavam as variações, a referência ao seu apelido inicial sempre foi mantida. Foram muitas as suspensões que ele sofreu e pelos mais diferentes motivos. Por isso, quando o Victor teve seu próprio perfil suspenso, recorreu ao seu antigo parceiro na produção de vídeos.

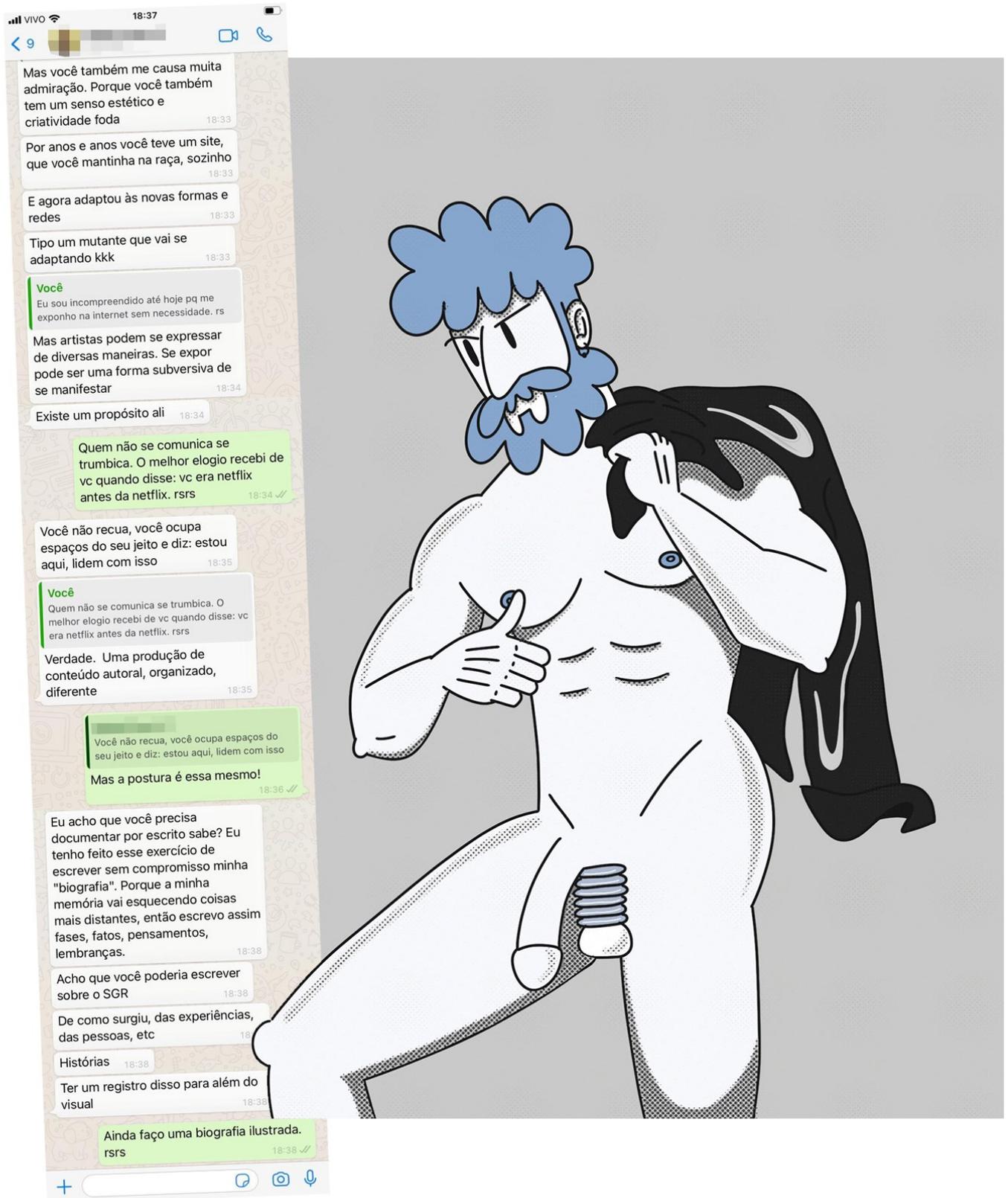
Victor, seguindo as instruções do MrDanado, agora tem outro arroba. O apelido que carregou ao longo de 15 anos, o SexoGostosoRio, foi substituído pelo seu nome social. Tática de sobrevivência para se manter na referida rede social.

Mas existe um outro personagem que segue o Victor há tempos. Max Woods começou como um fã em 2009, mas com o tempo se tornou um amigo. Nunca se encontraram pessoalmente, mas trocam experiências. Uma relação que nasceu e se mantém no ciberespaço. Assim como Max Woods acompanhou a trajetória de Victor Rios, este acompanhou o surgimento do ilustrador Max Woods<sup>102</sup>.

<sup>101</sup> Disponível em: <https://twitter.com/dotleitadorrj>.

<sup>102</sup> Disponível em: <https://twitter.com/maxxxwoods>.

Figura 21 – Conversa com Victor e ilustração de Max Woods



Fonte: Prints enviados pelo WhatsApp por Victor Rios e ilustração do perfil do autor no Twitter.

A conversa entre os dois comprova que cibercorpos produzem relações de afeto. E que, num virtual encontro presencial, podem se estender, ou seja, permanece, há uma continuidade da relação afetiva criada no ciberespaço.

### 3.2 Websérie: Victor's Secrets

Com a perda recente de seu perfil no Twitter, onde originalmente foi publicada a websérie, Victor resolveu divulgá-la no seu Instagram. Neste processo, ele revisitou todos os episódios e resolveu comentá-los. Esse distanciamento temporal me ajudou com pistas daquilo que eu já havia percebido e que pretendo conversar sobre cada episódio, complementando ou destacando aquilo que, eventualmente, tenha escapado de sua própria análise. Por isso, a produção textual do autor da websérie foi integrada ao corpo de minha pesquisa, servindo-me de apoio e diálogo.

Por serem recentes as postagens, aquele impacto do lançamento e os registros de curtidas e comentários se perderam. Os rastros, que eu tanto queria buscar, já não existiam mais. Lamentei com o Victor e ele me trouxe uma solução. Algo nada previsto, mas que nos dá um vislumbre do alcance de sua criação.

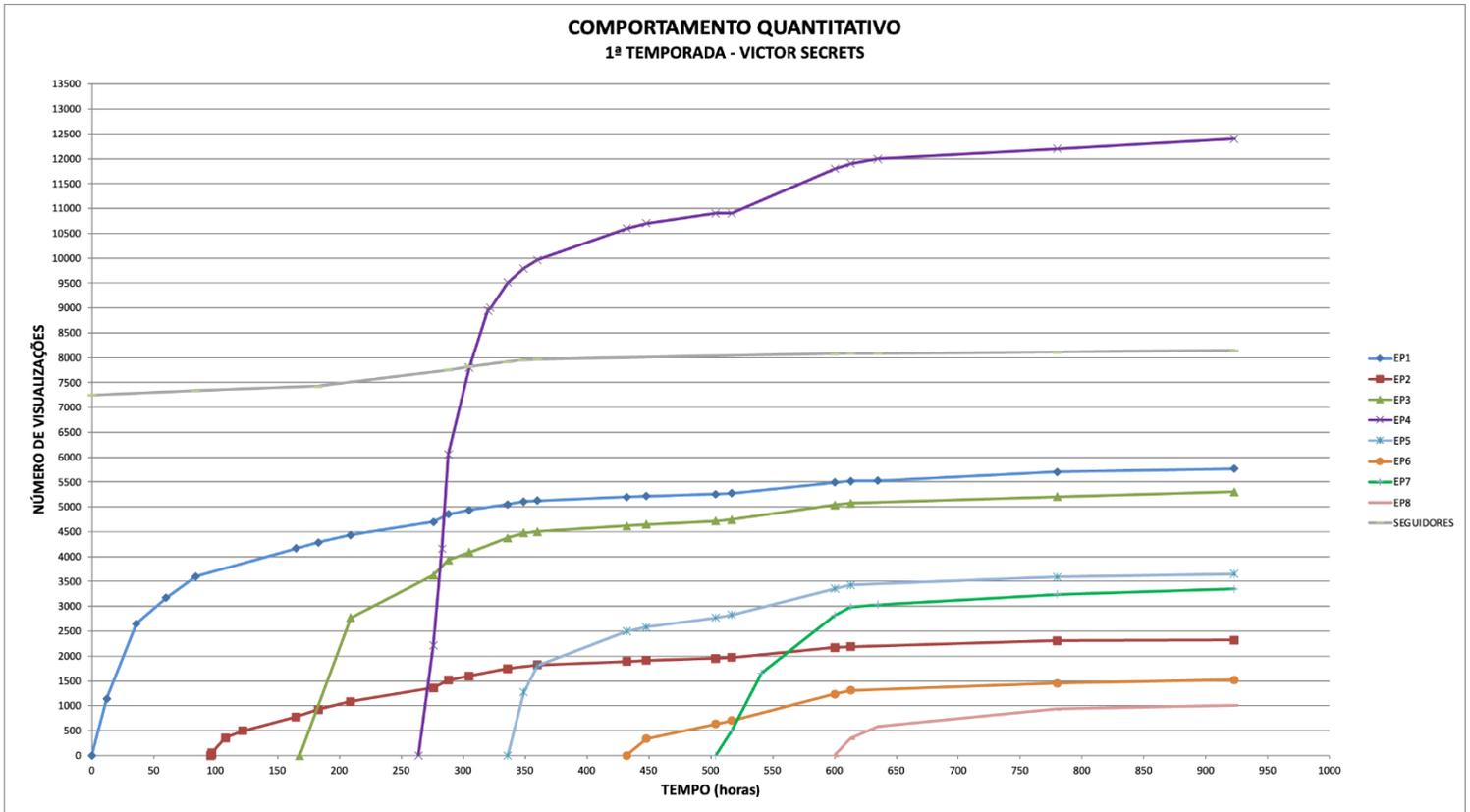
*Quando pensei em criar a websérie, falei com meu amigo, o Sartre Du Cachambi, que é um cinéfilo. Ele não entendia nada de internet. Acho até que desconfiava da minha ideia. Um produto seriado no Twitter? Aquilo nunca havia sido feito. Eu, pelo menos, nunca vi. Mas foi a forma que encontrei para não ter que ficar fazendo videozinhos curtos de fodas antigas. Então, ainda desconfiado, o Sartre, que é engenheiro de formação, e no intuito de entender aquilo que estava sendo criado, me fez registrar, durante um período, alguns dados de cada postagem. Era uma loucura! De tempos em tempos eu fotografava estes dados e enviava pra [sic] ele. Era uma coisa meio semanal. Depois que terminei os envios, ele gerou um gráfico. Só fiz isso na primeira temporada, mas acho que pode servir para você, para sua pesquisa. Você quer?*

O gráfico do lançamento da primeira temporada apresenta um comportamento quantitativo dos episódios em curvas de visualizações. No eixo Y, estão os números de visualizações que vão de zero a 13.500, sendo o zero o momento da postagem de cada episódio na plataforma Twitter, onde foi divulgado.

O eixo X foi dividido em horas de exibição, ou seja, tempo de permanência dos episódios na plataforma. A escolha por horas se deve ao fato de que a coleta de dados não seguiu um critério semanal ou diário. De zero a mil horas, esta linha no gráfico apresenta o momento da postagem (em horas) de cada episódio e seu desenvolvimento em relação aos demais a partir do número de visualizações formando curvas.

O gráfico também apresenta uma linha que mostra a tendência de aumento do número de seguidores durante o processo de postagens da websérie.

Figura 22 – Curvas de visualização



Fonte: Arquivo do Victor Rios.

No gráfico acima, notamos uma única curva que foge ao comportamento das demais. É o episódio quatro, o episódio do “Carnaval”. Este, lançado pouco depois da festa, furou a bolha dos habituais seguidores de Victor, atingindo outros públicos.

Acredito que o tom de crítica política e humor debochado tenham sido a chave para tamanho desempenho. Foram dois ataques<sup>103</sup> do ex-presidente da república, tanto ao carnaval em si, quanto à população LGBTQIAPN+. Um dos ataques foi a postagem de um vídeo explícito de ato sexual entre dois homens durante a festa seguida de outra postagem com a pergunta: “O que é *golden shower*?”. O Victor não somente dá respostas a estas perguntas como encerra o episódio ao som de uma voz, extraída de um meme da internet, em que a ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos é dublada, tendo a sua fala modificada. A fala

<sup>103</sup> A matéria do G1 relata os fatos ocorridos, mas não abre para a discussão que interessa: a exposição de práticas sexuais de pessoas LGBTQIAPN+, enquanto sabemos que o sexo é praticado com mais permissividade e em quantidade por pessoas heterossexuais. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/06/planalto-diz-que-video-publicado-por-bolsonaro-quis-mostrar-distorca-clara-do-espirito-do-carnaval.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2024.

reacionária da ministra dizia que “É uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa”<sup>104</sup>. Um claro ataque, em especial, às pessoas trans.

---

<sup>104</sup> GloboNews. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2024.

## Primeira Temporada: Memorabilia

Figura 23 – Capa do episódio 01 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*Sabe com quem está falando?*  
*T01E01*

*O primeiro episódio da websérie é marcado pelo suspense. Há algo de sobrenatural no ar. rrsrs*

*Minha intenção, quando criei esta websérie em 2019, era informar aos meus seguidores que eu havia migrado para uma dessas plataformas com assinatura mensal.*

*Memorabilia foi o título que dei a esta primeira fase, digamos assim, pois a websérie iria trazer trechos de vídeos antigos meus como memória. Uma grande memória audiovisualizada.*

*O quadro da Mona Lisa que até hoje decora minha sala (e que também faz parte das minhas memórias) não podia faltar. É com esta Mona que eu convivo todos os dias!*

*E se a Mona ganhasse vida?*  
*Seria ela capaz de ler meus pensamentos?*  
*Seria você capaz?<sup>105</sup>*



Para Foucault, a ascese é um trabalho cuidadoso do indivíduo sobre si, orientado para resistir o poder subjetivante. Porém, ele não define e não distingue mais precisamente os conceitos de ascese, tecnologia de si, auto-subjetivação, desprendimento de si. Seu interesse é o estudo de diferentes práticas (ascese) para a busca de uma determinada relação consigo, e para o sujeito fazer resistência ao poder disciplinar (Silva, 2007, p. 197).

<sup>105</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1X2SLqPTw3/>.

Figura 24 – Capa do episódio 02 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*

*Biscate*

*S01E02*

*Eu estava preocupado com a Mona. O que ela me disse na noite anterior... E se ela começasse a falar com meus convidados? Não pode! Essa Mona não tem papas na língua.*

*Devo confessar: meus melhores momentos são quando estou sozinho com ela. Essa Mona é enjoada, mas ela tem sempre razão.*

*Neste episódio, procurei mostrar um pouco da minha rotina: meus cuidados pessoais, minhas gravações...*

*Foi a partir daqui que, de fato, fui aprendendo a desenvolver os episódios e a websérie começou a ganhar corpo.<sup>106</sup>*

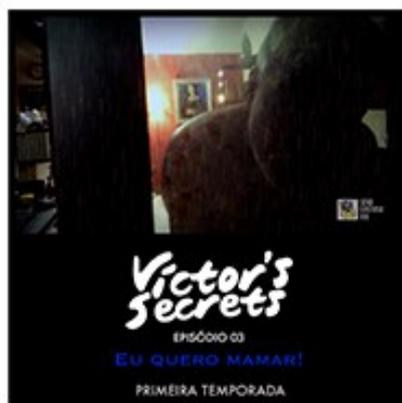


A ascese é uma tarefa constante de auto-superação do sujeito, uma experimentação consigo próprio em devir. Então, a filosofia seria uma experiência modificadora de si, uma experiência do pensar a própria história para saber como podemos ser de outra forma, como pensar de outro modo. Uma experiência modificadora de si, como processo criativo de fazer da vida uma obra de arte (Silva, 2007, p. 197).

Para compreender uma estética da existência é preciso ter coragem, deslocar-se, não permanecer o mesmo. Temos que conseguir pensar o que está aí, mas invisível, para pensar o que não se pensara antes. Teoricamente é necessário romper com a ideia que o indivíduo nos é dado, para ao contrário pensar que precisamos criar a nós mesmos (Silva, 2007, p. 198).

<sup>106</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1cde-urHTI/>.

Figura 25 – Capa do episódio 03 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*Eu quero mamar!*  
*S01E03*

*Chovia torrencialmente na cidade do Rio de Janeiro na abertura do carnaval de 2019. O jornal local anunciava que até o sambódromo estava alagado. Cadeiras flutuavam na avenida.*

*Eu estava só em casa. Peguei fotografias antigas, de outros carnavais. Lembrei de coisas que aprontei neste período tão especial. E foi uma forma de trazer os episódios especiais de carnaval que eu criei ao longo do tempo. Foram vários anos!*

*Eu até queria sair de casa, ver o movimento no entorno do sambódromo, mas aquela chuvarada não permitia. Que noite angustiante!*

*Meu objetivo, neste episódio, foi trazer a questão trans para o debate. Questionar as normas que definem o que é feminino ou masculino. Pessoas trans, em especial as mulheres, são muito reverenciadas no carnaval. Mas depois que passa, só transfobia. Acho até que algumas coisas mudaram pra [sic] melhor de lá pra [sic] cá, mas ainda há muito o que se fazer.*

*A voz da Mona é da Melissa Mel, uma amiga trans muito querida. Ela também foi consultora e revisora de texto toda vez que eu precisei trazer esta questão para a cena.*

*Te amo, Melissa. ❤️ Rabugenta! Kkk [sic]<sup>107</sup>*



A escolha pessoal da forma de viver tornar-se ético na base de uma estética da existência se produz no âmbito das experiências, onde algumas escolhas são possíveis outras não. Não se trata, portanto de um esteticismo fantasioso. A base está justamente na crítica dos domínios de saber e dos dispositivos de poder que condicionam nossa experiência e delimitam as possibilidades da época, as quais não são necessárias, nem imutáveis, e mostram os lugares de transgressão possíveis (Silva, 2007, p. 198).

<sup>107</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1eq57PL7bc/>.

Figura 26 – Capa do episódio 04 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*Carnaval*  
*S01E04*

*Na época do lançamento, este foi o episódio mais visto. Foram 14 mil visualizações em uma semana. Para mim, um feito inédito.*

*Depois da chuva torrencial no episódio anterior, finalmente pude sair de casa e aproveitar o carnaval de rua do Rio de Janeiro.*

*Quando voltei pra [sic] casa, me deparei com a inusitada pergunta do então Presidente da República, agora inelegível, na sua rede social: “O que é golden shower?”.*

*Carnaval é bagunça? Claro que não!  
 Mas um pouquinho de esculacho faz bem. Pelo menos, para responder à pergunta do infame.<sup>108</sup>*

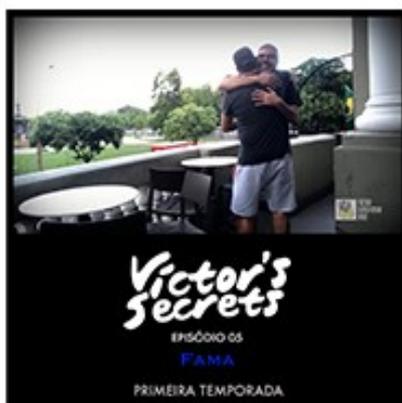


Quanto a essa elaboração de sua própria vida como uma obra de arte pessoal, creio que, embora obedecesse a cânones coletivos, ela estava no centro da experiência moral, da vontade moral na Antiguidade, ao passo que, no cristianismo, com a religião do texto, a ideia de uma vontade de Deus, o princípio de uma obediência, a moral assumia muito mais a forma de um código de regras (apenas algumas práticas ascéticas eram mais ligadas ao exercício de uma liberdade pessoal).

Da Antiguidade ao cristianismo, passa-se de uma moral que era essencialmente a busca de uma ética pessoal para uma outra moral como obediência a um sistema de regras. Se me interessei pela antiguidade foi porque, por toda uma série de razões, a ideia de uma moral como obediência a um código de regras está desaparecendo, já desapareceu. E esta ausência de moral corresponde, deve corresponder a uma busca que é aquela de uma estética da existência (Foucault, 2004, p. 290).

<sup>108</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1mngv7r8HC/>.

Figura 27 – Capa do episódio 05 no Instagram e QR Code para visualização



### VICTOR'S SECRETS

Fama

S01E05

*O que é a fama, afinal?*

*Este episódio gira em torno desta pergunta. Afinal, vivemos um tempo onde todos querem ser famosos.*

*As redes sociais nos convidam a compartilhar nossas vidas. E entramos nesse jogo.*

*Segundo Paula Sibilia (2016, p. 78), autora do livro **O show do Eu: a intimidade como espetáculo**, “nesse novo contexto, além de mais interativos e dispostos a compartilhar suas experiências, os sujeitos estão se tornando ‘mais visuais do que verbais’”.*

*Estamos todos neste barco. Postamos nossos hábitos, onde fomos, como passamos as festas de fim de ano, a academia que frequentamos (isso ainda não fiz, porque não frequento), entre outras coisas. Neste processo de visibilidade, alguns se destacam mais que outros, conseguem muitos seguidores, são até chamados de “influencers”. Mas é isso o que realmente importa?*

*Para alguns, certamente sim. Ser um “influencer” já é um modo de vida, uma profissão para poucos e o sonho de outros tantos desejosos por fama.*

*Entretanto, para saber minha resposta à inquietante pergunta, você vai ter que assistir ao episódio.<sup>109</sup>*



Enquanto a leitura de ficções literárias perde seu antigo trono e vê como se esgota a exclusividade que costumava desfrutar, as principais inspirações para a criação do *eu* parecem brotar de outras fontes. De modo bastante notório, uma caudalosa vertente emana das telas que invadem todos os cantos da paisagem contemporânea, com suas insistentes imagens cinematográficas, televisivas e publicitárias (Sibilia, 2016, p. 63).

<sup>109</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1ms88RLTbe/>.

Figura 28 – Capa do episódio 06 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*Celebridade da Internet*  
*S01E06*

*Este episódio é um desdobramento do anterior. Depois de “Fama”, precisei falar do que é ser uma celebridade na internet.*

*Ao pensar sobre o tema, me dei conta do envelhecimento do meu corpo. Com a idade, o corpo modifica e é pra [sic] pior, não vou mentir. Kkk [sic]*

*Pressão alta, vista cansada, são alguns efeitos do processo de envelhecimento sobre meu corpo. A impaciência também, claro!*

*Se eu já sofri etarismo? Mas é claro!*

*Entretanto, envelhecer com o corpo exposto nas redes é libertador.*

*Se por um lado sofro rejeição pela idade, por outro lado sou desejado exatamente por isso. Não tem certo ou errado! O que existe são as oportunidades. E eu aproveito todas!*

*Você já parou para pensar o quanto de pessoas que o seu desejo exclui? É importante pensar nisso. Nenhuma forma de discriminação é bacana. Reveja seus conceitos e curta a vida!*

*Quanto maiores nossas diferenças, maiores serão as possibilidades de descobrir outros prazeres.*

*É sobre isso!*

*E perdoem minha falta de paciência.<sup>110</sup>*



O que significa público e o que exatamente seria privado nesse contexto? Embora boa parte de seus sentidos ainda perdurem, inclusive reforçados em algumas de suas dimensões, desmancham-se as fronteiras que separavam ambos os espaços em que transcorria a existência dos sujeitos modernos, desafiando todas estas categorias e demandando novas interpretações (Sibilia, 2016, p. 62).

<sup>110</sup> Link da publicação: [https://www.instagram.com/p/C1my\\_3RLhQA/](https://www.instagram.com/p/C1my_3RLhQA/).

Figura 29 – Capa do episódio 07 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*Bicha, melhore!*  
*S01E07*

*Mais uma vez eu quis trazer a questão trans para o debate. Neste episódio, apesar de todo meu carinho com ela, a Mona me dá uma bronca. Ela é assim mesmo: abusada!*

*Porém, ela está certa em me chamar a atenção. Procurar entender nossas diferenças, respeitá-las e, acima de tudo, desaprender coisas que podem magoar, por simples repetição, é um caminho.*

*Eu odeio que me chamem a atenção! E, às vezes, é preciso. Erramos sem querer. Mas querer acertar nos torna pessoas melhores!*

*Mais um episódio com a participação de Melissa Mel, minha amada amiga.<sup>111</sup>*



Nietzsche, que já substituiu o julgamento pelo afeto, prevenia seus leitores: para além do bem e do mal pelo menos não significa para *além do bom e do mau*. Esse mau é a vida esgotada, degenerescente, ainda mais terrível, e capacitada a se propagar. Mas o bom é a vida emergente, a que sabe se transformar, se metamorfosear de acordo com as forças que encontra, e que compõe com elas uma potência cada vez maior, aumentando sempre a potência de viver, abrindo sempre novas “possibilidades”. Certamente não há mais verdade em uma que na outra; só há devir, e o devir e a potência do falso da vida, a vontade de potência (Deleuze, 2018, p. 206).

Se o devir é a potência do falso, o bom, o generoso, o nobre, é o que eleva o falso à enésima potência, ou a vontade de potência até o devir artista (Deleuze, 2018, p. 207).

Elevando o falso à potência, a vida se libertava tanto das aparências quanto da verdade: nem verdadeiro nem falso, alternativa indecidível, mas potência do falso, vontade decisória (Deleuze, 2018, p. 210).

<sup>111</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1m5Tk7vibR/>.

Figura 30 – Capa do episódio 08 no Instagram e QR Code para visualização



### *VICTOR'S SECRETS*

*Memorável*

*S01E08*

*Eu pensei que este seria o último episódio de todos, mas acabou sendo o último da primeira temporada apenas.*

*Quem não gostaria de ser lembrado para sempre? E por motivos bons, né?*

*Neste episódio eu abri meu coração. Pensei sobre as mudanças que vim percebendo ao longo do tempo. Agora, em 2024, completo 16 anos na internet. É bastante tempo! E muita coisa mudou.*

*E continua mudando!*

*Precisei me reinventar várias vezes. O que é um biscoito para quem já se lambuzou num brownie com cobertura de chocolate? Eis a questão!*

*Eu ainda tenho muitos sonhos. E vocês, seguidores, fazem parte deles. Alguns eu tenho a chance de conhecer pessoalmente. Outros conversam comigo por outras tantas redes, mas um encontro presencial permanece no futuro.*

*Passado, presente, futuro...*

*Enquanto você lembrar de mim, eu estarei presente!<sup>112</sup>*



É certamente isso que as pessoas querem dizer quando me recriminam por não apresentar uma teoria de conjunto. Mas acredito justamente que as formas de totalização oferecidas pela política são sempre, efetivamente, muito limitadas. Procuro, pelo contrário, fora de qualquer totalização, ao mesmo tempo abstrata e restritiva, abrir problemas tão concretos e gerais quanto possível – problemas que viram a política pelo avesso, atravessam as sociedades em diagonal, e são parte constituinte de nossa história e, ao mesmo tempo, constituídos por ela; assim como o problema das relações razão/loucura, a questão da doença, do crime ou da sexualidade. E seria preciso tentar colocá-los como questões da atualidade e da história, como problemas morais, epistemológicos e políticos (Foucault, 2004, p. 220).

<sup>112</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1nAh1SvfXI/>.

## Segunda Temporada: Crônicas Phalosóficas

Figura 31 – Capa do episódio 01 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*

*Tempos Modernos*

*S02E01*

*Fiquei empolgado com o resultado da primeira temporada e resolvi criar uma segunda. Desta vez, para divulgar os novos conteúdos.*

*Batizada de “Crônicas Phalosóficas”, os títulos dos episódios da segunda temporada teriam nomes de filmes.*

*Neste primeiro episódio, Tempos Modernos, eu trago memórias. As memórias foram a base da primeira temporada. A partir de agora, elas sairão de cena para dar espaço às situações do presente.*

*Este é um episódio de transição da primeira para a segunda temporada. Nele eu comento as mudanças que percebi ao longo do tempo e as minhas próprias necessidades de adaptação.*

*Cada rede social “exige” uma forma de se colocar, de falar, de se mostrar. Ainda estou longe de compreender todas elas, mas eu me jogo, experimento e procuro não ficar de fora deste “dar-se a ver”.*

*Agora, em 2024, eu completo 16 anos produzindo conteúdo para a internet. Nossa! Muita coisa mudou nesse curto período de tempo.<sup>113</sup>*



A pornografia é uma das peças centrais da composição dos roteiros sexuais do indivíduo moderno e a primeira fonte de informação sobre sexualidade para milhões de pessoas. Com o advento e popularização da internet, a gerência deste conteúdo se tornou virtualmente impraticável, de modo que qualquer indivíduo, de qualquer idade, pode acessar todo tipo de dado que se propuser a pesquisar. No entanto, muito antes desta “revolução” na disponibilização do conhecimento sexual impulsionada pela internet, outra mídia teve grande impacto no que podemos chamar esta “pedagogia social” da sexualidade: o cinema (Duarte; Rohden, 2016, p. 720).

<sup>113</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1uKDvKr024/>.

Figura 32 – Capa do episódio 02 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*Fome de Viver*  
*S02E02*

*Neste episódio eu faço algumas reflexões sobre o amor e o desejo.*

*Também enalteço a noite. Se o dia é dedicado ao trabalho, a noite é reservada aos amantes. Eu não sigo muito esta regra, mas muita gente sim.*

*Aliás, pra [sic] mim, amor e desejo nem sempre caminham juntos. São coisas distintas! Mas não é o que se prega por aí. E tem muita gente que sofre com isso também.*

*Sou um solteiro convicto, mas no fundo, sempre fica aquela vontade de conhecer alguém muito bacana para compartilhar momentos bons.*

*Esse desejo pode estar em mim por diversos motivos. Ele foi produzido antes mesmo de eu chegar neste mundo. O tal “encontrar a outra metade da laranja” já estava aqui antes mesmo de eu nascer.*

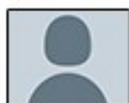
*Por isso questiono meus desejos.*

*Eles são realmente meus?*

*Por isso, ao longo do tempo, fui experimentando coisas novas e descobrindo novos prazeres. E nem falo apenas de prazeres ou desejos sexuais.*

*Eu não sei de nada.*

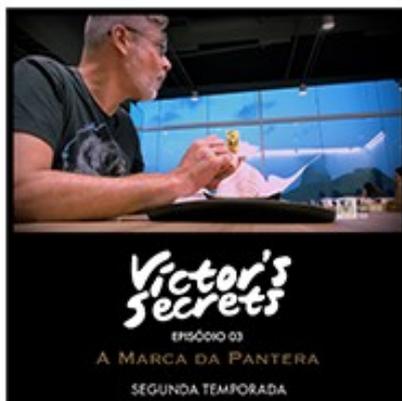
*Só sei que sigo procurando.<sup>114</sup>*



Nessa direção, se a produção das ciências sociais sobre sexualidade tem alguma diferença com outros campos, não se deve à ausência de uma pretensão de verdade. Mas, quem sabe, à insistência em admitir que todas as produções, imagens, classificações são profundamente enraizadas em contextos culturais e que é preciso nos interrogarmos, sempre, acerca das relações de poder e contingências implicadas na sua produção (Duarte; Rohden, 2016, p. 735).

<sup>114</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1ugQpOrHYI/>.

Figura 33 – Capa do episódio 03 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*A Marca da Pantera*  
*S02E03*

*O início deste episódio faz um link com o episódio anterior. Em outras palavras, o fim do outro é o início deste. Entretanto, para compreender melhor este episódio, preciso fazer uma contextualização.*

*Com a chegada da extrema direita ao poder, as tentativas de impor pautas de costume, os apagamentos (do ponto de vista institucional) e os ataques às pessoas LGBTQIAPN+, nossa comunidade estava em pânico.*

*Foram tempos difíceis!*

*Amigos próximos estavam deprimidos e amedrontados. Eu queria fazer algo que desse esperança.*

*Não sou um ativista da linha de frente. Essas pessoas, aliás, têm todo meu respeito e admiração. Foi um longo caminho até aqui, não chegamos até aqui sozinhos e nem estamos sós.*

*Muitas destas pessoas se foram, mas outras novas vão chegando e ocupando esses lugares.*

*O “eu” deste vídeo é coletivo.*

*Não daria para explicar todas as minhas referências para este episódio, especialmente em dois minutos, mas é de todos nós que estou falando.*

*E não importa o que fazem contra nós, continuaremos existindo.*

*“Pantera Negra ou Cor-de-Rosa, botamos a cara no sol e vamos deixar nossa marca”.*

*Sinceramente, desejo marcar você pelo afeto e pela safadeza também.<sup>115</sup>*



Quando você fala de pornografia, e eu estou pensando particularmente no universo masculino, ainda que aí tenhamos um debate interessante pra [sic] ser feito, também quando se pensa na indústria pornográfica voltada pra lésbica. Mas eu estou pensando nisso que eu estou falando contigo, eu vou

<sup>115</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1ut90fvJvi/>.

pensar basicamente no universo masculino. Vou pensar naquilo que se convencionou chamar de identidade gay. E aí eu não poderia ignorar o fato de você trazer a **Sui Generis** pro [sic] teu texto. A **Sui Generis**, ele se inscreve em um divisor de águas importantíssimo que foi a década de 1990.

Eu acho que a década de 1990, inclusive até brinco dizendo que 1995 é o ano que não terminou, porque efetivamente em 1995 muitas coisas aconteceram desde a da apresentação do projeto da Marta Suplicy da União Civil, do Congresso da Hilda [Hilst] no Rio de Janeiro, do Sandro e do Jefferson na novela A Próxima Vítima, que inclusive foi capa da Sui Generis, dos programas do Você Decide, em suma, aquele ano de 95, a década 90 foi um divisor extremo quando se pensa na agenda LGBT, mais particular na agenda gay. Porque, veja, até então, até a década de 1990, nós falávamos de liberação sexual. Essa era a agenda central do movimento LGBT, do movimento homossexual como era naquele contexto. A agenda era a liberação sexual. Não se falava em cidadania efetivamente, isso não era uma preocupação daquele contexto, tanto é que a agenda ainda estava na despatologização da homossexualidade, no enfrentamento a AIDS, em todas essas questões que nos atravessava naquele contexto.

Na década de 1990 a gente vai começar a engatinhar nessa agenda da conquista de direitos, da conquista de cidadania. E isso de alguma forma vai reverberar na própria imagem que se projeta em torno dessa população LGBT. Assim, sobretudo LG, Trans é mais à frente. Sobretudo a LG, de lésbicas e gays. Uma agenda que, inclusive, muito marcada com uma romantização das relações. Anterior a isso, a gente poderia dizer que se falar gay, era falar em pornografia. Ou seja, era quase que, no imaginário social, ser gay, já de antemão, era ser um sujeito promíscuo, ligado à pornografia.

Lendo seu trabalho, inclusive, me lembrei de um dos episódios da minha da vida. Rapidamente, vocês sabem que eu sou de Belford Roxo e estudei numa escola chamado Monteiro Lobato, no centro de Nova Iguaçu. Então, era muito comum que nós saíssemos da escola de noite e um grupo se reunia no calçadão de Nova Iguaçu. Eu, particularmente, ficava sentado numas cadeiras muito próximas de um grupo de gays que sempre se encontravam à noite. Naquele contexto eu ainda não era assumido, mas ficava ali exatamente pra [sic] ficar ouvindo [o outro grupo]. E eu me lembro de uma conversa entre um grupo, depois essa pessoa que falou isso tornou um amigo próximo, Paulo, ele numa conversa com outros gays, isso década de 1990, falarem assim: “bixa não namora, bixa trepa”. Ou seja, desmantelando toda aquela ideia do romantismo e tal. E veja que isso na década de 1990 ainda estava muito presente. Ou seja, a **Sui Generis**, a revista **Homens**, a [revista] **Júnior**, todo esse mercado editorial da década de 90, muito impulsionado por todo aquele contexto. Foi um emaranhado de coisas... De alguma forma redimensiona essa possibilidade de existência gay, de uma existência que inclusive passa pela possibilidade de construção de uma relação afetiva sexual, pra [sic] não ficar meio bobinho, mas de alguma forma poderia até [ser] romântico. Ou seja, a possibilidade de vivenciação de uma relação romântica, algo que até então não era possível. Não é à toa que foi apresentado o projeto da Marta [Suplicy] nesse contexto (Caetano, 2022, s/p).

Figura 34 – Capa do episódio 04 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*Amor Estranho Amor*  
*S02E04*

*Muito já se versou sobre o amor. E as definições de amor são muitas, pois elas mudam ao longo do tempo. E o que é o amor em tempos de cibercultura e audiovisualidades?*

*Enquanto me desloco pela cidade, recebo mensagens de um querido que foi morar em outro estado, mas que estava de volta ao Rio por um breve tempo.*

*Deslocamento físico pela cidade, mensagens instantâneas, memórias afetivas, encontro marcado! Tudo a tempo, de recordar e de (re)viver.*

*Cazuza dizia que "o nosso amor a gente inventa". E muita gente costuma postar seus relacionamentos íntimos nas redes. Muita roupa suja é, também, lavada depois. Quanto maior a polêmica, mais pessoas acompanham, como numa novela, o desenrolar dos acontecimentos.*

*Tudo indica que, nestes novos tempos, "é preciso que os outros tenham acesso a este universo antes preservado por sólidas paredes e rígidos pudores, pois o olhar alheio deve legitimar a existência disso que se mostra, quantificando seu valor com as diversas manifestações interativas" (Sibilia, 2016, p. 62). Para Paula Sibilia, autora do livro **O show do Eu**, a intimidade foi espetacularizada. Quanto maior a exposição, maiores são as chances de sucesso midiático.*

*Acho estranha uma forma de amor ter que ser validada pelos olhares dos outros. Shipar é a onda do momento!*

*Meus amores podem até ser líquidos, mas são sinceros. O tempo costuma ser breve, porém alguns poderiam durar um pouco mais tempo, né?*

*Já ouvira a expressão "o print é eterno"? Pois bem, pensando aqui com meus botões, meus vídeos, minhas conexões e fotografias, percebo que o registro é que é eterno.*

*Segundo Vinicius de Moraes, o amor não é eterno, pois é "chama" e pode se apagar. Por isso deve ser "infinito", pelo menos, enquanto durar.*

*Concordo com Vinicius!<sup>116</sup>*

<sup>116</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1wpwkvOaqa/>.



A indústria contemporânea do entretenimento, com sua divisão de representação em categorias, como um G (geral, válida para todos os públicos, todas as idades) ou NC-17 (proibida para menores de dezessete anos), nega o valor performativo da pornografia, reduzindo-a a “sexo hardcore”, como se – de um ponto de vista teatral – houvesse uma diferença ontológica entre um beijo, uma briga e uma penetração anal. A hegemonia atual da indústria cultural não pornográfica deriva deste axioma moral que faz dos órgãos chamados sexuais (especialmente pau, boceta e ânus) objetos extracinematográficos (literalmente *ob-cenos*, ou “fora de cena”), cujo valor de “verdade” não pode ser absorvido pela representação e transformado em performance. Mas, por trás desta hegemonia, esconde-se o desejo da indústria cultural de afetar os centros tecno-orgânicos da produção da subjetividade (centros de produção de prazer e de afetos, de sentimentos de onipotência e conforto) com a mesma eficácia com que o faz a pornografia. A indústria cultural tem *inveja da pornografia*. A pornografia não é simplesmente uma indústria cultural entre outras: é o paradigma de toda a indústria cultural. Com seu circuito fechado de excitação-capital-frustração-excitação-capital, a pornografia – que sexualiza a produção e converte o corpo em informação – oferece de uma forma particularmente clara a chave para compreender qualquer outro tipo de produção cultural pós-fordista (Preciado, 2018, p. 287).



[O sujeito] não é uma substância. É uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma. Você não tem consigo próprio o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembleia, ou quando você busca realizar o seu desejo em uma relação sexual. Há, indubitavelmente, relações e interferências entre essas diferentes formas do sujeito; porém, não estamos na presença do mesmo tipo de sujeito. Em cada caso, se exercem, se estabelecem consigo mesmo formas de relação diferentes. E o que me interessa é, precisamente, a constituição histórica dessas diferentes formas do sujeito, em relação aos jogos de verdade (Foucault, 2004, p. 275).



Quando a desorganização e desagregação do campo dos corpos rompe a ficção reguladora da coerência heterossexual, parece que o modelo expressivo perde a sua força descritiva. O ideal regulador é então denunciado como norma e ficção que se disfarça de lei do desenvolvimento a regular o campo sexual que se propõe descrever (Butler, 2016, p. 234).



A pornografia diz a verdade performativa sobre a sexualidade não por ser grau zero da representação, mas porque ela revela que sexualidade é *sempre performance*, prática pública de uma repetição regulada, uma encenação, bem como um mecanismo involuntário de conexão ao circuito global de excitação-frustração-excitação (Preciado, 2018, p. 286).

Figura 35 – Capa do episódio 05 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*A Lei do Desejo*  
*S02E05*

*No texto do episódio anterior, eu falei que meus amores eram líquidos, porém sinceros. Mas, quando criei este episódio, eu não tinha tido contato com este conceito ainda.*

*Este episódio foi fruto de uma percepção pessoal minha dos acontecimentos. Entretanto, melhor do que eu ficar aqui falando, é compartilhar com vocês o conceito que encontrei numa página sobre psicanálise.*

*O conceito de “amores líquidos” foi criado pelo sociólogo Zygmunt Bauman.*

*Na página [psicanaliseclinica.com] encontrei o seguinte: “O amor líquido é aquele amor descartável. Mas as redes sociais também contribuem para o amor líquido. Isso ocorre porque as pessoas estão constantemente expostas a imagens de outras pessoas que parecem perfeitas, o que pode levar à insatisfação com seus próprios relacionamentos”.*

*E mais: “Para ganhar curtidas, sair da rotina ou estar sempre em movimento, muitas pessoas trocam de relacionamento. E fazem isso como se estivessem trocando o celular ou renovando o guarda-roupa. Ou seja, relacionamentos são tratados sem nenhuma importância”.*

*Depois de ler isso, pensei que a página deveria se chamar “trago verdades!”. Kkk [sic]*

*Enfim, somos pessoas do nosso tempo. Mas nem tudo está dominado e relações afetivas mais compromissadas também existem.*

*É tudo ao mesmo tempo agora!*

*Quer saber mais sobre “amores líquidos”? Então, acesse:*

*<https://www.psicanaliseclinica.com/amor-liquido/>.<sup>117</sup>*

<sup>117</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1wvIVHLeWp/>.

Figura 36 – Capa do episódio 06 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*A Fantástica Fábrica de Chocolates*  
*S02E06*

*Eu sou um chocólatra assumido!*

*Neste episódio, procurei brincar com algo que eu já havia percebido nas redes: a comparação do tom da pele de pessoas a esta iguaria.*

*Sabemos, pela nossa própria história, que pessoas africanas foram escravizadas e diferenciadas pela cor da pele. Sabemos também que, quanto mais escura a pele, maior a discriminação, ou seja, maior a possibilidade de a pessoa sofrer racismo.*

*Esta é uma questão sensível e urgente. O racismo mata, desqualifica, inferioriza, segrega, enfim, uma infinidade de violências. Violências ainda muito presentes na nossa sociedade hoje.*

*Por isso, a partir da ótica do desejo, procurei inverter esta realidade. Mas também é preciso cuidado para não objetificar pessoas negras.*

*Transar com pessoas negras não nos torna antirracistas! É preciso muito mais que isso. E falo isso diretamente para você, que como eu, tem passabilidade branca ou o privilégio de nascer branco nesta sociedade racista em que vivemos.*

*Vejo que, na pornografia em geral, amadora ou profissional, essa diferenciação racial é muito exaltada. E, nessa exaltação pretensiosamente transformadora, percebo muita reprodução de estereótipos acerca dos corpos negros.*

*Então, procuro sempre me fazer a mesma pergunta: estaria o meu desejo também colonizado? E busco produzir outras coisas, não somente em relação ao que reforçaria um certo estereótipo racista, quanto a outros temas que também me atravessam.*

*Neste episódio, pela ótica do desejo, comparo pessoas a chocolates. Pois cada um deles possui características, formatos, cheiros e sabores diferenciados. Privilégio é ter a possibilidade de saborear cada um deles, sem distinção. Ai, minha glicose!<sup>118</sup>*

<sup>118</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1xAag2rMys/>.



Seja pela incidência das palavras na produção de corporeidade, ou pela força afetiva que desde os corpos incide na enunciação, os elementos da corporeidade ampliam na mesma medida em que tensionam os limites dos dois termos que lhe constituem, não podendo ser jamais reduzidos a qualquer de seus dois componentes. O que os estudos voltados às relações entre produção oral e corporeidade comumente visibilizam é um espaço intermediário entre ambas. Espaço que precisa ser alçado à centralidade analítica por, pelo menos, dois motivos. Em primeiro lugar, porque permite enxergar a incidência afetiva fundamental de qualquer narrativa. O narrar (-se) está sempre necessariamente ancorado no corpo, seja por surgir a partir das composições que efetuam uma corporeidade em um momento específico, seja por participar ativamente de sua produção.

Mas a análise desse espaço que deriva da relação entre corporeidade e oralidade tem, sobretudo, uma importância política. Nele jazem forças que anunciam performatividades peculiares, modos discursivos de repetição provisória (Martins, 2020) capazes de construir e fixar identidades. (Bocchetti, 2022, p. 109).



O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. Se a “causa” do desejo, do gesto e do ato pode ser localizada no interior do “eu” do ator, então as regulações políticas e as práticas disciplinares que produzem esse gênero aparentemente coerente são de fato deslocadas, subtraídas à visão. O deslocamento da origem política e discursiva da identidade de gênero para um “núcleo” psicológico impede a análise da constituição política do sujeito marcado pelo gênero e as noções fabricadas sobre a interioridade inefável de seu sexo ou sua verdadeira identidade (Butler, 2016, p. 235).



Se agora me interesso de fato pela maneira com a qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social (Foucault, 2004, p. 276).



Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária estável (Butler, 2016, p. 236).

Figura 37 – Capa do episódio 07 no Instagram e QR Code para visualização



### VICTOR'S SECRETS

*O Senhor dos Anéis*

*S02E07*

*Neste episódio, eu queria homenagear um grande amigo, o Lord of the Cockrings e sua paixão pelos anéis penianos.*

*O Lord viu um anel peniano pela primeira vez num filme pornô. Ele ficou encantado com aquilo, mas ao procurar nos sex shops da vida, só encontrou aquelas bagaceiras de silicone e tal. Isso há uns 20 anos atrás, gente! Estou falando de um tempo em que o Lord tinha a sua própria locadora de vídeo. Locadora!!!*

*Pois bem, a dificuldade em encontrar um anel peniano da forma como ele viu, ou queria, o Lord então passou a confeccionar seus próprios anéis. Cada um mais original que o outro.*

*Neste seu processo criativo, o Lord usou os mais diferentes materiais. Ele fez anel de durepox (onde cravejou uns brilhantes, pois sendo hetero queria agradar às mulheres), fez anel de borracha grossa (material que ele encontrou pré-fabricado em lojas pelo Saara – mercado popular do Rio), fez anel de couro (muito lindos por sinal e com um acabamento impecável) e ainda deu novo uso para coisas já existentes como pulseiras de plástico infantis, metais produzidos para fabricação de bolsas e até parte da estrutura de rodinhas (rolamentos) para carrinho de rolimã.*

*Para mim, toda essa criatividade que este episódio não dá conta de mostrar, merece ser exaltada.*

*Conheci o Lord numa rede social adulta onde ele postava as fotos destes anéis. Todo dia eu ia no perfil dele para ver se ele havia postado uma nova foto exibindo os anéis. O membro dele é muito bonito também. E de beleza peninada eu entendo! Continuando, esta minha visita diária era informada pra [sic] ele, pois aquela rede avisava quem tinha visitado os nossos perfis.*

*Então, um dia, ele me mandou mensagem perguntando: “Porque todo dia você visita o meu perfil?” Respondi que era por conta dos anéis (também, né?) e que eu admirava o que ele fazia. E foi assim que começou nossa amizade com detalhes que você vai ver no episódio.*

*Muita coisa rolou neste episódio, pois para eu contar esta história, precisei passar num shopping. Ai, meu anel de couro! – diria Pit Bicha, do Tom Cavalcante.<sup>119</sup>*



Quase não emprego a palavra poder, e se algumas vezes o faço é sempre para resumir a expressão que sempre utilizo: as relações de poder. Mas há esquemas prontos: quando se fala de poder, as pessoas pensam imediatamente em uma estrutura política, em um governo, em uma classe social dominante, no senhor diante do escravo etc. Não é absolutamente o que penso quando falo das relações de poder. Quero dizer que, nas relações humanas, quaisquer que sejam elas – quer se trate de comunicar verbalmente, como fazemos agora, ou se trate de relações amorosas, institucionais ou econômicas – o poder está sempre presente: quero dizer, a relação que cada um procura dirigir a conduta do outro. São, portanto, relações que se podem encontrar em diferentes níveis, sob diferentes formas; essas relações de poder são móveis, ou seja, podem se modificar, não são dadas de uma vez por todas. [...] Essas relações de poder são, portanto, móveis, reversíveis e instáveis. Certamente é preciso enfatizar também que só é possível haver relações de poder quando os sujeitos forem livres. Se um dos dois estiver completamente à disposição do outro e se tornar sua coisa, um objeto sobre o qual ele possa exercer uma violência infinita e ilimitada, não haverá relações de poder. Portanto, para que se exerça uma relação de poder, é preciso que haja sempre, dos dois lados, pelo menos uma certa forma de liberdade. Mesmo quando a relação de poder é completamente desequilibrada, quando verdadeiramente se pode dizer um pode ter todo o poder sobre o outro, um poder só pode se exercer sobre o outro à medida que ainda reste a esse último a possibilidade de se matar, de pular pela janela ou de matar o outro. Isso significa que, nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência – de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação – não haveria de forma alguma relações de poder (Foucault, 2004, p. 276).



O poder destas três plataformas – drogas, materiais audiovisuais pornográficos e serviços sexuais – de produção de capital reside em sua capacidade de funcionar como *próteses de subjetividade*. Desenha-se assim a lógica da economia geral farmacopornográfica em que fluem órgãos, pílulas, códigos financeiros, *links* de comunicação, imagens, textos, sessões de punheta, litros de silicone, compostos químicos, dólares e assim por diante (Preciado, 2018, p. 291).



Nesse movimento contemporâneo, insinua-se uma nova retirada das fontes morais do *eu*, que abandonam a sua morada trabalhosamente emprazada dentro de cada sujeito, enquanto anunciam uma gradativa “exteriorização” da subjetividade (Sibilia, 2016, p. 132).



“Eu é outro” é a formação de uma narrativa simulante, de uma simulação de narrativa ou de uma narrativa de simulação que destrona a forma da narrativa veraz (Deleuze, 2018, p. 222).

<sup>119</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1zW9SULoHc/>.

Figura 38 – Capa do episódio 08 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*A Festa de Babette*  
*S02E08*

*Neste episódio eu juntei muita coisa! Eu queria falar do meu prazer em fazer oral e, com isso, acabo por salivar demais.*

*Salivar, ou seja, dar água na boca, é um fenômeno físico que ocorre quando sentimos uma vontade imensa de comer algo específico.*

*Pensando nos meus desejos e, em especial na prática sexual que, digamos assim, me tornou conhecido, desenvolvi este episódio.*

*Salivar é babar.*

*Por isso, fiz todo um apanhando de coisas que remetem ao ato de babar. Do título do filme (que faz a gente babar com as comidas que nele aparece), passando pelo "Baba, Baby!" da Kelly Key até chegar no filósofo indiano cujo nome vocês vão descobrir quando assistirem ao episódio.*

*E por que eu fui ler o tal filósofo?*

*Bom, quem sabe um dia eu conto pra [sic] vocês? Só digo que o cara é fera!*

*Tudo o que sei sobre produção de diferença, aprendi com ele.*

*De modo geral, a diferença foi produzida para colonizar, inferiorizar, desumanizar, dominar... Sabendo disso, a gente usa a diferença ao nosso favor, pois nada nunca esteve totalmente dominado.*

*E seguimos (r)existindo com prazer!<sup>120</sup>*



O que me interessa discutir aqui é a narrativa vista como o discurso do autodesvelamento, a produção de sujeitos e o posicionamento dos espectadores. O poder peculiar da arte como uma forma de endereçamento surge por meio da sua *mediação* entre o silêncio sublime e o atordoamento provocados pelas visões e pelos sons cotidianos (Bhabha, 2011, p. 98).

<sup>120</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C1zluX5LIj0/>.

Figura 39 – Capa do episódio 09 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*

*X-Men*

*S02E09*

*Neste episódio eu queria falar de resistência. Da importância que tem os locais LGBTQIA+ neste processo, abertamente “oficiais” ou não.*

*Stonewall, que era um bar em Nova York, virou símbolo da luta dos direitos LGBTQIA+ quando seus frequentadores resolveram revidar a violência policial da época (1969).*

*Lembrem-se! Meia-nove, gente!*

*Já no Brasil, em 1983, as lésbicas que frequentavam o Ferro's Bar (o nome do estabelecimento, gente!) em Sampa, também se rebelaram. Além da violência policial que expulsava as meninas do bar, o proprietário (vejam bem) resolveu proibir a publicação delas que era vendida no local, o jornal **Chana com Chana**. Quanta ousadia!*

*Paco Vidarte, autor do livro **Ética Bicha**, compara a homofobia com a força da gravidade, pois está sempre ali, pronta para nos jogar para baixo.*

*Manter-se de pé e evitar a queda é fundamental! Por isso, quando ocupamos espaços públicos ou frequentamos festas, estamos resistindo. Nossa alegria e os prazeres em nossos corpos (sejam eles quais forem) incomodam a todos que querem nos derrubar.*

*E a gente vai deixar isso acontecer?*

*Mas é claro que não!*

*E são nesses locais onde a gente se esbarra que pessoas podem se organizar e lutar por todos nós. Não sou eu quem está dizendo, é a própria história.*

*Tá [sic] valendo: bar, boate, sauna, parque, matagal, praia, banheiro, igreja, movimento social, estacionamento, partido político, redes sociais, aplicativos, embaixo da ponte, roda gigante, avenida Paulista, etc.*

*Só não podemos baixar a cabeça.*

*Orgulhem-se!*

*Se o discurso de ódio está aí, estamos aqui para combatê-lo!*

*LGBTQIA+fobia é crime!*

“Mas se você achar que eu tô [sic] derrotado,

saiba que ainda estão rolando os dados”

(Cazuza – “O Tempo Não Para”)<sup>121</sup>



O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso poder ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (Foucault, 2014, p. 46).



Se a alternativa real-fictício é tão completamente ultrapassada, é porque a câmera, em vez de talhar um presente, fictício ou real, liga constantemente a personagem ao antes e ao depois que constituem uma imagem-tempo direta. É preciso que a personagem seja primeiro real, para afirmar a ficção como potência e não como modelo: é preciso que ela comece a fabular para se afirmar ainda mais como real, e não como fictícia. A personagem está sempre se tornando outra, e não é mais separável desse devir que se confunde com um povo (Deleuze, 2018, p. 221).



Nesta cultura das aparências, do espetáculo e da visibilidade, já não parece haver motivos para mergulhar naquelas sondagens em busca dos sentidos abissais perdidos dentro de si mesmo. Em lugar disso, tendências exibicionistas e performáticas alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos alheios e, sobretudo, o troféu de *ser visto*. Cada vez mais, é preciso *aparecer* para *ser*. Pois tudo aquilo que permanecer oculto, fora do campo da visibilidade – seja dentro de si, trancado no lar ou no interior do quarto próprio –, corre o triste risco de não ser interceptado por olho algum. E, de acordo com as premissas básicas da sociedade do espetáculo e da moral da visibilidade e da conexão, se ninguém vê alguma coisa não há como garantir que isso de fato exista (Sibilia, 2016, p. 151).



Quando trazemos mais uma vez este resgate pra [sic] nós, convocamos as artes da representatividade e trazemos, a partir do corpo, a mensagem com os dizeres de que é por isso que nós vamos entrar: porque somos pretas, porque somos periféricas, porque somos travestis, porque somos negras, por isso que nós vamos entrar. Entrar através dessas fissuras. Fissuras que, para quem conhece, sabe que é uma das palavras que eu mais gosto, porque significa ao mesmo tempo um corte e fissura, é também o desejo, o vício, e a vontade. A fissura como repetição, né? Acho que o que a gente faz é justamente entender que o que nos impede de entrar nesse mercado, e o que nos impede, de alguma forma, de obter dignidade e humanidade é o corpo. É o nosso corpo.

Então a gente exige a nossa entrada e estabelece a nossa fissura, através do nosso corpo (Quebrada, 2023, p. 14).

<sup>121</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C12xrN0PAg9/>.

Figura 40 – Capa do episódio 10 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*O Encantador de Cavalos*  
*S02E10*

*Neste episódio, abordei questões de gênero e sexualidade.*

*A pornografia, em geral, sempre valorizou o pênis grande e ereto como símbolo de masculinidade, virilidade, potência e força. Mesmo nos vídeos amadores que hoje proliferam na internet, o estereótipo do macho dotado continua se repetindo em larga escala.*

*Nas relações homoeróticas é o dotadão que “deve” ser o ativo, enquanto o outro menos afortunado “deve” ser o passivo submisso. Troca-troca, só se ambos forem bem-dotados. Que preguiça!*

*No ato sexual entre homens, ser ativo não representa dominação, assim como ser passivo não representa submissão. Para mim, esse jogo de dominação e submissão, vem da distorcida ideia de que o masculino tem algum poder superior sobre ao que é feminino. Tolos!*

*Se o pênis nem define o que é masculino, que vontade é essa de dominar o outro?*

*“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”, disse Paulo Freire. Já passamos da hora de “desaprender” velhas ideias e inventar algo novo. Aliás, já são muitos os novos exemplos.*

*As masculinidades podem ser performadas das mais variadas formas. E as sexualidades também!*

*Seja você sem colocar o seu desejo acima do desejo do outro. No jogo das relações sexuais mais vale o respeito, o acordo, o consentimento e a negociação para que haja prazer.*

*Brinque de ser macho, mas não acredite no personagem. O machismo mata outros machos e muitas, mas muitas mulheres mesmo! E nós não podemos ser cúmplices disso.*

*Tamanho não é documento e não mede o caráter, ou o talento, ou o valor de ninguém. Vamos acreditar nessa mentira até quando?*

*Quer ser um cavalão?*

*Então nasce cavalo, pois todo o resto é fabulação, atuação, pura fantasia!*

*A fake news da superioridade masculina está aí. Acredite neste delírio performático, se quiser!*<sup>122</sup>



Eles tentavam, esses reis injustos e parciais, valorizar-se para todos e em nome de todos; eles aceitam que falem de suas vitórias, mas não querem que saibam que suas vitórias eram a derrota dos outros, era a “nossa derrota”. Portanto, o papel da história será o de mostrar que as leis enganam, que os reis se mascaram, que o poder ilude e que os historiadores mentem. Não será, portanto, uma história da continuidade, mas uma história da decifração, da detecção do segredo, da devolução da astúcia, da reapropriação de um saber afastado ou enterrado. Será a decifração de uma verdade selada (Foucault, 2016, p. 61).



Com variantes, aqui se repete o recurso ao mundo estranho de onde pode, de onde deverá vir o lance ou golpe que mudará a ordem estabelecida. Mas todas estas variantes poderiam ser apenas ampliadas em projeções simbólicas e narrativas, as sombras da prática cotidiana que consiste em aproveitar a ocasião e fazer da memória o meio de transformar os lugares (Certeau, 2014, p. 150).



O pensamento se articula na linguagem, inclusive nas linguagens não puramente verbais, como as diversas gramáticas audiovisuais ou transmidiáticas e hipertextuais que constituem a internet. Mesmo sendo não-lineares em sua fragmentação estilhaçada e em sua proposta de serem consumidas com a nossa habitual voracidade multitarefa, elas também só podem ser processadas pelo pensamento no pertinaz caráter sucessivo da leitura (Sibilia, 2016, p. 159).



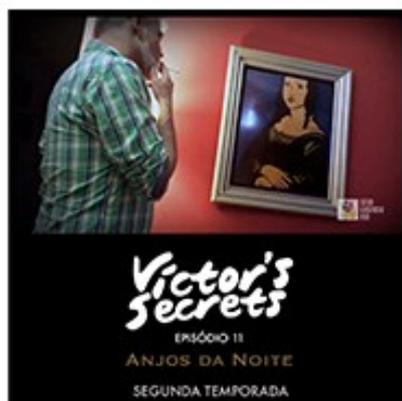
A ocasião é “aproveitada”, não criada. É fornecida pela conjuntura, isto é, por circunstâncias *exteriores* onde um bom golpe de vista consegue reconhecer o conjunto novo e favorável que irão constituir mediante *um pormenor a mais*. Um toque suplementar, e ficará “bom”. Para que haja “harmonia” prática, falta apenas um pequeno nada, um pingão de algo, um resto que se tornou precioso na circunstância, e que o invisível tesouro da memória vai fornecer. [...] Sob a sua forma prática, a memória não possui uma organização já pronta de antemão que ela apenas encaixaria ali. Ela se mobiliza relativamente ao que acontece – uma surpresa, que ela está habilitada a transformar em ocasião. Ela só se instala num encontro fortuito, no outro (Certeau, 2014, p. 150).



Tanto a velocidade que nos constitui como o culto ao instante que costumamos adotar confluem para desprezar o que já passou, até mesmo enterrando o passado sob o túmulo do que já não mais interessa, reforçando assim as amarras ao presente e antecipando futuros nas bordas do agora (Sibilia, 2016, p. 162).

<sup>122</sup> Link da publicação: [https://www.instagram.com/p/C14f\\_TvL9II/](https://www.instagram.com/p/C14f_TvL9II/).

Figura 41 – Capa do episódio 11 no Instagram e QR Code para visualização



### VICTOR'S SECRETS

*Anjos da Noite*

*S02E11*

*O tema da noite apareceu (e vai aparecer ainda) em vários episódios. Ora como 'espaçotempo' de criação, invenção, resistência e potência, ora como mistério, dificuldades e até mesmo tristeza. A noite possui vários significados!*

*Neste episódio, eu falo da minha relação com a obra. Sempre presente, a minha Mona trans acompanha as travessuras que eu apronto dentro de casa. Ela está na minha sala, né?*

*Melissa Mel, que faz a voz da Mona, já estava me cobrando: Cadê a Mona te xoxando [sic]? É o melhor da websérie!*

*Atendendo a pedidos (o dela, claro!) e pensando nessa minha relação de amizade com a Melissa, criei este episódio.*

*Acredito que, ao fim de tudo, eu acabei falando de cuidado. E não me refiro apenas ao cuidado que existe nas relações de amizade. Eu falo do cuidado com o outro.*

*Foram diversas as vezes em que me senti aparado na vida: família, amigos, desconhecidos, e até por gente que nem sabe que eu existo. Estes últimos, me refiro aos que lutam por direitos humanos, em especial, aos que lutam pelos direitos LGBTQIA+.*

*Foram tantas as pessoas que pavimentaram a estrada, bem antes de mim, para que eu pudesse caminhar até aqui.*

*Na história que conto neste episódio, todas estas pessoas estão representadas na figura da minha Mona trans.*

*Seguimores, às vezes a gente se sente só, mas a verdade é que nunca estivemos sozinhos. São muitos os anjos da noite.<sup>123</sup>*

<sup>123</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C14oU6orIHK/>.

Figura 42 – Capa do episódio 12 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*

*Flashdance*

*S02E12*

*A vida sempre nos surpreende.*

*Este era para ser o último episódio de todos. Finito! Acabou! Mas em 2020 viria a pandemia da covid-19 e, em função disso, criei mais cinco episódios.*

*Digo isto, pois é disso que se trata o tema deste episódio: a imprevisibilidade da vida que nos obriga a mudar, a nos adaptar, a nos transformar. Vida é movimento!*

*Flashdance é um filme de dança. Dança é movimento corporal. Flash é uma luz que brilha muito rapidamente e se apaga. O flash é um lampejo de luz. O flash é breve, passageiro.*

*Tudo passa! As guerras, os governantes, as alegrias, as tristezas, as angústias, os medos, nós, o tempo... Vida é movimento e brevidade.*

*A finitude do corpo é certa!*

*Outro dia vi uma animação sobre o “dia dos mortos” no México. Não há céu, nem inferno. O mundo dos mortos é uma grande festa. Entretanto, existe um outro nível, mais abaixo, para onde vão as almas esquecidas até que um dia desaparecerem. O importante é ser lembrado para aproveitar a festa.*

*Quem dança seus males espanta!*

*Prefiro pensar com os mexicanos. Não existe inferno, nem nesta e nem numa outra vida. E se no pós-vida existe festa, então vamos dançar!*

*Por enquanto, não pretendo descobrir se tem ou não festa no mundo dos mortos. Prefiro adiar esta viagem.*

*No entanto, já que estamos vivos e movimentar o corpo é imperativo, eu lhe faço um pedido: vem dançar comigo?<sup>124</sup>*



Acompanhando essa transição do *homo psico-lógico* da sociedade industrial para um certo *homo tecno-lógico* do capitalismo informatizado, o passado já não abre seus orifícios secretos para que seja explorado através da velha

<sup>124</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C14wF0CLJxg/>.

técnica de retrospectiva. Em vez de instigar esses procedimentos típicos dos gêneros autobiográficos que proliferaram nos já antiquados tempos modernos, agora o passado abre seus arquivos e janelas para o consumo empacotado. Um acervo disponível apenas para todos aqueles que saibam digitar as senhas adequadas (Sibilia, 2016, p. 163).



Uma “arte” da memória desenvolve a aptidão para estar sempre no lugar do outro, mas sem apossar-se dele, e tirar partido dessa alteração (Certeau, 2014, p. 151).



Se não há mais passado fundador do presente e do *eu*, e tampouco há um futuro radicalmente diferente no horizonte, então só restaria o nosso presente constantemente presentificado. Por isso, longe daqueles diários íntimos do século XIX, nos quais o tempo sedimentava em lentas camadas de sentido e era preciso recobrá-lo nessa empreitada tão insistente quanto cotidiana, os blogs e as redes sociais conformam prolixas coleções de tempos presentes organizadas cronologicamente. Ademais, agora é lícito abandonar a tarefa se ela se tornar cansativa ou enfadonha demais, sabendo que sempre será possível renascer em outro momento, abrindo um outro blog ou mesmo um fotolog, ou então um novo perfil em *Facebook* ou em qualquer outra rede social. Ou, inclusive, em alguma outra novidade que logo irá aparecer e será ainda mais cintilante e, portanto, sedutoramente “obrigatória”.

Mas o que interessa é que nesta nova dinâmica, na qual nunca se termina nada, também sempre é possível recomeçar, não apenas com outro *layout* mais bonito e atual, mas inclusive com um perfil renovado. Afinal, o que se cria nessas espécies de praias virtuais são “identidades de férias”, de acordo com a feliz expressão do já mencionado Philippe Lejeune. Ou seja, formas subjetivas com regras mais frouxas e flexíveis, que por isso permitem “descarregar-se um pouco do peso da própria vida, dar-se uma nova oportunidade”. Mudar, enfim, e se reinventar todas as vezes que alguém desejar e de diversos modos, aproveitando as características mais flexíveis das personagens alterdirigidas (Sibilia, 2016, p. 185).



A taxa da conveniência é proporcional à indiferenciação na manifestação corporal das atitudes. Para “continuar sendo usuário do bairro” e gozar do estoque relacional que contém na vizinhança, *não convém* “dar muito na vista”. Todo desvio explícito, particularmente no vestuário, significa atentar contra a integridade simbólica; esta vai repercutir imediatamente no nível da linguagem em apreciação de ordem ética sobre a “qualidade” moral do usuário. E os termos empregados podem ser extremamente severos: “é uma piranha”, “está gozando com a cara da gente”, “está nos esnobando...” Do ponto de vista do sujeito, a conveniência repousa em uma legislação interna que pode resumir-se numa fórmula única: “O que é que vão pensar de mim?” ou então “O que é que os vizinhos vão dizer...?” (Certeau; Giard; Mayol, 2013, p. 50).



Entretanto, para poder pensar, agir e viver, inclusive para poder relatar a própria vida e construir um *eu* narrador-autor-personagem à moda antiga, é preciso exercer a mais alta atividade do espírito, em termos nietzschianos: esquecer. Ou, mais bergsonianamente, suspender. [...] Ou, ainda, Borges: esquecer diferenças, generalizar, abstrair (Sibilia, 2016, p. 193).

## Terceira Temporada: Pandemia

Figura 43 – Capa do episódio 01 no Instagram e QR Code para visualização



### *VICTOR'S SECRETS*

*Quarentena*

*S03E01*

*A pandemia de covid-19 fez o mundo praticamente parar por conta do isolamento social. O coronavírus causava uma imensa mortandade. Um pesadelo! Um horror!*

*Moro só e um dia acordei com um barulho no corredor do meu andar. Parecia que eu estava vendo um astronauta. Era, na verdade, um profissional de alguma empresa de desinfecção.*

*Os dias se arrastavam. E, para não enlouquecer, passei a editar um vídeo por dia e alimentar minha plataforma. Todo dia! E todos os dias pareciam iguais, pelo menos nos primeiros 3 meses. Eu só consigo hoje lembrar deste período por conta destes registros que fiz.*

*Quando pensei em retomar a websérie, minha intenção era trazer algum conforto.*

*O mundo não parou totalmente, muitas pessoas perderam a vida por conta do trabalho, de serviços que não podiam parar. E nem todos tinham o privilégio de realizar tarefas na segurança de seus lares.*

*Eu me sentia só. E em vez de fingir uma normalidade, ou melhor dizendo, dizer que aquilo tudo era o “novo normal”, resolvi criar aquilo que eu sentia falta, ou seja, dizer que tudo estava uma bosta, mas que ninguém estava sozinho.*

*Eu estava sofrendo, mas a dor que eu sentia não era nada perto de todo o sofrimento das famílias, o desespero pela falta de oxigênio ou vaga em hospital. Era tudo muito triste!*

*Porém, notei algo curioso. O audiovisual pela internet, por exemplo, salvou vidas quando permitia o encontro de pessoas internadas, através de videochamadas com seus familiares. Naquele momento, um simples abraço podia matar. O audiovisual, em forma de videochamada, aplacou saudades, aproximou pessoas e encurtou distâncias.*

*Ver e ouvir pessoas queridas pelo vídeo foi um alento em meio ao caos.*

*O horror do início da pandemia (sem vacinas) passou.*

*Infelizmente, depois de tudo o que passamos, o mundo continua doente!*<sup>125</sup>



Agora são outras as metáforas que se impõem com maior veemência na hora de reconstruir o passado como um arcabouço significativo da história individual. Assim, solapando aquelas imagens já clássicas que aludiam à arqueologia e à geologia – e deixando-as empoeirar em algum recanto do nosso *Aleph* cultural -, multiplicam-se as imagens provenientes da fotografia e do cinema, por exemplo. Mesmo em suas versões analógicas, pois ainda é possível rebobinar o filme da própria vida como se fosse um videocassete, incluindo os característicos ruídos que estes aparelhos costumavam fazer. Também podemos operar *flashbacks* ou cortes abruptos em certas sequências, focalizar ou aplicar zoom sobre um detalhe, evocar uma cena em câmera lenta e realizar uma decupagem cuidadosa ou, por que não, uma montagem audaz, clássica ou vertiginosa.

Ainda faz sentido revelar ou velar uma determinada recordação, assim como enxergá-la embaçada, fora de foco. Obturar, superexpor, aplicar filtros, *photoshopar*, nos últimos anos tornaram-se operações mentais das mais habituais, acompanhando a sua popularização na dinâmica que une o disparador de selfies do telefone celular com as telas das redes sociais na internet (Sibilia, 2016, p. 159).



O barateamento e a manipulação facilitada de aparelhos, softwares e outras ferramentas de captação e edição potencializam os vídeos caseiros de uma só pessoa, feitos à margem das milionárias produções do cinema e da TV, mas que muitas vezes lhes roubam o brilho (basta ver os favoritos e mais acessados em sites como o YouTube, que têm uma audiência fantástica).

São imagens e narrativas em grande parte ainda espelhadas naquelas às quais estamos habituados, referenciadas esteticamente nos modelos pré-digitais, mas que, só por inflacionaram o mercado pela abundância e por não se sujeitarem ao direito burguês e passarem por cima da ética autoral privada, já produzem irritação no sistema. [...] Por conta dos usos e apropriações que se fazem hoje do arquivo imagético, que qualquer um rouba para comunicar-se, e que qualquer um incrementa com mais uma imagem qualquer, assistimos hoje a uma audiovisualização da cultura sem precedentes (Kilpp, 2010, p. 01).



Outro indício dessa complexa transformação foi dado pelo “direito ao esquecimento”, aprovado por lei pela União Europeia em maio de 2014. Do que se trata? Segundo tais medidas, os buscadores de informações na internet, como *Google* ou *Yahoo* deveriam atender a petições dos usuários quando estes solicitassem que fossem eliminados de seus resultados alguns conteúdos que os afetam de forma negativa. A partir desta polêmica resolução, e por toda parte, não cessaram de proliferar os processos judiciais que tentavam limitar a informação disponível acerca de um determinado indivíduo, quando este considerasse que tal lembrança pública o danificava (Sibilia, 2016, p. 172).

<sup>125</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C15IFT8PAfj/>.

Figura 44 – Capa do episódio 02 no Instagram e QR Code para visualização



### VICTOR'S SECRETS

*Dance*

*S03E02*

*Durante a quarentena, eram muitas as reclamações dos solteiros. A ausência de relações sexuais era um drama e, também, motivo de chacota.*

*Homens casados se vangloriavam de ter sua “outra metade da laranja” em casa. Isso, claro, antes do fim da relação. A convivência intensa na clausura destruiu casamentos. Descobri que muitos pais não suportavam os próprios filhos. Enfim, muita doideira!*

*Para a pornografia, o isolamento foi um impulso econômico. O consumo aumentou. Também aumentou o número de pessoas que aderiram às plataformas de conteúdo adulto, ou seja, aumentou o número de produtores de conteúdo.*

*Certa vez, eu estava na balada com amigos. Ai, revelei para uma pessoa (amigo do amigo) que eu produzia conteúdo adulto para a internet. A pessoa me respondeu:*

*– Pesado!*

*– Pesado por quê?*

*– Não, eu quis dizer... num sentido positivo. Que forte, que bacana!*

*Pensei: desde quando “pesado” é sinônimo de algo positivo?*

*Na pandemia, quem disse que o que eu fazia era “pesado” abriu seu próprio perfil e está até hoje lá ganhando seu dinheirinho também. A diferença entre mim e esta pessoa é que, quando eu comecei, não havia monetização. Fiquei 10 anos na rede sem ganhar um só tostão.*

*Esse “alargamento do solo moral” é explicado por Paula Sibilia. Para esta pesquisadora, estamos deixando de lado a mentalidade hipócrita que vigorou até o século passado e passamos para uma mentalidade cínica, onde a relação sexo versus dinheiro não é mais uma questão exclusiva da prostituição, nem é motivo de vergonha. Vender conteúdo adulto próprio nas plataformas digitais é um modelo de negócios como outro qualquer.*

*“A gente às vezes*

*Sente, sofre, dança*

*Sem querer dançar”*

*(Dancin Days – Frenéticas)*

*E foi inspirado nesta canção que desenvolvi a ideia deste episódio.*

*Tá [sic] com energia sexual acumulada em casa? Então, dance! Movimento o corpo sem sair de casa. Use sua imaginação.*

*“Giro um simples compasso*

*E, num círculo, eu faço o mundo”*

*(Aquarela – Toquinho)<sup>126</sup>*



Essas memórias-fragmento falam de modos outros de habitar *espaçostempos* da escola e da universidade, transversalidades entre viver, ensinar, pesquisar, formar, movimentos de *pesquisiformação*. Miudezas, subversões do instituído. Narramos a vida, as práticas sociais e a profissão, em caminhos compartilhados na tessitura de conhecimentos na e com a universidade, a escola, a formação docente. Uma narrativa que ao falar da e com a vida assume atravessamentos biográficos e autobiográficos, fala de um *singularplural*; deseja ver e transver o mundo em partilhas e escutas atentas e sensíveis (Bragança, 2022, p. 316).



Trata-se, então, de investigar os usos que os homens ordinários fazem do que recebem, tomando esses usos como uma atividade produtiva que sempre depende de uma constante tensão com o que está posto ou é imposto. Dessa forma, para compreender a potência das artes de fazer e das artes de narrar dos homens ordinários, faz-se necessário interrogar o que eles fabricam com os usos que fazem dos artefatos culturais que recebem. A essa fabricação, Certeau chamou de poética, uma produção silenciosa *que não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante* (Certeau, 1994, p. 39, grifos do original) (Soares, 2022, p. 220).



Compromisso político e epistemológico que assumimos em nossas pesquisas – ao mesmo tempo em que construímos conhecimentos, nos formamos, mobilizados pelo desejo de permanente reinvenção do mundo (Bragança, 2022, p. 316).



A virada analítica, então, está na ênfase dada à performatividade das práticas, inclusive das práticas narrativas imagéticas e verbais, dos homens ordinários e as diferenças que elas instituem (Soares, 2022, p. 220).



Buscamos, assim, a produção de um conhecimento que contribua na construção de subjetividades inquietas, críticas, sensíveis e de um conhecimento emancipatório que alia concepções e práticas, ciência e existência, poiesis e poesia e que, como saber partilhado, aponta também para o sentido narrativo que o constitui e movimenta (Bragança, 2012, p. 264) (Bragança, 2022, p. 317).

<sup>126</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C16usdOOV6a/>.

Figura 45 – Capa do episódio 03 no Instagram e QR Code para visualização



### VICTOR'S SECRETS

Coleção

S03E03

*Isolado dentro de casa, eu estava atualizando, diariamente, minha plataforma. E tinha um acervo enorme de conteúdo arquivado que precisava de uma remasterização.*

*Remasterizar é dar um ganho de qualidade. Os vídeos que gravei lá em 2008 não eram no formato HD e precisavam ser adaptados, com ganhos na imagem, para este novo formato. Coisas técnicas! Enfim, neste processo, revisitei meus arquivos e percebi uma enorme coleção de material.*

*No episódio “O encantador de Cavalos” eu falei sobre as tentativas de imposição de uma suposta superioridade do masculino sobre o feminino. E sempre senti esta mesma pressão nas relações homoeróticas. O ativo é o alfa e o passivo é qualquer coisa que está ali para satisfazer o “machão”.*

*O homem pegador de mulheres é um garanhão. A mulher pegadora de homens é puta. E puta, aqui, não é um elogio. É um adjetivo que desqualifica. Esta ideia persiste, ainda, nos dias de hoje, para muita gente.*

*Os papéis femininos ou masculinos são criações. Não há nada de natural nisso. Somos treinados, desde nossa infância, para uma coisa ou outra. Então, quando dizem que a mulher é frágil e o homem é bruto, para mim, é tudo ficção. E se tudo é ficção, tudo pode ser (re)criado.*

*Quando pensei este episódio, eu estava pensando nas inúmeras tentativas de fazerem “colar” em mim um pretenso comportamento entendido como feminino. Por ser um gay sexualmente passivo, eu deveria ter mais recato, deveria ser conquistado pelo ativo, estar disponível quando o ativo estiver com tesão, enfim, essas coisas. Até hoje passo por isso!*

*Eu sou um homem cisgênero, mas sempre me inspirei em figuras históricas como Xica da Silva e Dona Beija. Da assumidamente ficção, Tieta. O que elas têm em comum? A capacidade de enfrentar as adversidades da vida e dar a “volta por cima”. Aliás, esta qualidade era atribuída aos homens, segundo a canção.*

*Li, certa vez, numa postagem do então deputado Jean Wyllys: “uma bicha apertada é uma bicha sem história” – algo assim. Bom... Ainda quero contar muitas histórias!*<sup>127</sup>



Se enxergarmos os vagalumes, seus aparecimentos e desaparecimentos, seus movimentos sempre intermitentes e diferentes, entendemos que o ordinário é extraordinário!

O homem ordinário, para Michel de Certeau (1994), é, então, aquele sujeito comum, anônimo, que, como um vagalume em meio à escuridão ou à luz ofuscante produzidas em lugares de saber/fazer/poder/falar/silenciar, cria com suas artes de fazer e de dizer sobre o vivido as narrativas do presente e a atualização permanente da nossa cotidianidade. Com os usos que faz do que lhe é imposto, e com a língua que recebe e sem poder sair da linguagem, ele cria, com suas histórias, beleza onde só se via frustração, cria o habitável em um ambiente hostil, cria o singular onde se vislumbrava uma massa humana homogênea e submissa, cria diferença onde só se via repetição, cria o possível e o novo onde se pensava fazer valer a determinação do destino, cria, enfim, pequenas vitórias onde só se sentia derrota (Soares, 2022, p. 217).



Assim, as práticas que são narradas nesses/desses/com esses movimentos pelos seus/suas *praticantespensantes*, produzem teorias que formam, também, uma certa forma de narrar nas ciências aquilo que se produz nesses movimentos pesquisados e que se busca compreender em seus processos e suas produções. A esse movimento das pesquisas com os cotidianos temos chamado, recentemente, de *narrar a vida, literaturizar e audiovisualizar as ciências*, ampliando ao que tínhamos escrito em publicação, há menos de dois anos (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 31-34) (Alves, 2022, p. 329).



Quando a *pesquisaformação* é vivida no contexto de produção de trabalhos acadêmicos – TCCs, dissertações e teses – o gênero é acadêmico, mas temos aprendido que a linguagem pode ser aquela que convida à leitura, ao diálogo e, especialmente, a uma escrita de professores para professores (Prado *et al.*, 2017) (Bragança, 2022, p. 321).



Defendemos que em nossas pesquisas dos/nos/com os cotidianos, torna-se relevante pensar os cotidianos como campos de luta, inclusive nas disputas de narrativas, nos quais as relações de força estão sendo sempre contestadas e tensionadas. Torna-se relevante ainda indicar a multiplicidade e a heterogênese de modos de existência e de conhecimentos que se engendram com as operações de usuários, com as operações significativas produzidas por homens e mulheres ordinários, criando culturas, subjetividades e sentidos (Soares, 2022, p. 221).



Sabemos que serão sempre fabulações o que nos surge em narrativas dos/das *praticantespensantes* ao dizerem das relações que nelas estabelecem com outros/outras *praticantespensantes*, nas ações que realizam (Alves, 2022, p. 331).

<sup>127</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C165d9GrVWc/>.

Figura 46 – Capa do episódio 04 no Instagram e QR Code para visualização



*VICTOR'S SECRETS*  
*Sexo na Quarentena*  
*S03E04*

*Foi até motivo de matéria no Fantástico. Como as pessoas solteiras estavam se virando durante o isolamento social para práticas sexuais. Cada uma das pessoas entrevistadas tinha lá o seu protocolo de segurança para o “atendimento”.*

*Os que mais me lembro são: 1) tirar os sapatos antes de entrar na casa; 2) tirar toda a roupa já na porta de entrada e ir tomar um banho.*

*Já no meu protocolo, era proibido beijo na boca. Para eu ficar sem máscara e realizar minhas tarefas, a outra pessoa deveria permanecer de máscara o tempo todo. Assim eu me sentia mais seguro. Ou concordava com isso ou não tinha encontro.*

*Enquanto algumas pessoas se cercavam de cuidados para evitar o contágio pelo coronavírus, para outras, a própria pandemia era uma ficção. Daí o surgimento do termo “negacionista”. E muitos negacionistas não estão aqui, agora, para contar suas histórias.*

*Até a chegada das vacinas, em 17 de janeiro de 2021, eu consegui evitar o contato com o vírus. Até hoje não tive covid-19. Após o relaxamento das medidas de restrição, quando voltei a ter gripe, pois fiquei um ano sem gripar, eu corria e fazia o teste. Os resultados foram sempre negativos.*

*Para quem tem problemas com a disciplina, neste caso específico, eu arrasei! Mas também tive as condições necessárias para permanecer em segurança dentro de casa. E essa não foi uma possibilidade para muitas pessoas.*

*Sobreviver foi um ato de resistência.*

*E incluo, neste pacote, as tentações. E foram muitas!*

*Vascaíno Insaciável foi o grande homenageado neste episódio. Parceiro de longa data em vídeos comigo, companheiro nas horas difíceis e amigo, acima de tudo. Juntos, já realizamos 30 episódios dos convencionais, se é que você me entende. Este último, o de número 30, será lançado ainda este ano. Obrigado, companheiro!*

*E obrigado, também, aos meus “seguimores”, pois sem vocês, eu nem existo. A noite cai sobre todos os corpos, mas a noite tem lá os seus mistérios.*<sup>128</sup>



Encontrei no parecer de Pochay (2017), no ato da minha qualificação, as pistas necessárias para este mergulho na pesquisa com os cotidianos usando e abusando do meu corpo. Um corpo que é memória, fabulação, matéria, abstração, performance, encenação e, acima de tudo, político. Um corpo amedrontado que vai sendo alargado, dilatado, expandido, borrado, fragmentado, exposto, triturado, estilizado e diluído nas *prácticasteorias* que compõem e dão forma a esta dissertação difusa, embaçada, contaminada, suja, imperfeita e viada (Reis, 2018, p. 119).



Atualmente, a ampla utilização da pesquisa (auto) biográfica, em diferentes áreas das ciências humanas e da formação, ancora-se em princípios epistemológicos e metodológicos da abordagem qualitativa de pesquisa, implicando em outra lógica para se pensar a formação, mediante a possibilidade de colocar-se em um processo de escuta e de partilha de conhecimentos e histórias sobre o vivido, que revela saberes tácitos ou experienciais, mediante dispositivos de metacognição ou metarreflexão de conhecimentos construídos sobre si e sobre a própria vida-formação-profissão (Souza, 2022, p. 30).



Considerando que todos esses movimentos, em múltiplas e complexas relações, formam redes educativas. [...] Destacamos, ainda, que essas redes são, assim, entendidas como de *prácticasteorias*, pois nelas são criadas as práticas necessárias e possíveis ao viver cotidiano, em cada situação vivida e em cada acontecimento de que participamos. Mas estão relacionadas, também, à criação de formas de pensamento a que podemos chamar “teorias”. Essas redes mantêm entre si, não podemos esquecer, múltiplas relações que se desenvolvem complexa e diversamente, dependendo do momento e da situação, atuando sobre nós e conosco, o que nos permite afirmar que nos formam (Alves, 2022, p. 330).



A configuração do campo da pesquisa biográfica em educação na América Latina inscreve-se no domínio da formação docente, valendo-se das histórias de vida e das narrativas autobiográficas como fonte e método de investigação qualitativa, possibilitando reflexões sobre as práticas docentes, as trajetórias de formação, questões de gênero, condições de trabalho docente e desenvolvimento profissional, na vertente da pesquisa-ação-formação.

O trabalho com a pesquisa biográfica na América Latina tem se desenvolvido a partir do processo de compreensão e apreensão de experiências de vida de uma diversidade de sujeitos implicados em contextos educacionais e sociais. Esta opção epistêmico-metodológica advém justamente da possibilidade de acessar mundos individuais e coletivos, através dos modos próprios como os sujeitos narram e dão sentido a suas experiências. Ao narrar suas histórias e tecer redes de significação de suas experiências, os narradores são capazes de produzir um conhecimento de si (Souza, 2006) do ponto de vista ontológico e social (Souza, 2022, p. 31).

<sup>128</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C17EvNUr1t7/>.

Figura 47 – Capa do episódio 05 no Instagram e QR Code para visualização



### VICTOR'S SECRETS

*Dor e Glória*

*S03E05*

*No último episódio desta temporada, eu retomo as questões do corpo, da passagem do tempo e as minhas memórias.*

*Fui surpreendido, ainda em 2020, portanto, antes das vacinas, por uma crise renal. E, por conta disso, precisei passar por um procedimento cirúrgico e ficar internado. Coisa rápida, mas o processo de retirada de pedra dos rins requer dois procedimentos, logo, duas internações.*

*Difícil calcular o que foi maior no meio da crise. Se foi a dor em si ou o medo de ir para um hospital. A dor venceu o medo, claro!*

*O título do episódio é uma clara referência ao filme homônimo do meu diretor preferido, Pedro Almodóvar. No filme, um diretor de cinema em declínio se vê obrigado a pensar nas escolhas que fez ao longo da vida quando seu passado vem à tona. Lembranças e reencontros dão forma à narrativa. E este episódio é sobre isso também.*

*Na minha vida audiovisual, digamos assim, tive reencontros de nove, dez anos depois. Foi o caso deste rapaz, o Shotgun, que reapareceu depois de quatro longos anos.*

*A vida é um vai-e-vem, uma montanha russa, uma caixinha de surpresas, ela é o que a gente consegue fazer dela a partir daquilo que se apresenta.*

*Vida é movimento!*

*"Sempre desejada, por mais que esteja errada.*

*Ninguém quer a morte, só saúde e sorte".*

*(O que é, o que é - Gonzaguinha)*

*Enquanto puder, vou resistindo ao tempo.*

*Por isso, ao fim do episódio, retiro a máscara, respiro aliviado e olho pra frente. Devo lembrar que o ar estava irrespirável, naquele tempo, por vários motivos.*

*Quando olho pra [sic] frente, busco vislumbrar um futuro. Qual futuro? Só o tempo dirá. O tempo é rei!*

*Nessa luta para ganhar tempo, meu corpo pode até resistir, mas eu não tenho como vencer o tempo, porque sou vento. No fim, é ele quem sempre ganha.<sup>129</sup>*

<sup>129</sup> Link da publicação: <https://www.instagram.com/p/C17QZ9rrH6h/>.



Com suas fabulações, o homem ordinário se autoapresenta, desencadeando um devir da autoimagem, de si e de seu grupo, instituindo outras possibilidades de existir, conhecer e produzir sentidos que orientem sua ação no mundo (Soares, 2022, p. 222).



Eu me empoderei no feminino para borrar minhas próprias fronteiras de gênero e *transpensar* o que vivi. E neste movimento/deslocamento necessário eu percebi que pesquisar nos/com os cotidianos é, assim, como fazer um documentário raiz, com todas as encenações possíveis que já foram feitas e que eu mesmo fiz.

Junto com Soares, as estudantes da formação de professoras/es e colegas do Cunadi, anuncio, fazendo alarde, que é preciso narrar a vida e audiovisualizar a ciência com vontade, porque é tudo verdade! (Reis, 2018, p. 119).



A outra questão que eu queria conversar, é porque eu tenho te citado, mas eu tenho citado que você trouxe o audiovisualizar, e aí eu boto o audiovisualizar na frente do literaturizar. Eu entendo que você tenha botado literaturizar antes do audiovisualizar, mas eu acho que a gente devia colocar audiovisualizar e literaturizar. Por que? Eu acho que aquele artigo que eu uso muito do Arlindo Machado, quando ele traz como é que as imagens tem poder de efetiva criação em todas as ciências. E que algumas delas não existiriam sem as imagens, como é o caso da Geografia, que foi a ciência que eu fiz. A importância que isso está ganhando e que tem pra nós. A gente luta, né? Que a gente está em luta no grupo de avaliação da CAPES. Esses outros produtos não são avaliados, são entendidos como outras técnicas. Só são avaliados os produtos escritos. A gente está neste combate agora, também, na ANPED. Porque outras áreas já têm isso, como lugar de produção de conhecimentos. Esses produtos não são produtos tecnológicos, eles são produtos de conhecimentos e significações. Então a gente tem que tê-los na avaliação da CAPES. Eu acho que a gente devia, por esse combate que a gente tem travado, colocar o audiovisualizar antes do literaturizar. Eu proponho que você faça assim, essa inversão, que não muda nada, mas que é isso (Alves, 2022, s/p).

Espero que, depois deste documentário textual, eu tenha conseguido explicitar os modos de produção de ‘*conhecimentossignificações*’ do Victor Rios, assim como os modos de produção científica, ou seja, os modos de produzir discursos de verdade (Foucault, 2014).

Aproveito, também, a oportunidade para fazer a alteração sugerida por Alves no nome do seu quarto movimento de pesquisa com os cotidianos: **Narrar a vida, audiovisualizar e literaturizar as ciências**. É assim que se escreve!

### 3.3 *Hot stuff*<sup>130</sup>: algumas questões acerca do envelhecimento

Em 2019, com a ascensão da extrema direita ao poder no Brasil, Victor se sentiu acuado como boa parte da população LGBTQIAPN+ neste país. O futuro era incerto, pois os discursos de ódio circulavam livremente na internet. O recém-eleito presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, afirmou em seu discurso de posse no Congresso Nacional querer “combater a ideologia de gênero”<sup>131</sup>. Explicitamente homofóbico, o novo presidente reforçou durante toda a sua campanha que “as minorias têm que se curvar para as majorias”<sup>132</sup>. Assustador!

Foi neste contexto que Victor resolveu criar sua websérie **Victor’s Secrets**. Até então, o produtor de conteúdos adultos (pornoterrorista, segundo um amigo próximo dele) resolveu falar. Em suas produções, Victor, conhecido pela prática do sexo oral, falava apenas por imagens. “Como posso falar de boca cheia? É falta de educação!” brincou comigo em uma conversa. Porém, na tela do imaginário criativo (possível) do Victor, corpos variados circulavam e praticavam desejos. “Certa vez, uma grande amiga me disse que eu não tinha filtro, referindo-se a essas filtragens de sites de busca. Sinceramente, acho que essa é a grande riqueza do meu trabalho”, desabafou.

Victor acreditava que suas ‘*prácticateorias*’<sup>133</sup> já eram suficientes. Que ao se relacionar sexualmente com diferentes corpos-subjetividades, um discurso libertador estaria ali implícito. Mas, em 2019, em virtude dos acontecimentos, resolveu falar: “Eu estava me sentindo sufocado. Queria espantar meu medo. Só sei combater meu medo enfrentando. E também queria conseguir assinantes para a página que eu estava lançando”. Assim nasceu a websérie **Victor’s Secrets**, em que Victor, o protagonista, abordou os mais variados temas. Entre eles, o do envelhecimento.

---

<sup>130</sup> “Hot Stuff”, literalmente, significa “coisa quente”. Mas, dependendo do contexto, tem sentido erótico. A canção “Hot Stuff”, gravada por Donna Summer em 1979, é um hit de sucesso da cantora negra norte-americana, diva da Era Disco. A canção também fez parte do filme **Inches** (tradução: **Polegadas**), também de 1979. **Inches** é um clássico da filmografia pornográfica gay e tinha Al Parker, ícone gay dos anos 1970, como protagonista da história. (Fontes: [www.imdb.com](http://www.imdb.com) e [www.wikipedia.com](http://www.wikipedia.com)). Para ouvir “Hot Stuff”: [https://www.youtube.com/watch?v=speR8c1g3HU&ab\\_channel=MADEinCEAR%C3%81](https://www.youtube.com/watch?v=speR8c1g3HU&ab_channel=MADEinCEAR%C3%81). Para assistir **Inches**, acesse: <https://spankbang.com/8bde/video/inches+movie>.

<sup>131</sup> Discurso de posse. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Acesso em: 16 dez. 2022.

<sup>132</sup> Bolsonaro reforça declaração LGBTfóbica: “Minorias têm que se adequar”. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/7/15/bolsonaro-refora-declaracao-lgbtfobica-minorias-tm-que-se-adequar-120260.html>. Acesso em: 16 dez. 2022.

<sup>133</sup> Nas pesquisas com os Cotidianos, juntamos palavras para romper com as dicotomias criadas pelas ciências no início da Modernidade. Entendemos que as dicotomias, segundo Alves e Chagas (2022, p. 328) “foi recurso necessário a um determinado momento histórico, para fugir da fogueira das forças hegemônicas daquele tempo, mas que, hoje, representam limites ao que é preciso criar em ação e pensamento”. O termo “práticas” à frente do termo “teorias” é para indicar que “a prática é o momento primeiro, entendendo que a teoria só se cria para que melhor possamos atuar na prática” (Alves; Chagas, 2022, p. 326).

A websérie foi produzida especificamente para o Twitter<sup>134</sup> em episódios de dois minutos e vinte segundos em duas temporadas “oficiais”, pois, durante a pandemia em 2020, Victor criou uma terceira temporada com episódios “especiais”. Destaco aqui os episódios “Celebridade da Internet”, o sexto da primeira temporada, e o episódio “Dor e Glória”<sup>135</sup>, o quinto da terceira temporada.

Seguindo as provocações de Tereza de Lauretis (2006, p. 111) em relação aos arranjos teóricos *queer*, me proponho à construção de “outro horizonte discursivo”, acompanhando movimentos que nos permitem viver/pensar a sexualidade do ponto de vista de uma erótica, não de uma ‘ciência sexual’. Isto é, erotismo aqui como um deslocamento e um desarranjo das significações que são forjadas no “dispositivo da sexualidade” (Foucault, 1997 [1976]). Desta forma, a partir de cartografias do corpo eróticas, arrisco olhar as coisas desde a perspectiva de “um movimento de desconstrução dos silêncios da história e das suas construções discursivas” (Lauretis, 2006). E ao recorrer à escrita-ficção como artifício na recomposição das cenas de campo e para a tessitura do texto de análise, acredito estar operando em um registro semiótico aproximado àquilo que Foucault (2001 [1977], p. 236) denominou como a indução política diante de efeitos de verdades – onde se fabrica qualquer coisa que ainda não existe: “ficcionalamos’ uma história a partir de uma realidade política que a torna verdadeira, ‘ficcionalamos’ uma política que ainda não existe a partir de uma verdade histórica” (Pocahy, 2017, p. 56).

A citação de Pocahy acima é uma pista para pensar a produção desta websérie, em especial, dos dois episódios destacados. O que o Victor criou e como ele movimenta ‘*conhecimentossignificações*’ sobre o envelhecimento? Victor ficciona a própria vida a partir de sua realidade. É a vida como obra de arte de Foucault (Silva, 2007) forjada nos cotidianos. É o corpo-oralidade<sup>136</sup> que circula nas tantas redes educativas das ‘*prácticasteorias*’ que formamos e onde somos formados (Alves, 2019). No caso do Victor, mais especificamente, das redes educativas das ‘*prácticasteorias*’ pornocurriculares.

O conceito de redes educativas é fundamental para a compreensão deste texto. Segundo Alves (2019, p. 115), as redes educativas “são ‘*espaçostempos*’ de reprodução, transmissão e criação de ‘*prácticasteorias*’ que se articulam, permanentemente”. As redes educativas mantêm, “cada uma com todas as outras – múltiplas relações que, em situações diferentes, atuam com

---

<sup>134</sup> O Twitter é uma rede social que permite postagens de conteúdo adulto, diferentemente de outras redes mundialmente conhecidas. Nas outras, o conteúdo adulto não só é proibido como também punido. O usuário perder sua própria conta em caso de postagens “indevidas”. Já o Twitter disponibiliza ferramentas que avisam aos demais usuários sobre o conteúdo “adulto ou sensível” das postagens. Saiba mais sobre o Twitter na Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>. Acesso em: 16 dez. 2022.

<sup>135</sup> A partir da segunda temporada, Victor se inspirou em títulos de filmes. **Dor e Glória** é um filme de Pedro Almodóvar. O cineasta é referência para o Victor, assim como para o autor deste texto.

<sup>136</sup> Segundo Bocchetti (2022, p. 110), “o narrar-se está sempre necessariamente ancorado no corpo, seja por surgir a partir das composições que efetuam uma corporeidade em um momento específico, seja por participar ativamente de sua produção”.

modos diversos sobre nós e conosco”. Somos subjetivados nas redes educativas que formamos e onde somos formados (Alves, 2019). Por isso somos singulares.

O conceito de redes educativas nos mostra que a educação não está restrita aos ‘*espaçotempos*’ oficiais/institucionais de ensino. Alves identificou oito redes. São elas: das ‘*prácticasteorias*’ da formação acadêmico-escolar; das ‘*prácticasteorias*’ pedagógicas cotidianas; das ‘*prácticasteorias*’ de criação e “uso” da arte; das ‘*prácticasteorias*’ das políticas de governo; das ‘*prácticasteorias*’ coletivas dos movimentos sociais; das ‘*prácticasteorias*’ das pesquisas em educação; das ‘*prácticasteorias*’ de produção e ‘usos’ de mídias e das ‘*prácticasteorias*’ de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas.

Entendendo a pornografia como mais um ‘*espaçotempo*’ de reprodução, transmissão e criação de ‘*prácticasteorias*’ que se articulam permanentemente, criei a noção de redes educativas das ‘*prácticasteorias*’ pornocurriculares.

Em “Celebridade da Internet”<sup>137</sup>, é noite. Victor, 45 anos, está nu diante do espelho. Uma versão mais lânguida da canção “Toxic”<sup>138</sup> compõe a narrativa. Victor observa sua imagem no espelho. Ele seduz a própria imagem refletida como a icônica Nazaré Tedesco<sup>139</sup>, fuma, e começa a observar as marcas do tempo no próprio rosto. Ouvimos, então, os pensamentos dele: “Ai, o corpo... Ai, o tempo... O tempo que detona o corpo. É pressão alta, é o peso, nem a visão já é mais a mesma”. E geme com um certo pesar.

---

<sup>137</sup> Primeira temporada, episódio 06: “Celebridade da Internet”. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1F17HPAUs4tgHZOPm\\_v-LAufCMd4UyZ13/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1F17HPAUs4tgHZOPm_v-LAufCMd4UyZ13/view?usp=sharing). Acesso em: 18 dez. 2022.

<sup>138</sup> “Toxic” foi originalmente interpretada pela cantora estadunidense Britney Spears em 2003.

<sup>139</sup> Em 2004, a atriz Renata Sorrah interpretou Nazaré Tedesco na telenovela Senhora do Destino, de Agnaldo Silva. A vilã tinha o hábito de se olhar no espelho e dizer coisas para si, por exemplo: “Gostosa. Irresistível. Impressionante como o tempo só te valoriza”. Cena disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9V9gO\\_td\\_q8&t=10s&ab\\_channel=JefersonOliver](https://www.youtube.com/watch?v=9V9gO_td_q8&t=10s&ab_channel=JefersonOliver). Acesso em: 18 dez. 2022.

Figura 48 – Cena de “Celebridade da Internet”



Fonte: Acervo pessoal do artista.

Na sequência, vislumbramos as memórias do Víctor. Suas memórias, representadas como um filme velho, são cenas de práticas sexuais de vídeos antigos.

Figura 49 – Cena de “Celebridade da Internet”



Fonte: Acervo pessoal do artista.

Nestas imagens, podemos ver um Víctor mais jovem, de cabelos negros. A imagem refletida de um Víctor totalmente grisalho volta a pensar: “Ai, o corpo modifica, mas esse fogo que não apaga nunca”. Neste momento, Víctor está questionando seu próprio desejo enquanto outras memórias invadem a tela.

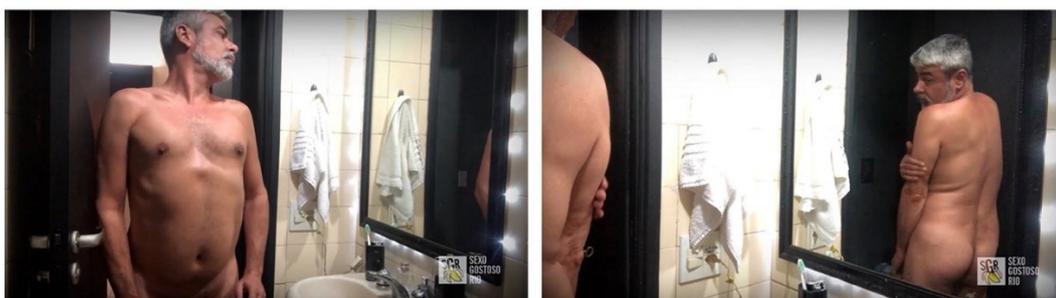
O corpo-desejo é artificialmente forjado, assim como nossas subjetividades. Segundo Preciado (2018, p. 38, grifos do original),

A verdade sobre o sexo não é uma revelação, é *sexdesign*. O biocapitalismo farmacopornográfico não produz coisas, e sim ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e condições de alma. Em biotecnologia e

pornocomunicação não há objeto a ser produzido. O negócio farmacopornográfico é a *invenção de um sujeito* e, em seguida, sua reprodução global.

O corpo precisa de manutenção sempre. Desde a alimentação infantil, passando pelas vacinas que o potencializam, aos tratamentos dentários, hábitos de higiene, enfim, assimilamos tais práticas de manutenção do corpo a ponto de naturalizá-las. Entretanto, é na “melhor idade” que tais práticas parecem ficar mais evidentes.

Figura 50 – Victor percebe que seu corpo modifica em cena de “Celebridade da Internet”



Fonte: Acervo pessoal do artista.

Os cuidados com a saúde da população idosa são frequentemente abordados nos noticiários. São iniciativas que vão desde as campanhas das secretarias de saúde até a criação de espaços públicos para a prática de exercícios voltados à terceira idade. E quanto mais avançamos na idade cronológica, mais sujeitos estão os sujeitos à tutela do Estado ou da família. As ficções sobre o envelhecimento são muitas. Consideramos a perda da autonomia a mais fatal de todas.

Porém, nem tudo é ficção. O Alzheimer é uma doença que atinge os idosos e uma das quais que promove a perda de autonomia dos sujeitos. Não encontrei o original, mas vou manter aqui o que guardo de memória: certa vez, o médico Drauzio Varella fez uma crítica ao baixo número de pesquisas sobre o Alzheimer em relação ao número de pesquisas sobre a sexualidade humana. O Viagra era a grande novidade do momento. Pelo que lembro, Varella disse: “no futuro teremos velhas peitudas (com silicone) e velhos de pau duro que não sabem para o que servem aquilo”. Foi mais ou menos assim.

As memórias aqui narradas, sejam as minhas ou do Victor, meu interlocutor, devem ser “compreendidas na dimensão do sensível e inacabado, na rasura entre a realidade e a invenção, no entendimento da rica pluralidade imaginativa, estética e cognitiva do mundo” (Emilião, 2022, p. 260).

Figura 51 – Victor diz que não tem paciência para seus espectadores em “Celebridade da Internet”



Fonte: Acervo pessoal do artista.

Victor, entre memórias e pensamentos, encerra o episódio “Celebridade da Internet” com flashes em que dirige seus parceiros. Neste ato de direção, as coisas não dão muito certo. Um se diz míope, outro está mal posicionado no enquadramento da câmera, um outro ri...

Victor reaparece com uma xícara de café, olha para a câmera e diz: “E tem dias que eu não tenho a menor paciência com quem está começando”. Uma clara referência ao que disse a atriz Suzana Vieira (já idosa) em entrevista ao vivo<sup>140</sup>. A frase virou meme. Nos créditos finais, ouvimos a trilha de abertura da telenovela **Celebridade**.

Percebo os vídeos do Victor como uma grande colcha de retalhos. Uma tessitura de registros imagéticos, canções, fabulações e referências. Victor edita suas memórias numa ilha de edição, assim como editamos nossos textos em nossas pesquisas com os cotidianos. A memória narrada será sempre uma fabulação. É potência do Falso! (Deleuze, 2018).

<sup>140</sup> Suzana Vieira, em 2009, “arrancou o microfone das mãos da repórter Geovanna Tominaga, 42, do Vídeo Show: ‘Não tenho a menor paciência para uma pessoa que está começando’, ralhou, encerrando uma entrevista ao vivo”. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2022/08/suzana-vieira-80-anos-12-frases-da-atriz-que-nao-tem-paciencia-para-quem-esta-comecando.shtml> Acesso em: 18 dez 2022.

Em “Dor e Glória”<sup>141</sup>, Victor retoma o tema do envelhecimento a partir de um procedimento cirúrgico pelo qual passou. O título do episódio é homônimo ao filme do diretor espanhol Pedro Almodóvar cujo tema é, também, o envelhecimento.

Figura 52 – Victor, no quarto do hospital, após procedimento cirúrgico em “Dor e Glória”



Fonte: Acervo pessoal do artista.

O episódio começa com Victor saindo do hospital. Ouvimos os acordes de uma música melancólica. É importante ressaltar que o Victor foi internado em 2020, no meio da pandemia da covid-19 e que as vacinas ainda não existiam. A vacinação no Brasil só começou em 17 de janeiro de 2021. Neste episódio, Victor cita Carlos Drummond de Andrade: “no meio do caminho tinha uma pedra”. E diz, na sequência, que no caso dele foram duas, por isso quebrou a quarentena para retirar duas pedras do rim.

O relato se apresenta intercalado com a voz melancólica de Aldir Blanc: “Num dia azul de verão sinto o vento/ Há folhas no meu coração...”. Victor diz: “o tempo é implacável com o corpo”. Aldir ressalta na canção: “É o tempo...”. Victor complementa: “meu corpo, o tempo e minhas memórias”. Neste episódio, o tempo não é linear. Toda ação se passa entre a saída do hospital e o deslocamento do Victor dentro do carro. Entretanto, o passado e o futuro se misturam no presente. É a canção “Resposta ao Tempo” que une os ‘*espaçostempos*’ no tempo da narrativa.

<sup>141</sup> Terceira temporada, episódio 05: “Dor e Glória”. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1N3PFblU15Y0P8nvGt8zQxxBel5wf7d9k/view?usp=sharing>. Acesso em: 20 dez. 2022.

O discurso, aparentemente, pode até nem ser nada de por aí além, mas no entanto, os interditos que o atingem, revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder. É com isso não há com que admirarmo-nos: uma vez que o discurso – a psicanálise mostrou-o –, não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objecto do desejo; e porque – e isso a história desde sempre o ensinou – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos (Foucault, 1971, p. 03).

A canção “Resposta ao Tempo” é, digamos assim, a resposta do “Vento” para o “Tempo”<sup>142</sup>. Entretanto, o Tempo e o Vento constituem o mesmo ser. No episódio, as memórias do Victor são ativadas em preto e branco.

Ele está com um mesmo rapaz em diferentes momentos orgásticos. Enquanto isso, na canção, o Vento diz sobre o Tempo: “E gira em volta de mim/ Sussurra que apaga os caminhos/ Que amores terminam no escuro/ Sozinhos”.

Ainda, em memória, Victor aparece no quarto do hospital sozinho, no soro, e diz que está tudo bem.

A partir deste momento, a resposta ao Tempo pelo Vento na canção passa a ser intercalada com falas do Victor. Vento: “Respondo que ele aprisiona/ Eu liberto”. Victor: “Mas não há nada como o tempo”. Vento: “Que ele adormece as paixões/ Eu desperto”. Victor: “E toda dor passou”.

Neste momento, as memórias em preto e branco com o rapaz são substituídas por outras coloridas, vívidas, que representam (talvez) um futuro com aquele mesmo amante. Vento: “E o Tempo se róí/ Com inveja de mim/ Me vigia querendo aprender/ Como eu morro de amor/ Pra tentar reviver”.

Agora vemos o Victor de volta ao carro. Ele usa máscara, medida sanitária para tentar combater a transmissão da covid-19. Ele fecha os olhos, retira a máscara, respira aliviado, olha para o lado, depois fixa seu olhar para frente.

---

<sup>142</sup> A canção “Resposta ao Tempo” foi composta por Cristovão Bastos e Aldir Blanc e sua primeira gravação foi na voz de Nana Caymmi em 1998. A versão que Victor usou na websérie é uma gravação do próprio Aldir Blanc em 2005. A música também fez parte da abertura da minissérie **Hilda Furacão** produzida pela Rede Globo em 1998. Para saber mais sobre a canção, acesse: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/resposta-ao-tempo-cancao-prece-de-cristovao-bastos-e-aldir-blanc/>. Acesso em: 19 dez. 2022. Se você só conhece a versão da Nana e quer ouvir a gravação de Aldir Blanc, acesse: [https://www.youtube.com/watch?v=khuiiGokkxo&ab\\_channel=Cristov%C3%A3oBastos](https://www.youtube.com/watch?v=khuiiGokkxo&ab_channel=Cristov%C3%A3oBastos). Acesso em: 19 dez. 2022. Aldir Blanc faleceu por complicações da covid-19 em 4 de maio de 2020.

Figura 53 – Victor retira a máscara aliviado em “Dor e Glória”



Fonte: Acervo pessoal do artista.

Depois da dor, Victor ainda vislumbra um horizonte adiante. “No fundo é uma eterna criança/ Que não soube amadurecer/ Eu posso, ele não vai poder/ Me esquecer” – encerra, a canção, o episódio.

Figura 54 – Victor vislumbra um futuro incerto em “Dor e Glória”



Fonte: Acervo pessoal do artista.

Tomávamos um café expresso, um vício meu e do Victor, quando perguntei para ele como havia sido seu processo de criação e produção da websérie.

*Minhas produções não têm recurso, financiamento, nada disso. Eu vou aproveitando e registrando os momentos que a vida me proporciona. Quando eu estava no hospital, gravei aquela mensagem para a minha família. Quando eu estava no carro, registrei aquele momento de alívio. Mas foi assim, aleatório. Eu sabia que eu queria falar sobre aquele processo de internação, mas não sabia ainda como, pois eu estava passando por ele. Pouco antes de tudo acontecer, aquelas semanas de sofrimento com um cateter enfiado na minha buceta (na hora de escrever coloca bexiga, por favor), eu havia reencontrado aquele rapaz que aparece no episódio depois de alguns anos. Uns quatro anos! E em algum momento eu paro e vou juntando tudo o que eu tenho de imagens, mais as canções, os sons, enfim, tudo aquilo que pode me servir para contar uma historinha. É uma grande composição de casualidades, de coisas já existentes.*

Neste momento, senti-me próximo ao Victor. Como pesquisador, eu me perguntava: como compor uma tese? Criando!

Fazemos ficção não por acreditar que a pesquisa seja um processo que produz mentiras – ou um ciclo eterno de relativizações –, mas por entendermos que o estabelecimento de verdades (por meio da ciência) será sempre uma aposta arbitrária e temporária. Ficcionalizar a ciência – ou *literaturizar, narrando a vida* (Alves, 2015) – nos serve como tática para a circulação dos *saberes-fazer* científicos, para além das salas da aula e da Academia. Investe-nos, enquanto pesquisadores, de voz autoral que pode ser expressa artisticamente, potencializando nossos corpos, autorizando-os aos atravessamentos, à comunhão com os nossos interlocutores e à consideração de nossas biografias como fios condutores legítimos de nossa escrita científica – algo que Conceição Evaristo (2008) nomeia *escrevivências*, reconhecendo que toda a expressão cultural é sempre ética, estética e política. Ao *literaturizar a ciência* precisamos reconhecer que todas as redes que formamos e nos formam, se articulam em nós e nos transformam em ilhas de edição do que vai ser dito, produzido, criado (Nolasco-Silva; Reis, 2021, p. 05).

Ao abordar o tema do envelhecimento na websérie, Victor demonstra que tal questão o atravessa. O corpo-desejo produzido ao longo dos anos está atento às mudanças. Sabemos que são várias as ficções acerca do envelhecimento, entretanto, definitivamente, Victor não está alinhado à canção de Nora Ney<sup>143</sup> que dizia: “E hoje, descrente de tudo/ Me resta o cansaço/ Cansaço da vida/ Cansaço de mim/ Velhice chegando/ E eu chegando ao fim”. Victor ainda vislumbra um futuro. Incerto, mas um futuro. A sensação que passa é que, enquanto houver vida em Victor, “estão rolando os dados. Porque o tempo, o tempo não para”<sup>144</sup>. Olha ele aí de novo: o tempo! Como pensar sobre o envelhecimento sem considerar o tempo? O tempo que é

<sup>143</sup> A canção “Ninguém me ama”, composta por Antônio Maria e Fernando Lobo, ficou famosa na voz da cantora Nora Ney em 1952. Quer dramalhão? Ouça a música em: [https://www.youtube.com/watch?v=S4bIopAIr4E&ab\\_channel=NoraNey-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=S4bIopAIr4E&ab_channel=NoraNey-Topic). Acesso em: 20 dez. 2022.

<sup>144</sup> Referência à canção “O tempo não para” de Cazuza. A música foi título do álbum lançado em 1988. Depois, em 2004, foi título do filme sobre o cantor e compositor, com direção de Sandra Werneck e Walter Carvalho. Quer ouvir Cazuza? A canção está disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Jcn10Iuu4&ab\\_channel=CazuzaVEVO](https://www.youtube.com/watch?v=_Jcn10Iuu4&ab_channel=CazuzaVEVO). Acesso em: 20 dez. 2022.

duração, mas também ação, movimento, deslocamento, suspensão, simultaneidade, presente, passado, futuro, enfim, múltiplas temporalidades. Assim como são múltiplos os ‘*espaçotempos*’ que habitamos com nossos corpos-oralidades-subjetividades enredados nas tramas das ficções normalizantes que tentam nos moldar em comportamentos desejáveis, aceitáveis, convenientes (Certeau, 2013).

Num recente encontro com o Victor, ele me relatou uma experiência curiosa. O tema, claro, sobre o envelhecimento:

*Da mesma forma que você faz pesquisa, eu também faço. Outro dia fui num parque. Não vou falar qual. Mas lá estava rolando pegação analógica. Eu nem sabia que estas coisas ainda aconteciam depois dos aplicativos de pegação. Enfim, eu estava lá, em campo, observando o movimento. Ai, chegou uma hora que eu precisei interagir. Tinha um cara lá grandão, parrudão. Eu adoro! Ai cheguei perto e começamos a interagir. Rolou beijo, peguei na mala dele e tal. Até ai tudo normal. Em determinado momento ele me dedou. O beijo rolando, clima quente, tudo no sapatinho, no escurinho. Era noite já. Enfim, num determinado momento ele me disse: adoro viado velho. Gente! O cara estava com o dedo dele no meu cu e me chamando de viado velho em praça pública. Viado velho! Respirei fundo e perguntei: qual sua idade? Ele me respondeu: 43. Pensei: tenho 48 anos e ele 43. O que eu poderia dizer depois daquilo? Olhei nos olhos dele e disse: você é um coroa muito gostoso e safado. [Victor olhou para mim com os olhos esbugalhados – Que descarado!]*

Victor sabe que seu corpo tem limitações, não dá conta de tudo, de todas as questões sobre o envelhecimento. Mas é com ele que, ao se movimentar, vai tecendo/propondo/criando ‘*conhecimentossignificações*’ sobre o envelhecimento, o desejo, a vida. Uma vida, como tantas outras, que resiste e insiste em dizer que merece ser vivida (Butler, 2018). Porém admite, como ele próprio disse no episódio “Celebridade da Internet”, que “envelhecer não é para os fracos, mas é para todos!”.

Desculpa.. eu tinha muita vergonha..  
de você saber como eu sou de verdade.

Anely (se desculpando com a irmã quando esta descobre que ela era a Rainha Delícia do site de conteúdo adulto Hot Girls) na novela Terra e Paixão



## EPISÓDIO FINAL

### 4 PORNOBIOGRAFIA AUDIOVISUALIZADA

Ao longo deste texto, vim dando algumas pistas de como foi este processo de pesquisa, mas fui mais subjetivo que objetivo. As ciências, em geral, exigem uma objetividade que é forjada, inventada, produzida, mas que produz também apagamentos, intenções, relações de proximidade do tema com o pesquisador, enfim, uma neutralidade que não existe.

Esta neutralidade não existe nas pesquisas com os cotidianos. Até aqui, meu grau de envolvimento com o tema da minha pesquisa não foi completamente exposto. É que este gesto de exposição, digamos assim, foi como uma segunda “saída do armário”. Este movimento de “sair do armário”, somente as pessoas LGBTQIAPN+ sabem o que é, porque pessoas heterossexuais não precisam fazer este movimento. A ideologia de gênero é cisheteronormativa entre outras coisas também. Por isso, mesmo na qualificação, eu ainda guardava “segredos de pesquisa”, mas havia trazido a história de vida do Carlos Zéfiro, como vocês já viram no capítulo dois. Zéfiro, o autor dos “catecismos” só revelou sua “identidade” muitos anos depois, perto do fim de sua vida. Meus motivos foram outros, mas acabei fazendo o que ele fez no momento da minha qualificação. Me faltou coragem? Talvez. Só quem já teve que “sair do armário” entende esta dificuldade, pois é um processo individual. Primeiro eu queria ter a certeza de que meu tema de pesquisa seria aprovado. Realmente, eu tinha muitas dúvidas sobre isso. Mas fiquei mais tranquilo após as avaliações, melhor dizendo, conversas.

Caminhávamos para o fim quando começamos a discutir a metodologia deste trabalho. Qual seria a mais indicada? Soares, minha orientadora, já estava aflita. Era muita fabulação. Durante a minha apresentação, eu falei do quão difícil é se desnudar, não apenas textualmente, mas por imagens. Nesta tese, vim me desnudando por camadas, lentamente, uma após outra, usando filtros, lentes de aumento, borrando algumas partes, embaçando, mas sempre contando minha história, esta história, a história desta tese. Não foi fácil para mim tirar todas estas camadas nesta experiência chamada doutorado. Não foi fácil fazer isso na minha banca de qualificação. Não fiz por mal. Fiz no meu tempo.

Momentos da qualificação  
31 de março de 2022



Neste texto eu estou dando a ver  
Muito da minha história pessoal  
Muito das minhas práticas

Foi uma tática de praticante (Certeau, 2014) das redes educativas das *‘prácticas teorizadas’* pornocurriculares deixar para este capítulo a revelação de que o Vinicius, autor desta tese, e o Victor são criações de um mesmo indivíduo singular. Ou seria indivíduo?

Transformei o meu cibercorpo, Victor Rios, em “personagem conceitual”. **Criar nossos “personagens conceituais”** é o terceiro movimento de pesquisa com os cotidianos, pois

Sabemos assim que nossas pesquisas com os cotidianos, desde seu início tece virtualidades para buscar compreender – em ‘conversas’ com nossos tantos “personagens conceituais” criados – os inúmeros e complexos processos das relações humanas nas redes educativas que formamos e nas quais somos formados, nos quais se dá a criação de múltiplos artefatos culturais – de crenças a produtos tecnológicos, passando por propostas políticas e *‘conhecimentossignificações’* – pelos seus *‘praticantes pensantes’* em resposta às suas necessidades de seu dia a dia (Alves, 2019, p. 30).

O Victor Rios e a Beesha do Pântano foram “personagens conceituais” criados para eu poder conversar com eles, para movimentar meu *‘corporeamento’*, para problematizar as questões que foram aparecendo nesta tese sobre a produção e circulação de *‘conhecimentossignificações’* nas múltiplas redes educativas que formei e onde fui formado, portanto, subjetivado, com destaque especial às redes educativas das *‘prácticas teorizadas’* pornocurriculares, minha questão de pesquisa.

Busquei mostrar, por meio de exemplos, como as redes educativas das *‘prácticas teorizadas’* pornocurriculares operam, sejam por vídeos, músicas, sons, textos, ilustrações, performatividades e etc. São infinitas as formas como elas se apresentam, entretanto, sem nunca esquecer que “essas redes são *‘espaçotempos’* de reprodução, transmissão e criação de *‘prácticas teorizadas’* que se articulam” (Alves, 2019, p. 115). Para **ir sempre além do já sabido**, segundo movimento de pesquisa com os cotidianos, usei (Certeau, 1994) meu cibercorpo Victor Rios para compreender os modos como os cibercorpos produzem subjetividades outras, que fogem do modelo hegemônico heterocisnormativo, por meio de redes *pornocurriculares*. Conversei com outros praticantes em postagens e documentários cinematográficos e descobri que somos artistas. Esse deslocamento é fundamental para a percepção de que pornografia é

mais que sacanagem. Pornografia é produção cultural, vontade de saber, registro histórico e, o mais precioso, espaço de criação e resistência, uma rede antidisciplinar (Certeau, 2014).

Também fiz uso de uma técnica que experimentei com Letícia quando da realização do curta **Debaixo desse angu tem caroço**. No curta, as citações viraram vozes. E, assim, fizemos os autores conversarem entre si. Busquei fazer o mesmo aqui, só que agora textualmente. Por isso, ao lado de cada citação, foi inserida a imagem do autor de cada fala. Um pequeno detalhe, mas em mim fez uma diferença enorme conhecer por imagem cada um deles. Foi como se aquelas falas ganhassem vida. Ficou mais dinâmico. E por se assemelhar a um *chat*, na citação em que não encontrei a imagem de uma dupla de autoras, inseri uma imagem que comumente é encontrada nos perfis de redes sociais, enquanto, obviamente, não a substituímos pela nossa própria imagem ou aquilo que tentamos produzir.

A proposta deste documentário foi estabelecer uma conversa entre a minha produção audiovisual e textual com os autores. Desse modo, foram se delineando todos os conceitos necessários para a compreensão deste trabalho que tem a (auto)biografia como metodologia principal, pois de todos os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos, o que sempre mais gostei foi **narrar a vida, audiovisualizar e literaturizar as ciências**, que é o quarto movimento. Hoje tenho ainda mais motivos para gostar dele. Entretanto, seria impossível fazer este movimento sem o primeiro de todos eles, **o sentimento de mundo**, pois, segundo Alves (2019), “é preciso compreender que nossos muitos sentidos são convocados sempre nas relações das pesquisadoras e pesquisadores com os cotidianos, com os *‘praticantespensantes’* desses tão diferentes e múltiplos *‘espaçostempos’*. Viver, sentir, pensar.

Quando perdi o perfil do Victor com dezessete mil seguidores, ali, literalmente, “meu mundo caiu”<sup>145</sup>. Isto ocorreu na semana em que estava prevista uma segunda internação para novamente retirar pedras dos meus rins. Sim! Havia mais pedras no meu caminho para além daquelas que retirei no primeiro ano do meu doutorado, em 2020, no meio da pandemia da covid-19 e, ainda, sem vacinas. Eu precisava, além de retirar as pedras do meu caminho, produzir esta tese e levantar o perfil do Victor, afinal, já são dezesseis anos nesta dimensão poética, ou seja, “uma produção silenciosa que não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (Soares, 2022). Por isso, fui buscar ajuda para recriar meu perfil no X com o Mr. Danado. Neste gesto, acabei descobrindo, ao acaso, táticas de praticantes para burlar os limites da plataforma

---

<sup>145</sup> Referência à canção “Meu Mundo Caiu”, de Maysa.

*OnlyFans* que foram aqui relatados. Neste movimento necessário, o **Ecce Femina**, quinto movimento de pesquisa com os cotidianos criado por Alves (2019, p. 33) aconteceu, pois

Nesse movimento, se reconhece que o mais importante nas pesquisas com os cotidianos é identificar e incorporar os ‘*praticantespensantes*’ com suas memórias de suas tão diferentes criações culturais e curriculares, tratando dos ‘*conhecimentossignificações*’ que produzem em suas tantas narrativas, com respostas às suas necessidades cotidianas, com seus modos de compreender o mundo e nele agir, nas tantas redes educativas que formam e nas quais se formam.

Seguindo as orientações da minha banca de qualificação, mantive a ideia de adotar como metodologia a (auto)biografia, entendendo que neste processo narrativo produz-se fabulações. Entretanto, neste meu processo, a fabulação era sempre tão explícita, em textos e imagens, que ficava com a sensação de que algo estava faltando. Nolasco-Silva me apresentou a ideia de autoficção, um termo muito usado na crítica literária. Flertei com ela e experimentei usar este termo no texto sobre o envelhecimento. Lembro que Pocahy, professor da disciplina retrucou: o que não é ficção?

Na literatura, a autoficção pressupõe a combinação de dois estilos “contraditórios”: a autobiografia e a ficção. Ora, se entendemos as narrativas dos ‘*praticantespensantes*’ como fabulações, de fato, o termo não faz nenhum sentido. A (auto)biografia já é uma fabulação.

Mas como vou explicar ou evidenciar esta fabulação tão explícita na minha metodologia? A beesha enlouqueceu? Não posso! Sou potência do falso, um pesquisador com autoestima delirante, criador de verdades a partir do discurso científico. Lembrei de Bragança que disse,

Buscamos, assim, a produção de um conhecimento que contribua na construção de subjetividades inquietas, críticas, sensíveis e de um conhecimento emancipatório que alia concepções e práticas, ciência e existência, poíesis e poesia e que, como saber partilhado, aponta também para o sentido narrativo que o constitui e movimenta (Bragança, 2012, p. 264) (Bragança, 2022, p. 316).

Assim como as redes educativas das ‘*prácticasteorias*’ pornocurriculares que formei e onde fui formado foram por mim usadas como ‘*espaçostempos*’ de criação, farei o mesmo aqui. Por isso, sob a luz de *Tieta* e com as bênçãos de *Dona Beija* e *Xica da Silva*<sup>146</sup>, nomeio minha metodologia de pesquisa<sup>147</sup>, inspirada na (auto)biografia problematizadora com os cotidianos,

<sup>146</sup> **Tieta**, **Dona Beija** e **Xica da Silva** são títulos de novelas. Histórias de mulheres que criaram (por desejo, necessidade ou vontade) um mundo para si, desafiando a ordem social de seu tempo e seus respectivos destinos.

<sup>147</sup> Para Nolasco-Silva e Nilda Alves, o que foi praticado como metodologia é autoficção, pois “um pesquisador autoficcional é aquele que conta histórias a partir do que vive e sabe que, ao contá-las, conta com as suas redes, e que sua escrita não representa o real, mas cria um real ao contá-lo” (Nolasco-Silva, 2024, s/p).

de Pornobiografia Audiovisualizada. Isso vai servir para alguma coisa? Não! “Não muda nada, mas que é isso” (Alves, 2022).

Matéria jornalística de TV  
não identificada



Marcelo Siqueira, 27 anos  
abandonou a carreira de professor universitário  
para se dedicar à pornografia

A produção da websérie **Victor's Secrets** contou com as participações indispensáveis de: 1) Sérgio Leandro, amigo cinéfilo e engenheiro responsável pelo gráfico de visualizações da websérie, como o Sartre Du Cachambi; 2) Ana Leticia Vieira como a Melissa Mel, consultora e voz da minha mona trans; 3) Maíra Mello, que me filmou no carnaval; 4) Tatiana Lomba, que me filmou olhando as motos; e 5) Nolasco-Silva, que me deu a ideia de colocar a Mona cantando no último episódio da segunda temporada. O Léo, o Nolasco-Silva, tem estado muito presente neste meu processo de formação para a pesquisa. Foram horas, meses, anos de aproximação, trocas, invencionices e brigas (como não?). Tenho certeza de que ele já quis ver o meu fígado servido numa bandeja de prata. Nestes dois anos de pandemia (mas antes disso também), o Léo foi meu amigo, professor, parceiro de artigos, colega de grupo de pesquisa. Até nossas piadas se tornam acadêmicas! Explicitar esta relação é importante. É um movimento que venho fazendo desde o mestrado. E acho necessário para enfatizar que não cheguei até aqui sozinho.

Sala de aula  
no ciberespaço



Momento em que percebi  
a existência das redes educativas

Neste meu texto de tese, alguns autores são citados por aproximação como o Nolasco-Silva ou Vieira (com quem tenho relação de proximidade e troca muito semelhante à do Léo), outros são citados por admiração como Alves (que disse que me amava e eu tive como provar), Soares (que acreditou em mim desde sempre), Certeau (que me guia), Foucault (que me alucina), Preciado (que eu não existo sem), entre outras tantas trocas com professoras, colegas do grupo de pesquisa e das salas de aula que frequentei. Foram muitos os movimentos *'dentrofora'* do ciberespaço, lembrando que mais da metade do meu doutorado foi durante a pandemia. O bom de afirmar que não cheguei até aqui sozinho é saber que não estou só, mesmo que eu possa passar por momentos de solidão, medo, insegurança e preguiça (Alves, 2015).

Figura 55 – Amigos que fiz nos ‘*espaçostempos*’ da UERJ



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Nesta minha caminhada pelos caminhos tortuosos do doutorado, esbarrei com os vídeos do canal **O Algoritmo da Imagem** no YouTube. Ele é apresentado por uma beesha problematizadora, o Bira, mais conhecido como Senhorita Bira.

Senhorita Bira  
YouTuber do canal  
O Algoritmo da Imagem



Você não pode chegar em alguém LGBT e fazer uma proposta desta, porque você desumaniza a pessoa. Você objetiva. Você faria uma proposta assim para uma mulher cis, loira, dentro do padrão de beleza no meio da rua?

A Senhorita Bira tem um jeito muito peculiar de problematizar e fazer circular ‘*conhecimentossignificações*’ complexos para um público que ela denomina de “classe trabalhadora”. Percebo que, por conta deste trabalho no YouTube, o Bira vem sendo convidado a participar de vários podcasts. Não vou aqui analisar o conteúdo de seus vídeos, mas gostaria de ressaltar que a Senhorita Bira audiovisualiza a ciência e teve notoriedade por isso. Trouxe este exemplo, pois muito se assemelha aos movimentos que fiz, guardando as devidas proporções.

Aprendi com Sherazade<sup>148</sup> que é preciso contar histórias para adiar o fim e evitar a morte. Ai, deixa de preguiça! Eu garanto que essa história vai te surpreender, pois nem eu poderia imaginar que isso fosse acontecer.

<sup>148</sup> Personagem do clássico literário *As Mil e Uma Noites*.

#### 4.1 Cu Doce: Artes da sedução

Quando frequentei as aulas do professor Fernando Pocahy, além do texto sobre o envelhecimento, convertido nesta tese em capítulo, ele propôs um exercício: “quando eu leio algo sobre queer/cuir, quando falo queer/ percebo queer... o que estou imaginando-pensando-sentindo, o que posso dizer quando digo queer/cuir?”

A resposta aconteceu em sala de aula, presencial. Naquele momento, senti que o Pocahy não havia entendido o que eu escrevi, pois ele levou a discussão para outro lugar. Fiquei cismado! Essa beesha não me entendeu? Não fui clara o suficiente para ela? Então, enviei novamente o texto produzido para o exercício por e-mail com algumas atualizações. O texto final ficou assim:

*A primeira coisa que penso quando ouço queer/cuir é que é algo inclassificável. Quando falo queer, me refiro a uma prática que subverte a norma. Percebo queer como 'prácticasteorias' subversivas (políticas, pedagógicas, estéticas, éticas, individuais ou coletivas) que se propõem, a partir da criação destas práticas, produzir uma diferença potencializadora de corpos e modos de viver antes inferiorizados ou desumanizados ou não legitimados pelas normas. Práticas queer, por tentarem escapar do jogo de repetição/reafirmção da norma, produzem singularidades. As 'prácticasteorias' queer são processos (in)disciplinares de formação de sujeitos (in)mundos (redes educativas), onde (des)aprender o já sabido possibilita (ou legitima) a existência (ou a afirmação) de outros corpos e modos de vidas (que merecem ser vividas).*

Depois da atualização acima, sem as devidas referências atribuídas a Alves, Butler e outros autores, pois só consigo conhecer esta ideia a partir deles, ainda enviei junto um comentário:

*Queimei um neurônio para reescrever este final e explicitar melhor o que entendo como 'prácticasteorias' queer. Mas, se ainda não gostar de algo, pode falar. Estou sempre aberto para alargar/ dilatar meu corpo e meus pensamentos.*

As beeshas professoras sempre fizeram a diferença nos meus processos formativos. De João Barreto, nos ‘*espaçostempos*’ da graduação, ao meu querido Fernando Pocahy, agora, na pós-graduação. Leia a resposta que Pocahy me enviou:

*Olá, Vini,*

*Li teus apontamentos e colo contigo, certamente! Queer produz algo diferente, produz algo ainda sem lugar, algo que "desclassificado". Queer como diferença, como processo, como espaço-tempo-coisa outra - imagens, sons, desejos queer? Inclassificáveis. Acho que sim, e te jogo a questão: pode a imagem fazer-sentir-agir queer, para além da narrativa? Penso que sim, e penso que tu te moves por aí, (in)mundificando os estabelecidos, desafiando classificações do desejo, da semiótica dos desejos-modos de vida... o corpo*

*em tela, o corpo como tela, o corpo como matéria provisória e o que dele se diz como material provisório (girou, mexeu, já é outra coisa).*

*Nota final: 10,0*

Essa nota não passou de pura ficção. Este minicurso/seminário nem entrou para o meu histórico. Assim também foram as aulas que tive com a professora Paula Sibilia. Não enviei o trabalho final para ela. E precisa estar tudo no histórico? Nem tudo. O importante é movimentar o corpo, pois é pensamento.

Entretanto, a disciplina (para quem tem) “Imagens do envelhecimento: gênero, raça e sexualidade em intersecções no audiovisual”, ministrada pelo professor Fernando, esta sim, consta no meu histórico. Foi nela que esbocei, enquanto trabalho final, a forma como se deu parte desta tese, ou seja, minhas conversas com o Victor Rios, meu personagem conceitual. Os trabalhos finais da turma deveriam ser enviados para um mesmo e-mail, assim, todos poderiam ter acesso às produções textuais dos demais colegas. Eu jamais faria aquilo naquele momento! Por isso, enviei um e-mail diretamente para o Fernando e justifiquei que eu não estava preparado para tamanha exposição. Gentilmente, Pocahy me respondeu:

*Aqui vai o texto com dois ou três comentários em balões. O que quero te dizer mesmo vai no corpo desta mensagem... (Vai no corpo, gostei disso). Pois bem, sobre o corpo, é sobre o corpo tua tese. Sobre o que um corpo pode, afinal, na educação? É des(a)fiador. E, por isso, acho que tu não teces, sinto que tu desfias, arrabentas os fios que insistem em amarrar... Há certos lugares e experiências que se recusarão frequentar as luzes (olha o iluminismo aí, gente!), não se prestam (não prestam para nada, querem vadiar, nada explicar), carne-suja-molhada-gozada. Adoro Victor, mas antes de tudo, a tua afirmação aqui neste lugar; o da má-educação, o (anti)educador Vinicius, aquele que inventa, se move, lambe, suga, chupa, engole, vomita, caga... “isso fede, isso fode” (Deleuze e Guattari, em o Anti-Édipo), pois assinas com teus fluidos o corpo de tua tese. Hildinha, ah, Hildinha [Hilda Hilst]: “Pervaga. Deita-te comigo. Apreende a experiência lésbica: o êxtase de te deitares contigo. Beba. Estilha a tua própria medida”... Deita-te contigo, isso é fricção, o resto é ficção, o resto somos nós, somos o que resta... imundas, imundiças .dddd E se tu deitasses Foucault na cama – (da tua) tese... Sussurros e gemidos?*

Depois disso, tomei coragem e publiquei o texto produzido na disciplina do professor Pocahy na revista [pós]CORPOS<sup>149</sup>. A publicação foi criada por “Chris, The Red”, doutorando do Instituto de Artes da UERJ, orientando do professor Aldo Victório. O propósito inicial do Chris para a criação da revista [pós]CORPOS era a divulgação de seus trabalhos como artista, trabalhos que ele chama de “ensaios pornossexualgráficos”.

<sup>149</sup> Exemplar da [pós]CORPOS. Disponível em: <https://www.duocu.com.br/images/duocu/portfolio/magazines/poscorpos/2023/poscorposvolume04n23outubro2023christhered.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2024.

Já me disseram que não faço arte, que o que faço é putaria – “você não faz arte, é só putaria, é só gente pelada” – e isto me causava muitos incômodos, mas também já fui chamado tantas vezes de boiola, baitola, viado, bichinha e tantos outros termos para se referirem à minha bixice que ou a gente pega toda esta energia e a recanaliza ou então, adoecemos ou morremos. Então se o que faço é putaria, então, que sejam Putarias Artísticas. E o que é melhor do que arte e sexo juntos? (Souza, 2022, p. 26).

Foi na exposição **Erotic**, em OLugar: Arte Contemporânea, uma galeria que fica localizada Fábrica Bhering, que tive, pela primeira vez, contato com a obra “Você não é artista 02” e com o próprio Chris, The Red. Me senti provocado por aquela afirmação.

Figura 56 – Chris, The Red. Você não é artista #02. Série Você não é artista. Fotografia. 50 x 75 cm. Photo Matte. Rio de Janeiro/RJ, 2022



Fonte: Acervo do artista.

Foi este movimento que me fez saltar do medo da exposição inicial, ou seja, do trabalho final das aulas do Pocahy para uma outra exposição, agora de arte. Conhecer o Chris e seu esposo, o Bruno; participar dos seminários promovidos por eles, enfim, uma aproximação de trocas de experiências e movimentos de corpos, portanto, pensamentos, é que fez surgir a possibilidade de inscrever algum trabalho na exposição **Ars Sexualis em Excesso Necessário**.

A proposta para fazer as inscrições de trabalhos me chegou por e-mail. Nem dei confiança, não sou do Instituto de Artes. Eu faço doutorado em Educação! Aquela proposta me fez lembrar do tempo em que cursei Artes Plásticas na UFES. Larguei para concluir a Faculdade de Comunicação. Mas até hoje uma colega de classe me parabeniza pelo dia do artista plástico. São rastros das redes que nós habitamos e que nos habitam.

O tempo passou e, por um acaso, fiz um registro fotográfico. No momento em que criei a imagem, pensei: isso aqui pode ser considerado um trabalho. Quase perdi o dia da inscrição, pois me confundi com as datas. Não fosse uma conversa sobre outra coisa no WhatsApp com o Chris que mencionou o encerramento das inscrições, eu teria perdido a chance. O registro fotográfico ganhou título e argumento teórico. E agora, na legenda da minha obra, vou ter que imitar a legenda do Chris, pois ele me passou exatamente como a legenda dele deveria ser.

Figura 57 – Mix de momentos da exposição. Da esquerda para a direita: 1) Falando da obra com um visitante; 2) Encontro com o professor Aldo Victório; 3) Artistas reunidos com a curadoria e com a proprietária do estabelecimento; 4) Com Maíra Melo e Chris, The Red. Ambos se conheceram em uma disciplina com Aldo Victório e Izabel Carneiro.



Fonte: Acervo do Chris, The Red.

Figura 58 – Victor Rios. Cu Doce. Fotografia. 40 x 60 cm. Photo Matte. Rio de Janeiro/RJ. 2023



Fonte: Acervo do artista.

### *CU DOCE*<sup>150</sup>

*A obra surgiu ao acaso. Sou produtor de conteúdo adulto para a internet há 15 anos e, por conta disso, sou solicitado, às vezes, para “ajudar” na criação de novos perfis. E este foi o caso com o modelo que está na fotografia, o Pierre Velasco.*

*Estávamos fazendo as fotografias para a criação de seu perfil adulto. Ai tinha lá este donut cor-de-rosa. Pierre comeu metade do donut e, por iniciativa própria, formou a palavra cu com o donut e sua mão. Achei aquilo interessante e fiz algumas fotos. Minha participação efetiva neste trabalho foi organizar a “brincadeira” do Pierre com o donut, ou seja, distribuir os elementos apresentados na composição final da obra que se apresenta aqui. A inserção do pênis dentro da palavra cu, por exemplo, foi uma intervenção que fiz. É por isso que eu digo que “cu doce” foi um acaso criativo. Este breve relato também se faz importante para explicitar a coautoria do modelo Pierre Velasco neste processo de criação. Ah, mas não se animem! Até a publicação deste texto, o Pierre Velasco ainda não lançou seu canal adulto.*

<sup>150</sup> Reprodução do original publicado no catálogo da exposição. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1oYd3SERY5mH3hnyFPv95H2Io4gRgCkMZ/view>. Acesso em: 27 mar. 2024.

*Uma vez realizado o clique, a obra não tinha nome e nem um discurso sobre si. Foi o gesto de me arriscar, no ato da inscrição da obra nesta exposição, que me fez pensar sobre a mesma. E porque tinha um donut em cena? Bem, o donut cor-de-rosa foi um elemento novo que eu estava agregando à minha imagem na internet. Antes era a banana. Por isso havia um donut rosa, também conhecido pelo sabor Homer (Simpson) da série de TV **Os Simpsons**<sup>151</sup>, dentro do meu estúdio.*

*O título “cu doce” surgiu de uma ausência. Após ler a monografia “Dispositivo de arte: meu corpo contrassexual e artístico”, de Bruno Novadvorski, percebi que na lista do autor, onde ele faz um apanhado de diversas expressões com a palavra “cu”, “fazer cu doce” não estava presente. Logo “cu doce”, expressão que eu amo usar!*

*Mas o que significa “fazer cu doce”? Eu suponho que você faça uma ideia. Mas, por curiosidade, fiz uma busca na internet e descobri que, apesar de usada no Brasil, em Portugal<sup>152</sup> ela não é. No **Dicionário Informal**<sup>153</sup>, a definição é bem simples: “Charme, frescura. Quando uma pessoa quer alguma coisa, mas finge que não quer”. Achei o exemplo apresentado no dicionário um tanto machista. Nem valeria a pena citar aqui.*

*Então, pensando com Novadvorski, no ato da inscrição, escrevi: “Fotografia inspirada na expressão popular ‘cu doce’. No jogo da sedução, a expressão tem o sentido de ‘fazer charme’, enrolar e não ceder de imediato, resistir (com vontade de ceder)”. E até eu faço isso de vez em quando. Muito raramente, mas também faço!*

*E esta é a história do meu “cu doce”. Um trabalho realizado na intenção de que você possa “comer com os olhos”.*

No dia da exposição, encontrei o professor Aldo Victório. Fui até ele para cumprimentá-lo e disse: Estou fazendo parte da exposição, mas com um pseudônimo. E apontei para meu Cu Doce orgulhoso. Aldo já me conhecia, pois já havia participado de suas aulas. Deveria ter dito nome social, como fazem algumas pessoas trans antes de obterem a adequação de seus documentos oficiais, porque naquele ambiente, naquela exposição, eu era apresentado como Victor Rios.

Lembrei da minha amiga Ana Letícia. Em sua tese, **A Produção de Conhecimentos Trans**, quando ela fala sobre a passabilidade trans,

*A questão colocada não tem a ver com esconder ou revelar minha condição, mas de negar o meu direito de escolha. O lugar da passabilidade cis pode ser almejado e alcançado, mas frequentemente não nos é permitido a permanência. Nossos corpos são constantemente analisados e nossas marcas corporais são apontadas e classificadas dentro de uma verdade estabelecida para os gêneros. Frequentemente, somos interpeladas/os com o objetivo de*

<sup>151</sup> “A série é uma paródia satírica do estilo de vida da classe média dos Estados Unidos (como cultura, sociedade e televisão) e aspectos da condição humana, através da família protagonista”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Os\\_Simpsons](https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Simpsons). Acesso em: 28 dez. 2023.

<sup>152</sup> Disponível em: <https://portuguese.stackexchange.com/questions/3644/qual-%C3%A9-a-origem-da-express%C3%A3o-fazer-cu-doce>. Acesso em: 28 dez. 2023.

<sup>153</sup> Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/cu+doce/>. Acesso em: 28 dez. 2023.

“assumir” ou “revelar” a “verdade” supostamente escondida em nossos corpos trans (Vieira, 2020, p. 18).

Eu não tenho um corpo trans, nem pretendo aqui produzir uma equivalência, mas toda aquela situação me fez pensar nestas violências que pessoas trans sofrem cotidianamente. Ser chamado pelo nome do registro de nascimento, e não pelo nome social, é um direito que deve ser respeitado. No meu caso, a “revelação” não me violenta, não atinge minha autoestima, não me desqualifica, nem inferioriza. Entretanto, a possibilidade de ser “revelado” também atingiria o meu direito de escolha. Desde a inscrição da obra no site da exposição, eu havia escolhido ser o Victor, o autor de “cu doce”. Mesmo sem saber se a obra seria aprovada ou não para a exposição, eu já havia decidido vivenciar aquela experiência como o personagem que eu criei. Pessoas trans não podem escolher, neste caso, porque não são personagens ou criações fantasiosas. São pessoas.

Os anos de injustiça epistêmica (Vergueiro, 2015) fizeram com que a produção do saber trans se constituísse na oralidade, território deslegitimado de produção de conhecimentos. Neste sentido, tona-se necessário experimentar outras formas de escritas/registros menos engessadas e padronizadas e tenho percebido que as histórias de vida estão sendo muito utilizadas como ponto de partida para as produções acadêmicas trans. Partindo desta ideia, uso a noção de autoetnografia trans (Vergueiro, 2015) como um caminho possível para a produção desta tese apostando na potência das histórias de vida trans na produção de saberes outros, escrita de outras histórias e nos questionamentos dos processos de normalização e generificação dos corpos (Vieira, 2020, p. 39).

Eu não passei por nenhuma transição corporal para ser o Victor. E se trago estes conhecimentos produzidos por Vieira para a minha tese, é porque acho necessário fazer circular estes ‘*conhecimentossignificações*’ produzidos nas redes educativas que formo e onde sou formado. As questões trans atravessaram minha websérie, assim como esta tese, mas no meu corpo, elas me atravessam somente para movimentar meu pensamento.

A professora Isabel Carneiro do Instituto de Artes, e que também fez parte da comissão curatorial, não me conhecia. Por isso, ela me chamava de Victor com a maior naturalidade do mundo. Elogiou a obra e as meias de arco-íris que eu usava. As meias foram uma tentativa tola de produzir um Victor artista e me afastar um pouco do Vinicius que jamais usaria aquelas meias em um evento. Ali, conversando com ela, lembrei do texto que fiz pensando sobre o carnaval. Naquela exposição, eu estava vivenciando a fabulação do real no real. A fabulação da fabulação. Pura fantasia!

O cibercorpo produzido para habitar as redes sociotécnicas e os aplicativos de encontros por geolocalização se deslocou para ocupar um outro ‘*espaçotempo*’ que era, também, presencial. Para mim, um momento de pura magia. Eu estava muito feliz naquele dia.

Exposição  
Ars Sexualis em  
Excesso Necessário



Assista aqui  
ao vídeo que fiz  
da exposição montada.

Depois de realizado todo este percurso de pesquisa, penso agora na pergunta que me fez Pocahy: “o que um corpo pode, afinal, na educação?” Movimentar o pensamento!

Particpei do documentário de pesquisa realizado pela minha orientadora, Conceição Soares, **Professoras em devir: fabulações imagéticas de si, problematizações do feminino e implicações para a docência**<sup>154</sup>, em que as professoras participantes se apresentavam da forma como queriam ser vistas. Estive em cada conversa, ora como operador de câmera, ora como iluminador, ora fazendo perguntas. Também particpei do processo de montagem, um belo trabalho de Iza Rosemberg, excelente montadora que conheci na faculdade de comunicação. Mais uma vez, estive mergulhado neste “universo” feminino e pensando junto com elas.

Percebi, ao longo de todo este processo, que o corpo “fala”, mesmo em silêncio. Seja um corpo negro, ou trans, ou gordo, ou LGBTQIAPN+, ou muito pequeno, cada diferença com seus marcadores acaba por movimentar todo e qualquer ‘*espaçotempo*’ formal de ‘*ensinoaprendizagem*’. O corpo tensiona, provoca, seduz e movimenta pensamentos mesmo quando pensa que não está. Seja na sala de aula, na sala dos professores ou nas redes sociais da internet, aquele corpo-professora vai afetar e será afetado pelo corpo ‘*docentediscente*’. Uns mais, outros menos, mas o corpo que se desloca dentro da escola movimenta e desafia velhas certezas, antigos preconceitos, manuais de conduta. A simples presença de um corpo em silêncio pode causar tudo isso. E as ideias que estão naquele corpo podem movimentar ainda mais todo um sistema que foi idealizado, inicialmente, para disciplinar, adequar, moldar, naturalizar, normatizar, enfim, produzir sujeitos dóceis.

Um corpo indisciplinado também (des)educa e vai formar e se formar em outras redes de indisciplina ‘*dentrofora*’ das escolas. O movimento produz transformações, ou, no mínimo, irritação para muitos e alegria para poucos. Basta estar presente e em movimento.

---

<sup>154</sup> O documentário está disponível na íntegra em: <https://youtu.be/QWYvllXjYr8?si=1n2yT9jBroWGkBdc>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Figura 59 – “O corpo do pesquisador e a reflexão no espelho”. Arte digital executada por Matheus Delgado, assim como outras tantas que surgiram ao longo deste texto



Fonte: Acervo pessoal do artista.

O rosto, segundo Deleuze e Guattari (2012, p. 36), *não é invólucro exterior*, mas sim produzido através de operações de significação e processos de subjetivação. Nele, como em um muro, se constrói uma superfície onde os significantes são inscritos e também se escava o *buraco* que a subjetivação necessita para atravessar. *É esboçado no muro branco*, onde inscrevem-se os signos, e no *buraco negro*, necessário para processos de subjetivações, paixões e redundâncias. Marques (2015), pautada pelo pensamento destes autores, de modo bastante contundente, pontua que *o rosto não é um universal. Rosto é política. É uma produção* (p. 167) (Costa, 2020, p. 259, grifos do original).

O conceito de rostidade e a potência do falso (Deleuze, 2018) foram o fio condutor da pesquisa de Soares e muito me inspiraram na produção desta tese. Afinal, onde está o rosto senão no corpo? Entendo as inscrições que Deleuze diz ser no “rosto”, no corpo.

Desde o meu mestrado, venho me movimentando e criando personagens conceituais. Já fui Rígida Alves, Diva Acadêmica, Beesha do Pântano, o pesquisador Vinicius e, por fim, Victor Rios. Todas estas criações movimentaram meus pensamentos e tenho muito orgulho delas. Sou todas elas num mesmo corpo que se move pelos corredores da UERJ, pela cidade, nas redes sociais, nos grupos de pesquisa, nos curtas que produzi, nos encontros em família, nas boates, nas igrejas, nos aniversários, nos cemitérios, nas salas de cinema, nos aplicativos de “pegação”, nas salas de aula, nas viagens que fiz. Fui tantos para ser um **professor**.

Figura 60 – Imagens do teaser da terceira temporada de **Magnífica 70**



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/vNQ6Md6wKGU?si=C1VeALpG4nseWTi9>.

Para concluir, quero falar da série **Magnífica 70**<sup>155</sup>. Em poucas palavras, a série conta a história de uma produtora de filmes da Boca do Lixo<sup>156</sup>, a Magnífica, durante o regime militar. E toda a trama se desenvolve a partir do momento em que um funcionário do Ministério da Censura se apaixona pelas “artes de fazer” cinema. São três temporadas, como a do Victor. Entretanto, no último episódio, mas sem dar *spoilers*, o vilão, que integra a banda podre golpista do exército brasileiro, é enganado. Todos os recursos da produtora são usados para desmascará-lo (caixas de som emitem o som de um voo de helicóptero, um canhão de luz da produtora é movimentado por um operador que faz parecer que a luz vem do helicóptero e está à procura de algo na casa) simulando uma invasão da polícia. Ao perceber que aquilo era um simulacro, o vilão pergunta: isso tudo é uma farsa? O mocinho responde: É ilusão. Cinema.

Por isso, se você me perguntar: toda sua pesquisa é uma farsa?

Respondo: É fabulação. Ciência.

Figura 61 – O criador e suas criações



“The Great Pretender”  
The Platters (1955)



Muito real é esse sentimento  
E um ‘faz de conta’  
Muito real quando sinto  
O que meu coração não pode esconder

Fonte: Acervo pessoal do artista.

<sup>155</sup> **Magnífica 70** foi uma série produzida pela HBO. Foi ao ar em 2015. A última temporada foi produzida em 2018. Todos os episódios estão disponíveis na plataforma de *streaming* da HBO.

<sup>156</sup> A Boca do Lixo foi o reduto do cinema independente brasileiro dos anos 1960 até os anos 1980. Na série **Magnífica 70**, fica claro que Cinema Nacional era sinônimo de putaria, pelo alto teor erótico de suas produções.

## 4.2 Casos do acaso

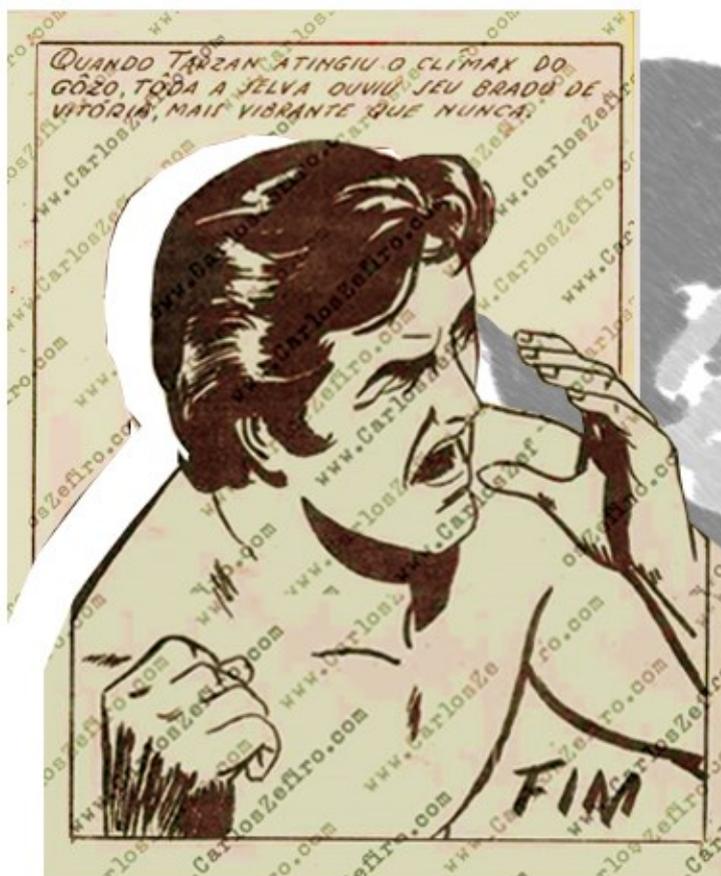
Eu não posso deixar de falar dos acasos da ciência na conclusão desta tese. Veja bem, o primeiro artigo que produzi como doutorando foi sobre o carnaval lá em 2020. O carnaval também se apresentou como o episódio mais bem-sucedido da websérie **Victor's Secrets**. Passados estes quatro anos, descubro que o sambódromo da cidade do Rio de Janeiro está completando quarenta anos em 2024. Já eu, um pouco mais velho que ele, irei completar cinquenta anos! Eu não poderia imaginar um final mais apoteótico.

“Sonhar Não Custa Nada! Ou quase nada”  
Mocidade Independente (1992).



Mergulhei nessa magia  
Era tudo o que eu queria  
Para esse carnaval

Figura 62 – “Tarzan”, de Zéfiro



Fonte: [www.carloszefiro.com](http://www.carloszefiro.com).

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Contribuições de pesquisa. (Apresentação oral). In: REIS, Vinicius. **Rasgando a fantasia: Processos de subjetivação, fabulação e audiovisualização de corpos nas redes educativas das 'prácticasteorias' pornocurriculares**. Qualificação (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. (Arquivo digital).
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). **Nilda Alves: Praticantepensante** de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. São Paulo: Cortez, 2019.
- ALVES, Nilda; CHAGAS, Claudia. 'Prácticasteorias'. In: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia (org.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022.
- ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas 'conversas' acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÚSSEKIND, Maria Luiza (org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CRV, 2019.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de Orgias para Homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.
- BARROS, Maria Elisabet Barros de. Procurando outros paradigmas para a educação. **Educação e Sociedade**, [s.l.], n. 72, p. 32-42, ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/trQNHYMbsBkrMsRxp53qn7y/?lang=pt>. Acesso em: 02 dez. 2023.
- BHABHA, Homi. **O bazar global e o clube de cavalheiros ingleses: textos seletos de Homi Bhabha**. Organização: Eduardo F. Coutinho. Tradução: Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BOCCHETTI, André. Corpo-oralidades. In: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia (org.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisaformação. In: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia (org.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022.
- BRAZ, Rafael. "Pornhub: Sexo Bilionário", da Netflix, nem disfarça suas motivações. **A Gazeta**, 15 mar. 2023. Crítica. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/colunas/rafael-braz/pornhub-sexo-bilionario-da-netflix-nem-disfarca-suas-motivacoes-0323> Acesso em: 16 jan. 2024.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CAETANO, Márcio. Contribuições de pesquisa. (Apresentação oral). In: REIS, Vinicius. **Rasgando a fantasia: Processos de subjetivação, fabulação e audiovisualização de corpos nas redes educativas das 'prácticasteorias' pornocurriculares**. Qualificação (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. (Arquivo digital).
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CERTEAU, Michel de.; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Editora 34, 2018.
- DIAS, Felipe. Sem vergonha Nenhuma: carioca Victor Rios faz os vídeos mais quentes do mundo (m)amador do pornô na web. **H Magazine – Homem de verdade**, São Paulo, edição #09, p. 68-70, abr. 2013.
- DUARTE, Larissa Costa; ROHDEN, Fabíola. Entre o obsceno e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 715-737, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/46746>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- EMILIÃO, Soymara. Narrativas docentes. In: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia (org.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Vol. V (Coleção Ditos e Escritos).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: A vontade de saber. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FUNG, Brian. Entenda por que o OnlyFans decidiu banir conteúdos sexualmente explícitos. **CNN Brasil**, 21 ago. 2021. CNN Business. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/entenda-por-que-o-onlyfans-decidiu-banir-conteudos-sexualmente-explicitos/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

GAMA, Guilherme. De redes sociais à sexualidade, estudantes do ensino médio desenvolvem projetos de pesquisa. **Jornal da USP**, 09 fev. 2022. Ciências Humanas. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/de-rede-sociais-a-sexualidade-estudantes-do-ensino-medio-desenvolvem-projetos-de-pesquisa/>. Acesso em: 05 fev. 2024.

GOMIDE, Thiago. Zéfiro, o maior cartunista erótico do Brasil. **O Dia**, Rio de Janeiro, 29 mar. 2020. Coisas do Rio. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/colunas/coisas-do-rio/2020/03/5889974-zefiro--o-maior-cartunista-erotico-do-brasil.html>. Acesso em: 29 jan. 2021.

HENRIQUE, T. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/8713/3937>. Acesso em: 29 jan. 2021.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KILPP, Suzana. Imagens conectivas da cultura. **FAMECOS**, Porto Alegre, n. 3, v. 17, p. 181-189, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550200004.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2021.

MADDALENA, Tania Lucía; NOLASCO-SILVA, Leonardo. Narrando el miedo y la esperanza: las hiperescrituras del yo y la producción de memorias en la pandemia. **Voces de la educación**: Memorias pedagógicas sobre la (pos)pandemia en América Latina: entre el miedo y la esperanza. México, 2021. Disponível em: <https://www.revista.vocesdelaeducacion.com.mx/index.php/voces/issue/view/Especial2021>. Acesso em: 03 fev. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **PrEP (Profilaxia Pré-Exposição)**. [S.l.: s.n.], 22 ago. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/prep-profilaxia-pre-exposicao/prep-profilaxia-pre-exposicao>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Risco zero da transmissão sexual do HIV é tema de webinar do Ministério da Saúde**. [S.l.: s.n.], 11 dez. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/noticias/2023/dezembro/risco-zero-da-transmissao-sexual-do-hiv-e-tema-de-webinar-do-ministerio-da-saude>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MURARO, Cauê. 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. **G1**, 17 mai. 2018. Pop & Arte. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2021.

NETTO, Maria Jacintha Vargas. **Gestos tecnológicos**: o que pensa o YouTube em um curso de formação de professores de uma universidade pública na cidade do Rio de Janeiro? Rio de Janeiro: NEFI, 2016.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. As tecnologias de encontro e as hipercomposições de si nos cotidianos do Ensino Remoto Emergencial. In: COLÓQUIO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE QUESTÕES CURRICULARES, 5., e (IN)FORMACCE - 2021, 2022, 6. Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Even3, 2021. Podcast. 10 nov. 2021. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CWFSeq\\_IBzv/?igsh=MWdke2xyMmljOHgwOA%3D%3D&wa\\_logging\\_event=video\\_play\\_open](https://www.instagram.com/tv/CWFSeq_IBzv/?igsh=MWdke2xyMmljOHgwOA%3D%3D&wa_logging_event=video_play_open). Acesso em: 14 fev. 2024.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; REIS, Vinicius. Currículos fabulados, gênero encenado e a audiovisualização da ciência. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12. **Anais Eletrônicos [...]**. Florianópolis,

2021. Disponível em: [https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1613611175\\_ARQUIVO\\_d3748bf0e4889fcb1799a5dd18b7dfb6.pdf](https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1613611175_ARQUIVO_d3748bf0e4889fcb1799a5dd18b7dfb6.pdf) Acesso em: 25 nov. 2021.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; COSTA, Simone Gomes da. A invenção de si, do outro e da diferença sexual nas telas do YouTube: sexo e gênero como práticas sexuais. *In: FILHO, Aldo Victorio; BERINO, Aristóteles; SOARES, Maria da Conceição Silva (org.). Educação e audiovisuais*. Curitiba: Appris, 2018.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; Reis, Vinicius Leite. **Narrativas ‘docentesdiscentes’ na/com a pandemia: currículos praticados via tecnologias de encontro**. [S.l.: s.n.], 18 out. 2021. Podcast. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CVloz4iN8OI/?igsh=MjZhd2RvZnJ1N2oy&wa\\_logging\\_event=video\\_play\\_open](https://www.instagram.com/tv/CVloz4iN8OI/?igsh=MjZhd2RvZnJ1N2oy&wa_logging_event=video_play_open). Acesso em: 14 fev. 2024.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. As redes educativas de ‘prácticasteorias’ cibercorporais. **EaD em Foco**, v.14, n. 2, e2266, 2024. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2266>. Acesso em: 14 jul. 2024.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. Contribuições de pesquisa. (Apresentação oral). *In: REIS, Vinicius. Rasgando a fantasia: Processos de subjetivação, fabulação e audiovisualização de corpos nas redes educativas das ‘prácticasteorias’ pornocurriculares. Defesa (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. (Arquivo digital).*

OLIVEIRA, Isabela. “Sexo Bilionário”: documentário sobre o site Pornhub ganha trailer. **UOL**, 03 mar. 2023. Cultura. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/sexo-bilionario-documentario-sobre-o-site-pornhub-ganha-trailer/>. Acesso em: 16 jan. 2024.

PÁTARO, Carolina Ribeiro. “Os homens atuam e as mulheres aparecem”: marcos pornográficos e a pornografia. **Sociologias Plurais – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 103-121, 2. sem./2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/scplpr/article/view/64757/37684>. Acesso em: 09 fev. 2022.

PRECIADO, Beatriz. **Um apartamento em Urano: crônicas do cárcere**. Rio de Janeiro: Schwarcz S.A., 2019.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Beatriz. Museu, lixo urbano e pornografia. **Periódicus**, Salvador, n. 8, v. 1, p. 20-31, nov. 2017/abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23686/15518>. Acesso em: 03 fev. 2021.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

QUEBRADA, Linn da. O “princípio” ou os mistérios de uma devota do fim. *In: ROCHA, Rose de Melo et al. Linn, da quebrada e das urbanidades*. Salvador: Devires, 2023.

REIS, Vinicius Leite. **A produção de narrativas audiovisuais sobre e contra a homofobia em processos de formação e autoformação para a docência**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

REIS, Vinicius Leite. Hot stuff: algumas questões acerca do envelhecimento. **[pós]CORPOS – Revista pós pornográfica de fotografia**, v. 4, n. 23, p. 61-89, out. 2023. Disponível em: <https://www.duocu.com.br/images/duocu/portfolio/magazines/poscorpos/2023/poscorposvolume04n23outubro2023chrisherred.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

REIS, Vinicius Leite; COSTA, Simone Gomes da; SOARES, Maria da Conceição Silva. O espelho mágico das resistências: das fabulações cotidianas à apoteose do carnaval. **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, Rio Grande, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, p. 327-346, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11353>. Acesso em: 24 nov. 2021.

RODRIGUES, Jorge Luís P. O design gráfico como assinatura na revista Sui Generis. *Revista Gênero*, Niterói, v. 12, n. 1, p. 129-155, 2. sem. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31133>. Acesso em: 29 nov. 2021.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. Toda nudez será capitalizada: da hipocrisia ao cinismo? *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 30., 2021, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. Campinas: Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/toda-nudez-sera-capitalizada-da-hipocrisia-ao-cinismo?lang=pt-br#>. Acesso em: 23 dez. 2023.

SILVA, Stela Maris da. A vida como obra de arte. **Revista científica/FAP**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 191-200, mar. 2007. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1731>. Acesso em: 28 jan. 2024.

SOARES, Maria da Conceição Silva. Homem ordinário. *In*: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia (org.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022.

SOARES, Maria da Conceição Silva; COSTA, Simone Gomes da. Vestido, quimono e peruca, produções narrativas e imagéticas de si: rostidade e professoras *em devir*. *In*: CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (org.). **Currículo e estética da arte de educar**. Vitória: E-book (PDF), 2020.

SOUZA, Christian Gustavo de. **Retratos Pornossexualgráficos**: as histórias contadas pelas sujeitas de [r]e[s]i[x]istências no romper anti-higiênico com o CIS-tema de arte. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <http://theredstudio.com.br/index.php/portfolio/livros/662-retratos-pornossexualgraficos-as-historias-contadas-pelas-sujeitas-de-r-e-s-x-istencias-no-romper-anti-higienico-com-o-cis-tema-de-arte-dissertacao-mestrado>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia. *In*: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia (org.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022.

TORRES, Diana J. **Pornoterrorismo**. [S.l.]: Edição digital, 2014.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VIDARTE, Paco. **Ética Bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. São Paulo: n-1 edições, 2019.

VIEIRA, Ana Letícia. **A produção de conhecimentos trans**: autoetnografia, audiovisualidades, corpos em trânsito e criação de outras epistemologias em pesquisas e docências. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

WULF, Christoph. **Homo Pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.

## ANEXOS

## ANEXO 1 – ENTREVISTA DE VICTOR RIOS PARA A REVISTA H



**H** MAGAZINE

#9 R\$ 14,90 | €0  
RECOMENDAVEL PARA  
MAIORES DE 18 ANOS

Editora **mixbrasil**

**David Cardoso**  
Ator fala sobre tudo na maior sinceridade

**Sempre belo**  
Como cuidar da pele dos 30 aos 70 anos

➤ Palhaços gays  
➤ Grisalhos sexy  
➤ Quer casar?

**HOMEM DE VERDADE**

**PAI INCOMUM**  
"Tive um filho com um transhomem antes de ele operar"

**PADRE E GAY**  
Conheça o sacerdote assumido que a Igreja quer esquecer

**AB FAB**  
Como dar fim à pança e viver melhor

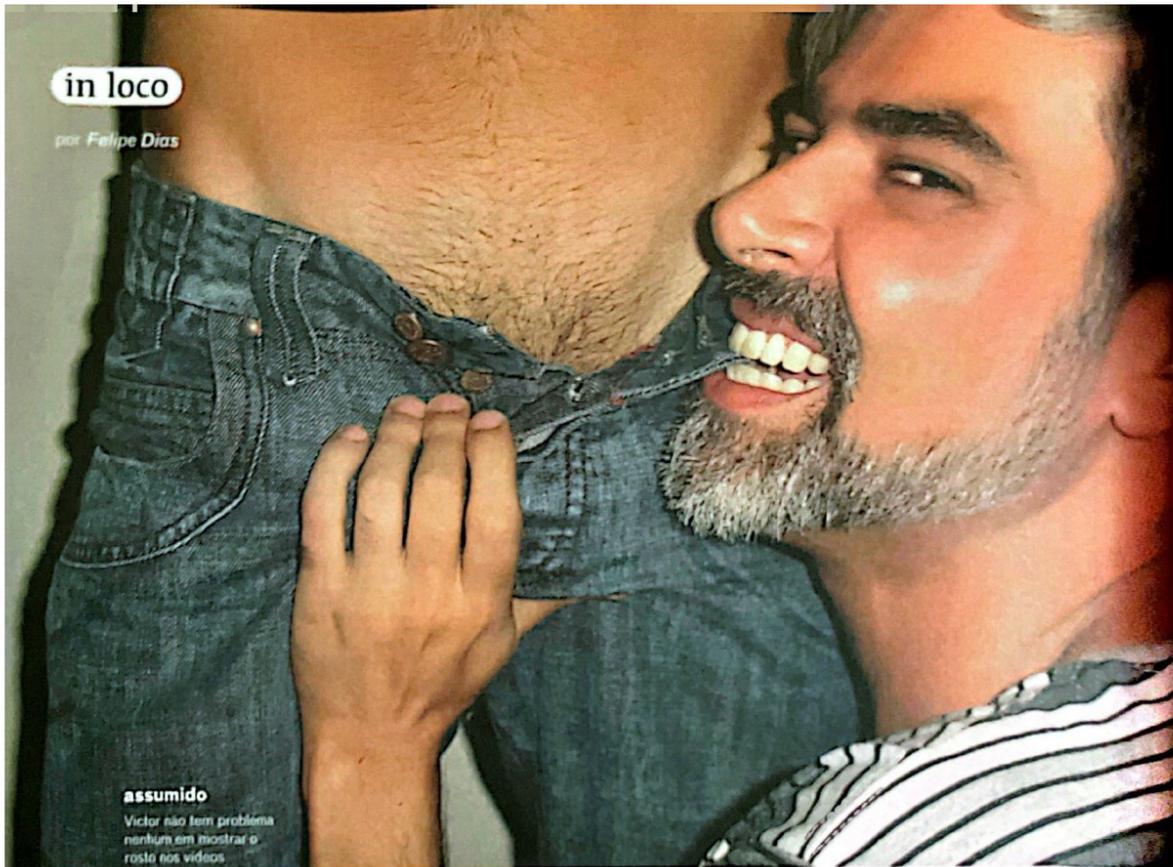
**SABOR MINEIRO**

**LINCOLN LACERDA**  
GOSTOSO ASSIM  
AOS 40

**HARD** SEXO SEM MEIAS PALAVRAS

- ➔ O casal que arrasa no pornô
- ➔ Cueca molhada (e cheia)
- ➔ Os superconsolos

9 17223 143508 00009



in loco

por Felipe Dias

assumido

Victor não tem problema nenhum em mostrar o rosto nos vídeos

# SEM VERGONHA NENHUMA

Carioca Victor Rios faz os vídeos mais quentes do mundo (m)amador do pornô na web

**N**ão me recordo ao certo quando foi a primeira vez que vi um dos vários vídeos de Victor Rios, 37 anos, que rolam na internet. Só sei que quando vi a imagem daquele carioca barbudo dando a cara à tapa para uma sociedade preconceituosa que faz as mesmas coisas que ele, mas que prefere dizer que não, achei muito ousado de sua parte aparecer em plena

ação durante um boquete pra lá de guloso (como geralmente são os que ele faz). E, não diferente de muitos, devo ter pensado: "esse sujeito é maluco".

Pois bem, o tempo passa e, um belo dia, recebo o e-mail da revista me pautando para uma entrevista com... Victor Rios! Aquele mesmo guloso que, após o primeiro vídeo que assisti, me seduziu a ponto de querer ver todos. Era a deixa que eu preci-

sava para conhecer pessoalmente o tal "sujeito maluco", responsável pelo site [Sexo-GostosoRio.com](http://Sexo-GostosoRio.com).

Não foi difícil fazer contato com ele, e num fim de tarde de domingo chuvoso, lá estava eu e Victor Rios, que, por incrível que pareça, é tímido! Porque uma coisa é o personagem, e outra é o cidadão que passa pelas mesmas situações cotidianas que eu, você e quase todos.

Formado em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV, Victor desde garoto percebeu a homossexualidade. "Eu começo a ter certa vivência na adolescência, por volta dos 15, 16 anos. Eu tinha dois amigos muito próximos, e nós nos abríamos uns para os outros. Apesar de nessa época eu já ser saíndinho, acho que ainda não rolava uma aceitação, porque eu tinha vergonha do que eu era. Não de uma forma pesada, mas não era uma aceitação plena. Acredito que a aceitação plena aconteceu aos 18 anos, quando saí de casa e fui morar com amigos, que coincidiu com a entrada para a faculdade. Eu ainda não era independente, pois meus pais me bancavam, mas passei a ter certa liberdade. Mas antes disso eu já frequentava lugares gays. Quando falo de aceitação plena, falo de aceitação sem culpa. Tem gente que acha que aceitação é quando você sai, namora. Não vejo assim", diz Victor.

Ainda durante o reinado do destronado Orkut, Victor viu no site de relacionamento a possibilidade de criar um perfil explícito que o ajudasse na afirmação da sexualidade. "Tem muita gente que na vida real não vivencia tais experiências, mas vivencia no virtual. Eu mesmo já brinquei de conversar com um cara hetero e me passar por uma mulher, ou de conversar com um gay e me passar por um cara com um tipo físico que não era o meu, por exemplo."

Com a possibilidade de postar vídeos no site Disponível, Victor achou interessante a ideia de gravar suas "brincadeiras" e compartilhar com outras pessoas. "Fiz o primeiro vídeo em 2008 e postei no site. No começo eu cheguei a esconder o rosto como a maioria faz. Mas aí eu pensei: 'ou eu viro refém disso, ou eu escancarar que sou eu, e dane-se o mundo'. Na verdade, não foi uma decisão muito pensada. Como eu gosto muito de sexo oral, é muito difícil fazer vídeos desse tipo escondendo o rosto. Eu odeio aquelas máscaras de motoqueiro, fica parecendo um bando de marginais transando, ou quando a pessoa enrola a camisa na cabeça e fica parecendo integrante da Al-Qaeda. Ou então quando usa máscara de carnaval de quinta categoria (risos). Essa coisa grotesca me incomoda. Então, eu achei que seria melhor eu assumir isso, porque eu não devo ter vergonha da mi-

nha sexualidade, muito menos do que eu faço. E eu sabia naquela época que isso seria o diferencial dentro do Disponível. Porque nesses sites você tem um monte de piroca, bunda, peito, boca e ninguém tem uma identidade. Se bem que pela piroca eu consigo identificar a pessoa. Eu não sei se é pelo fato de eu ser passivo, mas eu não reconheço ninguém pela bunda, mas, pela piroca, sim (risos)."

Além do fato de mostrar o rosto, Victor aproveitou os conhecimentos que adquiriu na faculdade para fazer uma edição em seus vídeos, criando assim um diferencial dentro da categoria de sexo amador. Pronto, estava lançada a fórmula para o sucesso do SexoGostosoRio, seu apelido no site. "Eu acho isso curioso, porque eu não tenho bundão, muito menos pirocão, e o que aparece, basicamente, é o meu rosto. Eu não me coloco como gostoso, e sim que faço um sexo gostoso. Meu apelido não é para valorizar uma qualidade física minha, e sim um jeito de fazer sexo."

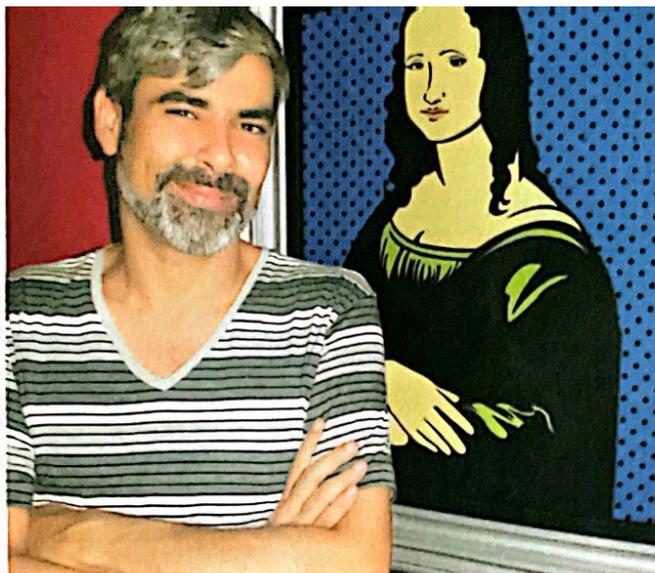
E o jeito como aparece fazendo sexo nos vídeos já proporcionou a Victor receber elogios de fãs de várias nacionalidades (até do Japão!), e, inclusive, conhecer pessoas que vieram passar férias no Rio de Janeiro. "Certa vez, enquanto andava por Ipanema, fui abordado por um sueco. Também já conheci um cara da Costa Rica com quem acabei fazendo um vídeo. Já houve uns gringos no meu site (risos)."

***" Eu gosto de conversar antes, e não vou apenas pelo aspecto físico... Mentira, vou sim (risos). Mas, às vezes, a pessoa nem é o meu ideal, mas o papo é tão legal que chama a atenção."***

## INDISPONÍVEL

Com o sucesso no Disponível, Victor começou a produzir mais vídeos. Porém, o site começou a limitar gradativamente tanto as postagens quanto as visualizações, até que chegou o momento em que apenas os assinantes poderiam ver as publicações. Então, o próximo passo foi "democratizar" a exibição de seu material.

"As pessoas que não conseguiam mais ver os vídeos começaram a me pedir para criar um blog. Cheguei a ter o blog por uns dois ou três anos. Porém, um belo dia, o Google deletou minha conta sem maiores explicações. Não sei se isso aconteceu devido ao número de acessos. Nessa época eu tinha quatro mil acessos por dia, e de uma hora para outra eu fiquei anônimo, ninguém sabia mais onde me encontrar. Com o baque do Google eu pensei: 'quer saber de uma coisa? Eu vou pagar para ter um site para, pelo menos, não perder mais os vídeos'. Então, em 2010 eu lancei o site SexoGostosoRio.com." E o que devem fazer aqueles que querem estrelar uma produção by Victor Rios? O próprio dá as dicas: "o principal pré-requisito é, a princípio, querer fazer um vídeo comigo. Como diria um amigo meu, eu não tenho tipo, eu tenho pressa (risos). Mentira, tô brincando. Mas não existe uma regra. Eu tenho que ter vontade. Eu gosto de conversar antes, e não vou apenas pelo aspecto físico... Mentira, vou sim (risos). Mas, às vezes, a pessoa nem é o meu ideal, mas o papo é tão legal que chama a atenção. Mas que fique claro: eu não sou meningite para fuder com o cérebro de ninguém (risos). A forma como a pessoa faz a abordagem me seduz. Eu preciso ser seduzido. Por exemplo, eu entro no e-mail e tem lá uma mensagem do tipo 'quero esportar na sua cara', sem dizer um 'oi, tudo bem?'. Entendeu? Às vezes o cara é até gostoso, mas me soa tão agressivo. Sabe, eu sempre tive uma preocupação com a imagem. É o meu rosto que está ali. A minha exposição é ampla. Então eu sempre tive uma preocupação com isso, o que faz com que eu imponha alguns limites. Houve uma época em que a quantidade de e-mails que eu recebia era assustadora, eu não dava conta. Eu estou envelhecendo, já estou chegando aos quarenta. Já não existe mais o fator novidade no sentido de car-



ne nova. É normal chegar numa etapa que não é qualquer coisa que você quer fazer. Não é qualquer proposta, não é qualquer pessoa. Por isso que eu digo que o principal pré-requisito é querer fazer o vídeo, porque isso exige paciência, sabe? Eu faço tudo, filmo com meu celular no tripé, faço a iluminação, paro, mudo o ângulo, aí tem cara que o pau amolece, tenho que chupar novamente para levantar, continuo filmando (risos). Dá trabalho se a pessoa não tem essa disponibilidade."

Com tanta exibição é normal que pensem que Victor possa ter receio de suas peripécias chegarem ao conhecimento de familiares, amigos e colegas de trabalho. Mas, segundo o próprio, isso não acontece. "Posso te afirmar que não tenho vergonha do que faço. Fazer os vídeos me ajudou a ser despidorado. Meus melhores amigos sabem dos vídeos e nunca mudaram comigo por isso. Inclusive, a piscadinha de olho com o barulhinho foi ideia de uma amiga minha que é heterossexual e evangélica (risos). Ela viu os vídeos e disse que eu precisava de algo para chamar a atenção, daí surgiu a piscadinha. Para a minha família, falar sobre sexo não é algo comum. Desde os meus 18 anos, quando me assumi, nunca mais se tocou nesse assunto. Eu acredito que eles não saibam da existência dos vídeos, mas como não se fala nada, é um mistério para mim. Se bem que minha família é grande, então, alguém já deve ter visto. Até porque eu também tenho perfis em sites de relacionamentos heterossexuais, porque há homens casados que fazem vídeos comigo. Eu acho engraçado porque

as pessoas falam muito de sexo, mas ninguém revela. Revelar é que é o problema. Mas voltando a falar sobre minha exposição, nada mudou na minha vida, nem para melhor, nem para pior. Tudo continua a mesma coisa. Eu acho o seguinte: se eu dou a bunda, isso não afeta meu lado profissional. Se eu sou um bom ou mau profissional, isso não é determinado pela minha sexualidade". Para os que criticam Victor por fazer sexo oral sem camisinha e, ainda por cima, topar que o cara ejacule em sua boca, ele tem uma resposta consciente para o fato: "eu não sou uma pessoa que gosta de ditar regras. O corpo é de cada um, logo, cada um faz dele o que quiser. As escolhas

**"Posso te afirmar que não tenho vergonha do que faço. Fazer os vídeos me ajudou a ser despidorado. Meus melhores amigos sabem dos vídeos e nunca mudaram comigo por isso. Inclusive, a piscadinha de olho com o barulhinho foi ideia de uma amiga"**

são individuais. Você pode fazer boas ou más escolhas. Para qualquer atividade que você faça, é importante ter consciência. Se você quer fazer uma atividade que possa te gerar um risco, faça isso consciente. O problema é a inconsciência. As campanhas feitas são muito mais impositivas do que esclarecedoras. Eu não estou aqui para ser um modelo a ser seguido. Só quero ter o direito de existir, mais nada".

### GARGANTA PROFUNDA

Com tanta experiência acumulada em anos de boquete, não poderia terminar nosso papo sem fazer duas perguntas específicas (risos), tanto de interesse para os ativos quanto para os passivos. Tome nota:

Como é o boquete perfeito? "É aquele que me permita explorar todas as possibilidades de um boquete. Eu encaro a piroca como se fosse uma fruta (risos). A textura, a rigidez, o gosto. Eu tenho prazer em fazer sexo oral. Tem pessoas que não curtem que eu chupe o saco, porque são sensíveis. Aí, já não é o boquete perfeito. Para ser perfeito tem que ser como um banquete em que eu possa me fartar com direito à 'sobremesa' no final. Assim deve ser o boquete perfeito." Como deve ser a piroca perfeita para se fazer um boquete? "É essencial que seja limpa, para início de conversa. O pau perfeito para mim é aquele anatômico. As pessoas falam muito de paus enormes. Para mim, um pau muito grande e grosso não é legal, porque eu não tenho a possibilidade de trabalhá-lo com minha língua e dar sensações ao meu parceiro. O que me dá tesão é ver que o outro está sentindo tesão com aquilo que estou fazendo. Olha que eu tenho bôcão, mas já peguei paus que não deram para fazer nada! Pau perfeito para o boquete depende também de como o cara vai ficar. Se for ficar em pé, os melhores são os curvos para baixo. Já um pau empinado para o alto, aí tem que ser na posição 69 para fazer deep throat (garganta profunda). Tem uns que são tortos para o lado, o que obriga fazer o boquete mais de lado (risos). Cada pau tem uma especificidade. Ser circuncidado, ou não, exige técnicas diferentes. Ou seja, perfeição, para mim, não existe. Assim como qualquer pessoa não gosta de comer arroz e feijão todos os dias, eu gosto de variar de piroca também." ■

## ANEXO 2 – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DO VICTOR RIOS NA EXPOSIÇÃO ARS SEXUALIS

# CERTIFICADO

Certificamos que

**VICTOR RIOS**

expôs a obra *Cu Doce* na exposição ***Ars Sexualis em Excesso***  
***Necessário*** realizada no Cabaré da Jacke, na cidade do Rio de  
Janeiro, no dia 30 de novembro de 2023, com curadoria de Kháos,  
Bruno Novadvorski, Isabel Carneiro, Diego Paleólogo e Chris, The  
Red.

Atenciosamente,

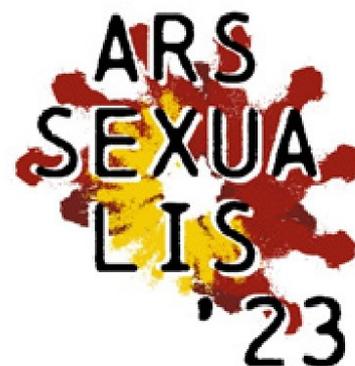
Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 2023



Alexandre Sá Barretto da Paixão  
Diretor  
Instituto de Artes  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Luiz Cláudio da Costa  
Coordenador  
Programa de Pós-Graduação em Artes  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro



APÓIO



ARSSEXUALIS.COM.BR



**ANEXO 3 – KAFKA CANCELADO?**

Links para acesso ao conteúdo completo:

<https://drive.google.com/file/d/1LklDbqyxpJioYmfq6dxO26prCDIne1rY/view?usp=sharing>

<https://www.instagram.com/reel/C4GPI7VrjVV/?igsh=OGYwZ3hkeHZocmFx>

**ANEXO 4 – ENTREVISTA COM FERNANDA MONTENEGRO**

Links para acesso ao conteúdo completo:

[https://drive.google.com/file/d/1Q\\_ESkuQP-p3mDhIS0dJOLwIbTWLBbUUO/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1Q_ESkuQP-p3mDhIS0dJOLwIbTWLBbUUO/view?usp=sharing)

<https://twitter.com/GloboNews/status/1769741189853381001/video/1>